UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS (PPGDH)

VINÍCIUS LUCENA DE OLIVEIRA

O “Outro” racializado no futebol: estereotipagem, alteridade e regimes de representação nas transmissões esportivas

Recife

2024

VINÍCIUS LUCENA DE OLIVEIRA

O “Outro” racializado no futebol: estereotipagem, alteridade e regimes de representação nas transmissões esportivas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Direitos Humanos da Universidade Federal de Pernambuco (PPGDH/UFPE) como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Direitos Humanos Linha de Pesquisa: Cidadania, Movimentos Sociais e Diversidades. Orientação: Profa. Dra. Soraya Barreto Januário.

Recife
2024

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Oliveira, Vinícius Lucena de.
O "Outro" racializado no futebol: estereotipagem, alteridade e regimes de representação nas transmissões esportivas / Vinícius Lucena de Oliveira. - Recife, 2024.
185f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, 2024.
Orientação: Soraya Barreto Januário.
Inclui referências e anexos.

1. Mídia; 2. Futebol; 3. Estereótipos; 4. Representações étnico-raciais; 5. Esportes. I. Januário, Soraya Barreto. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

VINÍCIUS LUCENA DE OLIVEIRA

O “OUTRO” RACIALIZADO NO FUTEBOL: ESTEREOTIPAGEM, ALTERIDADE E REGIMES DE REPRESENTAÇÃO NAS TRANSMISSÕES ESPORTIVAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos da Universidade Federal de Pernambuco como parte dos requisitos necessários à obtenção do Título de Mestre em Direitos Humanos. Área de Concentração: Direitos Humanos e Sociedade. Linha de pesquisa: Cidadania, movimentos sociais e diversidades.

Aprovado em: 18/09/2024.

BANCA EXAMINADORA

_____

Professora Doutora Soraya Barreto Januário (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

_____

Professor Doutor Elton Bruno Siqueira (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

_____

Professora Ana Maria da Conceição Veloso (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco

_____

Professor Doutor Nathan Pereira Barbosa (Examinador Externo)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO

O futebol, por ser uma das manifestações culturais mais populares no contexto brasileiro, é atravessado por diversas problemáticas que se fazem presentes no convívio social. O racismo, que se manifesta de forma recorrente no universo futebolístico, é uma dessas problemáticas. Nesta pesquisa, propõe-se uma investigação sobre uma forma específica pelas quais as disparidades no âmbito das relações étnico-raciais se manifestam no futebol: a estereotipagem. Tal mecanismo, por sua vez, influencia na construção dos regimes racializados de representação e em um processo de produção de sentidos que reforça determinadas relações de poder e hierarquizações baseadas na diferenciação, na consolidação da imagem do "Outro". Aqui, pretende-se identificar como estereótipos raciais são acionados no contexto das transmissões esportivas, mais especificamente no âmbito do futebol, avaliando os possíveis impactos causados por essa prática que se manifesta quase silenciosamente, muitas vezes de forma inconsciente, nos produtos culturais. Recorremos às bases teórico-metodológicas da Estudos Críticos do Discurso (ECD) e dos estudos das Interseccionalidades a fim de realizar uma análise discursiva das transmissões de duas partidas da seleção brasileira de futebol mascullino; dois jogos amistosos disputados em junho de 2023 que são carregados de um caráter simbólico distinto, já que foram partidas organizadas como manifestações antirracistas, em oposição aos ataques sofridos pelo atleta Vinícius Júnior no futebol espanhol ao longo do mesmo ano e foram disputadas contra duas seleções africanas, Guiné e Senegal. Ainda, analisamos, como determinados termos ou expressões resgatam uma ideia de hierarquia baseada em preceitos biologizantes. Para tal, retomamos conceitos fundamentais para a compreensão das relações étnico-raciais na contemporaneidade e na sociedade brasileira, como noções de raça, alteridade, racismo, mestiçagem e branquitude.

Palavras-chave: mídia; futebol; estereótipos; representações étnico-raciais; esportes.

ABSTRACT

Football, being one of the most popular cultural expressions in the Brazilian context, is affected by various issues manifested in social interactions. Racism, which manifests recurrently in the football world, is one of these issues. This research proposes an investigation into a specific way in which disparities in ethnic-racial relations manifest in football: stereotyping. This mechanism, in turn, influences the construction of racialized regimes of representation and a process of meaning production that reinforces certain power relations and hierarchies based on differentiation, in the consolidation of the image of the "Other." The aim here is to identify how racial stereotypes are activated in the context of sports broadcasts, specifically in football, evaluating the possible impacts caused by this practice that manifests almost silently, often unconsciously, in cultural products. We draw upon the theoretical-methodological foundations of Critical Discourse Studies (CDS) and Intersectionality studies to conduct a discursive analysis of the broadcasts of two matches of the Brazilian men's national football team; two friendly games played in June 2023 that are imbued with a distinct symbolic character, as they were organized as anti-racist statements, in response to the attacks suffered by athlete Vinícius Júnior in Spanish football throughout the same year, and were played against two African teams, Guinea and Senegal. Additionally, we analyze how certain terms or expressions evoke a sense of hierarchy based on biologizing precepts. To this end, we revisit fundamental concepts for understanding contemporary ethnic-racial relations and Brazilian society, such as notions of race, otherness, racism, miscegenation, and whiteness.

Keywords: media, football, stereotypes, ethno-racial representations, sports.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....6

1. RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA SOCIEDADE BRASILEIRA E NO FUTEBOL. 17

1.1 Raça, alteridade e racismos: uma breve revisão conceitual.....18

1.2 O cenário brasileiro: mestiçagem, democracia racial, branquitude e outros conceitos-chave para compreender as relações étnico-raciais no Brasil.....24

1.3 As discussões sobre questões étnico-raciais no universo futebolístico.....30

2. DISCURSOS, REPRESENTAÇÕES E REPRODUÇÃO DE VIOLÊNCIAS.....37

2.1 O local de credibilidade dos espaços hegemônicos de representação.....43

2.2 Estereotipagem e os regimes de representação no âmbito da comunicação esportiva.....47

2.3 Lendo a mídia esportiva como um espaço de hegemonias: as relações étnico-raciais e de gênero no meio.....55

3. A MÍDIA ESPORTIVA E AS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS.....62

3.1 Percurso metodológico.....62

3.1.1. Adotando uma metodologia interseccional.....63

3.1.2. Os Estudos Críticos do Discurso (ECD).....65

3.2 Discursos racistas na mídia esportiva: um levantamento.....70

3.3 A estereotipagem em transmissões de futebol: uma análise discursiva.....78

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....100

REFERÊNCIAS.....104

ANEXOS.....109

ANEXO A - Transcrição da transmissão da partida entre Brasil e Senegal no canal SporTV.....109

ANEXO B - Transcrição da transmissão da partida entre Brasil e Guiné no canal SporTV.. 147

Introdução

A partida entre Valencia e Real Madrid, disputada no dia 21 de maio de 2023 e válida pela 35ª rodada de La Liga (Campeonato Espanhol de Futebol Masculino), ficaria marcada de forma negativa na história recente do futebol[1]. Durante o jogo, o atacante brasileiro Vinícius Júnior, atuando pelo Real Madrid, foi vítima de ataques racistas proferidos pela torcida do Valencia, que, na ocasião, lotou as arquibancadas do Estádio Mestalla. Ao longo da partida, o atleta em questão recebia xingamentos de cunho racista, até os 24 minutos do segundo tempo, quando, após uma reclamação feita pelo jogador em diálogo com a arbitragem, a situação escalonou seriamente e os ataques ganharam força. Vinícius foi fortemente hostilizado pelos torcedores do Valencia, que somaram gestos racistas, como gritos e movimentos que simulavam ações animalescas, aos xingamentos[2]. O atleta denunciou, em campo, os ataques e a partida foi interrompida durante cerca de oito minutos. Durante a interrupção, o sistema de som do estádio avisou que a partida só seria retomada quando as agressões fossem interrompidas nas arquibancadas. No final do jogo, os atletas do Valencia se envolveram em uma discussão com Vinícius, que, durante a confusão, chegou a ser segurado pelo pescoço por um jogador adversário. Em uma noite marcada pela hostilidade racista, o atacante brasileiro, vítima direta dos ataques, saiu do jogo expulso após ser punido pela arbitragem, que viu uma suposta agressão de Vinícius enquanto ele reagia a uma investida dos jogadores do Valencia[3][4][5].

O episódio no Estádio Mestalla não foi o único momento em que Vinícius Júnior sofreu agressões racistas durante sua passagem pelo futebol espanhol. Em uma das ocasiões, nas vésperas de um clássico entre o seu clube, o Real Madrid, e o Atlético de Madrid, torcedores da equipe rival penduraram um boneco vestido com a camisa de Vinícius em uma ponte da capital espanhola, simulando uma situação de enforcamento[6].

---

[1] RACISMO contra Vinícius Júnior: veja tudo sobre o caso. GE, Madri, 24 maio 2023. Disponível em: https://cutt.ly/bwioNAPR. Acesso em: 4 jul. 2024.

[2] KALLAS, Fernando; PINEDO, Emma. Torcedores do Valencia são condenados por insulto racista contra Vinícius Jr. Terra. 10 jun 2024. Disponível em: https://cutt.ly/YegHcMd9. Acesso em 10 jul. 2024.

[3] FERNANDES, Bruno. Vini Jr sofre ato de racismo e é expulso na derrota do Real para o Valencia. UOL, 21 maio. 2023. Disponível em: https://cutt.ly/befjweOy. Acesso em: 4 jul. 2024.

[4] OLIVEIRA, Luccas. Comitê anula expulsão de Vinicius Jr. após racismo e fecha setor de estádio do Valencia. CNN Brasil, 23 maio 2024. Disponível em: https://cutt.ly/aefjyzx9. Acesso em 4 jul. 2024.

[5] No ano seguinte, três torcedores do Valencia foram condenados a oito meses de prisão por causa dos ataques racistas a Vinícius Júnior no estádio Mestalla. O trio, identificado pela Justiça da Espanha, também foi proibido de frequentar qualquer estádio de futebol por dois anos a partir da condenação.

[6] 10 vezes em que Vini Jr. foi vítima de racismo na Espanha. BBC News Brasil, 22 maio 2023. Disponível em: https://cutt.ly/eefjhLo3. Acesso em: 4 jul. 2024.

Os casos citados também estão imersos em um cenário mais amplo. Nos últimos anos, tensões sociais impulsionadas pela recorrência de práticas de caráter racista no ocidente impulsionaram uma série de reações capitaneadas por coletivos e movimentos sociais que se opuseram a manifestações racistas como os assassinatos de George Floyd — homem negro brutalmente assassinado por um policial branco em Minneapolis, nos Estados Unidos — e de João Pedro — adolescente de 14 anos morto em 2020 durante operação policial no Complexo do Salgueiro, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. O movimento Vidas Negras Importam — iniciado em meados de 2013 como uma reação à morte do jovem Trayvon Martin, assassinado por um segurança em fevereiro de 2012, e aos desdobramentos do caso — ganhou projeção também entre os esportistas e, em várias ocasiões, saiu do ambiente das redes sociais e se converteu em mobilizações em diversos espaços ligados à prática esportiva ao redor do mundo[7].

Imerso nesse contexto mais amplo está o universo futebolístico, que pode ser entendido como um microcosmo social no qual são reproduzidas problemáticas que atravessam todo o convívio social, como o racismo e as violências de gênero. No âmbito da prática futebolística, corpos racializados costumam ser alvos de manifestações preconceituosas que vão desde a estereotipagem exacerbada às recorrentes injúrias raciais (Abrahão; Soares, 2009a, 2009b, 2011; Esteves, 2020; Hall, 2016; Hylton, 2009; MacNeill, 2006; Vieira, 2003). No futebol, o caso Vini Jr. não é exceção quando nos referimos a manifestações racistas. De acordo com o Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol, elaborado pelo Observatório Racial do Futebol (2023), no ano de 2022 foram registrados 111 episódios de discriminação racial envolvendo atores ligados ao futebol brasileiro, número que representa um aumento de 50% em relação à quantidade de registros do ano anterior (Observatório, 2022). Entre as vítimas, segundo o estudo, estão atletas, árbitros, torcedores, profissionais que atuam pelos clubes, integrantes da imprensa esportiva e familiares de atletas. Os ataques, de acordo com o levantamento, ocorrem em diversos ambientes: dentro dos estádios, nas redes sociais digitais, na imprensa, entre outros espaços.

Episódios dessa natureza — nos quais ataques são direcionados a atletas, torcedores, trabalhadores, entre outros corpos racializados que ocupam espaços na prática esportiva contemporânea — evidenciam que, assim como em outras esferas da sociedade, o racismo atravessa as relações sociais estabelecidas no âmbito do esporte e

[7]RETROSPECTIVA esportes: protestos contra o racismo marcam 2020. Agência Brasil. Rio de Janeiro, 30 dez. 2020. Disponível em: https://cutt.ly/6egU7h1l. Acesso em: 10 jul. 2024.

permeia, inclusive, as comunicações esportivas. Para além dos casos nos quais o racismo se manifesta de forma explícita, como citamos nas linhas que precedem este parágrafo, há situações específicas nas quais construções discursivas "sutis", aparentemente inofensivas e que podem passar despercebidas pelos ouvidos desatentos ou simplesmente acostumados com a repetição de tais discursos. Aqui, nos referimos ao uso de estereótipos em contextos de coberturas midiáticas esportivas. Diante de corpos racializados, é comum que a comunicação esportiva acione a estereotipagem (Abrahão; Soares, 2011; Hylton, 2009; MacNeill, 2006), que, por sua vez, atua como um mecanismo de produção (e, simultâneamente, de reprodução) do que Stuart Hall (2016) chama de regimes racializados de representação.

Aqui, adotamos a interpretação de Hall (2016) sobre o estereótipo. Para o autor, os estereótipos, que são amplamente reproduzidos no âmbito da cultura popular, "reduzem, essencializam, naturalizam e fixam a 'diferença'" (Hall, 2016, p. 192), em um processo diretamente ligado à construção do Outro, e, consequentemente, à "manutenção de uma ordem social e simbólica" (Hall, 2016, p. 192). No mesmo sentido, Bhabha (2007, p. 128) afirma que a estereotipagem "representa a necessidade urgente de contestar singularidades de diferença e de articular sujeitos diversos de diferenciação". Em suma, a estereotipagem consiste na reprodução de imagens simplificadas de determinados corpos ou grupos sociais, em um processo centrado na marcação da diferença. Tal processo exerce influência sobre a construção das identidades dos sujeitos, que, por vezes, se veem enclausurados em uma autodefinição baseada nas representações estereotipadas. No segundo capítulo, nos dedicamos a uma reflexão mais aprofundada sobre o conceito em questão.

Essa reprodução de discursos carregados de estereótipos étnico-raciais no âmbito do futebol é o foco principal desta pesquisa. Ao longo das próximas páginas, nos debruçarmos sobre diversas construções discursivas utilizadas pela imprensa esportiva especializada na cobertura futebolística quando o referenciado é um atleta lido como negro ou, em casos específicos, quando se trata de atletas que representam o Brasil e possuem afinidade com um suposto jogo tipicamente brasileiro, marcado pela ginga, enfrentamento, drible, entre outros aspectos ligados à corporalidade (Abrahão; Soares, 2009a, 2009b 2011; Paiva, 2013).

Através desta pesquisa, procuramos responder aos seguintes questionamentos: como a estereotipagem ancorada em marcadores raciais opera no âmbito da mídia futebolística? Podemos identificar a existência dos chamados regimes racializados de

representação no campo em questão? Se sim, que tipos de construções discursivas são utilizadas em discursos que se relacionam a esses regimes de representação? Quais os termos e expressões que podem nos indicar possíveis abordagens atravessadas por questões étnico-raciais e de gênero na crônica esportiva? Como esses discursos dialogam com noções que fundamentaram as abordagens analíticas sobre as questões étnico-raciais no Brasil? Há ecos históricos nos discursos que são proferidos na mídia esportiva hegemônica atual? Em síntese, nossos esforços convergem para uma tentativa de identificação da algumas das formas como discursos racistas, sempre perpassados por marcadores de gênero, são acionados no âmbito da comunicação esportiva brasileira. Por fim, buscamos direcionar nossos olhares para os possíveis impactos causados pela (re)produção desses regimes representacionais e do uso recorrente de estereótipos sobre as individualidades e sobre as relações de poder nas estruturas ligadas à prática do futebol profissional.

Pretendemos – a partir das ideias trabalhadas pelos Estudos Críticos do Discurso (ECD) (Van Dijk, 2007, 2008, 2010, 2016) e pela Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2001, 2003; Ramalho; Resende, 2009; Salles; Dellagnelo, 2019)– destrinchar esses discursos com o intuito de identificar as bases racistas que os sustentam, mostrando que, mesmo quando acionados de forma intencional ou (e) inconsciente, determinados termos ou expressões resgatam uma ideia de hierarquia baseada em preceitos biologizantes e, em alguns casos, desumanizadores. Tais discursos representam violências que, segundo Sodré (2006), são amplamente reproduzidas e, por isso, passam por um processo de naturalização na sociedade. O autor diz que “em face da banalização operada pelas simulações contemporâneas da realidade histórica, a exemplo da mídia, a violência vai perdendo o seu caráter de excepcionalidade” (Sodré, 2006, p. 107).

Ainda, entendemos que as identidades e as formas de opressão não são experienciadas de forma isolada, mas de maneira interconectada e interdependente (Collins; Bilge, 2021). Por isso, recorremos a uma metodologia interseccional, que implica não apenas o reconhecimento das interações entre diferentes categorias de identidade, mas também à observação de como essas categorias se intersectam e influenciam as experiências individuais e coletivas (McCall, 2005).

A partir dessas conexões, buscamos analisar como se dão as produções de sentido construídas a partir das representações do Outro no contexto da comunicação esportiva. E, em linhas gerais, considerando um cenário mais amplo, propomos uma

investigação sobre os motivos pelos quais determinados atores ligados à imprensa esportiva, que deveriam cumprir uma sua função social de modo a respeitar e difundir uma cultura relacionada aos Direitos Humanos, acabam por propagar discursos que vão de encontro a essa ideia. Essa investigação passa por uma revisão bibliográfica que permita uma maior compreensão das questões de gênero, raça e classe no contexto brasileiro, visto que "a mídia brasileira é um espelho das relações de poder estabelecidas historicamente na sociedade, condicionando e disseminando práticas e valores sociais, políticos, econômicos, culturais e ideológicos" (Leite; Lima; Veloso, 2021, p. 5).

O corpus desta análise está relacionado ao caso Vinícius Júnior, mencionado anteriormente. A fim de observar uma das formas como a estereotipagem se dá no plano das coberturas de eventos esportivos, realizamos uma análise de transmissões de partidas futebolísticas simbólicas no contexto das manifestações antirracistas no esporte. Em junho de 2023, a seleção brasileira de futebol masculino enfrentou a seleção senegalesa, então campeã da Copa Africana de Nações (CAN), e a seleção de Guiné em dois amistosos simbólicos; as partidas, organizadas pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), foram transformadas em atos de repúdio aos casos de racismo direcionados a Vinícius Júnior em La Liga (campeonato espanhol), em maio do mesmo ano. Os jogos foram disputados na Espanha (no Estádio Cornellà-El Prat, em Barcelona) e em Portugal (no Estádio José Alvalade, em Lisboa). Nas duas ocasiões, a entidade promoveu uma série de ações "antirracistas" (como a exibição de materiais audiovisuais e o uso de *patches* com a frase "com racismo não tem jogo" na tradicional camisa amarela do Brasil) foram executadas em referência ao caso Vini. Jr. Todavia, nas transmissões do jogo em canais brasileiros (os direitos de reprodução da partida na televisão e em plataformas de *streaming* foram adquiridos pelo Grupo Globo), profissionais da imprensa esportiva recorreram, em dezenas de ocasiões, a análises estereotipadas dos atletas negros.

A partir dos direcionamentos teórico-metodológicos dos ECD, propõe-se um estudo que objetiva reconhecer como acontece a reprodução de estereótipos direcionados a corpos racializados no contexto da cobertura midiática esportiva. Para tal, analisamos as transmissões das partidas de futebol masculino entre Brasil e Senegal – realizada pelo canal SporTV no dia 20 de junho de 2023, com transmissão na TV paga e na plataforma de streaming Globoplay – e Brasil e Guiné, disputada no dia 17 de junho de 2023 e transmitida pelo mesmo canal. Com foco nos comentários realizados pelas equipes envolvidas nas transmissões (narradores, comentaristas e repórteres de

campo), elencamos as considerações dos profissionais acerca de características de jogo e de atributos dos atletas e das seleções. A partir desses comentários, pretendemos verificar a existência de indícios de que a representação de atletas negros no âmbito da cobertura futebolística brasileira contemporânea ainda é marcada por construções estereotipadas que seguem sendo difundidas no contexto esportivo, como, por exemplo, o uso recorrente de falas compostas por termos ou expressões ligadas a aspectos físicos, corpóreos, utilizadas para representar esses atletas.

Além da influência dos chamados regimes racializados de representação (Hall, 2016) sobre a forma como os atletas negros (em especial estrangeiros, como observaremos adiante) são representados na mídia esportiva, buscamos identificar, por meio da análise de comentários feitos pelas equipes de transmissão sobre a seleção brasileira e seus atletas, marcas do discurso que relaciona a prática futebolística no Brasil a uma suposta peculiaridade marcada por elementos da corporalidade. Tal discurso tem suas origens nas tentativas de consolidação de uma identidade tipicamente brasileira, ancorada na ideia da mestiçagem e no mito da democracia racial, e incorpora elementos então associados a práticas predominantemente negras e masculinas, como a capoeira (Paiva, 2013). A partir das análises discursivas das duas transmissões em questão, buscamos observar se esse discurso segue sendo acionado na contemporaneidade e estabelecer uma relação de comparação com outras abordagens semelhantes.

É válido mencionar, ainda, que a repercussão do caso Vinícius Júnior, marcou uma mudança no trajeto desta pesquisa, cujo projeto inicial abarcava um *corpus* diferente, mais amplo e difuso. Julgamos que os "amistosos contra o racismo", jogados em junho de 2023, constituem uma conjuntura simbólica mais pertinente à análise que pretendemos desempenhar, dado o caráter representativo e o contexto no qual essas partidas e, consequentemente, as transmissões em questão estão inseridas. Foram analisados, nesta pesquisa, um total de quase duzentos minutos (mais de três horas de vídeo) de transmissões de espetáculos cujo mote principal foi o combate ao racismo no futebol. Ao todo, as transcrições das transmissões que compõem o objeto desta pesquisa somaram um total de 77 páginas (quase 26 mil palavras e cerca de 147 mil caracteres).

Aqui, situamos o esporte como um dos campos do que Douglas Kellner (2004) chama de Cultura da Mídia. Para o autor, "espetáculos são aqueles fenômenos de cultura da mídia que representam os valores básicos da sociedade contemporânea, determinam o comportamento dos indivíduos e dramatizam suas controvérsias e lutas" (Kellner,

2004, p. 5). O futebol, bem como outros esportes com forte apelo comercial e midiático, está imerso nessa Cultura do Espetáculo, que reproduz e, em uma via de mão dupla, sustenta determinadas características da organização social na qual ele está imerso. O discurso midiático, nesse sentido, desempenha um papel estruturante, de modo que influencia padrões comportamentais. Segundo Van Dijk, o processo de assimilação do racismo nas sociedades latino-americanas se dá, em grande parte, através de um processo discursivo, que se manifesta, inclusive, nos produtos culturais (incluindo as coberturas jornalísticas) e na comunicação diária, interpessoal e informal (Van Dijk, 2007).

Dado este cenário, pretendemos também avaliar os impactos e as limitações das questões ligadas à representatividade na esfera da imprensa especializada na cobertura esportiva, analisando os produtos midiáticos em questão como produtos culturais – e seus "regimes de representação" – dotados da capacidade de influenciar na construção de sujeitos e que são alvo de disputas de poder e regulação (Hall, 2016).

Entendemos, ainda, que o estudo das relações de poder reproduzidas em um microcosmo (o universo dos esportes e da comunicação esportiva) nos permite estabelecer uma série de conexões que podem nos fornecer uma compreensão de um macrocosmo (a sociedade na qual essas relações estão inclusas). Assim, a conjuntura atual (considerando-se a recorrência de casos nos quais o racismo se manifesta no âmbito da mídia esportiva, o papel exercido pela mídia na sociedade e os atos recentes de repúdio ao preconceito e à discriminação racial no esporte) demanda o desenvolvimento de discussões acerca desses temas na academia – onde há espaço para novas abordagens que relacionem as questões étnico-raciais ao esporte e, especialmente, à mídia esportiva – e em outras esferas da sociedade. Dessa forma, é possível que tais discussões apontem em direção a alternativas que colaborem com a mitigação do problema.

A fim de pavimentar os caminhos para as análises propostas neste trabalho, julgamos necessária uma revisão de uma série de conceitos considerados fundamentais para a compreensão das questões étnico-raciais no Brasil contemporâneo. Como ponto de partida, propõe-se uma revisão de conceitos caros à pesquisa, como as concepções desenvolvidas a partir dos termos "raça", "alteridade" e "racismo".

Tais conceitos possuem uma vasta gama de interpretações. Portanto, é necessário agregar um referencial teórico diverso, que abarque as diversas correntes relacionadas aos estudos étnico-raciais, desde trabalhos que apresentam revisões introdutórias sobre

os temas – como os de Kabengele Munanga (2004) – passando por pensadores como Sodré (1999, 2006, 2023) até Achille Mbembe (2016, 2018), que aborda conceitos caros ao desenvolvimento do trabalho nas obras Necropolítica (2016) e Crítica da Razão Negra (2018), no qual o autor trata o conceito de raça como "uma ficção útil", um conceito inventado para justificar uma série de processos de dominação. Mbembe (2018, p. 33) argumenta que "a noção de raça permitia representar as humanidades não europeias como se tivessem sido tocadas por um ser inferior" e que o negro é "constantemente produzido", em um processo que gera um "vínculo social de sujeição e um corpo de extração" (Mbembe, 2018, p. 33). Ainda, citamos os efeitos causados por esses processos sobre os corpos racializados, utilizando extratos da obra de Frantz Fanon (2023) e dos textos da psicanalista brasileira Neusa Santos Souza (1990).

Outro conceito essencial para o desenvolvimento desta pesquisa é a noção de alteridades, da construção do "Outro" e da hierarquização social sustentada por essa distinção entre o sujeito que ocupa um local de privilégios, de centralidade, e o "Outro", situado à margem em diversos aspectos, como veremos no primeiro capítulo. Sobre essas hierarquias construídas sobre a noção de alteridade, resgatamos a obra de Sueli Carneiro (2023), que trabalha com o conceito de dispositivo de racialidade, no qual a "ontologia da diferença" desempenha um papel central. Aqui, estabelecemos uma relação com as ideias trabalhadas por Stuart Hall (2016) no texto "O espetáculo do 'Outro'", no qual o autor anglo-jamaicano se debruça sobre as imagens do negro produzidas no âmbito da cultura e explica como esses elementos culturais têm contribuído para a construção do "outro racializado".

Ainda, retomamos análises particulares do cenário brasileiro, como a ideia da mestiçagem e o mito da democracia racial (Munanga, 1999; Carneiro, 2023; Guimarães, 2001), que mascara uma tentativa de branqueamento da sociedade brasileira a partir da construção de uma pretensa "identidade nacional" (Munanga, 1999; Bernardino, 2002; Bento, 2002a; Seyferth, 1995). Tendo em vista a ampla presença de profissionais brancos na imprensa e o controle das narrativas relacionadas a questões étnico-raciais pela branquitude, trabalhamos esse conceito a partir das análises de Cida Bento (2022) e Lia Vainer Schucman (2018).

Apresentados os conceitos fundamentais para o desenvolvimento da discussão, seguimos, no segundo capítulo, discorrendo acerca de determinados aspectos interpretados como basilares para a compreensão do racismo no contexto específico do

campo dos esportes no Brasil (Abrahão; Soares, 2009a, 2009b, 2011; Vieira, 2003; Hylton, 2009; Esteves, 2020).

Como dito, para embasar nossas análises acerca da estereotipagem, conceito central neste trabalho, retomamos reflexões de Stuart Hall (2016), dos Estudos Culturais, que defende que os estereótipos devem ser vistos como elementos fundamentais nas construções das relações de poder (Hall, 2016). Já Homi Bhabha (2007), cujas contribuições sobre a questão das representações serão abordadas no segundo capítulo, se debruça sobre o uso da estereotipagem como sustentáculo de relações de poder. Ainda, articulamos os autores já citados com o sociólogo Kevin Hylton, estudioso das relações étnico-raciais no campo dos esportes que afirma que a estereotipagem direcionada a atletas racializados é recorrente nesse universo (Hylton, 2009).

Para Stuart Hall (2016) os sistemas classificatórios que estão inseridos nas culturas exercem influências sobre a construção dos sujeitos. O autor também chama atenção para a existência dos estereótipos, constantemente evocados em produções culturais e midiáticas e que podem ser compreendidos como "elementos-chave" no exercício de uma violência simbólica. O teórico defende que "a estereotipagem tem sua própria poética — suas próprias maneiras de trabalhar — e sua política, as maneiras com as quais ela está investida de poder" (Hall, 2016, p. 200).

No texto *O espetáculo do 'outro'*, Hall (2016) também utiliza representações midiáticas de atletas e imagens relacionadas ao esporte para ilustrar as representações da "alteridade" e da "diferença", estabelecer uma relação entre raça, gênero e sexualidade a imagens de atletas negros na imprensa esportiva e explicar a ideia de "regime de representação", que, segundo o autor, relaciona-se diretamente a um "conjunto de práticas representacionais conhecidas como estereotipagem" (Hall, 2016, p, 190). Neste mesmo texto, Hall elenca estratégias destinadas a contestar os regimes racializados de representação, elencando uma série de questões:

> Será que um regime dominante de representação pode ser desafiado, contestado ou modificado? Quais contraestratégias podem começar a subverter o processo de representação? Será que as formas "negativas" de representação da diferença racial [...] podem ser revertidas em uma estratégia "positiva"? (Hall, 2016, p. 211).

Os questionamentos levantados por Hall (2016) serviram de base para o desenvolvimento deste projeto de pesquisa e dos resultados possíveis. A partir dessas

indagações, propusemos uma análise que nos leve a compreender as maneiras pelas quais o racismo estrutural se manifesta na mídia esportiva brasileira e, consequentemente, olhar em direção a possíveis meios de "desafiar", "contestar" ou mesmo "subverter" os "processos de representação" cristalizados nesse ecossistema.

Outro ponto que será avaliado nesta pesquisa são as possibilidades e limitações relacionadas ao aumento da representatividade em espaços midiáticos. Silva e Rosemberg (2008) discutem a sub-representação do negro na comunicação as consequências desse fator, que vão do silenciamento das pautas étnico-raciais à estereotipagem dos corpos racializados. Ao discutir sobre o conceito de *locus social*, Djamila Ribeiro (2017) afirma (com uma abordagem que intercala questões de gênero e raça) que a partir do momento em que às mulheres negras são negados os acessos a determinados "lugares de cidadania", sem "direito à voz", é negado também o direito de existir, de modo que não poder acessar certos espaços, acarreta em não se ter produções e epistemologias desses grupos nesses espaços (Ribeiro, 2017, p. 64).

No segundo capítulo, discorremos acerca da noção de discurso e destacamos a centralidade das práticas discursivas na reprodução de violências (Van Dijk, 2007, 2008, 2010, 2016), como o racismo e as violências de gênero, que se entrecruzam nos casos analisados nesta pesquisa. Ao discurso, no âmbito dos estudos críticos, é atribuída a capacidade de influenciar as relações de poder, as dinâmicas de produção de conhecimentos (e, consequentemente, as formas de representar a alteridade, ponto-chave na discussão que aqui propomos) e os processos de construção das identidades (Van Dijk, 2007, 2008, 2010; Fairclough, 2001; Wodak, 2004; Hall, 2016). A partir desse enfoque no discurso, situamos a mídia como um local de credibilidade (Fischer, 1997; 2002; Van Dijk, 2008), dotada de um poder de representar. Nesse contexto, analisamos como os regimes (racializados) de representação (Hall, 2016) se manifestam no âmbito da comunicação esportiva. Para isso, retomamos Hall (2016) e Bhabha (2007), que discorrem sobre a estereotipagem e seus efeitos na consolidação desses regimes de representação e, consequentemente, nas formas como a sociedade interpreta e convive com o Outro.

Ainda, examinamos as relações entre os esportes e a mídia (Gastaldo, 2009, 2011), traçando um panorama sobre as condições e características atuais do jornalismo esportivo e situando-o como um espaço que, assim como outras vertentes jornalísticas, é atravessado por hegemonias (especialmente de gênero e raça) e permeado pelas influências da branquitude.

Na sequência, começamos uma incursão pelo marco teórico conceitual que norteará esta pesquisa, iniciando com as discussões sobre as questões étnico-raciais na contemporaneidade.

Capítulo 1. Relações étnico-raciais na sociedade brasileira e no futebol

O futebol, esporte mais popular do Brasil, possui uma cultura própria; com variações geográficas (tendo em vista as dimensões continentais do País e a consequente diversidade sociocultural) ou circunstanciais (podemos considerar os contrastes entre a da prática futebolística nas esferas amadoras e o produto imerso na lógica da Cultura da Mídia, do Esporte Espetáculo). Para além do futebol espetáculo, categoria à qual podemos relacionar os objetos que compõem o corpus desta pesquisa, há uma diversidade de categorias que são constituídas por habitus distintos dentro da modalidade; para dar conta dessas particularidades e estabelecer uma delimitação às discussões relacionadas a essas práticas, Damo (2018) sugere o uso do termo futebóis, flexionado.

Apesar dessa heterogeneidade nas vivências futebolísticas, é inegável que determinados aspectos característicos da formação social brasileira exercem influências diretas nas formas como lidamos com o esporte. Afinal, os futebóis (Damo, 2018) estão imersos nas mais diversas camadas sociais, abarcando diversidades étnico-raciais e de gênero, e, consequentemente, é atravessado por problemáticas sociais como os racismos, também manifestados em outras várias esferas da convivência humana.

Para Barreto Januário (2019, p. 15), o futebol "é capaz de influenciar diversos segmentos e valores da sociedade que vão do cultural ao econômico" e pode ser lido como um "fenômeno sociocultural que ensina e legitima comportamentos, valores, modos de ser e estar no mundo, [...] um produtor de marcas culturais e, por vezes, reprodutor de práticas sociais enraizadas (Barreto Januário, 2019, p. 16-17).

O futebol, portanto, é um fenômeno sociocultural capaz de nos indicar aspectos ligados à nossa configuração social, como apontou DaMatta (1982) e, posteriormente, outros pesquisadores e pesquisadoras que se debruçaram, sob perspectivas interdisciplinares, sobre o esporte em questão.

Nas últimas décadas, esse fenômeno sociocultural passou por consideráveis transformações, adquirindo um caráter cada vez mais espetacularizado e comercial. Santos (2015), discorre sobre os processos de midiatização do esporte e a inserção do futebol na Indústria Cultural, o que, segundo ele, descambou em uma "privatização total do jogo" e na entrada de diversos atores econômicos no ecossistema do futebol espetacularizado. Nesse contexto, as relações do público com o futebol se remontam, com mudanças que vão dos modos de consumo de produtos ligados ao esporte à

presença (ou, em alguns casos, o afastamento) do torcedor nos ambientes clubísticos e nos processos de tomada de decisão ligados ao esporte.

É nesse contexto de ampla cobertura midiática e alto potencial de alcance dos produtos ligados ao futebol no Brasil que situamos esta análise sobre a cobertura esportiva e os regimes de representação.

Dada a relação explícita entre o nosso tema central – a reprodução de discursos racistas no âmbito da cobertura futebolística no Brasil – e as discussões sobre as relações étnico-raciais na sociedade brasileira, identificamos a necessidade partir de uma revisão bibliográfica, retomando autores e conceitos que têm sido amplamente debatidos na esfera acadêmica. Iniciamos por uma breve incursão sobre o conceito de raça, que, como uma construção ideológica e não meramente biológica, se mostra fundamental para que possamos compreender a questão da alteridade, que sustentará conexões que faremos mais adiante, quando abordarmos os regimes racializados de representação (Hall, 2016), a estereotipagem e a reprodução de enunciados sustentados por ideias racistas na mídia esportiva.

Para apoiar a nossa tentativa de pormenorizar o problema, que se apresenta em um contexto midiático nacional, passamos também por conceitos caros à compreensão das relações étnico-raciais no Brasil, especificamente, como a ideia da mestiçagem e o mito da democracia racial. Tais definições tendem a ser retomadas mais à frente, quando questionamos o que está por trás da reprodução de tais discursos na imprensa esportiva.

Mais adiante, ainda neste capítulo, dedicamos uma seção à relação intrínseca entre os aspectos étnico-raciais na sociedade brasileira e o futebol, passando por abordagens canônicas e trazendo perspectivas que serão retomadas no terceiro capítulo, quando entramos de vez na análise da cobertura dos jogos escolhidos para compor o *corpus* deste trabalho.

1.1 Raça, alteridade e racismos: uma breve revisão conceitual

Os estudos que investem sobre definições dos conceitos de raça, racismo e racialização trazem uma vasta gama de interpretações e implicações relacionadas aos termos em questão. Aqui, partimos da abordagem que compreende a raça como uma construção social, um mecanismo ideológico cunhado a partir de ficções (Mbembe, 2018) que justificaram e sustentaram uma lógica de dominação que se materializou no

colonialismo e na consequente hierarquização dos povos (Munanga, 2004; Sodré, 2018; Mbembe, 2018; Fanon, 2023).

Historicamente, tem-se que a ideia de raça surge como uma elaboração desenvolvida "pelos teóricos europeus que moldaram os contornos da biopolítica colonialista" (Sodré, 2018, p. 10). Tal concepção, que constrói a diferenciação com base em supostas evidências biológicas e métodos científicos – ideias posteriormente refutadas no próprio campo das ciências naturais (Munanga, 2004; Seyferth, 1995) –, moldou as "relações raciais, atravessadas pelo imaginário da raça, ancorado em diferenças de gradação de cor de pele" (Sodré, 2018, p. 11).

Ao discorrer sobre os motivos que levaram à classificação das diversidades humanas em raças diferentes, Munanga (2004, p. 2) explica que "a variabilidade humana é um fato empírico incontestável que, como tal, merece uma explicação científica [...] É neste sentido que o conceito de raça e a classificação da diversidade humana em raças teriam servido". Essa classificação, entretanto, foi feita "erigindo uma relação intrínseca entre o biológico (cor da pele, traços morfológicos) e as qualidades psicológicas, morais, intelectuais e culturais" (Munanga, 2004, p. 5), o que, segundo o autor, resultou na cristalização de um discurso pseudocientífico e ideológico que assegurou uma lógica de dominação na qual o homem branco europeu (aqui, destacamos o emprego do substantivo masculino como um marcador de gênero dotado de significações) é colocado em uma posição de centralidade, uma materialização da racionalidade antagônica à figura do colonizado.

Em *A Crítica da Razão Negra*, Mbembe (2018) discorre sobre a centralidade da raça na chamada "Razão Negra", situando o termo entre a realidade e a "uma ficção útil", concebida com o intuito de instituir uma lógica de dominação e constituir o Outro como algo inumano, "um objeto intrinsecamente ameaçador do qual é preciso proteger-se, desfazer-se, ou que, simplesmente, é preciso destruir" (Mbembe, 2018, p. 26). A raça, segundo ele, "é aquilo que permite identificar e definir que grupos de populações são, individualmente, portadores de traços diferenciais e mais ou menos aleatórios" (Mbembe, 2018, p. 28).

Inexistente nos limites da genética e da antropologia, a raça seria, portanto, "uma das matérias-primas com as quais fabricamos a diferença e o excedente, isto é, uma espécie de vida que pode ser gasta ou passada sem reservas" (Mbembe, 2018, p. 70), uma construção fantasiosa dotada de um componente ideológico que serviu como âncora para a razão moderna e a hierarquização baseada nas distinções raciais. O

modelo de humanidade que coloca no centro o homem branco europeu, ao qual são atribuídos direitos civis e políticos, tinha como figura antagônica o ser racializado, um "ser-outro, fortemente trabalhado pelo vazio, e cujo negativo acabava por penetrar todos os momentos da existência - a morte do dia, a destruição e o perigo, a inominável noite do mundo" (Mbembe, 2018, p. 28); tal contraste era acionado como uma das principais justificativas ao colonialismo, lógica pensada a partir da ideia de uma missão civilizatória e humanitária, que colocava os princípios que norteavam a vida e o pensamento do homem europeu em uma posição de referência. De acordo com o autor,

> a raça é o que autoriza localizar, entre categorias abstratas, aqueles que tentamos estigmatizar, desqualificar moralmente e, quiçá, internar ou expulsar. A raça é o meio pelo qual os reificamos e, baseados nessa reificação, nos transformamos em senhores, decidindo desde logo sobre o seu destino, de maneira a que não sejamos obrigados a dar qualquer justificação (Mbembe, 2018, p. 70).

No contexto atual, segundo Mbembe (2018), a raça, enquanto instrumento, e os processos de racialização, seguem sendo elementos constituintes de uma governamentalidade que segue demarcando determinados grupos populacionais, de modo a "fixar o mais precisamente possível os limites em que podem circular, determinar o mais exatamente possível os espaços que podem ocupar, em suma, assegurar que a circulação se faça num sentido que afaste quaisquer ameaças" (Mbembe, 2018, p. 74). Acionando um vocabulário foucaultiano, Mbembe escreve, ainda, que na contemporaneidade, a raça seria acionada como um "dispositivo de segurança", uma tecnologia de governo cujos impactos nas populações racializadas são proeminentes. Mais à frente, retomaremos essa noção de dispositivo, explicando-a no contexto dos trabalhos de Sueli Carneiro (2023).

Sobre os indivíduos subalternizados, essa distinção gestada na criação da alteridade tem implicações violentas, inclusive na formação psíquica dos indivíduos. Dialogando com o pensamento do martinicano Frantz Fanon (2023), Mbembe (2018, p. 64) afirma que "é característico da raça, ou do racismo, suscitar ou engendrar um duplo, um substituto, um equivalente, uma máscara, um simulacro. Um rosto humano autêntico traz-se à vista. O trabalho do racismo consiste em relegá-lo para segundo plano ou cobri-lo com um véu". A máscara, da alegoria fanoniana, surge nesse contexto, ilustrando o processo de assimilação da cultura do colonizador pelo colonizado.

Ao abordar a objetificação colonial e a dominação psíquica imposta ao sujeito subjugado, Fanon diz que, em processos de colonização, "o negro tem duas dimensões. Uma com seu semelhante e outra com o branco" (Fanon, 2023, p. 33); tal afirmação está relacionada, de acordo com ele, à linguagem e à necessidade do colonizado de se portar diante de dois sistemas de referência, sendo um deles "para-o-outro". Essa desculturação acontece porque, no chamado "duplo narcisismo" respaldado pela ideia da diferença racial, no qual a representação de si é construída na relação de oposição ao outro, o colonizado é levado a crer que a assimilação de traços do colonizador o trará consequências positivas; Fanon dirá, ainda, que essa configuração despertará um "complexo de inferioridade" no colonizado. Esse processo de inferiorização e de assimilação é, segundo ele, uma das bases do colonialismo. Em *O Negro e a Linguagem*, Fanon (2023) dá um exemplo de como a dominação imputa essa dualidade nos sentidos subalternos analisando como martinicanos assumem, em contato com a metrópole colonizadora (a França, no caso), trejeitos e características da linguagem falada típicas do convívio metropolitano. Tais "adaptações" significam, de acordo com o autor, que "ao lado de pessoas normais que se comportam sadiamente, segundo uma psicologia humana, existem outros que se comportam patologicamente, segundo uma psicologia inumana" (Fanon, 2023, p. 45). Em outro escrito, Fanon (2023) volta a falar sobre os efeitos da colonização nas corporalidades e na criação dessa dualidade que impõe a necessidade de "ser para-o-outro" em determinadas situações:

> de um dia para o outro, os pretos tiveram de se situar diante de dois sistemas de referência. Sua metafísica ou, menos pretensiosamente, seus costumes e instâncias de referência foram abolidos porque estavam em contradição com uma civilização que não conheciam e que lhes foi imposta (Fanon, 2023, p. 104).

Imersos nesse cenário marcado por processos de hierarquizações, marginalização e reprodução constante de violências, o uso do termo "raça" também passa a ser reivindicado pelo discurso negro (Mbembe, 2018; Sodré, 2018), como parte integrante de um processo de identificação e construção de identidades. Buscando explicar esse fenômeno, Mbembe (2018, p. 67) diz que "o apelo à raça (distinto da atribuição de raça) é uma maneira de fazer reviver o corpo imolado, amortalhado e privado dos laços de sangue e de território, das instituições, ritos e símbolos que o tornam precisamente um corpo vivo. Ao longo do século XIX e do início do XX em particular, o apelo à raça vai inscrever-se, nesse sentido, no discurso negro". Tal

apropriação alvo de críticas de Muniz Sodré (2018), que defende a polissemia da palavra "raça" em si não deveria justificar o seu uso de maneira positiva, já que "determinadas palavras continuam carregando o cadáver insepulto do conceito odioso que as animou no passado" (Sodré, 2018, p. 11).

Ainda, é fundamental considerar que diversos autores consideram que a raça, por si só, deixou de ser a base fundamental do sistema de dominação hierarquizante. Para Muniz Sodré (2018, p. 11), "a dominação abertamente 'racial' [...] tem esmaecido no interior de um complexo maior e mais moderno de dispositivos disciplinares". Kabengele Munanga também chama atenção para essa "nova configuração", que interpreta o racismo "com base nas diferenças culturais e identitárias" (Munanga, 2004, p. 11):

> o racismo hoje praticado nas sociedades contemporâneas não precisa mais do conceito de raça ou da variante biológica, ele se reformula com base nos conceitos de etnia, diferença cultural ou identidade cultural, mas as vítimas de hoje são as mesmas de ontem e as raças de ontem são as etnias de hoje. O que mudou na realidade são os termos ou conceitos, mas o esquema ideológico que subentende a dominação e a exclusão ficou intacto (Munanga, 2004, p. 13).

Nesse sentido, Munanga aponta para uma distinção entre o "racismo clássico", que se baseia na noção tradicional de raça, e um "racismo novo", que "se alimenta na noção de etnia definida como um grupo cultural, categoria que constitui um lexical mais aceitável que a raça (falar politicamente correto)" (Munanga, 2004, p. 10-11).

Entretanto, é preciso reiterar que a ideia de uma distinção por características ligadas ao fenótipo e a diferenciações biológicas já provadas inexistentes ainda influencia os modos como as relações interpessoais se dão nas sociedades ocidentais. Apesar do consenso sobre a inexistência da raça como categoria biológica, contrariando a ideia amplamente difundida no campo das ciências naturais e humanas até o século passado, nota-se a persistência das "categorias mentais" que sustentam essa noção (Munanga, 2004). No contexto brasileiro, Neuza Santos Souza (1990) aborda essa problemática ao discorrer sobre a ideia do "mito negro". Segundo a autora, na sociedade brasileira, "a raça exerce funções simbólicas (valorativas e estratificadoras). A categoria racial possibilita a distribuição dos indivíduos em diferentes posições na estrutura de classe, conforme pertençam ou estejam mais próximos dos padrões raciais da classe/raça dominante" (Souza, 1990, p. 20). Tais categorias seguem, portanto, a intervir sobre as relações sociais, moldando, no âmbito das produções culturais (incluindo as

grandes coberturas esportivas), os regimes racializados de representação (Hall, 2016), que abordaremos com afinco mais adiante. Para Souza (1990), o "mito negro" aciona constantemente, através de discursos, um "conjunto de representações que expressa e oculta uma ordem de produção de bens de dominação e doutrinação" (Souza, 1990, p. 25), tendo como fundamento o apelo à alteridade, à distinção racial em seu aspecto cultural, mas com características que remetem a parâmetros biologizantes, definindo e reforçando lugares de poder e dominação.

Aqui, resgatar os debates sobre "raça", citando transformações nas concepções acerca do termo e nos impactos dele sobre a organização social, nos interessa para demonstrar como a construção do Outro, a partir da diferenciação, molda os comportamentos dos sujeitos diante do próximo e na esfera da individualidade. Sobre os efeitos da alteridade no contexto da construção das raças e de um contexto racista, Mbembe (2018, p. 27) diz que ela

> consiste naquilo que se consola odiando, marejando o terror, praticando o alterocídio, isto é, constituindo o outro não como semelhante a si mesmo, mas como objeto propriamente ameaçador, do qual é preciso se proteger, desfazer, ou ao qual caberia simplesmente destruir.

Em uma tentativa de elucidar o papel que alteridade tem sobre a perpetuação do racismo, partimos do conceito de dispositivos de racialidade, cunhado por Sueli Carneiro (2023). A autora constrói essa ideia a partir da noção foucaultiana de dispositivo, que consiste em uma articulação entre uma multiplicidade de elementos (discursos, instituições, leis, proposições morais, filosóficas, entre outros) que marca as relações de poder e "tem uma função estratégica dominante" (Carneiro, 2023, P. 28). Carneiro (2023, p. 28) diz que essa noção "oferece recursos teóricos capazes de apreender a heterogeneidade de práticas que o racismo e a discriminação racial engendram na sociedade brasileira".

Dada a definição do conceito, a autora passa a se debruçar sobre a questão da alteridade, da ontologia da diferença; um dispositivo, segundo ela, institui "a constituição de uma nova unidade em cujo núcleo se aloja uma nova identidade padronizada, e, fora dele, uma exterioridade oposta, mas essencial para a afirmação daquela identidade nuclear" (Carneiro, 2023, p. 28). O outro, portanto, torna-se a base da construção do Ser. Diante disso, o dispositivo de racialidade produz uma dualidade calcada na diferenciação, com o Eu hegemônico, branco, "dotado de razoabilidade", em

um local de referência, sendo colocado como a própria personalização da ideia de humanidade. Neste sentido, todos os que "desviam" desse padrão de humanidade, todo o "Outro", passa por um processo de assujeitamento, de modo que são distanciados desse ideal e passam por um processo de coisificação, de desumanização.

Sobre hierarquizações pautadas em um ideal de brancura, Sueli Carneiro (2023, p. 25), diz que "o dispositivo de racialidade, ao demarcar a humanidade como sinônimo de brancura, irá redefinir as demais dimensões humanas e hierarquizá-las de acordo com a proximidade ou o distanciamento desse padrão". Assim, traços fenotípicos, características físicas, são tidas como elementos diferenciadores.

Nos interessa, neste trabalho, pensar como as alteridades são representadas no âmbito da cobertura midiática futebolística. Para tal, nos valemos das reflexões de Stuart Hall (2016) sobre como a cultura popular ocidental marcou a diferença racial e atribuiu significações ao "Outro racializado". Ao tratar do caráter "ambivalente" da diferença, Hall (2016, p. 160), diz que a diferença é "necessária para a produção de significados, para a formação da língua e da cultura, para as identidades sociais e para a percepção subjetiva de si mesmo". Ao mesmo tempo, a alteridade é dotada de um caráter "ameaçador", "um local de perigo, de sentimentos negativos, de divisões, de hostilidade e agressão dirigidas ao 'Outro'" (Hall, 2016, p. 160).

No segundo capítulo, nos aprofundamos sobre as discussões propostas por Stuart Hall a respeito das representações das diferenças em produtos culturais, da construção de significados e dos impactos que esses processos exercem nas construções das identidades.

1.2 O cenário brasileiro: mestiçagem, democracia racial, branquitude e outros conceitos-chave para compreender as relações étnico-raciais no Brasil

A formação social brasileira possui diversas peculiaridades do ponto de vista das relações étnico-raciais. Dos primórdios do colonialismo, no século XVI à herança escravista resultante de um processo abolicionista controverso (Bento, 2022; Fernandes, 1978; Sodré, 2023), cujo legado se estende até os dias de hoje, vários indicadores sociais no País evidenciam a existência de um sistema permeado pela lógica racista, que coloca negros e povos originários em situação de desfavor e, em muitos casos, de vulnerabilidade.

Historicamente, no cenário brasileiro, indicadores apontam que pessoas negras são as maiores vítimas da violência policial e constituem a maior parcela entre a população privada de liberdade no País. Em 2022, segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública, relatório produzido anualmente pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 83% dos mortos pela polícia eram negros e 76% tinham entre 12 e 29 anos[8]. Em relação ao número de mortes violentas intencionais, independente do autor da ocorrência, 76,5% entre 47.508 mortos eram pessoas negras. O mesmo relatório aponta que, em 2022, 68,2% da população encarcerada no Brasil é negra[9]; o número, o maior da série histórica, segundo o órgão, vem crescendo exponencialmente (em 2005, a porcentagem era de 58,4%).

Dados indicam, ainda, que o acesso à educação também é atravessado pelo recorte étnico-racial no País. Um levantamento do Todos Pela Educação feito com base em dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2012 a 2022 aponta que só 7 em cada 10 adolescentes negros com idade entre 15 e 17 anos frequentam ou já concluíram o ensino médio no País; o estudo mostra, ainda, um "atraso" de dez anos no acesso desses jovens negros ao ensino médio: em 2022, o percentual de pretos e pardos com acesso à educação na idade recomendada alcançou nível semelhante ao que os alunos brancos possuíam dez anos antes[10]. A mais recente Pnad Contínua da Educação, do IBGE, divulgada em 2020 com dados do ano anterior[11], mostra que entre os mais de 10 milhões de jovens com idades entre 14 e 29 anos que saíram da escola sem ter completado a educação básica, 71,7% são pretos ou pardos. O mesmo levantamento mostra que a taxa de analfabetismo é quase três vezes maior entre negros.

No escopo desta pesquisa, podemos citar as disparidades raciais no âmbito da mídia tradicional. Um estudo[12] do Grupo de Estudos Multidisciplinares de Ação Afirmativa (Gemaa) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), traçou os

---

[8] MALCHER, Ândrea. 83% dos mortos pela polícia são negros, aponta relatório. Correio Braziliense, Brasília, 20 jul. 2023. Disponível em: https://cutt.ly/1efjpX6q. Acesso em: 4 jul. 2024.

[9] BRANDÃO, Juliana. LAGRECA, Amanda. O delito de ser negro – atravessamentos do racismo estrutural no sistema prisional brasileiro. In: FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, p. 308-319, 2023. Disponível em: https://cutt.ly/UefjaILZ. Acesso em: 4 jul. 2024.

[10] PALHARES, Isabela. Acesso de jovens negros ao ensino médio tem dez anos de atraso em relalação ao de brancos. Folha de S. Paulo, São Paulo, 1 jun. 2023. Disponível em: https://cutt.ly/lefjsutK. Acesso em: 4 jul. 2024.

[11] PALHARES, Isabela. Negros são 71,7% dos jovens que abandonam a escola no Brasil. Folha de S. Paulo, São Paulo, 15 jul. 2020. Disponível em: https://cutt.ly/qefjsOCX. Acesso em: 4 jul. 2024.

[12] Portela, Poema; Sá, Izabele; Feres Júnior, João; Lemos, Fernanda & Mina, João Pedro. Raça, gênero e imprensa: quem escreve nos principais jornais do Brasil? (GEMAA), IESP-UERJ, 2023, p. 1-21.

perfis dos profissionais dos três maiores jornais do Brasil, a Folha de S.Paulo, O Estado de São Paulo (Estadão) e O Globo. A pesquisa, divulgada no primeiro semestre de 2023, aponta que 84,4% dos profissionais de imprensa que atuam nas três redações se identificavam como pessoas brancas. Pardos (6,1%), pretos (3,4%), amarelos (1,8%) e indígenas (0,1%) são minorias. Apesar do recorte regional da pesquisa, consideramos que a tendência de repetição desse padrão em outras redações é altamente provável. Outro dado alarmante trazido pelo levantamento é que a porcentagem de jornalistas brancos é ainda maior quando são analisados os produtores de textos de caráter opinativo nos três jornais em questão; nos gêneros opinativos, 90% dos redatores são brancos.

No âmbito do futebol, um levantamento divulgado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) em agosto de 2023[13] mostra que 41% dos profissionais negros que atuam no Brasil já sofreram racismo durante o exercício de sua atividade. Ao todo, a pesquisa – conduzida em parceria com Observatório de Discriminação Racial do Futebol e a fornecedora de materiais esportivos parceira da CBF – ouviu 508 profissionais, entre eles atletas, comissão técnica, membros dos *staffs* dos clubes e das equipes de arbitragem atuantes nas Séries A e B do Campeonato Brasileiro masculino, além das Séries A1 e A2 do feminino na temporada 2023.

Outro importante indicador que evidencia os impactos do racismo no âmbito da prática esportiva é o Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol, elaborado pelo Observatório Racial do Futebol (2022), que monitora ocorrências racistas, LGBTQIA+fóbicas e xenófobicas envolvendo brasileiros no esporte. A publicação mais recente, levando em consideração o período de produção desta pesquisa, é o relatório publicado em maio de 2022, com dados referentes ao ano de 2021, no qual foram registrados 74 casos de "incidentes discriminatórios" envolvendo profissionais do futebol brasileiro, dos quais 64 aconteceram no Brasil e outros dez, no exterior. Das 74 ocorrências, em sete casos o ato discriminatório partiu de membros da imprensa. Se ampliado o recorte para outros esportes, o relatório identifica um total de 81 casos "classificados como incidentes atrelados à discriminação racial"[14].

---

[13] TRINDADE, Luciano. Estudo aponta que 41% dos profissionais negros do futebol dizem ter sofrido racismo. Folha de S. Paulo, São Paulo, 31 ago. 2023. Disponível em: https://cutt.ly/VefjdTF0. Acesso em: 4 jul. 2024.

[14] OBSERVATÓRIO Racial do Futebol. Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol 2021. Porto Alegre, 2022. Disponível em: https://cutt.ly/2efjdMdN. Acesso em: 4 jul. 2024.

Os esforços da academia para analisar (e em alguns casos justificar[15]) as relações étnico-raciais díspares no Brasil têm início ainda no século XIX. Seyferth (1995, p. 179) explica que "a ideia de raça no Brasil foi [...] uma invenção peculiar, inspirada nos vários determinismos raciais europeus e norte-americanos e na presunção da superioridade da civilização ocidental moderna". Daí, surge a ideia do branqueamento como uma alternativa que garantiria o desenvolvimento socioeconômico no País (Munanga, 1999; Guimarães, 2001)[16].

A ideia da mestiçagem, que lia o Brasil como uma nação na qual a miscigenação conduziu a uma dissolução das raças, norteou uma parte considerável dos estudos desenvolvidos no campo das ciências sociais brasileiras ao longo do século XX e foi cravada no imaginário popular, sendo constantemente reproduzida em produtos culturais (Gonzales, 2020) e nas relações interpessoais (Moreira, 2019). Ao tratar da abordagem brasileiro acerca do tema mestiçagem, Munanga (2019) retoma pensadores que, diante das diversas identidades que povoavam o Brasil, defendiam a criação de uma identidade étnica única para o País. Tais ideias, segundo o autor, eram fortemente influenciadas pelo determinismo biológico do século XIX e colocavam a brancura como lugar de referência, em um processo de supressão de diversas identidades étnicas: "desse processo de mestiçagem, do qual resultará a dissolução da diversidade racial e cultural e a homogeneização da sociedade brasileira, dar-se-ia a predominância biológica e cultural branca e o desaparecimento dos elementos não brancos" (Munanga, 1999, p. 52).

Em "Rediscutindo a mestiçagem no Brasil", o autor analisa os efeitos e consequências dessa ideia sobre a formação de uma identidade nacional e o seu "contrapeso" na formação das identidades raciais no País (Munanga, 1999). Um dos impactos citados é o apagamento das identidades negras e, consequentemente, de elementos culturais ligados a essas existências. Citando Abdias do Nascimento, Munanga reitera que uma pretensa organização social "construída segundo o modelo hegemônico racial e cultural branco ao qual deveriam ser assimiladas todas as outras

---

[15] Ao retomar as primeiras abordagens sobre o tema por cientistas brasileiros, Seyferth (1995, p. 177) cita que no final do século XIX "o pressuposto determinista contido na ideia de raça [...] foi aceito pelos homens de ciência e incorporado ao discurso político".

[16] "A elite brasileira do fim do século XIX e início do século XX foi buscar seus quadros de pensamento na ciência européia ocidental, tida como desenvolvida, para poder não apenas teorizar e explicar a situação racial do seu País, mas também, e sobretudo, propor caminhos para a construção de sua nacionalidade, tida como problemática por causa da diversidade racial" (Munanga, 1999, p. 50) .

raças e suas respectivas produções culturais [...] subentende o genocídio e o etnocídio de todas as diferenças (Munanga, 1999, p. 90).

Ao abordar o branqueamento como projeto de nação, Cida Bento (2002b) destaca que tal processo envolva a "construção de um imaginário extremamente negativo sobre o negro, que solapa sua identidade racial, danifica sua autoestima, culpa-o pela discriminação que sofre e, por fim, justifica as desigualdades raciais" (Bento, 2002b, p. 2).

Também sobre os desdobramentos desse projeto de nação, Kabengele Munanga comenta:

> ele [o modelo sincrético] tentou assimilar as diversas identidades existentes na identidade nacional em construção, hegemonicamente pensada numa visão eurocêntrica. Embora houvesse uma resistência cultural tanto dos povos indígenas como dos alienígenas que aqui vieram ou foram trazidos pela força, suas identidades foram inibidas de manifestar-se em oposição à chamada cultura nacional. Esta, inteligentemente, acabou por integrar as diversas resistências como símbolos da identidade nacional. Por outro lado, o processo de construção dessa identidade brasileira, na cabeça da elite pensante e política, deveria obedecer a uma ideologia hegemônica baseada no ideal do branqueamento. Ideal esse perseguido individualmente pelos negros e seus descendentes mestiços para escapar aos efeitos da discriminação racial, o que teve como consequência a falta de unidade, de solidariedade e de tomada de uma consciência coletiva, enquanto segmentos politicamente excluídos da participação política e da distribuição equitativa do produto social (Munanga, 1999, p. 101)

Apesar do relativo insucesso, a ideia da dissolução das identidades raciais afastadas da branquitude pretensa enraizou-se nas relações interpessoais (Bento, 2002a, 2002b; 2022) a partir do mito da democracia racial, que, nas palavras de Munanga (1999, p. 80) "exalta a ideia de convivência harmoniosa entre os indivíduos de todas as camadas sociais e grupos étnicos" e que age de modo a permitir "às elites dominantes dissimular as desigualdades e impedindo os membros das comunidades não brancas de terem consciência dos sutis mecanismos de exclusão da qual são vítimas na sociedade" (Munanga, 1999, p. 80).

Uma das consequências dessa construção, segundo Bernardino (2002), foi o desenvolvimento da crença de que não existem raças no Brasil; assim, nos deparamos com um pensamento que "encobre os conflitos raciais, possibilitando a todos se reconhecerem como brasileiros e afastando das comunidades subalternas a tomada de consciência de suas características culturais que teriam contribuído para a construção e expressão de uma identidade própria. (Munanga, 1999, p. 80). Por "encobrir os conflitos

raciais", entendemos que a ideia em questão colaborou para a instauração de um quadro de invisibilização e negação do racismo no âmbito da sociedade brasileira (Portela Jr.; Lira, 2022, s/p).

Nesse cenário, é imprescindível destacar que tais construções são amparadas e gestadas no seio da branquitude, com seu caráter hegemônico no contexto brasileiro, dadas as circunstâncias da formação social no País. Os estudos críticos da branquitude apontam para um lugar simbólico de privilégios no qual estão as pessoas brancas, não por questões meramente genéticas, mas como resultado de um processo que teve início no colonialismo e se sustenta através de "estruturas de poder fundamentais, concretas e subjetivas em que as desigualdades raciais se ancoram" (Schucman, 2014, s/p).

Cida Bento (2002a) explica que a branquitude pode ser definida como "um lugar de privilégio racial, econômico e político, no qual a racialidade, não nomeada como tal, carregada de valores, de experiências, de identificações afetivas, acaba por definir a sociedade" (Bento, 2002a, p. 5); tal dispositivo, segundo a autora, garante a preservação de hierarquias raciais a partir de um "pacto entre iguais", reforçando as condições de privilégios atribuídas às pessoas brancas, que podem ocupar posições mais altas nessas hierarquias sem que a isso seja atribuído um privilégio de raça (Bento, 2002a, 2002b; Schucman, 2018).

Ao discorrer sobre o papel do branco na sustentação de uma "estrutura" baseada em hierarquizações étnico-raciais, Lia Schucman (2018) afirma que "o branco não é apenas favorecido nessa estrutura racializada, mas é, também, produtor ativo dessa estrutura, através dos mecanismos mais diretos de discriminação e da produção de um discurso que propaga a democracia racial e o branqueamento" (Schucman, 2018, p. 138).

No mesmo sentido, Bento (2022) considera que a discriminação racial tem como motor a manutenção e a conquista de privilégios de um grupo sobre o outro. Tais relações são mantidas, segundo Cida Bento (2022), por meio de um "pacto" que visa a transmissão de uma "herança marcada por expropriação, violência e brutalidade" (Bento, 2022, p. 24); esse pacto, segundo a autora, se sustenta através da retransmissão silenciosa, não formalizada, da herança colonial, porque "o herdeiro branco se identifica com outros herdeiros brancos e se beneficia dessa herança, seja concreta, seja simbolicamente; em contrapartida, tem que servir ao seu grupo, protegê-lo e fortalecê-lo" (Bento, 2022, p. 25).

Na sustentação dessa cadeia de privilégios mantidos por um branquitude omite as problemáticas étnico-raciais e não se identifica como um sujeito que também foi exposto ao processo de racialização, as representações do Outro nos produtos culturais reforçam constantemente, de forma quase silenciosa, um sistema hierarquizado que coloca esse ser revestido pela brancura em um lugar de referência. Bento (2002b) afirma que

> o silêncio, a omissão, a distorção do lugar do branco na situação das desigualdades raciais no Brasil têm um forte componente narcísico, de autopreservação, porque vem acompanhado de um pesado investimento na colocação desse grupo como grupo de referência da condição humana. Quando precisam mostrar uma família, um jovem ou uma criança, todos os meios de comunicação social brasileiros usam quase que exclusivamente o modelo branco (Bento, 2002b, p. 31).

O cineasta e pesquisador Joel Zito Araújo (2007) exemplifica como esses acordos se manifestam no âmbito da produção cultural brasileira, seja no cinema, nas novelas ou no objeto de estudo deste trabalho, o futebol. Segundo ele, as representações dos indivíduos racializados nos produtos culturais obedecem a critérios baseados na ideia do branqueamento; no entanto, o autor garante que tais representações costumam ser ignoradas pelo público devido à internalização de determinadas determinadas percepções do Outro (no capítulo destinado à análise das transmissões futebolísticas, observamos como determinados estereótipos são constantemente acionados nessa esfera e naturalizados pelo espectador):

> o inconsciente racial coletivo brasileiro não acusa nenhum incômodo em ver tal representação da maioria do seu próprio povo, e provavelmente de si mesmo, na televisão ou no cinema. A internalização da ideologia do branqueamento provoca uma "naturalidade" na produção e recepção dessas imagens, e uma aceitação passiva (Araújo, 2006, p.77).

No capítulo seguinte, abordamos a construção discursiva do "outro" no âmbito da cultura a partir dos Estudos Culturais, utilizando as construções, sobretudo, de Stuart Hall (2016) e Homi Bhabha (2007).

1.3 As discussões sobre questões étnico-raciais no universo futebolístico

A ampla penetração do futebol nas mais diversas classes e grupos sociais no Brasil fez com que o esporte se firmasse como o que mais mobiliza no País já na

primeira metade do século XX. Trata-se de um fenômeno rápido, se analisarmos sob uma perspectiva histórica; afinal, apenas 55 anos separaram a primeira partida oficial de futebol no País – um jogo entre funcionários da Companhia de Gás de São Paulo (São Paulo Gaz Company) e da Companhia Ferroviária de São Paulo (São Paulo Railway Company), disputado em abril de 1895, na capital paulista[17] – e o "Maracanazo", quando mais de 190 mil torcedores viram a seleção brasileira ser derrotada pelo Uruguai na partida que decidiu a Copa do Mundo FIFA de 1950[18]. A partida em questão, que indicamos como um grande marco da popularização do esporte, também é marcada pela atribuição de culpa ao goleiro Barbosa, homem negro que foi repetidamente responsabilizado pela derrota do Brasil, caso que é apontado até hoje como uma das maiores demonstrações dos impactos causados pelo racismo no esporte (Abrahão, Soares; 2009).

Nesse período de transição entre o amadorismo e o profissionalismo, a prática futebolística desvencilhou-se aos poucos da aristocracia e popularizou-se, deixando de ser propriedade exclusiva das camadas mais abastadas da população. Deu-se, então, a integração do negro aos clubes (Kupper, 2019). Houve resistência. À época, grupos mais ricos, ligados à aristocracia sudestina, assumiram uma defesa do amadorismo, que posteriormente foi lida por alguns autores como "a defesa de um futebol não-negro, fechado às classes populares, circunscrito às elites urbanas" (Helal; Gordon, 2002).

De modo geral, entende-se que a integração do homem negro no futebol brasileiro começou a se concretizar entre a terceira e a quarta década do século XX. No entanto, há registros esparsos de atletas negros que atuaram defendendo camisas tradicionais do futebol nacional ainda nas primeiras décadas do século passado (Stein, 2013). O Bangu Atlético Clube, do Rio de Janeiro, e a Associação Atlética Ponte Preta, de São Paulo, afirmam que foram os primeiros a acolher jogadores negros; o Bangu alega que essa história começou em 1905, com o atleta Francisco Carregal, filho de pai português e de mãe brasileira, negra, que trabalhava na Fábrica Bangu, que possui direta relação com o clube. Já a Ponte Preta diz que antes, nos primeiros anos do século XX, o

[17] BIBLIOTECA NACIONAL. Há 125 anos, foi jogada a primeira partida de futebol no Brasil. Rio de Janeiro. Abr, 2020. Disponível em https://cutt.ly/WefjuDgg. Acesso em 4 jul. 2024.
[18] MONTEIRO, Rafael. Maracanazo: 70 anos do sonho interrompido. Agência Brasil. Brasília. 16 jul. 2020. Disponível em: https://cutt.ly/PefjigfQ. Acesso em 4 jul. 2024.

atleta Miguel do Carmo já disputava partidas de futebol com a camisa do clube[19][20]. Anos depois, em 1923, o Clube de Regatas Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, fez história ao sagrar-se campeão carioca com um elenco formado por homens negros, operários e suburbanos, perfis que ainda contrastavam com a origem elitista à qual o esporte ainda estava vinculado. Os "camisas negras", como ficou conhecido o time do Vasco de 1923, conquistaram o sucesso dentro das quatro linhas, mas enfrentaram forte resistência fora delas, já que outros clubes boicotaram o campeonato carioca, organizado pela Liga Metropolitana de Desportos Terrestres, e fundaram outra entidade, a Associação Metropolitana de Esportes Athleticos, que passou a organizar seu torneio sob a alegação de que o Vasco estimulava uma indesejada profissionalização do esporte ao promover a integração e a concessão de premiações aos atletas pelos resultados positivos (Stein, 2013)[21].

Se a história da integração do homem negro no futebol brasileiro possui registros materiais que permitem que essa trajetória seja reconstituída e (re)contada nos dias atuais, a relação entre as mulheres negras e o esporte que se tornou o mais popular do Brasil é marcada por uma escassez de fontes que resulta de um processo de apagamento dessa categoria[22]. A história do futebol de mulheres é comumente contada a partir de uma perspectiva essencializada, assim como acontece em outras esferas do convívio social; ou seja, é comum que não se direcione o foco às mulheres negras, especificamente (Pisani, 2018), diferente do que ocorre como os homens negros, por exemplo. Em pesquisas acadêmicas e em produtos jornalísticos, essa categoria só começa a aparecer a partir da década de 1980, após a flexibilização das proibições envolvendo a prática do futebol por mulheres no País. É certo, no entanto, que, nos círculos do amadorismo, mulheres situadas distantes dos padrões brancos jogaram partidas de futebol pelo Brasil[23].

---

[19] MACHADO, Wesley Barbosa. Breve cronologia de atletas negros "inseridos" em clubes de futebol no Brasil no primeiro quarto do século XX. Ludopédio, São Paulo, v. 132, n. 28, 2020. Disponível em: https://cutt.ly/MefjiA7X. Acesso em 4 jul. 2024.

[20] OBSERVATÓRIO, Racial do Futebol. Ponte quer provar que foi 1º clube a ter negro. Disponível em https://cutt.ly/Sefjowxt. Acesso em 4 jul. 2024.

[21] STEIN, Leandro. Como futebol e sociedade se uniram para integrar os negros. Observatório da discrminação racial no futebol. 2013. Disponível em: https://cutt.ly/3ehraAQG. Acesso em 10 jul. 2024.

[22] HISTÓRIA PRETA. O negro no futebol: onde estão as pretas. Entrevistada: Mariane Pisani; Aira Bonfim. Entrevistador: Thiago André. B9, 2020. Disponível em: https://cutt.ly/aehrDMv3. Acesso em: 12 jul. 2024.

[23] Aqui, podemos recorrer aos relatos da história oral, contadas e recontadas em círculos familiares, que dão conta desses acontecimentos.

Em 1921, um episódio marcou esse processo de integração do homem negro no futebol brasileiro: o então presidente da República, Epitácio Pessoa, recomendou à Confederação Brasileira de Desportos (CBD) que o plantel da seleção brasileira de futebol para o Sul-Americano disputado na Argentina fosse composta apenas por jogadores brancos[24].

Na década seguinte, o profissionalismo passou a ser assumido por ligas e clubes do sudeste. Com isso, abriu-se, oficialmente, a possibilidade de se ganhar dinheiro com a prática do futebol, através de contratos, premiações, entre outras fontes. Sobre essa integração, boa parte das análises que almejavam mensurar os impactos do esporte sobre a sociedade passaram a tratar o futebol como um meio de integração e mobilidade social. Nesse sentido, Helal e Gordon Jr (2002) afirmam que

> as mudanças nas condições de exercício do futebol após o profissionalismo beneficiaram imediatamente os setores econômica e socialmente desfavorecidos, na medida que ao mesmo tempo permitiram maior igualdade de acesso aos meios necessários ao bom desempenho esportivo, e funcionaram como porta de ingresso à economia formal (isto é, o futebol constituiu-se num espaço onde esses setores de população podiam almejar um emprego que não necessitasse de longos períodos de aperfeiçoamento pessoal, anos de educação formal, etc.).” (Helal, Gordon. Jr; 2002, P. 52)

Em contrapartida, tal pensamento também enfrenta questionamentos baseados, principalmente, em argumentos direcionados ao caráter extraordinário dessa mobilidade social (Vieira, 2003) e ao fato de que tais jogadores, mesmo imersos no ambiente futebolístico, não estão “livres” dos efeitos causados pelo racismo. Abrahão e Soares (2009) se opõem à ideia de que o futebol brasileiro constitui uma “zona livre”, “que serviria para integrar e dar visibilidade aos negros, ao mesmo tempo em que mantinha as hierarquias numa sociedade constrangida pelos valores da igualdade conferida pela abolição da escravidão” (Abrahão, Soares; 2009, p. 17).

A abordagem que coloca o futebol como uma via para a mobilidade social também dialoga com a ideia da construção de um País miscigenado. Ta narrativa, representada pela apropriação popular do futebol, “privilegia uma visão otimista da miscigenação e acaba por destacar positivamente o papel do negro” (Abrahão, Soares; 2009, p. 14). Segundo os autores, o mito da democracia racial desempenhou um papel central nessa construção:

---

[24] MARTEL, Isabela. Há 100 anos, jogadores negros eram excluídos da Seleção. DW Brasil, 2021. Disponível em: https://cutt.ly/2ehrshBB. Acesso em 11 jul. 2024.

> Observe-se que o discurso da integração racial, representada pela apropriação popular do futebol, privilegia uma visão otimista da miscigenação e acaba por destacar positivamente o papel do negro [...] Nesse sentido, a imagem idealizada do jogador negro – como membro de um grupo étnico especialmente dotado para atividades que dependem principalmente da emotividade e/ou das habilidades artísticas e corporais – acabou por reiterar uma visão otimista da mestiçagem, metonimizada pelo sucesso do futebol "mestiço". Tal imagem está presente naquilo que se identifica como estilo de jogo, o estilo visto, ainda em nossos dias, como legado da cultura africana na constituição étnica do Brasil e de seu futebol (Abrahão, Soares; 2009, p. 14).

Nessa construção de um estilo tipicamente brasileiro de jogo, no qual o atleta negro, segundo as leituras hegemônicas acerca do assunto, desempenha um papel central, agregando características ligadas a uma suposta "malemolência", uma performatividade baseada na estereotipagem direcionada a esses corpos racializados. Vieira (2003), afirma que

> com relação ao viés étnico, aqui também se tem a crença em certa superioridade física do jogador negro, além de se acreditar que ele tenha certa "ginga", certo "molejo", que faz a diferença na hora de jogar; dando-lhe tamanha destreza no futebol [...] A afirmação da superioridade física e da forma de jogar dos *não-brancos*, apesar de muito difundidas, não guardam nenhuma evidência científica servindo apenas para reforçar a discriminação racial" (Vieira, 2003, p. 241).

No mesmo sentido Barbosa (2020) afirma que, entre as representações que se retroalimentam no contexto do futebol brasileiro e mobiliza o imaginário social nacional está o conceito de "ginga". Para o autor, essa construção surge da ideia de um atleta tipicamente brasileiro, miscigenado, sendo, então, uma "concepção romantizada" gestada a partir do mito da democracia racial que implica uma "defesa romântica e sistemática da 'ginga brasileira' como elemento de identidade coletiva e, consequentemente, diferenciação social" (Barbosa, 2020, s/p). Essa ideia teria, ainda, um apelo à falácia do atleta negro como dotado de uma capacidade física, de improvisação (irracionalidade), enquanto ao brasileiro de pele branca era ligado à racionalidade.

As intersecções entre o futebol e a tentativa de criação de uma identidade nacional ancorada na miscigenação e em uma forma própria de praticar o esporte que seria fruto dessa miscigenação podem ser encontradas tanto na obra de Mário Filho, autor de *O negro no futebol brasileiro*, quanto em textos do próprio Gilberto Freyre, responsável por obras com *Casa Grande e Senzala* e *Sobrados e Mucambos*, nas quais o

autor apresenta uma visão positiva do convívio interracial proporcionado pelo colonialismo. Freyre falou de futebol em um artigo publicado no Diário de Pernambuco durante a Copa do Mundo de 1938, disputada na França; o antropólogo exalta a miscigenação racial no Brasil e emplaca a expressão "foot-ball mulato", título do texto. O antropólogo cita "um novo *estylo* de jogar foot-ball" que contrasta com um dos europeus "por um conjunto de qualidades de *surpreza*, de manha, astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de espontaneidade individual em que se exprime o mulatismo"[25].

Tais construções sobre uma suposta forma tipicamente brasileira de jogar futebol, claramente influenciada por supostas características atribuídas em especial ao jogador negro, ressoa até os dias atuais em diversos discursos ligados à prática do esporte. Em diversas ocasiões, essa ideia foi apropriada e reproduzida em campanhas publicitárias, transmissões esportivas, entre outros produtos ligados ao futebol (Barbosa, 2020).

As formas de representar essa presença negra no âmbito do esporte, no entanto, encontram semelhanças com outros cenários mais amplos; a estereotipagem, por exemplo, desempenha um papel central nesses processos de representação. Ao analisar o contexto europeu, o britânico Kevin Hylton (2009) traz contribuições que também se aplicam ao cenário brasileiro. Sobre as principais construções baseadas em estereótipos no âmbito da prática esportiva, diz que "as capacidades dos atletas negros são frequentemente descritas em termos físicos ou fisiológicos, como diferenças 'naturais'" (Hylton, 2009, p.1, tradução nossa). Hylton (2009) discorre sobre como o uso de estereótipos direcionados a atletas racializados são baseados na ideia racista da predisposição genética, biológica, de determinados corpos para tarefas que exigem do corpo físico. O autor diz "o sucesso de pessoas negras no esporte é explicado por uma suposição do senso comum de que atletas negros são melhores por diferenças genéricas e por serem fisicamente superiores aos atletas brancos" (Hylton, 2009, p. 90, tradução nossa). Tais ideias foram amplamente difundidas no Brasil e contribuíram, inclusive, com a construção dessa "identidade brasileira" que se manifesta no futebol e encontra paralelos em outras esferas da cultura.

Sobre a estereotipagem no campo dos esportes, nos aprofundamos no segundo capítulo; nele, analisamos como estes recursos seguem sendo constantemente acionados em um processo de construção de sentidos através de discursos midiáticos e populares.

---

[25] FREYRE, Gilberto. Foot-ball mulato. Recife: Diário de Pernambuco, 1938. Disponível em: https://cutt.ly/JefjxAtE. Acesso em: 4 jul. 2024.

Em suma, as primeiras abordagens acadêmicas (e culturais[26]) que tocam as questões étnico-raciais no âmbito do futebol orbitam, em sua maioria, entre as análises sobre a inserção e a participação dos atletas negros no esporte, a já citada relação entre o futebol e a criação de uma identidade nacional, além de "discussões sobre estilos e escolas de futebol, principalmente de um 'jogar à brasileira', mais conhecido como 'futebol-arte'; a circulação de jogadores brasileiros no futebol internacional; a formação de jovens jogadores em escolinhas de futebol e categorias de base; etc" (Giglio; Spaggiari; 2010, p. 304). Em um mapeamento sobre os temas que norteiam os estudos sobre futebol no Brasil e as áreas que mais abordam as dinâmicas desse esporte, Giglio e Spaggiari (2010) mostram que a maioria das pesquisas são desenvolvidas na área da educação física.

No entanto, a comunicação esportiva também tem sido alvo de investigações no âmbito da produção acadêmica. Nos interessam, especialmente, os estudos que focalizam as relações étnico-raciais nesse universo da mídia especializada na cobertura futebolística (Esteves, 2020; MacNeill, 2006). Nesse contexto, somam-se nossos esforços para ampliar as observações sobre a relação entre os corpos racializados e o esporte mais popular do Brasil.

[26] O maior exemplo é *O Negro no Futebol Brasileiro*, escrito pelo jornalista Mário Filho e editado pela primeira vez em 1947. Em 2018, o livro ganhou uma adaptação em formato de série documental produzida pela HBO.

Capítulo 2. Discursos, representações e reprodução de violências

Antes de entrarmos na discussão sobre as relações diretas entre o discurso e a reprodução de violências interseccionais (Collins; Bilge, 2021), é fundamental fixar a definição de discurso que mais se aproxima ao emprego do termo nesta pesquisa. Aqui, adotamos uma concepção foucaultiana do discurso; noção que, posteriormente, seria empregada no âmbito dos Estudos Críticos do Discurso (ECD). Trata-se de uma concepção que situa o discurso para além da linguagem e do signo, relacionando-o à produção de sentido pela linguagem e focando nas "regras e práticas que produziam pronunciamentos com sentido e os discursos regulados em diferentes períodos históricos" (Hall, 2016, p. 80), perspectiva que contrasta com o que Hall (2016) chama de "a-histórica" da semiótica. Para Foucault (2008, p. 136), o discurso pode ser definido como, "um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo-espaço, que definiram, em uma dada época, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa" .

O discurso em Foucault é, assim, percebido como "um conjunto de enunciados que integram as malhas do poder, perpassando em todas as relações entre sujeitos, e aparece envolto de saber e poder" (Silva, Machado Jr., 2014, p. 5); ou, em outras palavras, um elemento que "define e produz os objetos do nosso conhecimento, governa a forma com que o assunto pode ser significativamente falado e debatido, e também influencia como ideias são postas em prática e usadas para regular a conduta dos outros" (Hall, 2016, p. 80). Nesse contexto, os discursos estão diretamente ligados aos processos de formação dos sujeitos, de modo que

> encontramos sua formação baseada em discursos frutos destas relações (de poder) que emanam de diversas instâncias diferentes e produzem discursos atuantes na construção deste sujeito que terá uma denominação, classificação, papel ou posição dentro desses discursos (Silva, Machado Jr., 2014, p. 10).

A abordagem foucaultiana sobre o discurso norteou o desenvolvimento dos ECD como uma perspectiva teórico-metodológica, que incorporam à análise crítica elementos que ligam o discurso à historicidade, às relações de poder, à produção (e a reprodução de conhecimentos), à formação dos sujeitos, entre outros aspectos. Van Dijk (2008),

adepto da chamada abordagem sociocognitiva[27], uma das vertentes da Análise Crítica, afirma que, sob essa perspectiva, o discurso "não é analisado apenas como um objeto 'verbal' autônomo, mas também como uma interação situada, como uma prática social ou como um tipo de comunicação numa situação social, cultural, histórica ou política" (Van Dijk, 2008, p. 12). O autor, ao se debruçar sobre a definição de discurso, o compreende, ainda, como uma "realização específica de uma produção linguística, descartando a definição da palavra como uma filosofia ou ideologia, como o discurso neoliberal, por exemplo" (Pereira, Teixeira, Sales Pereira, 2020, p. 35),

Quando nos referimos às reproduções de violências atravessadas por questões étnico-raciais e de gênero, consideramos que o discurso desempenha um papel de centralidade nesses processos; mesmo levando em conta o que Van Dijk (2016, p. 19) chama de dimensão cognitiva, os ECD têm o discurso como "objetivo específico e central".

Sobre a centralidade do discurso, Fairclough (2001) diz que eles não apenas refletem ou representam entidades e relações sociais, eles as constroem ou as 'constituem'; diferentes discursos constituem 'entidades-chave' [...] de diferentes modos e posicionam as pessoas de diversas maneiras como sujeitos sociais (Fairclough, 2001, p. 22).

É a partir desse processo de "constituição" através dos discursos que determinadas violências se perpetuam (mais adiante, veremos como os regimes racializados de representação e a estereotipagem podem ser entendidos como mecanismos que viabilizam esses processos). Para Van Dijk (2010, p. 68), "o discurso desempenha uma função central na reprodução de atitudes e ideologias racistas que são a base sociocognitiva do sistema social do racismo"[28].

Para os pensadores dos ECD, portanto, o racismo e outras formas de opressão existentes nas sociedades contemporâneas se sustentam através dos processos comunicacionais (Van Dijk, 2007, 2008, 2010; Fairclough, 2001). Van Dijk (2007, p. 25), em meio a uma análise sobre os múltiplos contextos latino-americanos, aponta que, para além do dos discursos que consistem em práticas discriminatórias, "a maior parte dos membros dos grupos dominantes aprendem o racismo através dos discursos de uma

[27]Van Dijk (2008, 2016), defende uma análise que compreenda a relação entre estruturas discursivas e sociais como instâncias mediadas por dimensões cognitivas; tal proposta dá destaque ao triângulo analítico Discurso-Cognição-Sociedade.

[28] No original, "el discurso juega un rol central en la reproducción de actitudes e ideologías racistas que son la base socio-cognitiva del sistema social del racismo" (Van Dijk, 2010, p. 68).

ampla variedade de fatos comunicativos"[29]; em outras palavras, o autor reitera que é através dos discursos – aqui destacamos os processos de fixação das representações – que o racismo é "absorvido" e perpetuado.

Esses discursos – atravessados pela alteridade e pela fixação do Outro a partir do uso de determinadas representações que reforçam lógicas de diferenciação – aparecem em diferentes meios de comunicação, em produtos midiáticos, conteúdos didáticos, jornalísticos, de entretenimento, entre outras situações comunicacionais (Van Dijk, 2007, 2008). Tais eventos discursivos costumam ser atravessados por estratégias que acionam lógicas de dominação de formas "sutis e complexas" (Van Dijk, 2007, p. 28). Nesse tipo de discurso, segundo Van Dijk (2007, 2007), o enunciante costuma acionar certas "bases ideológicas"; são elas: a ênfase no que há de positivo em Nós (no grupo dominante, no qual ele tende a pertencer), a ênfase no negativo do Outro; a ocultação do positivo do Outro e a ocultação do negativo de Nós. Ainda, o autor cita estratégias como a ênfase e a repetição de temas negativos relacionados ao Outro, o uso de estereótipos e de termos com conotações negativas, a designação do Outro por meio de pronomes na terceira pessoa ou demonstrativos, entre outras "formas indiretas, sutis e implícitas nas representações racistas [...] que podem estar expressas ou indicadas nas estruturas textuais e da fala; essas estruturas podem, por sua vez, exercer influência sobre as representações mentais dos receptores" (Van Dijk, 2010, p. 80)[30].

Stuart Hall (2016), discorre sobre a influência da cultura sobre o processo de construção dos sujeitos, apresentando uma visão mais ampla, não restrita ao discurso em si. O autor utiliza-se do conceito de representação para estabelecer uma conexão entre o sentido e a linguagem à cultura; para ele, representação "é uma parte essencial do processo pelos quais os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura" (Hall, 2016, p. 31). Representar algo, portanto, seria "descrevê-lo ou retratá-lo, trazê-lo à tona na mente por meio da descrição, modelo ou imaginação" (Hall, 2016, p. 32).

Hall (2016) avança, citando que há, nesses processos de significação, dois sistemas de representação; um deles diz respeito às representações mentais (uma espécie de repertório constituído por conceitos e imagens que possibilitam que elaboremos

[29] No original, "la mayor parte de los miembros de los grupos dominantes aprenden el racismo a través de los discursos de una amplia variedad de hechos comunicativos" (Van Dijk, 2007, p. 25).

[30] No original: "formas indirectas y sutiles subyacentes en las representaciones racistas (modelos mentales, actitudes, ideologías) que pueden estar expresadas o indicadas en las estructuras del texto y del habla –y estas estructuras pueden a su vez influir en las representaciones mentales de los receptores, contribuyendo de este modo a difundir y reproducir el racismo– (Van Dijk, 2010, p. 80)

conceitos para as coisas a partir de correspondências). A representação estaria, portanto, situada nessa relação entre as coisas, conceitos e signos com a produção do sentido na linguagem. Embora tais processos sejam comuns aos sujeitos envolvidos nos processos comunicacionais, determinados indivíduos ou grupos sociais têm o poder de representar – em espaços de ampla projeção e, consequentemente, de influência – de acordo com regimes de representação.

O discurso[31] – aqui considerado um dos responsáveis pela "legitimação" e pela propagação do racismo – está diretamente ligado, portanto, ao exercício do poder simbólico. Nesse contexto, as chamadas "elites simbólicas" (não independentes de outros grupos de poder), que controlam a maior parte do acesso aos espaços hegemônicos de representação, possuem um papel central na construção e na reprodução de determinados conceitos e valores ideológicos que podem ter uma penetração no convívio social e, consequentemente, resultar em um reforço das hierarquias étnico-raciais e de gênero (Van Dijk, 2008). Segundo Van Dijk (2008), o discurso e a comunicação são essenciais para que se crie uma ideologia em torno do poder. Pode-se dizer, assim, que por meio do discurso, se dá o exercício do poder; no entanto, é preciso ressaltar que o discurso também é um lugar de disputas; a linguagem, portanto, "classifica o poder, expressa poder, e está presente onde há disputa e desafio ao poder" (Wodak, 2004, p. 237). Dito isso, pode-se afirmar que o poder não é sempre negativo (em situações nas quais os detentores do poder elaboram e executam políticas públicas voltadas à populações em vulnerabilidade, por exemplo, é possível atribuir uma conotação positiva ao exercício do poder); em situações nas quais há um abuso de poder que incide sobre indivíduos e grupos sociais, no entanto, observa-se o que o Van Dijk (2008) chama de dominação.

Esse "poder de representar", exercido através do discurso pelas chamadas elites simbólicas (Van Dijk, 2008), incide, sobretudo, na constituição dos sujeitos, nos processos de formação de identidades. É a partir do contato com os "sistemas classificatórios" existentes que nos posicionamos e definimos quem somos, como agimos. Em outras palavras, a cultura, os sistemas classificatórios e os regimes de representação têm o poder de constituir os sujeitos, em um processo contínuo, passível de constantes transformações, de produção de identidades (Hall, 2016).

[31] Vale ressaltar que, segundo o autor, tais discursos compreendem, além de produtos jornalísticos e culturais, as mais diversas formas de comunicação cotidiana (Van Dijk, 2008).

As identidades, portanto, são constituídas a partir dos discursos, dos "sistemas classificatórios" que os permeiam. Sobre essa constituição dos sujeitos a partir do contato com a linguagem, Fanon (2021) dá o exemplo do contato do colonizado com a metrópole, destacando, especialmente, a influência da linguagem sobre a manutenção de uma lógica colonialista e sobre as tentativas de adaptação à cultura da metrópole por parte do colonizado. Utilizando-se das contribuições deixadas pelo pensador martinicano, Nascimento (2019) afirma que "a língua não só tem cor quando politizada nos diversos sistemas de poder, mas ela própria é um espaço de luta da racialidade porque é por meio dela em que se nomeia e se racializa" (Nascimento, 2019, p. 23).

A influência do discurso sobre os indivíduos, todavia, não pode ser interpretada um processo determinista e automático, no qual os discursos atravessados, ainda que sutilmente, por violências étnico-raciais ou de gênero atingem a todos da mesma forma. Em outras palavras, a influência do discurso na perpetuação de violências étnico-raciais e de gênero não implica a existência de um receptor passivo. Segundo Hall (2016), as identidades e as subjetividades são construídas a partir de uma série de negociações que os próprios sujeitos agenciam com as representações culturais que os interpelam. No mesmo sentido, Van Dijk afirma que "cada um tem uma relativa liberdade para ignorar, parcialmente ou totalmente, as mensagens dominantes ou as ideologias que as sustentam" (Van Dijk, 2007, p. 25), assim como existe a possibilidade de se formarem, a partir do contato com esses discursos, "opiniões alternativas" contrárias aos discursos hegemônicos[32].

Essas distinções nas interpretações e reações aos discursos podem ser explicadas quando consideramos a existência de estruturas cognitivas situadas entre o próprio discurso e a sociedade. Ao propor a integração de uma dimensão cognitiva na análise crítica do discurso, Van Dijk afirma que os indivíduos "só podem influenciar ou ser influenciados pelo discurso por uma interface mental que liga a representação mental de estruturas sociais com as estruturas mentais que representam o discurso" (Van Dijk, 2017, p. 20). Ou seja, "o discurso só pode ter condições e consequências sociais e políticas se reconhecermos que ele é produzido por usuários da língua como participantes sociais que não só falam e agem, mas também pensam, sabem e sentem" (Van Dijk, 2016, p. 27).

[32] No original: "Cabe señalar que ese proceso no es automático ni determinista: cada miembro del grupo tiene una libertad relativa para ignorar, parcial o totalmente, los mensajes dominantes o las ideologías que los sostienen, y formarse opiniones alternativas, buscar actitudes diferentes en grupos resistentes y desarrollar así una ideología alternativa, no racista o antirracista" (Van Dijk, 2007, p. 25).

Segundo o autor, portanto, uma análise que articule diretamente o discurso e o poder social, ignorando essa dimensão sociocognitiva, não alcança sua completude:

> Não há uma influência direta da estrutura social sobre a escrita ou a fala. Antes, estruturas sociais são observadas, experimentadas, interpretadas e representadas por membros sociais, por exemplo, como parte de sua interação ou comunicação cotidiana. É essa (subjetiva) representação, esses modelos mentais de eventos específicos, esse conhecimento, essas atitudes e ideologias que, no fim, influenciam os discursos e outras práticas sociais das pessoas. Em outras palavras, a cognição pessoal e social sempre media a sociedade ou as situações sociais e o discurso. Portanto, nos ECD precisamos estudar problemas sociais em termos do triângulo discurso-cognição-sociedade (Van Dijk, 2008, p. 26).

Essas estruturas cognitivas fazem com que, por exemplo, indivíduos interpretem determinados discursos de acordo com um conjunto de representações mentais que se foram constituídas a partir de uma sequência de interações; do mesmo modo, processos como a produção de notícias ou atos de enunciação proferidos em veículos de mídia são atravessados por determinados modelos mentais. Além da influência do interdiscurso, há, nessa dimensão pessoal, fatores cognitivos que se mostram presentes: “o discurso só pode ter condições e consequências sociais e políticas se reconhecermos que ele é produzido por usuários da língua como participantes sociais que não só falam e agem, mas também pensam, sabem e sentem” (Van Dijk, 2016, p. 27).

Tendo em vista, portanto, a ideia de que o discurso é uma forma de ação capaz de colaborar ativamente com a perpetuação do racismo e de violências de gênero, assumimos os direcionamentos indicados por Van Dijk (2007, 2008, 2010, 2016) para a elaboração de uma Análise Crítica do Discurso, considerando, ainda, a existência de estruturas cognitivas que, tanto nos planos individuais como no social, influenciam o modo como o discurso será absorvido e processado pelos sujeitos envolvidos no processo comunicativo. Neste estudo, pretende-se, nos termos de Van Dijk (2016, p. 9) “descrever e explicar como estruturas de poder e abuso de poder são discursivamente apresentadas e reproduzidas”. Esse tipo de análise, segundo o autor, “não é relevante só no nível global da reprodução social do racismo, mas também para a análise de eventos comunicativos individuais específicos, em nível microscópico” (Van Dijk, 2016, p. 19).

Posteriormente, ao longo do terceiro capítulo, detalhamos os aspectos do discurso que serão avaliados na análise; tais particularidades – observadas no emprego de determinados termos, na entonação, no enfoque e em outros aspectos – podem, ou

não, ser lidas como indicativos da existência de uma comunicação atravessada por violências interseccionais.

2.1 O local de credibilidade dos espaços hegemônicos de representação

No contexto da relação entre o discurso e o poder, emergem os debates acerca da influência do jornalismo e das mídias, em geral, sobre a formação dos indivíduos e sobre a fixação de determinados regimes de representação em seus produtos. Fischer (1997; 2002) atribui à mídia um caráter pedagógico, o que estaria relacionado à "constituição de sujeitos e subjetividades na sociedade contemporânea, na medida em que produz imagens, significações, enfim, saberes que de alguma forma se dirigem à 'educação' das pessoas, ensinando-lhes modos de ser e estar na cultura em que vivem" (Fischer, 2002, s/p).

No mesmo sentido, Van Dijk dedica boa parte das suas análises às possíveis interferências causadas pela mídia sobre as relações de poder que caracterizam parte das sociedades contemporâneas. O autor afirma que os meios de comunicação possuem seu papel autônomo "na produção e na reprodução das estruturas de poder social" (Van Dijk, 2008, p. 73).

No mesmo sentido, Muniz Sodré (1999, p. 243), citando as contribuições de Van Dijk sobre a relação entre o discurso e o racismo, diz que "o discurso atua nos níveis micro e macro, assim como nos registros da interação e da cognição. A mídia funciona no nível macro como um gênero discursivo capaz de catalisar expressões políticas e institucionais sobre as relações interraciais".

Antes de citar algumas das diversas maneiras pelas quais a mídia pode exercer influência sobre as formas como os indivíduos lidam com determinados problemas, enxergam certas situações ou mesmo se dividem sobre assuntos sensíveis, é fundamental nos distanciarmos de concepções radicalizantes. Aqui, entendemos que conceitos que supostamente norteiam um ideal de jornalismo intransponível – como a objetividade e, sobretudo, a imparcialidade – não se sustentam, visto que, como vimos anteriormente, o discurso é sempre atravessado por outros discursos e pelas relações de poder que o circundam. No entanto, não podemos cair na armadilha de adotar uma visão extremista e interpretar a mídia apenas como um meio cujo fim principal é a reprodução de lógicas de dominação; reconhecemos que com o "uso seletivo de fontes de informação, rotinas jornalísticas consagradas e seleção de assuntos para as histórias, a

mídia jornalística decide quais atores serão representados na arena pública, o que será dito a respeito deles e, em especial, como será dito". (Van Dijk, 2008, p. 73).

Gastaldo (2009, s/p), pontua que

> embora não determine ou condicione comportamentos ou ações sociais, a mídia certamente atua como um fator de poderosa influência no campo social. Na medida em que o discurso da mídia articula determinados significados aos fatos enquanto oculta outros, é construída nesse discurso uma determinada definição de realidade.

Ainda, é possível interpretar o discurso jornalístico como um espaço onde acontecem uma série de disputas e negociações; se por um lado é possível, através dele, atuar no reforço das relações de poder estabelecidas[33], também é plausível um uso desse tipo de discurso para

> legitimar a dissidência, resistência e posição contra hegemônica de grupos subalternos. Daí a importância de, por um lado, analisar criticamente como os jornalistas categorizam os atores sociais, descrevem ou comparam suas ações e, ainda, como eles descrevem e narram eventos ou situações em torno do grupo (Carrazzoni, 2022, p. 132)

Ao discorrer sobre o abuso de poder através do discurso, Van Dijk (2008) afirma que as elites simbólicas o exercem através do controle das condições de produção, distribuição e consumo de conteúdos; as elites simbólicas, segundo o autor, têm a capacidade de "controlar os tipos de discurso, os tópicos, os tipos e a qualidade da informação, a seleção e a censura dos argumentos e a natureza das operações retóricas" (Van Dijk, 2008, p. 50). Esses processos, ainda de acordo com Van Dijk, "determinam, em essência, os conteúdos e a organização do conhecimento público, as hierarquias de crença e a amplitude do consenso, que em troca são fatores poderosos na formação e na reprodução de opiniões, atitudes e ideologias" (Van Dijk, 2008, p. 50).

No mesmo sentido, podemos afirmar que certos discursos – atravessados pelos regimes de representação que norteiam boa parte da produção cultural no contexto das sociedades ocidentais – tendem a exercer, especialmente quando veiculados em canais de amplo alcance, uma influência na manutenção das configurações sociais vigentes.

---

[33] Sobre "o acesso e a cobertura privilegiados (sejam negativos ou positivos) a respeito de protagonistas das notícias é um fator importante da reprodução do poder social a qual é mediada pelos meios de comunicação de massa".

Historicamente, os estudos dedicados à análise das representações no contexto da cultura costumam analisar peças publicitárias ou produtos como filmes, álbuns musicais, séries, pinturas, entre outras manifestações artísticas. No entanto, os discursos jornalísticos, aqui entendidos como frutos de um processo de construção que, inevitavelmente, foge da ideia falaciosa da neutralidade absoluta, também podem ser analisados sob essa perspectiva. De acordo com Soares,

> o caso do jornalismo é o mais controvertido, do ponto de vista da propriedade e precisão das representações. Ou seja, aceita-se com certa naturalidade a ideia de que um comercial de TV ou um filme de ficção contenha representações construídas e tendenciais, mas é difícil admitir essa inclinação quando se trata de uma reportagem, devido à suposição de um compromisso ético e profissional desse gênero em estabelecer uma relação referencial com a realidade. No entanto, o jornalismo é necessariamente um relato particular dos acontecimentos, ou seja, uma narrativa construída sobre um aspecto do mundo selecionado (2009, p. 21).

Nesta pesquisa, o que mais nos interessa é esse poder de representar concentrado nessas agências de representação. Segundo Carrazzoni,

> as representações da realidade estão bastante centradas na mídia e hoje, obviamente, em outras formas de (re)produção simbólica, como as mídias sociais e veículos digitais. Mas, são os meios massivos que têm um papel fundamental e uma incidência nas estruturas sociais, pois, além de estar fortemente associados às formações sociais e às instituições e grupos dominantes, exercem uma influência estrutural sobre a conformação e a mudança do pensamento social (Carrazzoni, 2022, p. 129).

Essas práticas se dão, a nível micro, "por meio da escolha das palavras, de verbos, de adjetivos e mesmo atribuindo papéis semânticos ativos ou passivos aos atores sociais, dentre outras estratégias discursivas" (Carrazzoni, 2022, p. 132). Para além das questões puramente linguísticas, a estereotipagem também pode ser acionada no âmbito das representações, como detalharemos mais adiante.

O poder de representar, que aqui mencionamos, é restrito e depende de uma série de confluências para ser exercido, levando em conta fatores como o acesso a esses espaços hegemônicos de representação e a credibilidade que costuma ser atribuída aos discursos veiculados nesses espaços. Um regime de representação (Hall, 2016) não se estabelece a partir de enunciados isolados, esparsos, de modo que a fixação das noções compreendidas em um certo regime decorre de um amplo processo de construção, produção e fixação de significados. Nesse sentido, Edward Said (2001, p. 243) diz que "a capacidade de representar, retratar, caracterizar e figurar não está simplesmente à

disposição de qualquer membro de qualquer sociedade". O autor, em meio a reflexões acerca da influência do imperialismo na fixação das identidades e na construção das representações no contexto da literatura, afirma ainda que o "'o quê' e o 'como' na representação das 'coisas', mesmo admitindo uma considerável liberdade individual, são circunscritos e socialmente regulados" (Said, 2011, p. 243).

As representações, portanto, dependem de uma dimensão individual (que ao mesmo tempo se constrói coletivamente) – através de um conjunto de representações mentais e da existência do que Hall (2016) define como um "mapa conceitual compartilhado" a partir do qual somos capazes de representar – e da influência da cultura (aqui incluso o discurso midiático, jornalístico) sobre as formas como determinadas identidades, grupos sociais ou mesmo nacionalidades são representadas[34]. Em *O espetáculo do Outro*, Stuart Hall (2016) dá exemplos de como determinados discursos acionam – através de escolhas imagéticas, de um certo léxico e do diálogo com outras produções – esses regimes de representação; o autor, inclusive, traz exemplos de como corpos negros costumam ser representados no contexto da comunicação esportiva.

Os impactos dessas representações podem ser observados na fixação de estereótipos direcionados a determinados grupos sociais – como os atletas negros e as futebolistas mulheres – e, em uma esfera mais individualizada, na construção de identidades. Sobre identidade, Hall (2016) diz que elas são construídas nesse contexto da Cultura e do convívio social e que estão sujeitas a constantes mutações. Nesse processo,

> a representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. (Woodard, 2008, p. 18)

Através do contato frequente com determinadas formas de representação, que aparecem, inclusive, no discurso jornalístico, os indivíduos podem moldar as formas como eles se posicionam no mundo. Determinadas representações sociais, portanto,

[34] "Uma concepção distributiva considera as representações mentais, os processos sociológicos e as representações mediáticas como instâncias que incidem umas sobre as outras e retroagem, de forma dinâmica" (Soares, 2009, p. 23).

quando fixadas e amplamente difundidas no âmbito da cultura, têm a capacidade de exercer influência sobre as agências dos indivíduos.

2.2 Estereotipagem e os regimes de representação no âmbito da comunicação esportiva

Ao discorrer sobre representações e produção de significados, Stuart Hall (2016) diz, sinteticamente, que a "representação diz respeito à produção de sentido pela linguagem" (Hall, 2016, p. 32). Tal processo de construção de sentido, segundo a abordagem socioconstrucionista adotada pelo autor, é fruto de uma construção social e cultural, de modo que os significados e o reconhecimento deles exercem uma influência direta na produção de identidades e, consequentemente, de práticas sociais. Hall (2016) defende, a partir da ideia da "virada cultural", que a esfera cultural é palco de locais nos quais os significados são constantemente negociados, de modo que "as lutas pelo poder deixem de ter uma forma simplesmente física e compulsiva para serem cada vez mais simbólicas e discursivas" (Hall, 2016, p. 20).

Nesse contexto de centralidade da cultura e dos produtos culturais, a representação assume um papel central, influenciando, inclusive, a construção de identidades e narrativas. Para Hall (2016, p. 38), a representação é, basicamente, a construção de sentido pela linguagem: "a relação entre 'coisas', conceitos e signos se situa, assim, no cerne da produção do sentido da linguagem, fazendo do processo que liga esses três elementos o que chamamos de 'representação'".

Citando produtos culturais midiáticos, o autor analisa diversas formas de representação de corpos racializados (inclusive imagens de esportistas negros veiculadas na mídia), indicando que, em vários, casos "a diferença possui significado. Ela 'fala'" (Hall, 2016, p. 146). Segundo Hall (2016), "todo o repertório de imagens e efeitos visuais por meio dos quais a 'diferença' é representada em um dado momento histórico pode ser descrito como um regime de representação" (Hall, 2016, p. 150), ou, como o próprio autor diz posteriormente, um "regime racializado de representação".

Um elo entre o racismo, o colonialismo e a cultura é encontrado na obra de Bhabha (2007). Em "O local da cultura", o pensador indiano, se debruça sobre o uso da estereotipagem como sustentáculo de relações de poder, referindo-se a esse mecanismo como a "principal estratégia discursiva do colonialismo" (Bhabha, 2007, p. 111). Para ele,

> o estereótipo não é uma simplificação porque é uma falsa representação de uma dada realidade. É uma simplificação porque é uma forma presa, fixa, de representação que, ao negar o jogo da diferença (que a negação através do Outro permite), constitui um problema para a representação do sujeito em significações de relações psíquicas e sociais" (Bhabha, 2007, P. 117).

Bhabha (2007), ao discorrer sobre o "exercício do poder colonial através do discurso", diz que os estereótipos, relacionados aos modos de representação da alteridade no contexto da cultura, podem ser lidos como formas fixas, "presas", de representação. A estereotipagem, portanto, estaria diretamente ligada ao chamado "discurso colonial", que pode ser entendido como "um aparato que se apoia no reconhecimento e repúdio de diferenças raciais/culturais/históricas" (Bhabha, 2007, p. 111) e que opera como uma forma de governamentalidade. Sobre o discurso hegemônico, o autor diz que

> ele busca legitimação para suas estratégias através da produção de conhecimentos do colonizador e do colonizado que são estereotipados mas avaliados antiteticamente. O objetivo do discurso colonial é apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução. Apesar do jogo de poder no interior do discurso colonial e das posicionalidades deslizantes de seus sujeitos [...], estou me referindo a uma forma de governamentalidade que, ao delimitar uma 'nação sujeita', apropria, dirige e domina suas várias esferas de atividade (Bhabha, 2007, p. 111)

Para Bhabha (2007), o estereótipo – calcado em simplificações e reducionismos – está imerso em uma cadeia contínua de outros estereótipos, que, por sua vez, cumprem a função de definir o outro a partir de imagens idealizadas, atravessadas por "fobias" e "fetiches". Os efeitos da comunicação atravessada por esses aspectos seria a reiteração de uma visão da realidade que, por sua ampla difusão e assimilação, quase nunca é questionada e, sobretudo, a criação de problemas graves de representação a partir dos quais certos indivíduos ou grupos sociais são associados a aspectos negativos, limitantes, o que reforça uma lógica de dominação na qual ao indivíduo estereotipado é dificultado o distanciamento desses limites impostas pela representação.

Os estereótipos, para Bhabha (2007), podem ser relacionados à mimese, ao fetichismo, estabelecendo, inclusive, uma relação com a abordagem fanoniana em *Pele negra, máscaras brancas* (Fanon, 2023), citando o próprio título do texto como um exemplo de como os estereótipos operam no sentido da mímese.

Assim como Bhabha, Stuart Hall (2016), ao abordar os regimes de representação em produtos culturais e midiáticos, afirma que os estereótipos não são apenas representações simplistas de relações de poder desiguais, mas podem ser lidos como elementos constitutivos e constituintes de relações de poder que afetam a identidade. No livro Cultura e Representação, Hall (2016) argumenta que “a estereotipagem tem sua própria poética - suas próprias maneiras de trabalhar - e sua política - as maneiras com as quais ela está investida de poder” (Hall, 2016, p. 200) e a define como “uma forma de poder hegemônico e discursivo que opera tanto por meio da cultura, da produção de conhecimento, das imagens e da representação, quanto por outros meios” (Hall, 2016, p. 200). Assim, o teórico dos Estudos Culturais sustenta a tese de que a atribuição e o uso recorrente de estereótipos estão diretamente relacionados às relações de poder, que sempre operam sob condições de desigualdades; ao discorrer sobre a estereotipagem, o autor estabelece uma relação entre representação, diferença e poder.

> Muitas vezes, pensamos no poder em termos de restrição ou coerção física direta, contudo, também falamos, por exemplo, do poder na representação, poder de marcar, atribuir e classificar; do poder simbólico; do poder da expulsão ritualizada. O poder, ao que parece, tem que ser entendido aqui não apenas em termos de exploração econômica e coerção física, mas também em termos simbólicos ou culturais mais amplos, incluindo o poder de representar alguém ou alguma coisa de certa maneira - dentro de um determinado "regime de apresentação". Ele inclui o exercício do poder simbólico através das práticas representacionais e a estereotipagem é um elemento-chave deste exercício de violência simbólica" (Hall, 2016, p. 193)

A estereotipagem pode ser entendida, então, como um dos mecanismos que permitem a manutenção da ordem social e simbólica, de modo que uma de suas principais características é a “prática de fechamento e exclusão”. Simbolicamente, ela “fixa os limites e exclui tudo o que não lhe pertence” (Hall, 2016, p. 192). Ainda de acordo com Stuart Hall, “a estereotipagem tende a ocorrer onde existem enormes desigualdades de poder. Este geralmente é dirigido contra um grupo subordinado ou excluído” (Hall, 2016 p. 192).

O uso de estereótipos nas comunicações está relacionado, portanto, a aspectos socioculturais que compreendem simplificações e discursos reducionistas amplamente repetidos que, em contextos nos quais estão envolvidos aspectos étnico-raciais, de gênero e classe, podem estar diretamente ligados a relações de poder. Sousa e Barros (2012) defendem que

> os estereótipos são representações sociais institucionalizadas, reiteradas e reducionistas. São representações porque são visões partilhadas coletivamente por um grupo. Reiteradas porque são criadas com base na repetição e são reducionistas porque transformam o complexo em algo simples, parecendo ser natural, se constituindo não como forma de discurso e sim formas de realidade (Sousa; Barros, 2012, p. 221).

O estereótipo, lido sob uma perspectiva sociocultural, "forma de conhecimento e de identificação social" (Sousa; Barros, 2012, p. 210) que "permite organizar de forma relevante o real, influenciando os modos de agir e comunicar dos grupos" (Sousa; Barros, 2012, p. 210). Sousa e Barros (2012) afirmam, ainda, que cada vez que certos estereótipos são acionados, eles se atualizam pelo fato de que estão imersos em contextos de interações sociais que os retomam, seja de forma a reforçá-los ou para questioná-los.

Na mídia esportiva, a estereotipagem também é comumente acionada. Abrahão e Soares (2011, p. 277) afirmam que "todo campo cultural tem seus controles e expectativas simbolicamente atribuídas face às construções de identidade marcadas em relação à diferença". O campo dos esportes de alto nível não foge dessa lógica, já que possui certas dinâmicas e construções discursivas particulares, de modo que as alteridades são constantemente reforçadas a partir da estereotipagem e, consequentemente, da consolidação de determinados regimes racializados de representação que demarcam uma suposta relação intrínseca entre os corpos negros e os trabalhos corporais, em detrimento de capacidades cognitivas. Ao discorrer sobre os estudos que se dedicaram a investigações sobre a estereotipagem no esporte, Hylton (2009, p. 7, tradução nossa[35]) afirma que os atletas negros eram "menos propensos a serem lidos como importantes, pensantes, como jogadores centrais, e tendiam a ser vistos mais como físicos, pouco inteligentes e periféricos".

É comum, ainda, que essas representações de atletas negros sejam lidas de forma positiva, de modo que a concepção com raízes coloniais que liga os corpos negros a uma suposta aptidão a atividades físicas passa a ser erroneamente abordada como uma espécie de privilégio que, supostamente, permitem a esses corpos desenvolver práticas esportivas com facilidade.

Quando se trata das representações de mulheres negras no âmbito das práticas esportivas, há outros traços que costumam ser acionados através da estereotipagem. Hylton (2009) cita que – mesmo atletas de alto rendimento, como as tenistas

[35] "Racialized Others were less likely to be viewed as important, thinking, central players but more likely as physical, unintelligent, peripheral players" (Hylton, 2009, p. 7)

estadunidenses Serena e Venus Williams e Marion Jones e Denise Lewis, ambas do atletismo – são frequentemente descritas, tanto na mídia esportiva local quanto em veículos internacionais, como "naturais", "extravagantes", "rápidas" e "fortes"[36].

No contexto do futebol brasileiro, tais adjetivos também aparecem em referências a atletas negras. Há, no entanto, uma particularidade caracterizada pela oposição entre as jogadoras socialmente lidas como negras e as brancas. Aludindo ao clássico conto de fadas, Almeida (2016) diz que as representações midiáticas dessas atletas costumam reforçar a assimetria entre as "belas" e as "feras". As atletas negras, segundo a autora, eram descritas como "feras" e receberam, por vezes um tratamento hostil em debates sobre o futebol de mulheres; as brancas, por outro lado, eram tratadas como "belas", o que, na nossa interpretação, também se caracteriza como uma abordagem problemática, visto que por muito tempo a figura da jogadora de futebol no Brasil foi representada a partir de enquadramentos que forçavam uma sexualização exacerbada. Essa narrativa baseada em oposições, todavia, "enquadra as [jogadoras] negras na chave da 'bestialização', por transgredirem as normas da feminilidade e da heterossexualidade compulsória" (Martins, Silva, Vasquez; 2021, p. 6)[37]. Ainda, no âmbito do futebol de mulheres, os estereótipos também costumam ser direcionados à orientação sexual das atletas (Martins, Silva, Vasquez; 2021).

Hall (2016) observa, ainda, como determinados arquétipos ligados à figura do atleta homem negro são relacionados a um teor sexual, conferindo à análise em questão atravessamentos que se relacionam a questões de gênero. Através de imagens de revistas e de outros recortes de produtos midiáticos, o autor mostra como certas construções discursivas relacionam, muitas vezes através de recursos linguísticos como a conotação e a ambiguidade, a imagem do atleta (homem cisgênero) negro à virilidade, à uma ideia racista de que há uma potência sexual intrínseca nesses corpos. Essa ideia relaciona-se às expectativas sociais de que o homem negro performe uma virilidade hiperbólica, destacando a suposta potência corporal que carrega (Faustino, 2014; Gonzalez, 2020).

---

[36] No original, "'natural', 'flamboyant', 'quick' and 'strong'" (Hylton, 2009, p. 20).

[37] Os autores destacam que há um elemento paradoxal nessas configurações. Se, por um lado, as futebolistas negras "foram consideradas abjetas pela mídia, sofrendo inúmeras violências, como racismo e homofobia; por outro, nos espaços cotidianos de prática de futebol, performatizar outras feminilidades não normalizadas faz com que tais mulheres sejam mais respeitadas" (Martins, Silva, Vasquez; 2021, p. 6). Assim, apesar dos regimes representacionais hegemônicos que circundam o universo do futebol de mulheres e das violências que tais representações implicam, é possível olhar para o futebol de mulheres como uma espécie de "zona mais receptiva", "onde diferentes feminilidades 'transgressoras' e não normativas encontram um terreno seguro para sua manifestação" (Martins, Silva, Vasquez; 2021, p. 6).

Além desse problema, Hall (2016) também identifica discursos nos quais os atletas negros são colocados como figuras moralmente questionáveis, propensas à adoção de supostas atitudes consideradas antidesportivas; as abordagens midiáticas sobre o caso da estadunidense Florence Griffith-Joyner (Flo Jo), do atletismo, dão materialidade a essa abordagem[38] (Hall, 2016).

Para além da prática esportiva propriamente dita, podemos citar a existência de uma vigilância constante direcionada a atletas negros. Pessoas negras que integram o universo do esporte espetáculo têm suas condutas sociais regularmente vigiadas e submetidas a julgamentos baseados em padrões comportamentais estabelecidos pela branquitude. Assim como nas manifestações estereotipadas descritas nos parágrafos anteriores, esse controle dos corpos negros possui ampla penetração no contexto social brasileiro e funcionam como mecanismos de associação do indivíduo negro à irracionalidade, de modo a reforçar uma lógica de dominação no qual quem exerce o controle, no fim das contas, ecoa discursos diretamente influenciados pela branquitude. É comum, em diálogos sobre esportes de alto nível, que atletas negros sejam lidos como inconsequentes, problemáticos, irresponsáveis e explosivos dentro e fora dos campos de jogo. A problemática em questão reverbera, ainda, sobre a normatização das violências sofridas pelos grupos raciais que se distanciam da figura do homem branco, a quem foi atribuída a marca da racionalidade.

De acordo com Eiras (2019, p. 78), o desenvolvimento do futebol brasileiro "contribuiu de forma direta para o passo adiante no que diz respeito à educação dos corpos negros no intuito de criar uma categoria racial imutável, que deve lutar para obter seu espaço e que sua subjetividade fluiria casualmente através da cultura de educação destes corpos".

Voltando aos efeitos discursivos da estereotipagem, podemos partir para uma análise sobre como produtos culturais (no nosso trabalho, com ênfase em coberturas jornalísticas/midiáticas) reproduzem tais estereótipos e agem na manutenção de hierarquias. Sant'ana (2017) diz que

> os produtos culturais não apenas contribuem para a formação de um imaginário social racista (crenças estereotipadas), mas também influenciam o campo atitudinal (preconceito) e estruturam comportamentos discriminatórios

[38] Sobre as construções discursivas usadas na mídia em torno da figura de Flo Jo, Hall (2016) ainda destaca o inseparável recorte de gênero que atravessa o debate midiático acerca da atleta. Aspectos da corporalidade foram centrais nos questionamentos sobre Griffith Joyner, que, apesar de ter incorporado aspectos que aludem à performance de feminilidade, não escapou de ser contestada e comparada a um atleta masculino.

> progressivos (discriminação). Simplificando: os produtos culturais auxiliam na formação de um imaginário social racista e, além disso, podem levar, aliados a outros fatores, à discriminação (SANT'ANA, 2017, p. 150)

A partir da ideia dos "regimes racializados de representação" de Stuart Hall (2016), depreendemos que tais representações, calcadas no uso recorrente de estereótipos, obedecem a um "ideal de brancura" (Carneiro, 2023). Sobre a inserção dessas hierarquizações nos produtos culturais, Sueli Carneiro (2023), em "Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser", diz que

> o ideal de branqueamento não está abandonado; é imposto ao imaginário social pela cultura dominante através da exibição permanente de seus símbolos, que expressam os seus sucessos materiais e simbólicos como demonstração de superioridade "natural", cotejados sistematicamente com os símbolos de estigmatização da negritude — seu contraponto necessário" (Carneiro, 2023, p. 54)

Carneiro (2023) ainda diz que integrações "minoritárias" e "subordinadas" de negros em contextos de comunicação são utilizadas como tentativas de sustentar tais hierarquizações, manifestadas, especialmente sobre o mito da democracia racial. No cenário brasileiro, segundo a autora, esse mito evoca uma valorização de uma suposta formação cultural harmônica e de traços supostamente "comuns" (permeados de estereótipos) a todos os brasileiros, como a sensualidade e a cordialidade (Carneiro, 2023, p. 56). Narrativas que carregam esses estereótipos aparecem com certa frequência nas mídias e em diversas manifestações culturais como observa Lélia Gonzalez (2020); essas representações enviesadas acabam, portanto, sendo disseminadas e legitimadas através de um conjunto de configurações midiáticas que operam como dispositivos pedagógicos (Fischer, 1997; 2002), tendo em vista que enxergamos a mídia como "produtora de saberes e formas especializadas de comunicar e de produzir sujeitos, assumindo nesse sentido uma função nitidamente pedagógica" (Fischer, 1997, p. 61).

Florestan Fernandes e Roger Bastide (2008), em um estudo da década de 1950, no contexto de um questionamento à democracia racial, também se debruçaram sobre os estereótipos direcionados a populações racializadas nas metrópoles brasileiras e apontaram que a estereotipagem pode ser lida, no contexto social brasileiro, como um mecanismo de controle social, um dispositivo (no mesmo sentido foucaultiano empregado nos escritos de Sueli Carneiro e Rosa Maria Bueno Fischer[39]) determinante

[39] Fischer (1997, p. 63) trabalha com a hipótese de que "há um 'dispositivo pedagógico' na mídia, o qual se constrói através da linguagem mesma de seus produtos; de que há uma lógica discursiva nesses materiais, que opera em direção à produção de sentidos e de sujeitos sociais; e de que há uma mediação,

nas relações interpessoais. Posteriormente, Fernandes também viria a analisar as representações sociais permeadas pela inferiorização de grupos racializados.

Citando Fanon, Kilomba (2019) refere-se a determinados regimes racializados de representações calcados na alteridade como "fantasias brancas". "Não é com o sujeito negro que estamos lidando, mas com as fantasias brancas sobre o que a negritude deveria ser" (Kilomba, 2019, p. 38), diz a autora.

A partir das articulações realizadas nesta seção, podemos entender que a relação entre a estereotipagem – frequentemente acionada em produtos culturais como produções audiovisuais, literárias, coberturas esportivas, publicitárias, entre outras esferas comunicacionais – e os regimes de representação é um dispositivo de reprodução e manutenção de hierarquizações sociais baseadas na alteridade.

A superação desses regimes de representação a partir do estabelecimento de uma comunicação responsável, antirracista e norteada por uma cultura de respeito aos direitos humanos é um desafio que também tem sido discutido por boa parte dos autores aqui citados. Stuart Hall (2016), por exemplo, discute, em seus escritos sobre representação e alteridade, meios de contestar esses regimes racializados de representação, como a "inversão dos estereótipos", a estratégia do positivo/negativo (na qual estão inclusas tentativas de substituir imagens "negativas" por "positivas") ou mesmo através de contraestratégias que coloquem "os estereótipos contra eles mesmos" (Hall, 2016, P. 219).

Bhabha (2007), por sua vez, diz que os estereótipos possuem margem para mudanças; tais subversões aconteceriam, segundo o autor, nos "interstícios", em entre-lugares nos quais "as identidades fixas são destruídas dando lugar a novos signos de identidades" (Sousa; Barros, 2012, p. 223). Sousa e Barros (2012), a partir das ideias de Bhabha (2007), afirmam que

> apesar do conteúdo pejorativo do estereótipo este permite mudança. O estereótipo por ser ambivalente permite a reação dos estereotipados, pois enquanto representação é formação1 e deformação. Já não se pode situar as extremidades da cultura como locais visíveis, passíveis de serem observadas e captadas. É preciso, conforme Bhabha (2007) analisa, considerar os "interstícios", a "borda das fronteiras", o espaço limiar que se estabelece entre o ser e o não ser, entre o negro e o não-negro, o que está em cima e o que está embaixo (Sousa; Barros, 2012, p. 223).

---

na relação complexa entre os produtores, criadores e emissores, de um lado, e os receptores e consumidores, de outro, a qual é dada particularmente pelo modo como se estruturam os 'textos midiáticos'".

Há ainda, autoras que defendem que o protagonismo de pessoas racializadas na construção de narrativas, personagens e formas de contar suas próprias histórias podem ser o principal instrumento de disputa nesse campo comunicacional. Grada Kilomba, por exemplo, em um exercício de diálogo com bell hooks (2019), destaca o ato de "tornar-se sujeito", a partir de uma colocação na posição de "narradora e escritora" da própria realidade, exercendo uma "oposição absoluta do que o projeto colonial predeterminou" (Kilomba, 2019, p. 28).

Silva e Rosemberg (2008) reconhecem que a mídia brasileira é permeada pela sub-representação. Analisando discursos presentes em diversos campos da cultura (literatura e cinema, imprensa, televisão, literatura infantojuvenil e livro didático), as autoras apontam a sub-representação e apontam para as consequências que ela traz, como o "silenciamento" sobre as disparidades étnico-raciais, a negação do racismo e a ocultação da racialização das relações sociais no contexto brasileiro, a proposta de uma homogeneidade cultural (que dialoga com as ideias de mestiçagem, identidade nacional e democracia racial mencionadas no capítulo anterior), a estereotipagem dos corpos racializados e o reforço das hierarquias sociais com a branquitude em um lugar de privilégios (Silva; Rosemberg; 2008).

2.3 Lendo a mídia esportiva como um espaço de hegemonias: as relações étnico-raciais e de gênero no meio

Quando abordamos a relação entre mídia, discurso e relações de poder no âmbito do recorte proposto nesta pesquisa, é preciso direcionar o olhar para questões como a existência de hegemonias e historicidades que norteiam boa parte da produção midiática no cenário brasileiro. O ato de pensar a reprodução de regimes de representação por meios de amplo alcance e no processo de incorporação dessas representações em outras esferas do convívio social, por exemplo, requer uma análise de como essas representações atravessadas por questões étnico-raciais e de gênero costumam se manifestar em larga escala e sobre quem tem dominado os espaços hegemônicos de representação.

No contexto brasileiro, o jornalismo do século XX se desenvolve como um bem patrimonial no seio de uma sociedade fortemente marcada pelas mazelas do colonialismo, de modo que reproduz os discursos dominantes das elites brancas (Sodré, 1999), e, com o tempo, passa por um processo de expansão marcado pela perpetuação

da branquitude como principal mantenedora do que anteriormente chamamos de poder de representar[40]. Para Sodré (1999, p. 244), "a mídia é o intelectual coletivo desse poderio, que se empenha em consolidar o velho entendimento de povo como 'público', sem comprometer-se com causas verdadeiramente públicas nem com a afirmação da diversidade da população brasileira". Sodré (1999) também chama a atenção para a reprodução de discursos de negação da alteridade no âmbito da produção jornalística hegemônica no Brasil; em outras palavras, o autor explica como o mito da democracia racial – assunto que abordamos no capítulo anterior – e a ideia da mestiçagem nortearam uma parcela considerável da produção textual que envolvia, de alguma forma, corpos que se distanciam dos padrões impostos pela branquitude, no que seria uma das estratégias de manutenção das hierarquias estabelecidas.

Como resquício desse histórico ligado à branquitude, podemos citar, entre outros fatores, a predominância de pessoas brancas nas redações e, consequentemente, a produção orientada por perspectivas que destoam das diversidades existentes no contexto do Brasil (Silva, 2019).

Essa predominância é comprovada por estudos como o *Perfil do Jornalista Brasileiro*[41] e o relatório *Raça, gênero e imprensa: quem escreve nos principais jornais do Brasil?*[42]. O primeiro, coordenado pelo Laboratório de Sociologia do Trabalho da Universidade Federal de Santa Catarina (Lastro/UFSC), ouviu 7.029 jornalistas de todas as unidades da Federação e concluiu que 67,8% dos profissionais da área em atuação no Brasil são brancos; 20,6%, pardos; 9,3%, pretos; e 1,3%, amarelos. O desequilíbrio é evidenciado quando cruzamos os dados das pesquisas com os números divulgados no censo de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). De acordo com o censo, 55,5% da população brasileira se identifica como negra (10,2% se diz preta e 45,3%, parda); 43,5% se identifica como branca.

Já o relatório Raça, gênero e imprensa: quem escreve nos principais jornais do Brasil? (Referência, ano), vinculado ao Grupo de Estudos Multidisciplinares de Ação

---

[40] Aqui, Muniz Sodré (1999) refere-se, em seus termos, à "grande mídia". O autor, em *Claros e escuros: Identidade, povo, mídia e cotas no Brasil,* também dá destaque a iniciativas comunicacionais periféricas encabeçadas por pessoas negras e compostas por conteúdos destinados a pessoas negras.

[41] PERFIL do jornalista brasileiro 2021: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho. Samuel Pantoja Lima (Coord. Geral) ; Jacques Mick ... [et al.]. 1. ed. Florianópolis: Quorum Comunicações, 2022.

[42] PORTELA, Poema; SÁ, Izabele; FERES JÚNIOR, João; LEMOS, Fernanda & MINA, João Pedro. Raça, gênero e imprensa: quem escreve nos principais jornais do Brasil? (Gemaa), IESP-UERJ, 2023, p. 1-21.

Afirmativa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Gemaa/Uerj), traz dados ainda mais díspares ao concentrar análise nos três jornais considerados os maiores do Brasil em termos de circulação (a Folha de S.Paulo, O Estado de São Paulo – ambos com sede na capital paulistana – e O Globo, sediado na cidade do Rio de Janeiro): 84,4% dos jornalistas que compõem essas equipes são brancos; 6,1%, pardos e 3,4%, negros. Nesse contexto, lembramos que

> os editorialistas, articulistas, editores, colunistas, âncoras de tevê, etc., funcionam como filtro e sintetizam de variadas formas a ação e cognição presentes nas elites econômicas, políticas, culturais coexistentes num contexto social. Eles são responsáveis pela absorção, reelaboração e retransmissão de um imaginário coletivo atuante nas representações sociais (Esteves, Belem, 2020, p. 9)

Os dados aos quais recorremos nos parágrafos anteriores mostram como os espaços hegemônicos de representação estão imersos em uma teia regida pelo fenômeno da branquitude (Bento, 2022; Sovik, 2002). Cida Bento (2022, p. 18), diz que as instituições "regulamentam e transmitem um modo de funcionamento que torna homogêneo e uniforme não só processos, ferramentas, sistemas de valores, mas também o perfil de seus empregados e lideranças, majoritariamente masculino e branco (Bento, 2022, p. 18). No contexto da mídia brasileira, a branquitude funciona como "um polo de identificação, mesmo quando a palavra 'branco' não é pronunciada" (Sovik, 2002, p. 8); ou seja, o pacto citado por Bento (2022) ao longo de sua obra se faz presente também nas instituições ligadas à comunicação, que, costumam ocultar o caráter racializado do profissional branco – assim como acontece em outras esferas da sociedade – e tratar a alteridade como um fator inexistente, mas, ressaltando-a, paradoxalmente por meio de representações enviesadas.

Quando falamos da composição da mídia esportiva brasileira, especificamente, e da forma como assuntos relacionados a questões de gênero e étnico-raciais são tratadas, temos particularidades que precisam ser destacadas. Para Barreto Januário (2019, p. 15-16), "o consumo de mercadorias relacionadas ao espetáculo futebolístico participa do processo de construção e transmissão de valores sociais dos partícipes dessa cultura futebolística".

No caso do futebol, esporte que desde meados do século XX é predominante no noticiário esportivo e nas coberturas radiofônicas, televisivas e, mais recentemente, no streaming, há uma série de construções históricas particulares que sustentam regimes de

representação, e consequentemente hegemonias, até os dias atuais. Historicamente, a prática futebolística no Brasil é marcada por longos períodos de exclusão[43], no caso do futebol de mulheres (Barreto Januário, 2019), e de uma incorporação gradual do atleta negro que dialogou com a ideia da mestiçagem, da criação de uma identidade nacional que promovia uma suposta integração e pregava o apagamento das alteridades, como vimos com detalhes anteriormente, ao longo do primeiro capítulo.

Como consequência desses processos, somado a já citada dificuldade histórica atribuída a certos corpos de atravessar barreiras e ocupar espaços na mídia hegemônica, nota-se a escassez de mulheres (em especial negras), de pessoas transgênero e mesmo de homens negros nos espaços visibilidade ligados à cobertura esportiva[44][45][46]. As exceções, via de regra, são ex-atletas ou profissionais do futebol que são incorporados às equipes de transmissão, programas de debates e mesa redonda, entre outros programas.

Além da questão da representatividade, o problema da representação também se faz presente, assim como em um recorte mais amplo, no âmbito da cultura (Barreto Januário, 2019, 2023; Leal, 2020; Hylton, 2009) . Mais à frente, ao longo do terceiro capítulo, observamos, considerando as intersecções de diversas categorias, como esse problema se manifesta das formas mais sutis às mais explícitas. Sobre as representações das alteridades no âmbito da comunicação esportiva, Santos (2021) explica que

> como a representação está ligada ao sistema de hierarquização, aqueles que possuem o poder para representar e serem representados também acabam por determinar a identidade. Assim, a atenção maior à história de atletas brancos em detrimento a de negros, o processo de embranquecimento pelo qual jogadores pretos são submetidos, distanciando-os de suas raízes e características, e a perpetuação de um discurso que coloca a qualidade e comprometimento desses atletas em prova evidenciam a produção de sentido quanto a quem se encontra em posição de poder para representar os negros segundo seu próprio entendimento (Santos, 2021, p. 24)

---

[43] A prática do futebol por mulheres no Brasil foi vedada pelo decreto-lei nº 3.199/1941, que vigorou até 1975. O dispositivo em questão diz que "às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza". Posteriormente, em 1965, o futebol de mulheres voltou a ser objeto de um dispositivo de regulamentação quando o Conselho Nacional de Desportos (CND) proibiu, dessa vez citando nominalmente o futebol, a prática de esportes de contato por mulheres (Barreto Barreto Januário, 2019).

[44] CÉLIO, Amanda. A branquitude ultrapassada do jornalismo esportivo no Brasil. Revista AzMina. 27 nov. 2019. Disponível em: https://cutt.ly/EeyKfr1x. Acesso em 20 maio 2024.

[45] MENDONÇA, Renata. Ausência de rostos negros no jornalismo esportivo deveria incomodar. Folha de S. Paulo. 23 nov. 2020. Disponível em: https://cutt.ly/xeyKfsFh. Acesso em 20 maio 2024.

[46] MAGATTI, Ricardo. Narradores negros lutam para reduzir 'mar branco' nos canais esportivos. Notícias da TV. 20 nov. 2020. Disponível em: https://cutt.ly/WeyKfzeV. Acesso em: 20 maio 2024.

Apesar de serem problemas que afetam a mídia esportiva e possuírem raízes semelhantes, a problemática da representação – tanto dos regimes racializados de representação como das representações negativas ou escassas de corpos que fogem do padrão masculino e cisnormativo – não se justifica apenas pela ausência de representatividade. Da mesma forma, podemos dizer que a mitigação do problema da representatividade pode ser vista como a única solução possível para a interrupção de discursos atravessados por certas violências. Silvio Almeida (2019), chama a atenção para a importância da representatividade nas instituições no geral, mas faz ressalvas. Se, por um lado, configurações menos díspares no âmbito das instituições podem ajudar a "desmantelar as narrativas discriminatórias que sempre colocam minorias em loais de subalternidade" (Almeida, 2019, p. 85), por outro, "a representatividade é sempre institucional e não estrutural, de tal sorte que quando exercida por pessoas negras, por exemplo, não significa que os negros estejam no poder" (Almeida, 2019, p. 86).

Portanto, no âmbito da cobertura esportiva, entendemos que há, historicamente, uma disparidade marcada sobretudo por distinções raciais e de gênero. A ocupação de espaços hegemônicos de opinião e produção de conteúdos relacionados ao futebol reflete a história do esporte no Brasil; por isso, por mais que possamos observar uma diversificação gradual na área, a presença de mulheres (negras, em especial) e pessoas trans não é usual no universo da comunicação futebolística. No futebol, esses indivíduos ocupam – por uma série de configurações históricas, como as proibições envolvendo a prática do esporte por mulheres – um determinado *locus*, um "lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência" (Ribeiro, 2017, p. 64) No caso do homem negro, que possui maior inserção em outras esferas da prática futebolística em relação aos grupos citados no período anterior e podem seguir carreira na área, a presença na cobertura esportiva é maior, mas com ressalvas em relação à maioria branca. Em 2019, durante um debate no programa Redação SporTV, o narrador esportivo Júlio Oliveira destacou, ao vivo, as disparidades na área e deu um relato sobre sua vivência no ambiente de trabalho:

> É uma coisa que incomoda porque você vê brancos discutindo temas de negros porque falta representatividade de negros participando. A gente olha para nossa redação e é um mar branco, é um mar branco. Só que a gente trata de um seguimento, que é o esporte, que a essência é negra. No futebol o grande é negro, no basquete os maiores da história são negros, no tênis...Tivemos um negro hexacampeão mundial em um esporte de elite

> agora, que é o automobilismo. Só que para discutir esporte são brancos (NARRADOR, 2019)[47]

Tais disparidades refletem nas formas como determinados discursos, relacionados a problemas atravessados por questões étnico-raciais e de gênero, são tratados na cobertura esportiva; seja no que diz respeito a abordagens insatisfatórias sobre tais problemas, no afastamento de discussões que pautem os privilégios da branquitude no universo dos esportes, na reprodução de estereótipos raciais e de gênero e dos chamados regimes racializados de representação, entre outras consequências.

Diante de um cenário no qual o racismo se apresenta como um problema recorrente no futebol, cabe, ainda, uma provocação sobre como as instituições que regem o esporte mundial têm lidado com essa questão e com outros pontos referentes à defesa dos Direitos Humanos. Antes de ser oficialmente abordado por organismos ligados ao esporte, o problema do racismo já foi objeto de discussão e repúdio em diversas convenções e declarações promulgadas por organismos internacionais como a UNESCO, órgão vinculado à Organização das Nações Unidas (ONU), que, em 1978, promulgou a Declaração sobre Raça e Preconceitos Raciais. A declaração em questão diz, em seu terceiro artigo, que "é incompatível com as exigências de uma ordem internacional justa e que garanta o respeito aos direitos humanos, toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada na raça, a cor, a origem étnica ou nacional"[48]. Décadas mais tarde, em 2017, a FIFA (Federação Internacional de Futebol) publicou um documento relativo à política de Direitos Humanos da entidade que aborda a questão da discriminação racial no futebol. O documento, que faz referência a outro código elaborado pela própria entidade, atesta que

> O Artigo 4 dos Estatutos da FIFA proíbe qualquer tipo de discriminação contra um país, pessoa física ou grupo de pessoas com base em raça, cor da pele, origem étnica, nacional ou social, gênero, deficiência, idioma, religião, opinião política ou qualquer outra opinião, riqueza, nascimento ou qualquer outra condição, orientação sexual ou qualquer outro motivo[49].

---

[47] NARRADOR Júlio Oliveira discute falta de negros no jornalismo esportivo. UOL. São Paulo. 12 nov. 2019. Disponível em: https://cutt.ly/FeyKd9cb. Acesso em 21 maio 2024.
[48] UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Declaração sobre raças e preconceito racial (1978). Disponível em: https://cutt.ly/heCJziEm. Acesso em 1 dez. 2024.
[49] FIFA. FIFA's Human Rights Policy. 2017. Disponível em: https://cutt.ly/9eCJm9mp. Acesso em 1 dez. 2024.

Atualmente, a FIFA, por meio de declarações como as citadas acima e de outros debates sobre os direitos humanos, têm sido tratada como um organismo dotado de certa relevância quando se trata de discussões internacionais sobre questões do tipo. No início de 2024, a Federação tinha mais filiados que a própria Organização das Nações Unidas (211 da FIFA, 196 da ONU) e que o Comitê Olímpico Internacional (206 filiados)[50], que também discute, em tratados e documentos como a Carta Olímpica, questões ligadas aos direitos humanos no âmbito da prática esportiva. Portanto, dado o alcance e a relevância atribuída internacionalmente a organismos como a FIFA e o COI, espera-se que tais instituições se comprometam com a defesa de causas como o antirracismo e com a luta contra violências baseadas em discriminações de gênero.

Em maio de 2024, um pacote de ações focadas no combate ao racismo. Entre as medidas, estão a aplicação de punições esportivas, como o encerramento da partida na qual forem identificados atos de racismo e a derrota do time que estiver associado ao ato. A entidade criou ainda, um protocolo que inclui a adoção de um gesto (braços cruzados na altura dos punhos com as mãos abertas) para denunciar possíveis casos de racismo em campo à arbitragem da partida, que deve intervir[51]. A efetividade de tais ações poderá ser avaliada posteriormente, com um maior distanciamento temporal em relação à adoção das medidas.

No próximo capítulo, observamos como discursos que indicam a existência de regimes representacionais marcados por questões raciais aparecem em produtos midiáticos relacionados ao futebol, seja através de falas explicitamente discriminatórias (como observamos no corpus complementar, composto por notícias sobre casos de racismo na mídia esportiva) ou da reprodução de construções discursivas no qual o racismo não se manifesta de forma arraigada, mas se faz presente nas raízes de determinados enunciados (como os que destacamos entre o universo de falas que compõe o corpus principal desta pesquisa, composto pelas transmissões de dois amistosos da seleção brasileira de futebol masculino). Examinamos, ainda, como tais discursos são perpassados por marcadores de gênero, de modo que certas construções discursivas evocam a ideia de uma masculinidade negra idealizada.

---

[50] É VERDADE que a FIFA tem mais filiados que a ONU? Mundo Estranho. Fev. 2024. Disponível em: https://cutt.ly/beCJFX3b. Acesso em 10 dez. 2024.

[51] FERNANDEZ, Martin. Fifa adota punição esportiva por racismo e cria gesto para denúncia. Mai. 2024. Disponível em: https://cutt.ly/YeCJ2vDM. Acesso em 10 dez. 2024.

Capítulo 3. A mídia esportiva e as questões étnico-raciais

3.1 Percurso metodológico

Com o objetivo de colocar sob análise diferentes discursos atravessados por questões étnico-raciais e de gênero no âmbito da cobertura futebolística e observar como esses discursos acionam a questão da alteridade, recuperando, na maioria das vezes, outras construções discursivas que compõem os chamados regimes racializados de representação (Hall, 2016), elaboramos uma estudo que pode ser caracterizado como uma pesquisa documental, exploratória – pois "tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses" (Gil, 2008, p. 41) – e de abordagem qualitativa (apesar de quantificarmos, nos casos que compreendem as análises das transmissões futebolísticas ao vivo, a incidência de determinados termos e expressões; consideramos que, mesmo utilizando-se dessas técnicas, a abordagem qualitativa se sobrepõe).

Já o caráter documental desta pesquisa está relacionado à composição do nosso *corpus*, constituído por transcrições de transmissões televisivas e disponibilizadas, após as transmissões ao vivo, em plataformas digitais ou redes sociais. Tais transcrições aparecem como anexos ao fim desta dissertação. A análise é, ainda, amparada por dados incluídos nos Relatórios Anuais da Discriminação Racial no Futebol (2022, 2023), que reportam casos de racismo e discriminação de gênero a mídia esportiva entre 2021 e 2022.

A coleta dos dados que constituem o *corpus* foi baseada em uma amostragem por propósito (ou relevância), que diz respeito à seleção apenas de materiais que dizem respeito ao escopo da pesquisa dentro de um universo textual mais amplo (Sampaio; Lycarião, 2021). Nesse contexto, estabelecemos um *corpus* principal, composto por materiais em vídeo disponibilizados por usuários da rede social YouTube; trata-se de registros integrais de transmissões de partidas futebolísticas disputadas entre a seleção brasileira de futebol masculino e selecionados de outros países. As transmissões em questão somam um total 198 minutos (três horas e dezoito minutos) de material em vídeo.

Após os primeiros contatos com os objetos, foram realizadas decupagens que colaboraram com a identificação dos comentários que viriam a ser analisados. Posteriormente, esse processo de identificação dos enunciados foi corroborado através

da transcrição das três horas e dezoito minutos de vídeo e da análise do texto que resultou desse trabalho de transcrição. Então, nos dedicamos à análise das transcrições das transmissões em questão. Trata-se de um *corpus* composto por documentos que, somados, têm 77 páginas (cerca de 26 mil palavras e aproximadamente de 147 mil caracteres). As transcrições foram anexadas ao final desta dissertação.

Além das transmissões, utilizamos, na segunda seção deste capítulo, a análise de outros textos, que complementam o estudo das transmissões futebolísticas, adicionando uma relação contextual à análise das transmissões. A análise em questão é baseada em dados coletados e catalogados pelo Observatório Racial do Futebol (2022; 2023). Os Relatórios Anuais da Discriminação Racial no Futebol publicados em 2022 e 2023, nos fornecem casos nos quais discursos racistas foram proferidos na mídia esportiva, não possuindo relação direta com os jogos analisados.

3.1.1. Adotando uma metodologia interseccional

No âmbito desta pesquisa, entendemos que as identidades e as formas de opressão não são experienciadas de forma isolada, mas de maneira interconectada e interdependente (Collins; Bilge, 2021). Por isso, recorremos a uma metodologia de análise crítica interseccional, que implica não apenas o reconhecimento das interações entre diferentes categorias de identidade, mas também à observação de como essas categorias se conectam e influenciam as experiências individuais e coletivas (McCall, 2005); incluindo a identificação de padrões ou disparidades que surgem quando se olha para essas confluências.

Segundo Collins (2022, p. 74), são premissas orientadoras da maioria dos estudos que praticam a interseccionalidade:

> (1) raça, classe, gênero e sistemas semelhantes de poder são interdependentes e se constroem mutuamente; (2) a intersecção das relações de poder produz desigualdades sociais complexas e interdependentes de raça, classe, gênero, sexualidade, nação, etnia, capacidade e idade; (3) a localização social de indivíduos e grupos na intersecção das relações de poder influencia suas experiências e perspectivas no mundo social; (4) resolver problemas sociais em dado contexto regional, nacional ou global requer análises interseccionais.

Ao discorrer sobre os construtos centrais e premissas orientadoras que norteiam o pensamento paradigmático da interseccionalidade, Collins (2022) traz a relacionalidade, a importância do poder, o foco nas desigualdades sociais, a importância

do contexto social, a questão da complexidade dos projetos de conhecimento interseccional e o tema da justiça social como eixos centrais que costumam nortear as práticas de pesquisa orientadas pela interseccionalidade. Aqui, destacamos a ênfase na relacionalidade, que "muda o foco das qualidades essenciais que aparentemente estão no centro das categorias para os processos relacionais que se conectam" (Collins, 2022, p. 70). A autora afirma, ainda, que

> a importância analítica da relacionalidade na pesquisa interseccional demonstra como várias posições sociais (ocupadas por agentes, sistemas e arranjos estruturais políticos/econômicos) necessariamente adquirem significado e poder (ou a falta deles) em relação a outras posições sociais" (Collins, 2022, p. 70).

Outros temas centrais nas investigações críticas da interseccionalidade que podemos relacionar à nossa pesquisa são as análises das intersecções das relações de poder, que produzem "divisões sociais de raça, gênero, classe, sexualidade, capacidade, idade, país de origem e status de cidadania que, isoladas, dificilmente serão compreendidas de forma adequada" (Collins, 2022, p. 70). Na análise que desenvolvemos neste capítulo, parte das categorias citadas pela autora são acionadas para que possamos observar como, no campo em questão, como "os sistemas de poder coproduzem uns aos outros de modo que reproduzem tanto resultados materiais desiguais quanto às experiências sociais distintas que caracterizam as experiências das pessoas de acordo com as hierarquias sociais" (Collins, 2022, p. 71).

Assim, quando olhamos para os casos de discriminação marcados por componentes étnico-raciais, como os que compõem o *corpus* deste estudo, podemos observar uma série de aspectos que nos indicam a incidência de marcadores de gênero sobre esses discursos. Nas próximas seções deste capítulo, observamos como essas intersecções se manifestam no âmbito da cobertura esportiva; por ora, podemos citar, brevemente, como os componentes de gênero se fazem presentes em casos de racismo nos quais as vítimas são mulheres negras imersas em um ambiente tipicamente associado à masculinidade (como no caso das atletas da equipe de futebol de mulheres do Esporte Clube Bahia, vítimas de comentários racistas proferidos por profissionais da cobertura futebolística); ainda, destacamos (e mais adiante, nos aprofundamos nesse tópico) a relação entre o uso de determinados estereótipos direcionados aos homens negros no âmbito do esporte e a fixação das alteridades, bem como o reforço de certas expectativas de performances de gênero.

3.1.2. Os Estudos Críticos do Discurso (ECD)

Diante de uma série de episódios nos quais violências raciais, atravessadas por marcadores de gênero, acontecem no contexto da comunicação esportiva, construímos um corpus de análise – cujos objetos serão detalhados nas próximas páginas – e optamos por submetê-lo a uma investigação baseada nos Estudos Críticos do Discurso (ECD)[52]. Tal abordagem teórico-metodológica, como citamos no capítulo anterior, entende os discursos como práticas sociais contextualizadas. Assim, quando uma fala é pronunciada, pode-se dizer que o enunciador não a disse a partir de um repertório exclusivamente baseado em individualidades, mas o fez sob a influência de outros discursos – no que a análise discursiva chama de interdiscurso – e de aspectos como as relações de poder, o *locus* de enunciação, dos regimes de representação, entre outros fatores. É essa relação entre o discurso e os elementos contextuais (e, ainda, cognitivos, como aponta Van Dijk) que nos "ajudam a descortinar estruturas sociais abstratas nas quais estamos imersos" (Salles; Dellagnelo; 2019, s/p).

A escolha da abordagem proposta pelos ECD na análise conduzida neste trabalho está relacionada à premissa que aproxima o discurso, inclusive em suas estruturas mais sutis, e as problemáticas sociais que perpassam a organização social vigente, passando, ainda, por uma dimensão cognitiva da interação (Van Dijk, 2016). O estudo crítico do discurso, de acordo com Van Dijk (2016, p. s9) "deve basear-se em uma teoria multidisciplinar que [...] relacione estruturas discursivas com estruturas sociais para, assim, descrever e explicar como estruturas de poder e abuso de poder são discursivamente apresentadas e reproduzidas".

---

[52] Há similaridades entre a abordagem em questão e a Análise Crítica do Discurso (ACD), ou Análise do Discurso Crítica (ADC). Todavia, Entretanto, Van Dijk (2008) defende que tal abordagem não deve ser vista apenas como uma metodologia de análise do discurso qualquer, mas como uma perspectiva multidisciplinar sob a qual os pesquisadores são atravessados por uma preocupação com a relação entre os discursos e práticas abusivas de poder, bem como meios de resistência a lógicas de dominação sustentadas pelos discursos, as atuações das elites simbólicas, a moldagem das identidades a partir do discurso, entre outros aspectos. Ainda, destaca-se, no pensamento de Van Dijk (2016; 2008) em relação a outros autores da análise crítica, a inclusão de uma dimensão cognitiva entre o discurso e o impacto social por ele causado; no capítulo anterior, citamos como essa esfera cognitiva se insere nesse esquema trilateral (discurso-cognição-sociedade). Por esses motivos, utiliza-se uma terminologia mais ampla, que dá conta dessa multidisciplinaridade e cita os "estudos", no geral, não os restringindo apenas à esfera da análise discursiva. Pela relação de proximidade entre as linhas, que possuem inúmeros pontos em comum, acionamos, por vezes, autores vinculados à ACD, como Fairclough (2003) e utilizamos das suas contribuições, especialmente no que concerne à introdução das categorias de análise, que nos fornecem direcionamentos para a condução da etapa investigativa desta pesquisa.

Ainda, é válido destacar que os pesquisadores que optam por seguir a vertente dos ECD, segundo Van Dijk (2008), têm como característica a rejeição à ideia de uma neutralidade científica e a demarcação de um posicionamento explícito diante de problemas como o racismo e as violências de gênero, de modo que

> estudiosos dos ECD reconhecem e refletem sobre seus próprios compromissos com a pesquisa e sobre sua posição na sociedade. Eles não são conscientes apenas cientificamente de sua escolha de tópicos e prioridades de pesquisa, teorias, métodos ou dados, mas são também conscientes social e politicamente. Eles não meramente estudam os problemas ou formas sociais de desigualdade porque são coisas "interessantes" para estudar, mas também estudam com o propósito explícito de contribuir para uma mudança social específica em favor dos grupos dominados. Eles se examinam criticamente para observar se os resultados de sua pesquisa podem beneficiar a posição dominante dos grupos poderosos na sociedade (Van Dijk, 2008, p. 16).

Assim, ao adotarmos os ECD como uma das perspectivas teórico-metodológicas que norteiam esta pesquisa, nos colocamos no lugar dos "estudiosos críticos", descrito por Van Dijk (2008) no trecho citado acima. Tal demarcação, segundo o autor, não deve ser entendida como um fator prejudicial ao rigor da pesquisa, visto que "o não comprometimento político é também uma escolha política" (Van Dijk, 2008, p. 16).

Partindo, portanto, do entendimento de que "uma análise sistemática das estruturas discursivas é uma das formas mais poderosas para compreender como o racismo é reproduzido na sociedade"[53] (Van Dijk, 2010, p. 80, tradução nossa), examinamos o nosso corpus de análise a partir de uma série de direcionamentos apontados por Van Dijk (2016) e por Fairclough e Chouliaraki (1999) para a realização de uma análise discursiva crítica.

Ao destrinchar as contribuições destes últimos, que apresentam uma proposta teórico-metodológica da ADC (Análise do Discurso Crítica), Ramalho e Resende (2009, p. 105) afirmam que ela

> oferece ferramentas analíticas para o/a pesquisador/a mapear conexões entre aspectos semióticos e não-semióticos do social, tendo em vista dois objetivos principais. Primeiro, investigar mecanismos causais discursivos e seus efeitos potencialmente ideológicos. Segundo, refletir sobre possíveis maneiras de superar relações assimétricas de poder parcialmente sustentadas por (sentidos de) textos.

[53] No original: "un análisis sistemático de las estructuras discursivas es uno de los medios más poderosos para comprender cómo el racismo es reproducido en la sociedad" (Van Dijk, 2010, p. 80).

Primeiramente, reiteramos que nos interessam, acima de tudo, textos marcados por construções discursivas nas quais os marcadores étnico-raciais e de gênero se fazem presentes de formas mais "sutis", ou, como aponta Van Dijk (2010, p. 72, tradução nossa)[54], "as formas mais sutilmente estabelecidas de texto e fala que sequer são vistas como 'racistas' pelo entendimento dominante".

Para fins de análise, Van Dijk (2016) – ao elaborar uma análise textual de um editorial – parte de uma observação do contexto no qual a enunciação se insere. A existência do que ele chama de "parâmetros de contexto" abrange aspectos "macro" (como o veículo no qual foi proferida a fala, as circunstâncias temporais nas quais peças estão inseridas, a audiência à qual ela é direcionada e a intertextualidade, por exemplo), mas não somente; não se trata simplesmente dessa "descrição macrossociológica", como também abrange o "próprio modelo de contexto do escritor e dos leitores. Em outras palavras, a análise do discurso está totalmente integrada com uma análise cognitiva e social" (Van Dijk, 2016, s22). Nas próximas páginas, começamos, portanto, por uma análise contextual que considere o esquema discurso-cognição-sociedade, proposto por Van Dijk (2016). Para isso, situamos cada um dos textos em seu contexto comunicacional, destacando particularidades e, sobretudo, similaridades entre os discursos em questão e outras construções discursivas frequentemente acionadas no contexto da comunicação esportiva. Ainda, olhamos para o perfil do receptor e dos próprios comunicadores, em uma tentativa de abranger a dimensão sociocognitiva que se situa entre o discurso e suas implicações sobre a organização social.

De um ponto de vista mais amplo, baseamos a análise em um arcabouço teórico-metodológico da Análise do Discurso Crítica (Fairclough; Chouliaraki, 1999) que propõe um caminho para "investigações mais aprofundadas de mecanismos discursivos e seus potenciais efeitos ideológicos em práticas sociais" (Ramalho; Resende, 2009, p. 106) através de cinco etapas que "conjugam análises social e discursivamente orientadas" (Ramalho; Resende, 2009, p. 106).

Quadro 1 - Arcabouço teórico-metodológico da ADC

Percepção de um problema social com aspectos semióticos
Identificação de obstáculos para que o problema seja superado: análise da conjuntura

[54] No original: " las formas más sutilmente establecidas de texto y habla que ni siquiera son vistas como "racistas" por el consenso dominante" (Van Dijk, 2010, p. 72).

análise da prática particular análise de discurso
Investigação da função do problema na prática
Investigação de possíveis modos de ultrapassar os obstáculos
Reflexão sobre a análise

Fonte: Fairclough; Chouliaraki (1999 apud Ramalho; Resende, 2019, p. 106)

A etapa inicial está relacionada à identificação de um problema social com aspectos semióticos, na qual se define "a preocupação de pesquisa" (Ramalho; Resende, 2009, p. 106). Em um segundo momento, tem-se a fase da "identificação de elementos que representam obstáculos para a superação do problema" (Ramalho; Resende, 2009, p. 106), que engloba, primeiro, uma análise conjuntural mais ampla, não restrita ao objeto, mas que o situa como uma problemática imersa nesse contexto "macro"; e uma análise da prática particular em estudo a partir da combinação das análises da conjuntura e da prática particular à qual o estudo se dedica, constrói-se um embasamento para a realização da análise discursiva, garantindo que "os textos analisados sejam relacionados a suas causas mais amplas e a seu contexto particular, o que está de acordo com o princípio da profundidade ontológica" (Ramalho; Resende, 2009, p. 107). Na análise discursiva, buscamos estabelecer "conexões entre mecanismos discursivos e o problema em foco" (Ramalho; Resende, 2009, p. 108). Ainda, é importante destacar que a

> a análise do discurso é orientada, simultaneamente, para a estrutura e para a (inter)ação discursiva. Isto é, para os recursos sociais (ordens de discurso) que possibilitam [...] a interação, bem como para as maneiras como esses recursos são articulados em textos (Ramalho; Resende, 2009, p. 108).

Logo, além de olharmos para o contexto da enunciação (e para as características da interação)[55], também direcionamos nossos olhares para a realização de uma análise estrutural que compreende elementos textuais. Segundo Van Dijk (2008, p. 136), "tanto o texto escrito/impresso quanto a fala oral podem [...] ser analisados em vários níveis ou

[55] "A concepção de textos como parte de eventos específicos situa a análise textual na interface entre ação, representação e identificação, e ressalta a relevância do contexto de interação para análises discursivas" (Ramalho; Resende, 2009, p. 109).

através de diversas dimensões". Aqui, nos interessam apenas as estruturas verbais[56], já que a maior parte do corpus é composta por expressões ditas por comentaristas durante transmissões esportivas; o uso da imagem, portanto, não é um aspecto caro à análise que desenvolvemos.

Quanto à análise da fala (e também do texto em suas formas escritas), Van Dijk (2008) cita uma série de aspectos que podem ser observados ao longo do processo de análise; tais aspectos estão relacionados às estruturas sonoras (a entonação usada pelo enunciador, por exemplo), sintáticas (como quando, através de escolhas sintáticas, enfatiza-se a responsabilidade do sujeito por determinada ação; por exemplo, com os empregos das vozes passiva e ativa variando de acordo com a situação), lexicais (um dos pontos essenciais para a nossa análise), de dispositivos retóricos (como o uso de metáforas, metonimias, hipérboles, eufemismos, ironia, entre outras figuras de linguagem, que também se manifestam nas estruturas ligadas ao som ou à voz) ou da interação (o autor cita como exemplos situações nas quais o Outro é interrompido, ou mesmo impedido de falar em certos ambientes e ocasiões).

Fairclough (2003), por sua vez, cita a existência de diversas categorias para a etapa da análise discursiva textualmente orientada, das quais são relevantes ao nosso estudo a intertextualidade (se outros textos ressoam sobre o enunciado analisado e como isso acontece)[57], a interdiscursividade (observar que discursos são articulados no texto e como ocorre essa articulação, bem como os traços semânticos que indicam o interdiscurso, como a repetição de determinados termos) e a representação de eventos sociais (como certos episódios são representados em cenários atravessados por hierarquias de gênero e raça, por exemplo).

A partir da análise combinada de alguns desses aspectos textuais, bem como dos contextos nos quais os enunciados que compõem o nosso corpus estão imersos,

---

[56] As estruturas não-verbais, no entanto, também podem ser carregadas de sentidos negativos sobre o outro. Hall (2016), ao explorar o campo das representações, traz diversos exemplos de como imagens (sejam elas fotografias, ilustrações, ou outros tipos de comunicações não-verbais) reforçam determinados estereótipos raciais no campo dos esportes.

[57] A intertextualidade também pode se materializar através do que Fairclough (2003) chama de "pressupostos". Salles e Dellagnelo (2019, s/p) explicam que. na concepção de Fairclough, "os textos, inevitavelmente, envolvem pressuposições já que o que é dito num texto sempre está relacionado àquilo que é tomado como dado pelo autor, que foi lido, pensado e/ou ouvido precedentemente. Dessa maneira, como uma das formas de intertextualidade, os pressupostos conectam um texto a outros textos, não a textos específicos, mas ao mundo dos textos". No mesmo sentido, Ramalho e Resende (2009, p. 171) afirmam que "o discurso relatado atribui o dito a seu autor, mas a incorporação de elementos de outros textos também pode ser feita sem atribuição explícita".

pretendemos explorar, sobretudo, os possíveis significados representacionais (Fairclough, 2003; Ramalho; Resende, 2009; Salles; Dellagnelo, 2019) contidos nos discursos que selecionamos como objetos de estudo. Sobre o significado representacional, Salles e Dellagnelo (2019, s/p) explicam que o mesmo

> está relacionado a forma como aspectos do mundo físico e social estão representados em textos. Nesta perspectiva, importa notar que aspectos particulares do mundo podem ser representados de maneiras diversas e envolvem, em algum grau, aspectos ideológicos. Isso significa que diferentes discursos são diferentes perspectivas do mundo que estão associadas a diferentes relações que as pessoas estabelecem com o mundo e que estabelecem com outras pessoas (Salles; Dellagnelo; 2019, s/p)

O arcabouço teórico-metodológico da ADC (Ramalho; Resende, 2009; (Fairclough; Chouliaraki, 1999) traz, ainda três etapas que sucedem a análise; são elas as "investigações sobre as funções do problema na prática, e as possíveis maneiras de superar os obstáculos, identificados em fase anterior" (Ramalho; Resende, 2009, p. 109). Por último, propõe-se um estágio final no qual os pesquisadores desenvolvem uma reflexão sobre a análise elaborada; nessa fase, "são avaliados limites e alcances da pesquisa assim como suas contribuições para pesquisas futuras" (Ramalho; Rezende, 2009, p. 110).

Com base nesses direcionamentos (e considerando que algumas categorias analíticas indicadas pelos autores vinculados aos estudos críticos podem ser omitidas em detrimento de outras a depender dos objetivos da análise de das características dos textos que compõem o corpus), submetemos os enunciados que integram nosso corpus principal (utilizando, também, algumas categorias de análise e orientações dos ECD e da ADC no corpus complementar) a um processamento analítico.

3.2 Discursos racistas na mídia esportiva: um levantamento

Entre 2021 e 2022, ao menos treze casos de discriminação racial no âmbito do futebol brasileiro tiveram profissionais da imprensa esportiva como enunciadores de discursos que, de diferentes formas, são permeados pelo racismo (Observatório, 2023; Observatório, 2022).

No biênio em questão, o Relatório anual da discriminação racial no futebol (Observatório, 2022) listou[58] os seguintes casos envolvendo comunicadores e atletas brasileiros:

Quadro 2 - Casos de discriminação racial envolvendo atores da imprensa esportiva e atletas (ou clubes) brasileiros

Ano	Descrição do episódio	Natureza do veículo onde foi proferida a ofensa
2021	"Circulou nas redes sociais prints de mensagens atribuídas ao escritor e jornalista Eduardo Bueno (Peninha), com cunho racista e homofóbico após a derrota do Grêmio para o Internacional. O comentário foi feito em um grupo de escritores gaúchos no WhatsApp. Na mensagem, o ex--comentarista esportivo do SporTV, chama o Internacional de "macaco" e o São Paulo de "bambi".	Internet (redes sociais)
2021	"Ao se referir ao atacante Lucas Braga, do Santos, o narrador Haroldo de Souza (Rádio GreNal) usou termos como "crioulinho", "moreno" e "cidadão de cor". O uso do termo pode ser enquadrado como crime de injúria racial".	Rádio
2021	"Jogadoras do Bahia foram alvos de comentários racistas em transmissão. A equipe de transmissão do site MyCujoo fez comentários preconceituosos sobre os cabelos das jogadoras durante a transmissão da partida. O comentarista, Edson Florão disse: "O Bahia, que está aí com a sua vantagem de estatura, com esses cabelos exóticos. Pelo menos meia dúzia (das jogadoras). A Nine (lateral-direita) tem o cabelo mais exótico, me parece, dessa equipe do Bahia". E o narrador da partida, Paulo Cesar Ferrarin, completou: "Verdade. Eu até 'tava' brincando com esses cabelos. Parece a Margareth Menezes (cantora), lá da Bahia".	Internet (streaming de vídeo)
2021	"O jogador Celsinho, do Londrina EC foi alvo de insultos racistas pelo comentarista da rádio de Goiânia que disse: "negócio imundo", em referência ao cabelo de Celsinho".	Rádio
2021	"Durante a partida, o narrador Cláudio Guimarães, da Rádio Clube do Pará, narrou um lance de Celsinho se referindo ao seu cabelo "com seu cabelo meio ninho de cupim para bater na bola"	Rádio

[58] Na tabela, citamos as descrições dos casos assim como constam nos relatórios, sem alterações.

2021	“O comentarista Pedro Ivo discutiu com o comentarista e ex-jogador Zé Elias, após fazer um comentário preconceituoso sobre as tatuagens e o cabelo rastafári do jogador Danilo (Palmeiras). A discussão entre os dois teve início após Fábio Sormani dizer que alguns jovens atletas do Palmeiras “se deslumbram” e cita o cabelo rastafári de Danilo. Zé Elias seguiu o pensamento do colega e acrescentou que se tratava de um “desvio de foco”. Pedro Ivo, no entanto, não concordou com as opiniões e acabou discutindo com Zé Elias, argumentando que as tatuagens e o penteado são marcas com significados culturais”.	Televisão
2021	“O portal “Nosso Paraná RN” utilizou uma foto em que Usain Bolt está usando uma camisa na cabeça e cobrindo o rosto para representar os bandidos”	Internet (redes sociais)
2021	“O jornalista holandês Johan Derksen, durante o programa de De Oranjezomer proferiu ofensas racistas contra a goleira Bárbara, da Seleção Brasileira. O fato ocorreu durante a transmissão da partida entre Brasil e Holanda, nos Jogos Olímpicos de Tóquio. Johan Derksen disse na transmissão: “Essa goleira está acima do peso, não? É uma porca com um suéter. É uma zombaria total para a seleção brasileira. Ela realmente não defendeu uma bola decente.”.	Televisão
2022	“O portal brasileiro Jornalistas Livres, que se intitula como ‘jornalismo independente em defesa da Democracia e Direitos Humanos’, publicou uma charge considerada racistas. A caricatura foi publicada no Twitter e continha a imagem do argentino Lionel (com um enorme nariz) e Mbappé (com lábios avantajados), querendo saber quem ganharia a final da Copa do Mundo no Catar”.	Internet (redes sociais)
2022	“O jornalista Adroaldo Guerra Filho, conhecido como Guerrinha, da Rádio Gaúcha de Porto Alegre, proferiu opinião que propaga o racismo. Segundo o jornalista, o técnico Roger Machado tem “alma mais branca”. O jornalista falou ao vivo em um programa “que tem muito cara chato, mas tem preto que tem alma mais branca que a minha”, além de afirmar que não há técnicos ou dirigentes negros no futebol brasileiro por falta de competência”.	Rádio
2022	“Durante transmissão da Fórmula 1, o áudio do narrador Sérgio Maurício vazou e foi possível ouvir ele dizendo que os torcedores do Flamengo são ‘duros e favelados’”	Televisão
2022	“O comentarista espanhol Pedro Bravo, presidente da Associação de Agentes Espanhóis, comparou Vini Jr. a um macaco ao criticar a comemoração de	Televisão

	gol”	

Fonte: elaborado pelo autor com base em Observatório, 2023; Observatório, 2023

Estabelecemos, em meio a esse escopo, uma amostragem intencional. O corpus desta seção é composto por episódios que recuperam alguns dos discursos racistas mais recorrentes no contexto da cobertura futebolística, com base nos dados dos relatórios citados e de suas edições anteriores.

O primeiro caso envolve a equipe de futebol de mulheres do Esporte Clube Bahia. Em abril de 2021, em uma partida válida pela série A1 (primeira divisão) do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino, atletas do clube baiano foram vítimas de comentários racistas proferidos por profissionais envolvidos na transmissão da partida[59]. Durante a transmissão ao vivo, por meio da plataforma digital *MyCujoo*, o comentarista Edson Florão mencionou os “cabelos exóticos” e a “vantagem” na estatura das jogadoras da equipe nordestina, composta, em sua maioria, por mulheres negras. “O Bahia, que está aí com a sua vantagem de estatura, com esses cabelos exóticos. Pelo menos meia dúzia (das jogadoras). A Nine (lateral direita) tem o cabelo mais exótico, me parece, dessa equipe do Bahia” (Observatório, 2022), disse o comentarista, referindo-se aos cabelos crespos das atletas. O comentário, que coloca os corpos em questão em um lugar associado ao exotismo (Souza, 1990), chegou a ser endossado pelo narrador, Paulo Cesar Ferrarin: “Eu até ‘tava’ brincando com esses cabelos. Parece a Margareth Menezes (cantora), lá da Bahia” (Observatório, 2022).

Após a transmissão, a Confederação Brasileira de Futebol emitiu uma nota de repúdio aos “comentários preconceituosos” proferidos pela equipe de transmissão e pediu o afastamento dos profissionais à plataforma MyCujoo, que acatou a recomendação e afirmou que “todas as equipes de transmissão recebem orientações prévias para que esse tipo de situação não aconteça”[60]. Já o Esporte Clube Bahia publicou um vídeo institucional em repúdio às atitudes da dupla envolvida na transmissão; a peça, compartilhada nas redes sociais do clube, contou com a participação de atletas e da cantora Margareth Menezes[61].

[59]JOGADORAS do Bahia são alvo de comentários racistas em transmissão. Correio. Salvador. 25 abr. 2021. Disponível em: https://cutt.ly/KwJaLglk. Acesso em: 4 jul. 2024.
[60] CBF se manifesta contra fala racista em transmissão do Brasileirão Feminino. Gazeta Esportiva. São Paulo. 26 abr. 2021. Disponível em: https://cutt.ly/Nw21zb48. Acesso em: 4 jul. 2024.
[61] COM JOGADORAS e Margareth Menezes, Bahia se posiciona após racismo em transmissão. ESPN. São Paulo. 26 abr. 2021. Disponível em: https://cutt.ly/aw21zPXV. Acesso em: 4 jul. 2024.

O episódio, que culminou com o afastamento dos dois homens das transmissões do Brasileirão Feminino, possui um componente de gênero indissociável. Collins e Bilge (2021) definem a interseccionalidade – conceito previamente abordado, diretamente sob este termo ou não, na obra de outras autoras como Crenshaw, hooks, Davies, Carneiro e Gonzalez – como uma abordagem análitica que considera que categorias como raça, gênero, classe, orientação sexual, entre outras, devem lidas como categorias que "se sobrepõem e funcionam de maneira unificada" (Collins; Bilge, 2021, p. 15). Na sociedade brasileira – e, por conseguinte, no contexto da prática esportiva no País –, as mulheres negras foram colocadas, historicamente, em uma situação de vulnerabilidade, sob "uma espécie de asfixia social com desdobramentos negativos sobre todas as dimensões da vida" (Carneiro, 2011, p. 127). Como herança das estruturas coloniais que fundaram a formação social brasileira – apontadas por Sueli Carneiro (2020) como "o 'cimento' de todas as hierarquias de gênero e raça presentes em nossas sociedades" – tal segmento da sociedade foi constantemente associado a práticas laborais, como pontua Lélia Gonzalez (2020). Nesse processo, ainda, destacam-se violências relacionadas à questões estéticas com premissas que se abarcam num ideal dominante de beleza (Moreno, 2008), de modo que, no processo de construção das alteridades, do Outro incompatível com os padrões de brancura, "as marcas visíveis dos corpos se convertem em motivos para a discriminação racial e para a opressão" (Fonseca; Guzzo; 2018, s/p)[62]. Cabe ressaltar ainda que estas questões que marcam o corpo, numa perspectiva de gênero, é catapultada para ataques misóginos que versam sobre a hipersexualização do corpo feminino e o racismo observado na hierarquização das características de raça, para além das questões de sexualidade, por exemplo.

Tais "marcas visíveis" são, de acordo com Souza (1990), frequentemente acionadas em discursos racistas. Enunciados como os descritos anteriormente nesta seção podem ser relacionados ao regime representacional que a autora chama de "mito negro", que, no episódio em questão, é evocado a partir da relação estabelecida pelos comentaristas entre os corpos negros e o exotismo. Ainda, percebemos a influência da estereotipagem (Hall, 2016) a partir do momento em que a equipe de transmissão destaca uma suposta vantagem física dos atletas negros na partida, recuperando discursos que limitam os jogadoras negras a capacidades estritamente ligadas a aspectos

[62] No original: "las marcas visibles de los cuerpos se convierten en motivo de discriminación racial y de opresión".

da corporalidade; tais discursos são comumente reproduzidos no âmbito da cobertura esportiva e foram objeto de estudo em diversas ocasiões (Hall, 2016; Hylton, 2009).

Ao discorrer sobre o chamado "racismo cotidiano", Grada Kilomba (2019) fala, em primeira pessoa, dos efeitos que ataques semelhantes aos sofridos pelas atletas do Bahia, taxadas como "exóticas" na ocasião, podem ter sobre a mulher negra e sobre a construção das suas subjetividades:

> Toda vez que sou colocado como "outra" – seja a "outra" indesejada, a "outra" intrusa, a "outra" perigosa, a "outra" violenta, a "outra" passional, seja a "outra" suja, a "outra" excitada, a "outra" selvagem, a "outra" natural, a "outra" desejável ou a "outra" exótica –, estou inevitavelmente experienciando o racismo, pois estou sendo forçada a me tornar a personificação daquilo com o que o *sujeito branco* não quer ser reconhecido (Kilomba, 2019, p. 78).

Kilomba (2019) ainda aborda, em "Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano", a questão dos cabelos lidos pela branquitude como "sinais repulsivos da negritude", como podemos observar no caso supracitado. A autora chama atenção para o fato de determinados penteados, em certos contextos, são carregados de um posicionamento político:

> Mais do que a cor da pele, o cabelo tornou-se a mais poderosa marca de servidão durante o período de escravização. Uma vez escravizadas/os, a cor da pele de africanas/os passou a ser tolerada pelos senhores *brancos*, mas o cabelo não, que acabou se tornando um símbolo de "primitividade", desordem, inferioridade e não-civilização. O cabelo africano foi então classificado como "cabelo ruim". Ao mesmo tempo, *negras* e *negros* foram pressionadas/os a alisar o "cabelo ruim" com produtos químicos apropriados, desenvolvidos por indústrias europeias. Essas eram formas de controle e apagamento dos chamados "sinais repulsivos" da *negritude*. Nesse contexto, o cabelo tornou-se o instrumento mais importante da consciência política entre africanas/os e africanas/os da diáspora. (Kilomba, p. 126-127).

O uso do discurso em questão em um produto midiático ainda denota a existência de relações de poder no ecossistema que compreende as práticas esportivas. Aqui, destacamos o caráter simbólico do poder, como apontado por Hall (2016), visto que determinados atores se veem autorizados, como aponta o autor, a representar o outro a partir da lógica da diferenciação, reforçando os chamados regimes racializados de representação (Hall, 2016).

Meses após o caso envolvendo as atletas do Bahia, dois comentaristas da ESPN Brasil foram acusados de racismo nas redes sociais. Em um programa no estilo mesa redonda, o jornalista Fábio Sormani e o comentarista Zé Elias, ex-jogador profissional

de futebol, teceram críticas a dois atletas negros que, à época, atuavam pela Sociedade Esportiva Palmeiras (SP). As críticas feitas por Sormani, entretanto, relacionavam uma suposta "falta de foco" e uma "queda de rendimento" dos jogadores Danilo e Patrick de Paula a intervenções estéticas realizadas pela dupla; na ocasião, um dos atletas adotou um penteado com dreadlocks. No debate transmitido ao vivo, o comentarista falou:

> Você vê o Danilo com o cabelo rastafári… os caras estão deslumbrados. O Patrick de Paula foi pego em uma quebrada aí durante a noite e foi afastado. Precisa ver como é que essa molecada está se comportando. O meu meio campo do Palmeiras é Danilo e Patrick de Paula, mas esses caras não estão entregando. E por que esses jogadores não estão entregando? É chuteira colorida, rastafári, fitinha… divisão do foco. [...] Ao invés de passar seu tempo estudando o adversário, você passa seu tempo na frente do espelho olhando o rastafári (Fórum, 2021, s/p)[63];

Há, nas falas dos comentaristas, marcas de um processo de infantilização comumente acionado no universo do futebol dos homens. Sandra Corazza (2000) observa a infantilização do homem adulto, a que chama de "poder infantilizador", que fomenta a docilização de subjetividades e identidades, fazendo com que o sujeito seja entendido como vulnerável ou incapaz. Como exemplo emblemático disso está a referência da mídia ao "Menino Ney", em relação ao jogador Neymar Júnior[64]. Essa infantilização, especialmente em casos como o exposto no parágrafo anterior, coloca os sujeitos em uma posição de inaptidão, de "deslumbramento" – termo usado pelo comentarista para se referir à dupla de atletas do Palmeiras – diante de determinadas situações.

Se por um lado há a infantilização típica das masculinidades de forma geral, especialmente no discurso midiático, há, ainda, uma tratativa diferenciada ligada às masculinidades negras. Neste sentido, o homem negro precisa performar uma virilidade hiperbólica, no qual a potência do seu corpo seja matéria de sua diferenciação (Gonzalez, 2020), não cabendo "queda de rendimento". Ao discorrer sobre os processos de racialização e a construção das subjetividades, Faustino (2014) aborda os impactos que a chamada "reificação racializada" exerce sobre os homens negros. Se "'Ser negrão de verdade' implica [...] ter habilidades para os esportes e outras tarefas manuais, ter força física descomunal [...] ser "macho ao quadrado" em todas as situações exigidas, e

[63]ZÉ ELIAS e Sormani cometem racismo ao comentar cabelo de jogadores do Palmeiras. Revista Fórum. 27 set. 2021. Disponível em: https://cutt.ly/XwJaBzl9. Acesso em: 4 jul. 2024.
[64]A NOITE de gala do Menino Ney. Correio Braziliense. Brasília. 13 jan. 2020. Disponível em: https://cutt.ly/Aw92qI9D. Acesso em: 4 jul. 2024.

só a partir desses atributos ser reconhecido" (Faustino, 2014, p. 91), pode-se observar que as masculinidades que apresentarem supostos desvios a essas expectativas, que não corresponderem a esses estereótipos, serão alvo de críticas – como observamos no caso em questão – e podem vivenciar, segundo o autor, "um sofrimento psíquico intenso, pois além de não ser reconhecido como homem por ser negro, não consegue ser reconhecido como homem negro em todos os atributios reificados que envolvem este reconhecimento" (Faustino, 2014, p. 92).

Assim, torna-se evidente o racismo atrelado à identidade negra e à ideia estereotipada em torno do homem negro, num processo de subalternização das masculinidades negras (Carneiro, 2020). Ao destacar os dreadlocks dos jogadores, os comentaristas revelam como a constituição de uma identidade autônoma se vê impedida, já que o modelo de identificação normativo-estruturante é o do homem branco e de sua cultura, como propõe Isildinha Nogueira (2021).

Em outra ocasião, o jornalista Adroaldo Guerra Filho, conhecido popularmente como Guerrinha, da Rádio Gaúcha de Porto Alegre, afirmou que o treinador Roger Machado – então vinculado ao Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense (RS) – tinha "a alma mais branca" que a dele (Observatório, 2023). O caso, que aconteceu em agosto de 2022 e ganhou repercussão nas redes sociais digitais, pode ser lido como um exemplo de como a brancura costuma ser colocada em um lugar de referência, de humanidade. A afirmação feita pelo comentarista, por exemplo, traz, nas entrelinhas, um dito racista: corpos que se distanciam do padrão estabelecido pela branquitude, via de regra, não possuem a chamada "alma branca" e, portanto, devem ser considerados maus exemplos.

Os possíveis efeitos de discursos como os que foram reproduzidos ao longo desta seção estão relacionados, entre outros fatores, à fixação da alteridade e à consequente hierarquização com base na aproximação ou no distanciamento dos corpos em relação a um padrão de brancura. Sobre o processo de construção do Outro a partir da alusão constante às diferenças, Kilomba diz, a partir de uma série de questionamentos, que o "processo de discriminação" ocupa um papel central na diferenciação:

> Quem é "diferente" de quem? É o *sujeito negro* "diferente" do *sujeito branco* ou o contrário, é o *branco* "diferente" do *negro*? Só se torna "diferente" porque se "difere" de um grupo que tem o poder de se definir como norma - a norma *branca*. Todas/os aquelas/es que não são brancas/os são construídas/os então como "diferentes". A branquitude é construída como ponto de referência a partir do qual todas/os as/os *"Outras/os"* raciais "diferem Nesse

> sentido, não se é “diferente”, torna-se “diferente” por meio do processo de discriminação. (Kilomba, 2019, p. 75)

Nesse processo de fixação da alteridade através dos regimes racializados de representação, é fundamental direcionar o olhar a quem ocupa os espaços hegemônicos de representação. O estudo *Raça, gênero e imprensa: quem escreve nos principais jornais do Brasil?* (Portela; Sá; Feres Jr.; Lemos; Mina, 2023), citado no primeiro capítulo desta pesquisa, aponta as disparidades entre profissionais identificados como brancos e os que se enquadram em outras identidades raciais no âmbito das principais redações do País. Há, portanto, indícios que apontam para a predominância, no âmbito da produção jornalística brasileira (incluso o jornalismo esportivo). de vozes atravessadas por pontos de vista que se aproximam daqueles que são produzidos e constantemente reproduzidos pela branquitude. Tal predominância pode acarretar uma série de implicações práticas, como a adoção de abordagens insuficientes quando se trata problemas étnico-raciais, o afastamento de determinados assuntos das pautas, a estereotipagem e o acionamento constante dos regimes racializados de representação.

3.3 A estereotipagem em transmissões de futebol: uma análise discursiva

Como uma resposta aos casos de racismo direcionados ao atleta Vinícius Júnior, então vinculado ao Real Madrid CF, da Espanha, em maio de 2023[65], a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) organizou duas partidas de caráter amistoso contra seleções africanas. Os jogos, cujos adversários foram as seleções de Guiné e Senegal, foram disputados na Espanha (no Estádio Cornellà-El Prat, em Barcelona) e em Portugal (no Estádio José Alvalade, em Lisboa). No contexto da realização dos amistosos, a CBF foi alvo de críticas pela escolha dos locais onde ambos foram disputados[66]. As arquibancadas espanholas, de onde ecoaram agressões racistas direcionadas a um dos principais atletas brasileiros à época, foram, contraditoriamente, escolhidas como sedes de eventos envolvendo a seleção brasileira de futebol masculino. Posteriormente, em março de 2024, os brasileiros voltaram a um estádio localizado na Espanha, o Santiago Bernabéu, casa do Real Madrid, para outro amistoso, desta vez contra a seleção anfitriã. O jogo contra a Espanha também foi realizado sob o mote do combate ao racismo,

[65] GE. Racismo contra Vinícius Júnior: veja tudo sobre o caso. Madri, maio 2023. Disponível em: https://cutt.ly/bwioNAPR. Acesso em 4 jul. 2024..
[66] ROMÃO, Bruno. Torcedores detonam “estádio vazio” na Espanha em Brasil x Guiné: “Parabéns, CBF”. Torcedores.com. 17 jun. 2023. Disponível em: https://cutt.ly/kegHFwtH. Acesso em 10 jul. 2024.

apesar da tibieza dos europeus na adoção de medidas efetivas para contra os atos discriminatórios[67].

Nos jogos contra Guiné e Senegal, a entidade promoveu uma série de ações "antirracistas". Além de ter entrado em campo com um uniforme preto na primeira partida, contra Guiné, a CBF promoveu as seguintes ações:

> toda adesivação do estádio e protocolo de jogo em preto e branco; [reprodução de] músicas de artistas pretos, desde a abertura dos portões, no som do estádio; vídeo no telão de combate ao racismo antes de os jogadores entrarem em campo; um minuto de silêncio contra o racismo; regressiva de 10 segundos para o apito inicial mostrando mãos de atores pretos; jogadores sentados no gramado no apito inicial (CBF, 2023, s/p)[68].

A eficácia e a pertinência das ações promovidas pela CBF nos dois amistosos realizados pela seleção brasileira de futebol masculino em junho de 2023 devem ser questionadas; no entanto, os objetos de análise nesta pesquisa são as transmissões televisivas das duas partidas. Na cobertura dos amistosos, pretendemos verificar a recorrência (ou a ausência) da reprodução de estereótipos raciais em comentários da equipe de transmissão relacionados às equipes de Senegal e de Guiné, cujos plantéis eram, na ocasião, compostos integralmente por atletas negros.

As transmissões das duas partidas foram realizadas pelo canal pago SporTV, do Grupo Globo[69], nos dias 17 e 20 de junho. Trata-se de coberturas ao vivo realizadas por um dos principais canais esportivos do Brasil, com transmissões disponíveis via operadoras de TV a cabo e pela plataforma de streaming Globoplay. No SporTV, os jogos foram narrados por Milton Leite (contra Guiné) e Luiz Carlos Júnior (contra Senegal), com comentários dos jornalistas Paulo César Vasconcellos e Grafite (ambos no jogo contra Guiné) e Lédio Carmona e Pedrinho (contra Senegal). Além da relevância do canal, especializado em coberturas do tipo, a escolha das transmissões em questão também está relacionada à disponibilidade dos vídeos na íntegra em plataformas digitais após o término da partida.

---

[67] PERAZOLLI, Lucas; ARANTES, Thiago; GOMES, Julio. Seleção faz amistoso contra o racismo, mas Espanha ainda não combate casos. UOL. 26 mar. 2024. Disponível em https://cutt.ly/NegHJw6H. Acesso em 11 jul. 2024.

[68] CBF. Seleção Brasileira faz história com jogo de combate ao racismo. Rio de Janeiro, jun. 2023. Disponível em: https://cutt.ly/TwioBxek. Acesso em 4 jul. 2024.

[69] Fundado em 1925, o Grupo Globo é o maior conglomerado de mídia e comunicação da América Latina e figura entre os 20 maiores do mundo. Entre as subsidiárias do grupo estão a Globo, Editora Globo, Sistema Globo de Rádio e Globo Ventures. A Globo, que além da TV tem focado em produtos digitais, se ramifica entre diversas filiais e canais especializados, como é o caso dos canais SporTV.

Aqui, pretendemos executar uma análise discursiva a partir dos comentários feitos pela equipe de transmissão do SporTV sobre características dos atletas das seleções africanas que enfrentaram o Brasil naquela "data Fifa"[70]. A partir de um levantamento do teor desses comentários, olhamos para o corpus a partir dos conceitos trabalhados nas seções anteriores desta pesquisa. Como direcionamento teórico-metodológico, adotamos a abordagem dos Estudos Críticos do Discurso (Van Dijk; 2008; 2010; 2016), adotando, ainda, algumas categorias analíticas propostas por teóricos da Análise Crítica do Discurso (Fairclough; Chouliaraki, 1999; Ramalho; Resende, 2009). Anteriormente, mencionamos que as duas abordagens possuem mais conexões que divergências, sendo a incorporação de uma dimensão sociocognitiva à relação entre o discurso e a sociedade o que distingue o enfoque de Van Dijk (2008; 2016).

Antes de entrar de vez na análise discursiva, retomamos uma contextualização que vem sendo feita desde o primeiro capítulo deste trabalho. Para Van Dijk (2016, p. s22), o estudo sistemático do discurso "não exige apenas uma análise das estruturas discursivas, mas também das estruturas do contexto, definidas como os parâmetros relevantes da situação comunicativa como é entendida pelos participantes em seus modelos de contexto". Essa análise, de acordo com as diretrizes apontadas pelo próprio autor, não pode ser restrita a uma "descrição macrossociológica", mas deve abranger o que ele chama de dimensão cognitiva da interação (Van Dijk, 2016); para isso, nos esforçamos para destacar aspectos que indicam possíveis influências de discursos hegemônicos no campo da comunicação esportiva sobre as formas como os indivíduos consomem tais produtos comunicacionais.

Em primeiro lugar, é preciso destacar que as coberturas de eventos futebolísticos – passando do rádio à televisão e, mais recentemente, pelo streaming – obedecem a certos padrões discursivos. Essas conexões entre diferentes textos podem ser percebidas pelas semelhanças na entonação dos narradores e comentaristas (mesmo que cada profissional possua particularidades, um estilo próprio, há certos aspectos que costumam figurar na maioria das transmissões, como o grito contínuo de gol ou uma mudança de tom em lances decisivos), pelo uso de um léxico característico do universo do futebol (que é alimenta e é alimentado, ao mesmo tempo, pelo público, que reproduz

[70] No futebol, as "datas Fifa" são espaços no calendário das competições de clubes que ficam reservados à prática do futebol de seleções. Nessas janelas, os principais jogadores de cada país costumam deixar seus clubes momentaneamente para juntar-se aos seus selecionados nacionais.

certos termos em situações informais e até cria, coletivamente, novas expressões), pela estrutura dialógica que se estabelece entre as figuras do narrador, do comentarista e dos repórteres, entre outras adjacências. Mesmo com mudanças constantes nas configurações da produção de conteúdo e do consumo na comunicação esportiva – cenário que "fundiu alguns gêneros e quebrou os cânones tradicionais ao adotar grupos híbridos de conteúdo de entretenimento" (Murtazina; Golokova; Berdysheva; Bojkova; Karazhaeva, 2022) – tais padrões são facilmente identificáveis por parte dos aficionados que acompanham o futebol por meio das telas ou das transmissões radiofônicas.

Nesse contexto, no qual uma espécie de mímese orienta os discursos incluídos nas coberturas esportivas, há uma série de interdiscursos que são constantemente evocados. A reprodução de ideias fortemente estabelecidas no universo futebolístico, portanto, permeia não só os diálogos cotidianos dos que acompanham o esporte, mas se fazem presentes em espaços aos quais é atribuído um viés de credibilidade, como a imprensa especializada. A idealização de um jeito de jogar futebol tipicamente brasileiro – no qual atributos como a ginga e o improviso se sobrepõem a uma racionalidade estrita e sem malemolência que são, supostamente, inerentes a outras nacionalidades (Paiva, 2013; Abrahão; Soares, 2009) – é, talvez, o maior exemplo de uma representação que possui ampla penetração nas mais diversas esferas do debate futebolístico.

No âmbito da imprensa, tais concepções são regularmente reproduzidas, como observamos nos casos das transmissões que compõem nosso corpus. Nas transmissões dos amistosos contra Guiné e Senegal, há comentários que fazem referência a esse estilo de jogo puramente brasileiro, característico de uma suposta identidade nacional e presente no imaginário da maioria dos que acompanham o esporte. O clamor pelo drible, pelo enfrentamento no "mano a mano" (ou "um contra um") ou mesmo pela individualidade, que levaria a um improviso quase inerente à figura do jogador brasileiro, está presente nas duas transmissões, como observamos mais adiante.

Seguindo as diretrizes contidas no arcabouço teórico-metodológico da análise do discurso crítica (Fairclough; Chouliaraki, 1999 apud Ramalho; Resende, 2019, p. 106), entendemos que após a análise conjuntural sobre o problema em questão, passamos à análise da prática particular e, posteriormente à análise do discurso em si. Nessa análise do objeto, em particular, estabelecemos uma série de relações entre os detalhes observados com o referencial bibliográfico que conectamos nos capítulos anteriores e com a análise conjuntural que traçamos a partir desse referencial e do nosso problema.

Tomando o percurso em questão como referência, realizamos, na etapa inicial, a escolha das transmissões com base nos critérios citados anteriormente nesta seção (alcance, relevância do canal, disponibilidade integral da partida em vídeo, importância esportiva e política dos jogos).

Passamos, então, à exploração do material, ou análise da prática particular (Fairclough; Chouliaraki, 1999 apud Ramalho; Resende, 2019). Nessa etapa, listamos todos os comentários das duas equipes responsáveis pelas transmissões das partidas entre Brasil x Guiné e Brasil x Senegal no SporTV que se relacionam, de alguma forma, a características, virtudes e/ou deficiências dos atletas a fim de observar a recorrência (ou a ausência) de determinados estereótipos raciais – em especial em relação aos atletas das seleções africanas, compostas inteiramente por jogadores negros – e de referências a um estilo de próprio do futebolista brasileiro. Partimos, ainda, do pressuposto que a transmissão brasileira da partida, naturalmente, concentra os comentários carregados de adjetivações nos atletas estrangeiros; já que assume-se que o público no Brasil já possui certa familiaridade com as características de jogo dos seus atletas, mas não necessariamente conhece os jogadores estrangeiros.

A análise das transmissões em questão compreende, em suma, alguns dos aspectos que Van Dijk (2008) indica para a realização de uma análise crítica. Primordialmente, nos dedicamos às estruturas lexicais, examinando o emprego de determinados termos e expressões, bem como as implicações desse uso e possíveis ressonâncias com outros discursos. Entretanto, também podem ser observados aspectos sintáticos, as chamadas estruturas sonoras (como a entonação utilizada pelo comunicador no momento da fala) e dispositivos retóricos. Ainda, empregamos as categorias analíticas sugeridas por Fairclough (2003), passando pela identificação de possíveis diálogos intertextuais e interdiscursivos e pela questão da representação.

A análise do vocabulário empregado, segundo Fairclough (2003), é uma das formas de observar como certas visões de mundo ou, nos casos por nós analisados, regimes de representação se manifestam nas construções discursivas. Citando Fairclough (2003), Salles e Dellagnelo (2019, s/p) afirmam que

> as maneiras particulares de representação de aspectos do mundo podem ser especificadas por meio de traços linguísticos que podem ser vistos como ‘realizando’ um discurso. Segundo Fairclough, o mais evidente desses traços distintivos é o vocabulário, pois diferentes discursos ‘lexicalizam’ o mundo de maneiras diferentes. Assim, a análise do *vocabulário* fornece uma rica evidência, já que as escolhas lexicais para compor um texto são feitas de

> modo que uma ideia/representação específica de mundo possa ser transmitida.

Considerando apenas a transmissão do jogo, em seu tempo regulamentar (do apito inicial ao fim do primeiro tempo e da retomada da partida ao fim da segunda etapa, sem o pré-jogo, escalações, entrada em campo, intervalo ou pós-jogo), registramos os comentários enunciados pelas equipes de transmissão e direcionados aos jogadores (ou às equipes como um todo) com algum tipo de atributo ou informação qualitativa. Para esta análise, não nos interessam comentários sem juízos de valor por parte dos comunicadores, como os que destacam em que clubes atuam os atletas, atributos quantitativos, como altura, idade e número de jogos pelas respectivas seleções, entre outros dados. Vale ressaltar, ainda, que além das falas relacionadas aos atletas e aos times, foram feitos comentários sobre a situação política de um dos adversários da seleção brasileira (na partida contra Guiné), sobre o histórico de partidas e desempenhos das seleções e, naturalmente, sobre os casos de racismo contra o atleta Vinícius Júnior[71].

Conforme os critérios explicitados no parágrafo anterior, listamos enunciados selecionados, marcando com a cor verde os termos que designam aspectos não relacionados à corporalidade e, em vermelho, características diretamente ligadas a aspectos físicos. Começamos, no quadro 3, pelos comentários ligados à seleção de Senegal; na sequência, no quarto quadro, elencamos as falas sobre a seleção brasileira no jogo contra os senegaleses. No quadro 5, por fim, catalogamos os comentários da equipe responsável pela transmissão do amistoso entre Brasil e Guiné, também seguindo os critérios que estabelecemos anteriormente.

Quadro 3 - Transcrição dos comentários direcionados aos atletas ou à seleção senegalesa de futebol masculino durante transmissão do amistoso contra o Brasil, em junho de 2023

Tempo de jogo	Transcrição do comentário
6:30 (1ºT)	"Brasil jogando bem, forte pelo lado esquerdo, e Senegal esperando um pouquinho e partindo rápido, em velocidade"
13:30 (1ºT)	"Esse é Sarr, tira a marcação do Ayrton Lucas; Sarr é um jogador forte…"

[71] Vinícius Júnior atuou como titular da seleção nos dois jogos. A ele, a cobertura esportiva atribuiu um status de protagonista dos eventos, visto que o mote dos amistosos era o repúdio às violências racistas direcionadas a Vinícius.

Tempo de jogo	Transcrição do comentário
17:12 (1ºT)	“Habib Diallo, muito rápido, muito veloz [...] ele está explorando muito a velocidade”
18:27 (1ºT)	“Sarr tá dando um trabalho aqui pela direita; grande, forte…”
21:16 (1ºT)	“Sabaly é um lateral que apoia muito bem, é muito rápido, muito técnico”
28’ (1ºT)	“Ciss de cabeça. Ciss dá combate. O time [de Senegal] briga[72] muito”
29:50 (1ºT)	“É muita gente chegando com velocidade, com boa técnica…” (sobre a equipe senegalesa)
30:14 (1ºT)	“Sabaly, que é um lateral-direito que encosta com muita qualidade.”
30:33 (1ºT)	“Sarr fisicamente é um jogador impressionante”
30:50 (1ºT)	“Sarr, talento precoce, já participou de três edições da Copa Africana de Nações”
34:21 (1ºT)	“E de novo o Sarr na jogada. De novo. O Ramon vai ter que ajeitar esse posicionamento no segundo tempo pra reforçar a marcação ali. Ele já é bom jogador. Muita qualidade”
39:41 (1ºT)	“Koulibaly é um armário do Chelsea, de 1,86”
44:30 (1ºT)	“Senegal finalizou mais, teve mais chances, mais velocidade…”
46’ (1ºT)	"A defesa segura de um goleiro muito grande [Mory Diaw]"
2:30 (2ºT)	“Mané, é o cara, o comandante a grande referência técnica desse time”
8:00 (2ºT)	“Senegal continua chegando com mais força, qualidade e repertório que o Brasil”
8:20 (2ºT)	“Quando você perde o controle de jogo para uma equipe de boa velocidade, jogadores rápidos e inteligentes, é ruim”
8:40 (2ºT)	“Na hora de construir, com os jogadores de velocidade que Senegal tem, você vai sofrer”
9:30 (2ºT)	"Gol de quem sabe, de quem conhece. Ele [Sadio Mané] joga muita bola!”
10:00 (2ºT)	“Se der espaço para jogadores rápidos e inteligentes, acima da média, vai sofrer dentro da partida”
14:13 (2ºT)	“Senegal, que tem como arma a velocidade, usa isso muito bem, e com muita capacidade técnica pra definir”
19:36 (2ºT)	19:36 - "Senegal chega ao gol e começa a dar uma intensidade forte, fazendo o Brasil correr para trás"
23:17 (2ºT)	"Quando Mendy surgiu foi comparado a Claude Makelele [...] pelo porte físico"
23:25 (2ºT)	"Mendy é até mais forte que ele, mas é um bom jogador também"

[72] “Brigar” aparece, aqui, no como uma figura de linguagem. No jargão futebolístico o termo é constantemente empregado para referenciar uma postura de insistência física do atleta.

Tempo de jogo	Transcrição do comentário
26:50 (2ºT)	"No segundo tempo, nesses enfrentamentos de mano a mano, o pé firme de Senegal tá prevalecendo sobre a seleção brasileira. Pé de ferro, né?! Eles levam vantagem em quase todas"

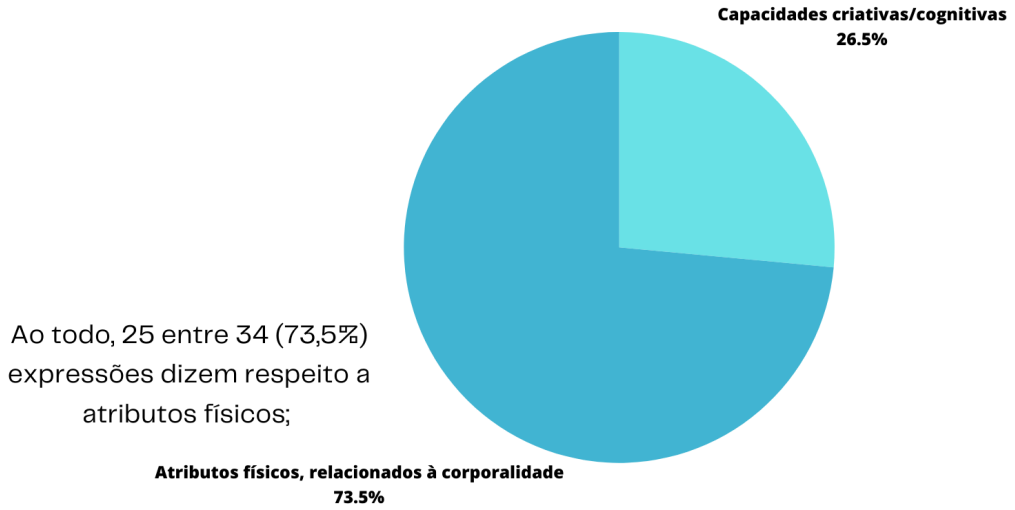
Fonte: elaborado pelo autor (2024)

Submetemos, então, os conteúdos extraídos da transmissão a um processo de categorização. A partir dos excertos destacados, estabelecemos duas categorias nas quais os termos ou expressões em questão se encaixam: os ligados a características físicas e os que não estão relacionados diretamente a aspectos da corporalidade.

Extraímos dos trechos citados no quadro 2, os termos "forte", que aparece em quatro ocasiões; "rápido", citado quatro vezes; "veloz"; "velocidade", mencionado seis vezes; "grande"; "técnico"; "qualidade", citado em três situações; "fisicamente"; "armário"; "referência técnica"; "inteligentes", duas vezes; "acima da média"; "porte físico" "briga" e "pé de ferro", citados uma vez, cada.

Ao todo, 25 entre 34 (73,5%) expressões dizem respeito a atributos físicos; apenas sete são referentes a capacidades criativas ou cognitivas.

Figura 1: Gráfico



Fonte: elaborado pelo autor (2024)

Atentamos, ainda, ao fato de que em seis dos nove enunciados que contêm algum tipo de expressão que se encaixe na segunda categoria, tais termos aparecem acompanhados de outros relacionados a características físicas. Desse modo, apenas três entre os vinte e cinco comentários destinados à equipe ou aos atletas senegaleses foram isentos de marcadores que colocam em evidência aspectos relacionados ao corpo.

Dessas articulações, podemos extrair que mesmo quando qualidades relacionadas à criatividade ou a qualidade técnica dos jogadores negros africanos são evidenciadas, elas aparecem de forma articulada com apreciações sobre força física, vigor e velocidade; nesses casos, a estereotipagem é acionada, ainda que de forma inconsciente, através de termos que representam um lugar comum em coberturas esportivas (Hall, 2016; Hylton, 2009) nas quais equipes do continente africano (ou atletas negros, naturais de outras localidades) estão envolvidas.

Ao analisar imagens de atletas negros que foram veiculadas em veículos jornalísticos e em peças publicitárias, Hall (2016), aponta que tais imagens só ganham

significado quando lidas dentro do contexto no qual elas estão imersas; ou seja, as imagens (aqui podemos estender às falas) não carregam um significado por conta própria. Sobre intertextualidade, Hall afirma que as imagens

> acumulam ou eliminam seus significados face às outras por meio de uma variedade de textos e mídias. Cada imagem tem seu próprio significado específico. No entanto, em um sentido mais amplo sobre como a 'diferença' e a 'alteridade' são representadas em uma determinada cultura, num momento qualquer, podemos ver práticas e figuras representacionais sendo repetidas, com variações, de um texto ou local de representação para outro (Hall, 2017, p. 150)

Essa abordagem é aqui adotada em diálogo com a forçada relação entre o corpo negro e a aptidão para tarefas relacionadas à potência física, à força (Hall, 2016; Vieira, 2003). Tal associação é fruto de articulações baseadas na distinção racial, abordada anteriormente, no primeiro capítulo deste trabalho. Stuart Hall (2016), ao discorrer sobre a noção de raça, explica que as "definições genéticas, biológicas e fisiológicas", embora sejam constantemente associadas ao racismo, são retomadas com frequência nos discursos de senso comum; nas palavras do autor, a definição biológica, fisiológica e genética de raça, convidada a se retirar pela porta da frente, tende a dar a volta e retornar pela janela. (Hall, 2013, s/p).

Silva (2014), no mesmo sentido, diz que "os discursos discriminatórios sobre o corpo negro, foram criados justamente a partir destas características físicas e por isso raciais, sendo ainda relacionados aos comportamentos e atitudes corporais" (Silva, 2014, p. 9);

Sobre a retomada de discursos que aludem à diferenciação, Hall (2016) – ao fazer uma análise de imagens veículadas na mídia esportiva e em anúncios publicitários envolvendo atletas negros de alto nível – afirma que as representações das diferenças nesses produtos são sustentadas por uma repetição de determinadas práticas e figuras representacionais, o que o autor chama de intertextualidade. A partir dessa articulação, o autor chega à noção de regime de representação, afirmando que "todo o repertório de imagens e efeitos visuais por meio dos quais a 'diferença' é representada em um dado momento histórico pode ser descrito como um regime de representação" (Hall, 2016, p. 150). No nosso caso, podemos dizer que determinados termos e expressões (nesse contexto, desempenhando o papel das "figuras representacionais") são retomados constantemente no âmbito do esporte, de modo que certos enunciados – como os que

constam na tabela acima – aludem a um repertório já conhecido e frequente na cobertura esportiva (Vieira, 2003; Hylton, 2009; MacNeill, 2006) e na cultura como um todo.

O autor explica que a estereotipagem, enquanto prática de produção de significados, desempenha um papel relevante na construção de representações baseadas na diferenciação racial. Hall (2016) explica o caráter nocivo desse processo afirmando que os estereótipos "se apossam das poucas características 'simples, vívidas, memoráveis, facilmente compreendidas e amplamente reconhecidas' sobre uma pessoa; tudo sobre ela é reduzido a esses traços que são, depois, exagerados e simplificados" (Hall, 2016, P. 191); o autor prossegue afirmando que "a estereotipagem reduz, essencializa, naturaliza e fixa a 'diferença'" (Hall, 2016, P. 191).

Acerca dos regimes racializados de representação, Stuart Hall (2016) se debruça, também, sobre uma questão fundamental às discussões sobre alteridade e representação: a necessidade que os seres humanos sentem de ler e diferenciar os corpos. Diante dessa necessidade, a diferenciação evocando a ideia de raça e sua "visibilidade" são constantemente acionadas:

> na medida em que estamos falando do sistema de classificação de diferenças, o corpo é um texto e somos todos leitores dele. E circulamos, olhando esse texto, inspecionando-o como críticos literários cada vez mais de perto para ver as diferenças mais refinadas, as tão sutis diferenças de metáfora. E quando isso não funciona começamos, como verdadeiros estruturalistas, a fazer uso das combinações. "Bem, com um permanente, sabe, um nariz não tão largo, com cabelos um pouco crespos, e se tenho um traseiro grandinho e sabe Deus mais o quê, talvez eu chegue a uma aproximação." Somos leitores de raça, isso é o que está rolando. Somos leitores da diferença social. E o cabelo é citado como se fosse definitivo, como se pusesse fim à discussão. "Você diz que raça é um significante, mas não é, não. O pessoal lá é diferente, dá para perceber que são diferentes!" Bem, essa obviedade, a própria obviedade da visibilidade de raça, é o que me convence de que isso funciona, porque isso está significando algo: é um texto que conseguimos ler. (Hall, 2013, s/p)

É nesse contexto de centralidade do corpo que a ideia de um corpo negro atrelado a atributos físicos é acionada em detrimento de atributos comumente relacionados a capacidades criativas (considerando jargões futebolísticos e adjetivos frequentemente empregados nesse contexto, podemos citar a "visão de jogo", a "capacidade de construção/criação", a "inteligência", a "técnica", a "força mental", entre outras construções discursivas semelhantes associadas a jogadores entendidos como "inteligentes" em campo). Vale dizer, que sob uma ótica foucaultiana da representação, segundo o próprio Hall (2016), o corpo "não é simplesmente o corpo

natural que todos os seres humanos sempre possuíram. Ele é produzido dentro do discurso, de acordo com as diferentes formações discursivas" (Hall, 2016, p. 92). A naturalização da diferença, de acordo com o autor, é uma das principais características das chamadas políticas racializadas de representação. Hall (2016) explica que, por trás da lógica da diferenciação pela naturalização, há uma tentativa de negar o caráter "cultural" das diferenças "entre negros e brancos" e "fixar a diferença" (Hall, 2016, p. 171): "Se elas [as diferenças] são 'naturais' [...], estão além da história, são fixas e permanentes" (Hall, 2016, p. 171) e, portanto, imutáveis.

É na corporalidade que a construção histórica do outro se manifesta. Nesse processo de instituição da diferença, os corpos negros são colocados, violentamente, em um lugar associado à primitividade, no qual as característica físicas, interpretadas como naturais, citadas anteriormente são ressaltadas no processo de fixação da alteridade, que coloca o homem branco em um lugar de centralidade, o Eu hegemônico (Carneiro, 2023). A recorrência de termos e expressões como "armário", "intensidade forte" e "pé de ferro", além de adjetivos como "rápido" e "veloz", como observamos no quadro 3, são exemplos de como essas características ligadas ao jogo corpóreo são evidenciadas no contexto da prática esportiva.

Nesse cenário, os estereótipos assumem um papel fundamental na construção de tipificações do Outro. Segundo Silva (2014), essas definições atribuem "ao corpo negro um significado/sentido na sociedade . Este sentido 'cercado' por preconceitos tem no corpo negro brasileiro a incorporação dos estereótipos defendidos desde os tempos coloniais" (Silva, 2014, p. 9).

No contexto do esporte, Vieira (2003) retoma pesquisas que indicam a predominância da ideia da potência física vinculada ao atleta negro no imaginário social, o que, de acordo com o autor, não guarda nenhuma evidência científica. Referindo-se ao contexto da prática esportiva de alto nível nos Estados Unidos, o autor afirma que, "em contrapartida desta superioridade física, atlética, do afro americano no esporte é dada pela crença na sua inferioridade com relação ao intelecto" (Vieira, 2003, p. 240), o que também se aplicaria ao cenário brasileiro. Sobre os efeitos desse processo de produção de significados, Vieira afirma que

> todos estes estereótipos, além de estigmatizar e rotular os jogadores negros, também servirão de alicerce e justificativa à centralidade no esporte, ou seja, vão fornecer argumentos para explicar o porquê os negros não são os mais indicados para ocuparem as posições centrais e mais importantes, com maior

> grau de decisão nos resultados e, consequentemente, maior status. (Vieira, 2003, p. 240).

Quando analisamos os comentários sobre atletas brasileiros e sobre a seleção do Brasil, como um time, notamos um equilíbrio maior em relação às duas categorias que estabelecemos anteriormente (os comentários relacionados a capacidades físicas e às capacidades criativas). Assim como nas falas listadas no quadro 3, notamos a associação de termos ligados a atributos físicos a jogadores negros, como a ênfase dada pela equipe à velocidade do zagueiro Marquinhos, à força do volante Joelinton e à rapidez do atacante Rony; enquanto, por outro lado, a "capacidade técnica", de "controle de jogo" e de "construção" de atletas como Raphael Veiga e Bruno Guimarães foram repetidamente citadas ao longo do duelo contra a seleção senegalesa, como podemos observar no quadro 4.

Quadro 4 - Transcrição dos comentários direcionados aos atletas da seleção brasileira em amistoso contra Senegal, em junho de 2023

Tempo de jogo	Transcrição do comentário
0'	Vini Júnior, garoto de apenas 22 anos, muito protagonista, muito bom jogador, personalidade fortíssima.
2' (1ºT)	"Brasil não tem o Casemiro, que é desfalque de última hora, mas tem o entrosamento do Bruno Guimarães e do Joelinton que jogam juntos"
3:15 (1ºT)	"É impressionante o protagonismo do Vini Júnior, o que já tinha acontecido em Barcelona [na partida anterior da seleção]. Ele é disparado o jogador mais cortejado, encosta na bola e o torcedor vai à loucura"
4:57 (1ºT)	"Vini [Júnior] é muito forte do lado, tem uma capacidade incrível no mano a mano"
7:15 (1ºT)	"Quem tem que fazer a cobertura quando o Ayrton [Lucas] tá lá é o Marquinhos, que tem velocidade mas já não é um jovem"
13:00 (1ºT)	"Brasil jogando bem pelos lados. Principalmente pelo lado esquerdo agora e obviamente pela direita com Malcom. Mano a mano é muito forte do Brasil, né. Tanto com o Malcom por um lado, quanto com o Vini do outro"
13:14 (1ºT)	"A gente falava do Paquetá e do Joelinton, da capacidade que eles têm de atacar espaços; não são construtores, não são jogadores de muita troca de passe, mas atacam espaços"
13:55 (1ºT)	"Ele [Ayrton Lucas] é um jogador muito agudo"

Tempo de jogo	Transcrição do comentário
19:45 (1ºT)	“Aí quando faz um balanço, demora um pouquinho nessa inversão rápida e proporciona o mano a mano. E eles [Malcom e Vini] são muito fortes no um contra um”
23:17 (1ºT)	"O Brasil está sofrendo um pouquinho do lado esquerdo, tem uma capacidade física grande, mas fica vulnerável na hora de defender"
24:50 (1ºT)	"Proporcionando essa virada na fase ofensiva com Vini [Júnior], o mano a mano dele é forte pelo lado esquerdo e o do Malcom pelo lado direito"
31:44 (1ºT)	"Ayrton, por mais que seja ofensivo, ele é um lateral, tem mais noção de marcação do que o Paquetá"
38’ (1ºT)	“Danilo pensando o lance, pensando a jogada”
40:20 (1ºT)	“Bruno [Guimarães] é o que mais tem essa capacidade, de tabelar, de passe curto…”
0:44 (2ºT)	“Joelinton, revelado pelo Sport [...] jogador forte”
8:22 (2ºT)	"Começar a pensar um pouco em mexidas, jogadores que têm um pouco mais de controle de jogo, como o Raphael Veiga"
9:25 (2ºT)	"[Richarlison] tem muito talento, muita possibilidade, muito de onde tirar, mas o momento dele não é bom"
11:50 (2ºT)	“Rony é rápido, se tiver, em algum momento, uma transição, ele vai usar a velocidade. Eu acho que é um Brasil que tenta propor o jogo, mas não tem esse jogador que segure a bola, que tenha a capacidade técnica que tem o Raphael Veiga”
15:50 (2ºT)	“Rony deu uma agitada no jogo, com velocidade; velocidade lá, velocidade aqui”
16:34 (2ºT)	“E olha o Rony, olha o que o Rony chega fazendo, o salseiro que o Rony chega criando”
22' (2ºT)	“Joelinton e Paquetá eles agridem muito os espaços; pra construir, o [Raphael] veiga tem mais capacidade"
47' (2ºT)	Mas a gente percebe, quando Senegal já está compactado atrás, que faltam muitas coisas, movimentos, obviamente que pelo tempo de trabalho, e a gente tira isso da conta do Ramon, movimentos organizados, mecanismos automatizados para facilitar as combinações, as trocas de passes. E a questão individual, da criatividade, do drible, do improviso, para furar um bloqueio desse”
47:30 (2ºT)	“Vinícius [Júnior], é o cara do improviso”

Fonte: elaborado pelo autor (2024)

No entanto, no caso das análises que cercam a seleção brasileira de futebol masculino, há um componente em específico que diferencia a abordagem dos comunicadores: o apelo constante a um suposto estilo de jogo característico do time

canarinho. Nas expressões destacadas em amarelo, observamos um apelo dos comentaristas ao "improviso", à "criatividade" e ao "drible"; é destacada, em mais de uma ocasião, a superioridade de jogadores brasileiros no "mano a mano", o enfrentamento individual entre dois atletas.

As origens do elogio a uma corporalidade específica do atleta brasileiro remetem a um período posterior à profissionalização do futebol no País. Durante a Copa do Mundo de 1938, disputada na França e vencida pela Itália, as características de jogo da seleção brasileira foram objeto de reflexões de Gilberto Freyre, por exemplo. Em texto publicado no Diário de Pernambuco durante o torneio, usou a expressão "foot-ball mulato" para definir um jogo marcado "por um conjunto de qualidades de surpreza, de manha, astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de espontaneidade individual em que se exprime o mulatismo"[73]. O artigo de Freyre é só um exemplo entre uma infinidade de enunciados que ressoavam o discurso do "foot-ball mulato" na imprensa esportiva e, consequentemente, no âmbito das interações pessoais. Um outro exemplo notável de como esse discurso foi gerado e ganhou força na crônica esportiva da época é *O negro no futebol brasileiro*[74], do jornalista Mário Filho. Na obra, o autor assume uma abordagem semelhante à de Freyre, colocando o esporte como um mecanismo que desempenhou, supostamente, um papel central na chamada integração nacional.

Assumiu-se, em geral, uma visão ancorada na positivação de características atribuídas aos corpos negros masculinos que já eram reconhecidas em outros campos, para além do esporte (Gonzalez, 2020; Araújo, 2007). Abrahão e Soares (2009, p. 19) apontam que

> as representações sobre a identidade negra que, à primeira mão, parecem favorecer uma significação positiva acabam cumprindo também outra função. A crença de que os afro-brasileiros possuem potencialidades que se materializam na musicalidade, na ritmicidade, na resistência física, na potência e nos desempenhos sexuais extraordinários são qualificativos que se opõem à "racionalidade" e ao "refinamento" do branco (Abrahão; Soares, 2009, p. 19)

A aproximação entre manifestações artísticas, como o samba, e políticas, como a capoeira (Paiva, 2013; Andrade, 2022) refletiu-se nas formas como os movimentos do jogo são interpretados e até nos termos incorporados ao vocabulário futebolístico; por

[73]FREYRE, Gilberto. Foot-ball mulato. Recife: Diário de Pernambuco, 1938. Disponível em: https://comunicacaoeesporte.com/wp-content/uploads/2010/10/foot-ball-mulato-gilberto_freyre.pdf. Acesso em 24 mar. 2024.

[74] *O negro no futebol brasileiro*, uma das obras mais lidas e reproduzidas de Mário Filho, conta, inclusive, em sua edição original, com um prefácio de Gilberto Freyre.

exemplo, o vocábulo “ginga”, amplamente empregado no contexto da prática esportiva, é notadamente oriundo do universo da capoeira, no qual designa um dos movimentos primordiais da luta (Paiva, 2013). De acordo com Abrahão e Soares (2009),

> a imagem idealizada do jogador negro – como membro de um grupo étnico especialmente dotado para atividades que dependem principalmente da emotividade e/ou das habilidades artísticas e corporais – acabou por reiterar uma visão otimista da mestiçagem, metonimizada pelo sucesso do futebol “mestiço”. Tal imagem está presente naquilo que se identifica como estilo de jogo, o estilo visto, ainda em nossos dias, como legado da cultura africana na constituição étnica do Brasil e de seu futebol (Abrahão; Soares, 2009, p. 14).

No mesmo sentido, Paiva (2013. p. 95) afirma que “o próprio estilo futebolístico está associado ao habitus difundido pelas populações negras e incorporado por parte da população das classes populares brasileiras” (Paiva, 2013, p. 95). Para o autor,

> a prática social inscrita sobre os corpos possui sua função reprodutora do racismo no Brasil, principalmente por essencializar o negro como portador de um corpo mais propenso à ginga, ao futebol e a dança, o mito sobre o corpo do negro é reproduzido como fenômeno social cotidianamente nas falas dos agentes sociais e nas grandes mídias. Assim, essa crença interiorizada acaba por servir como propulsora de uma diferenciação entre os agentes desse grupo, criando uma distinção inscrita e reproduzida sobre os corpos (Paiva, 2013, p. 92).

Dado esse contexto, destacamos que também se trata de uma construção que se dá a partir de aspectos ligados a questões de gênero, além dos já citados elementos ligados a identidades raciais. Se nos espaços tidos como referenciais para a construção de uma maneira de jogar própria do brasileiro baseada na corporalidade, na ginga e no improviso (como no samba e na capoeira) já havia uma predominância masculina, no futebol a situação não era diferente. Os primeiros registros que dão conta dessa ideia aparecem décadas antes da consolidação do futebol de mulheres no Brasil. Em 1941, menos de três anos após a publicação do já mencionado artigo “Foot-ball mulato” de Gilberto Freyre[75], o então presidente da República, Getúlio Vargas, assinava o decreto-lei Nº 3.199, que em seu 54º parágrafo, definia: “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às

[75]FREYRE, Gilberto. Foot-ball mulato. Recife: Diário de Pernambuco, 1938. Disponível em: https://comunicacaoeesporte.com/wp-content/uploads/2010/10/foot-ball-mulato-gilberto_freyre.pdf. Acesso em 24 mar. 2024.

entidades desportivas do País".[76]. Tal impedimento, que abrangia a prática do futebol, seguiria vigente até 1979, com a revogação do decreto. Ainda, se as primeiras menções ao jogo peculiar do brasileiro remetem à Copa do Mundo de futebol masculino de 1938 (Abrahão; Soares, 2009), a primeira Copa do Mundo de mulheres só veio a ser disputada em 1991, mais de meio século depois. Portanto, trata-se de uma construção que se utiliza de uma idealização acerca dos corpos de homens negros, de modo que o marcador de gênero se mostra indissociável na medida em que componentes como a ginga e a virilidade são constantemente acionados nas aplicações dessa ideia no contexto futebolístico.

A partir dessas conexões, o futebol, atravessado por um suposto jeito de jogar característico do Brasil, torna-se um dos símbolos mais efetivos da tão almejada identidade nacional. Em um cenário mais amplo, a consolidação do mito da democracia racial (Munanga, 1999; Carneiro, 2023; Bernardino, 2002; Guimarães, 2001, Bento, 2002a, 2002b) passa, inevitavelmente, por um apagamento das identidades raciais próprias de cada um dos grupos que compunham a sociedade brasileira; a dissolução das raças, segundo Munanga (1999), é uma das principais características da consolidação da mestiçagem, de uma concepção instituía a figura do brasileiro mestiço e um ilusório convívio harmônico entre grupos étnico-raciais distintos. Sueli Carneiro (2023, p. 52) aponta, ainda, que "o mito da democracia racial corresponde ao desejo de uma autorrepresentação da sociedade e de uma representação positiva do País", já que a "realidade concreta impede a realização efetiva de uma ocidentalização, seja racial ou cultural (Carneiro, 2023, p. 52).

O futebol, portanto, foi alvo de um discurso que, paradoxalmente, trazia um elogio à mestiçagem e às supostas habilidades corporais inatas do homem negro enquanto, ao mesmo tempo, foi tratado como uma possibilidade de integração e ascensão das camadas menos favorecidas da população, de modo que passou a ser visto como uma política que neutraliza a escassez de oportunidades oferecias aos povos não-brancos do País. Essa integração, no entanto, só seria viabilizada por meio do corpo e, de preferência, um "corpo mudo e subalterno" (Eiras, 2019, p. 80).

Sobre as possíveis implicações da instrumentalização do futebol para a consolidação de uma identidade tipicamente brasileira, Abrahão e Soares (2009, p. 19)

[76] BRASIL. Decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Diário Oficial da União - Seção 1 - 18/4/1941, Página 7452 (Retificação).

afirmam que “os argumentos raciais para louvar o negro e suas aptidões corporais no futebol parecem ter servido para a construção da integração e da identidade nacional. Todavia, a integração reforça o sistema hierárquico”, de modo que o modelo racializado de representação construído em torno da prática futebolística do atleta brasileiro, em especial o jogador negro, “indica, em última instância, a forma como os afrodescendentes deveriam integrar a sociedade brasileira, ocupando os lugares distantes das atividades superiores da razão” (Abrahão; Soares, 2009, p. 20). A partir da reprodução desses discursos, consolidam-se, portanto, “normas de condutas, maneiras de ser, de agir e ritualiza-se o estilo e personalidade de vida da camada populacional negra em forma estereotipada, inibindo comportamentos desviantes desta norma estabelecida” (Eiras, 2019, p. 67).

A partir desse pensamento, portanto, infere-se que há lugares compreendidos como propensos à presença de pessoas que se distanciam do padrão fenotípico branco enquanto há outros em que a presença de negros, indígenas e de outros corpos que fogem aos padrões impostos e sustentados pela branquitude é dificultada.

Podemos, ainda, relacionar esse cenário com a noção de dispositivo de racialidade, introduzida por Sueli Carneiro (2023). Esse dispositivo, segundo a autora “produz uma dualidade entre positivo e negativo, tendo na cor da pele o fator de identificação do normal” (Carneiro, 2023, p. 35), organizando, assim, a sociedade a partir de hierarquias que levam em consideração a proximidade ou o distanciamento ao padrão branco, ao qual é a atribuído uma falsa racionalidade inerente. Segundo Carneiro (2023, p. 37), “o dispositivo de racialidade [...] beneficia-se das representações construídas sobre o negro”.

Essas conjecturas ganham ainda mais sentido quando trazemos à tona informações práticas, referentes ao cenário futebolístico brasileiro contemporâneo. Mesmo que boa parte dos mais relevantes futebolistas nascidos no País sejam negros, ainda há uma ausência de corpos negros em espaços decisórios ligados ao futebol, assim como existe uma predominância de treinadores brancos no âmbito nacional. Uma reportagem publicada no UOL[77] em fevereiro de 2023 traz dados alarmantes em relação a essas disparidades: do momento em que se estabeleceu o formato de pontos corridos como o sistema oficial do Campeonato Brasileiro de Futebol Masculino à publicação do texto, nenhum clube da Série A teve um presidente negro; a reportagem aponta que

[77] CARNEIRO, Beatriz; VIRGÍNIA, Catarina. Brasileirão: 20 anos de pontos corridos e nenhum dirigente negro na série A. UOL. 12 dez. 2023. Disponível em: https://cutt.ly/gefjudWB. Acesso em 4 jul. 2024.

entre os 44 clubes que disputaram a primeira divisão nacional entre 2003 e 2022, foram identificados um total de 151 presidentes, nenhum deles negro.

É preciso reiterar que, como expusemos nos capítulos anteriores, a associação de aspectos da corporalidade a pessoas negras – bem como a existência de discursos que, paradoxalmente, louvam as convergências proporcionadas pela mestiçagem e, ao mesmo reforçam uma lógica de hierarquização – não está restrita à esfera esportiva, visto que a fixação de estereótipos e suas consequências também estão presentes em outros campos do convívio social brasileiro. Assim como em outras esferas da sociedade, no universo futebolístico as problemáticas raciais têm sido alvo de negação e invisibilização do problema racial no futebol. Constantemente vista sob suposta lógica da integração e do convívio harmônico dentro desse campo, a influência racista sobre essas estruturas foi, por muito tempo, ignorada ou não enfrentada de maneiras adequadas. Assim, cenários como os descritos no parágrafo anterior se sustentam e seguem pouco questionadas.

Por outro lado, mesmo reconhecendo as origens problemáticas da propagação (e perpetuação) de um discurso que institui a existência de um jogo tipicamente brasileiro, construído através da positivação de certos estereótipos raciais e com bases comuns ao surgimento do mito da democracia racial, sabemos que os significados são mutáveis, podendo adquirir novos sentidos em outros contextos temporais (Hall, 2016). É possível, que também consideremos que "a interpretação da prática corporal como um dispositivo de ação transcende a perspectiva essencialista do corpo negro demonstrando assim suas especificidades históricas" (Paiva, 2013, p. 100).

Por exemplo, durante a partida contra Guiné, também disputada em junho de 2023 (no contexto das respostas aos casos de violência racial direcionados ao atleta Vinícius Júnior), o elogio ao jogo tipicamente brasileiro surge atrelado a uma espécie de manifestação antirracista, subvertendo as origens problemáticas desse discurso. Ao falar sobre a atuação de Vinícius Júnior na partida, o comentarista Paulo César Vasconcellos – que aborda com frequência a questão racial nos espaços hegemônicos de representação, como o próprio SporTV, canal do Grupo Globo responsável pela transmissão analisada – citou um possível incômodo dos agressores racistas no contexto espanhol, onde o amistoso contra Guiné foi disputado, com "a ginga e jogo" característicos do atleta brasileiro. Evocando a memória de Mané Garrincha, um dos jogadores mais importantes na história da seleção brasileira de futebol masculino, Vasconcellos disse:

> O torcedor espanhol que normatiza, normaliza, o racismo, vai ficar muito incomodado, mas a ginga e o jogo são características do brasileiro. Agora há pouco falei de Garrincha e não há como, ao ver esses movimentos de Vinícius Júnior, não lembrar de Manuel Francisco dos Santos.

Isso acontece porque o campo das representações não é dotado de um caráter estático. Os regimes de representação, segundo Stuart Hall (2016), são mutáveis, passíveis de transformações. Segundo o autor, essa possibilidade de mudança existe por causa de negociações e lutas travadas entre os sujeitos que podem resultar na subversão da fixação dos significados.

Hall (2016, p. 211) explica que, nesses processos, "o significado começa a escorregar e deslizar". Assim, "novos significados são enxertados nos antigos. Palavras e imagens carregam conotações não totalmente controladas por ninguém, e esses significados marginais ou submersos vêm à tona e permitem que diferentes significados sejam construídos" (Hall, 2016, p. 211)

Além da fala que relaciona as características de jogo do atleta brasileiro a um suposto incômodo do indivíduo racista com a "ginga", observamos, na transmissão do duelo entre as seleções masculinas do Brasil e de Guiné pelo canal SporTV, um menor número de comentários sobre atletas sobre o selecionado africano. Na maioria das ocasiões em que os guineanos foram objeto de falas do trio responsável pela condução da transmissão, foram apontadas as "limitações" do time; no quadro 5, disposto abaixo, os comentários desse tipo foram destacados em amarelo. Esportivamente, é possível comprovar a disparidade entre as duas equipes através das posições ocupadas pelas mesmas no Ranking da Fifa[78]: na data do confronto, Guiné ocupava a 79ª colocação na lista, enquanto o Brasil estava em terceiro lugar; a título de comparação, a seleção senegalesa, outra adversária da equipe brasileira nos amistosos marcados por manifestações antirracistas em junho de 2023 – estava em 18º no ranking na ocasião.

Somente em duas ocasiões, há falas do narrador da partida, Milton Leite, sobre atletas guineanos (destacadas em vermelho no quadro 5. Ambas destacam atributos e capacidades relacionadas à corporalidade; uma delas refere-se ao drible e outra, à estatura de um dos futebolistas.

É possível que o menor número de comentários sobre atletas guineanos, no caso da transmissão em questão, se justifique pelo maior distanciamento da seleção em

[78] O Ranking Mundial da Fifa existe desde 1993 e é um sistema de classificação das seleções nacionais filiadas à instituição em questão.

relação ao escopo da cobertura futebolística brasileira. Enquanto a seleção senegalesa – que recebeu mais atenção da equipe de transmissão – reunia jogadores mais conhecidos e possuía mais relevância no cenário futebolístico da época, tendo, inclusive, vencido o amistoso contra o Brasil, o time de Guiné era composto de atletas mais desconhecidos no contexto brasileiro.

Sobre atletas brasileiros, além da já citada comparação entre Vinícius Júnior e Mané Garrincha, a equipe da emissora destaca aspectos como a "habilidade", a "capacidade de definição", a "resiliência" (atrelada a uma capacidade de adaptação, no caso do atleta Joelinton). Embora os regimes racializados de representação tenham sido menos acionados em comparação com a outra partida analisada (ver quadros 3 e 4), ainda é possível identificar comentários isolados sobre os corpos dos atletas.

Quadro 5 - Transcrição dos comentários direcionados a atletas ou às equipes de Brasil e Guiné durante amistoso disputado em junho de 2023

Tempo de jogo	Transcrição do comentário
1:30 (1ºT)	"Ali o trabalho do camisa 10, Ilaix Moriba. Ih, rapaz! É enjoado, hein? Já meteu uma caneta ali"
17:24 (1ºT)	"Guiné tem um bom toque de bola, mas erra muitos passes no setor ofensivo"
17:40 (1ºT)	"O técnico percebeu que ele [Joelinton] tinha uma certa habilidade e resolveu colocar ele de meia"
22:10 (1ºT)	"A grande maioria dos jogadores de Guiné atua na Europa, em alto nível [...] então é um jogo mais equilibrado, mesmo com a diferença técnica das equipes"
28:15 (1ºT)	"Mostrando resiliência dentro do futebol europeu, se adaptando a novas posições [Joelinton]"
31:10 (1ºT)	"[Rodrygo] preferiu apostar na sua qualidade, na sua capacidade de definição
33:50 (1ºT)	"O Brasil vai se impondo e expondo todas as limitações da seleção de Guiné"
35' (1ºT)	"Conseguiu desviar de cabeça o grandalhão, atacante da seleção de Guiné [Guirassy]"
44' (1ºT)	"[Guiné] consegue até sair jogando, tem uma certa dificuldade no último passe, mesmo tendo conseguido o gol"
2:30 (2ºT)	"Militão deve jogar de centroavante no rachão, pela estatura"
14:15 (2ºT)	"A cada momento, a cada convocação [Rodrygo] vai ganhando mais experiência na seleção e acaba sendo uma referência também"

Tempo de jogo	Transcrição do comentário
37:40 (2ºT)	“[Rodrygo] é um jogador em constante evolução; e essa evolução vai beneficiar tanto o Real Madrid quanto a seleção brasileira”
38:30 (2ºT)	"O torcedor espanhol que normatiza, normaliza, o racismo, vai ficar muito incomodado, mas a ginga e o jogo são características do brasileiro. Agora há pouco falei de Garrincha e não há como, ao ver esses movimentos de Vinícius Júnior, não lembrar de Manuel Francisco dos Santos"

Fonte: elaborado pelo autor (2024)

Assim, observamos que, entre as transmissões dos dois amistosos realizados pela seleção brasileira em junho de 2023, feitas pelo canal SporTV, apenas a da partida contra Senegal contém uma repetição de termos e expressões que, em grande quantidade, funcionam como um indício de que há uma estereotipagem excessiva e o acionamento de regimes racializados de representação que relacionam os corpos negros, no âmbito da prática esportiva de alto nível, a capacidades ligadas, majoritariamente, à corporalidade. Apesar de não conter uma quantidade relevante de comentários direcionados aos atletas estrangeiros, a transmissão do jogo contra Guiné traz comentários que reforçam o que identificamos sobre as representações do jogador brasileiro, em específico. Particularmente, destacamos a associação do uso da “ginga”, de um estilo de jogo caracterizado por elementos também atrelados à corporalidade e ao improviso, a uma espécie de enfrentamento político.

É possível, portanto, observar, a partir da análise de duas transmissões esportivas, indícios que podem ser interpretados como acionamentos dos chamados regimes racializados de representação. Embora não sejam evocados em todas as ocasiões nas quais há a presença de corpos que se distanciam dos padrões estabelecidos pela branquitude, ainda existem ocasiões específicas nas quais, diante da necessidade de representar, de descrever o Outro, comunicadores recorrem ao lugar comum da estereotipagem. Esse hábito de recorrer a regimes de representação que colocam os corpos negros em posições mais distantes do local da racionalidade, da criatividade, é recorrente não só na comunicação esportiva (Hall, 2016; Hylton, 2009; Abrahão; Soares, 2009; Paiva, 2013), mas se estende, naturalmente, à comunicação cotidiana, de modo que são perpetrados por pessoas comuns que consomem com frequência os produtos da imprensa esportiva.

Assim, esses regimes de representação no âmbito do esporte se retroalimentam e – mesmo com mudanças socioculturais consideráveis e com avanços como o aumento gradual da representatividade nos espaços hegemônicos de representação – seguem sendo acionados em determinadas ocasiões.

Considerações finais

Ao longo das páginas anteriores, reiteramos, em diversos trechos, que o futebol, em sua pluralidade de manifestações, deve ser interpretado como um elemento da cultura, dotado de peculiaridades, mas atravessado por problemáticas que se fazem presentes na sociedade como um todo e capaz de exercer influências sobre o comportamento dos indivíduos e, consequentemente, sobre o convívio social. Como um microcosmo da sociedade, o universo do futebol – especialmente em cenários nos quais a popularidade deste esporte é notável, nos lugares onde há fortes culturas futebolísticas – reproduz aspectos positivos e negativos de contextos mais amplos. Se, no convívio social, experienciamos, em diversos níveis, violências raciais, de classe ou/e de gênero, podemos dizer que tais marcadores também incidirão sobre as relações estabelecidas nos âmbitos da prática e do consumo do futebol.

Para além das violências explícitas, como as registradas nos relatórios anuais do Observatório da Discriminação Racial no Futebol (Observatório, 2022, 2023), a diferenciação baseada em questões étnico-raciais (atravessada por marcadores de gênero) se manifesta em diversas formas consideradas mais "sutis". Como observamos, em especial no terceiro e último capítulo desta dissertação, há uma série de concepções fixadas no imaginário ligado ao futebol que se fundamentam em preceitos racistas e reforçam, quando combinadas e reproduzidas em larga escala, uma lógica de diferenciação e segregação do Outro.

A partir de um estudo de casos ancorado em uma metodologia interseccional (McCall, 2005) associada aos caminhos metodológicos apontados pelos Estudos Críticos do Discurso (Van Dijk, 2007, 2008, 2010; Fairclough, 2001; Wodak, 2004), notamos que a cobertura esportiva contemporânea é atravessada, de diversos modos, por marcadores étnico-raciais e de gênero que incidem, de maneira interseccional, sobre boa parte dos produtos midiáticos vinculados ao futebol. Isso ocorre através da reprodução de discursos ancorados na diferenciação, com enunciados que reforçam o imaginário do Outro racializado e, consequentemente, sistemas de hierarquização baseados na

proximidade ou no distanciamento de um padrão cujo referencial é a brancura; da reprodução de estereótipos raciais e de gênero; entre outras violências que podem ser lidas como estratégias de manutenção e exercício de um poder simbólico. Ao longo das páginas anteriores, discorremos, ainda, sobre como tais arquétipos incidem sobre as subjetividades, sobre o processo de construção de identidades e a demarcação dos espaços destinados aos corpos negros no âmbito da prática esportiva.

Constatamos, a partir da análise discursiva de transmissões de partidas de futebol envolvendo a seleção brasileira de futebol masculino, que enunciados que remetem a determinadas construções discursivas baseadas em ideias racistas continuam sendo evocadas, ainda que inconscientemente, por profissionais ligados à imprensa esportiva. Por mais que sejam acionadas de maneiras positivas ou mesmo sob uma abordagem que visa subverter o caráter negativo desses discursos, podemos identificar indícios que apontam para a seguinte conclusão: a estereotipagem segue sendo acionada em situações nas quais é preciso fazer comentários sobre o Outro na prática esportiva, em especial sobre atletas negros. É válido ressaltar que a análise que conduzimos não leva em consideração a intencionalidade, já que tais ideias possuem ampla inserção no âmbito da comunicação esportiva e, por isso, são eventualmente reproduzidas sem que haja uma reflexão imediata sobre as possíveis origens e consequências da reprodução desses discursos.

Os chamados regimes racializados de representação (Hall, 2016) operam, portanto, no âmbito da comunicação esportiva em diversos níveis (com discursos reproduzidos tanto em meios de amplo alcance, como nos casos analisados nos capítulos anteriores, quanto nas comunicações cotidianas, situadas fora dos veículos midiáticos), de modo que a percepção do homem negro pelo discurso hegemônico ainda é direcionada por estereótipos. Tais estereótipos, no contexto da comunicação esportiva (futebolística, no caso da análise conduzida nesta pesquisa, mas que se estende por outras esferas[79]), são marcados por associações entre os jogadores e à corporalidade, de modo que aspectos como força e velocidade são destacados em detrimento de atributos ligados a capacidades mentais, criativas. Por meio da análise do discurso, encontramos determinadas construções discursivas que se repetem e contém termos e expressões que reforçam esses estereótipos, como observamos nos quadros apresentados no terceiro capítulo. Ainda, identificamos proximidades entre os discursos analisados e outros

[79] Hall (2016); Hylton (2009).

anteriores, o que indica que essas construções são atravessadas pela interdiscursividade (Van Dijk, 2007, 2008, 2010, 2016).

Essas percepções enviesadas sobre o Outro racializado no âmbito do esporte ainda são atravessadas, naturalmente, por marcadores de gênero. Para percebê-los, basta olhar para a relação entre as representações do atleta negro construídas a partir de aspectos do corpo à sexualidade (Hall, 2016). Ainda, nota-se que o uso de estereótipos raciais, no âmbito da comunicação esportiva, exerce certa influência nos processos de construção de identidades e na fixação de determinadas normas de condutas direcionadas a esses atletas; tais normas evocam, na maioria das vezes, uma masculinidade negra idealizada.

Ainda, podemos atestar, através das análises das coberturas em questão, a conservação de discursos relacionados a um jogo tipicamente brasileiro, marcado pelo drible, pelo improviso, pela ginga e outros aspectos historicamente associados à corporalidade do homem negro, inicialmente, mas "adaptados" à mestiçagem brasileira. O surgimento dessa ideia coincide com a propagação de discursos relacionados à democracia racial, tendo como um dos seus primeiros registros, inclusive, o já citado artigo *Foot-ball Mulato,* de Gilberto Freyre. Tais discursos encontraram no futebol um elemento crucial na construção e na defesa de uma suposta identidade tipicamente brasileira, uma concepção idealizada que possui implicações como o apagamento de determinados limites étnico-raciais e o apelo à dissolução das identidades raciais em prol de uma configuração que mantinha as estruturas de dominação e as naturalizavam.

Por outro lado, consideramos que, como tudo o que está inserido no âmbito da cultura, o campo das representações não é dotado de um caráter estático. Os regimes de representação, segundo Stuart Hall (2016), são mutáveis, passíveis de transformações. Essas possíveis mudanças ocorrem, de acordo com o autor, devido a uma série de negociações e lutas travadas entre os sujeitos que podem resultar em processos de subversão da fixação dos significados.

Hall (2016, p. 211) diz que, nesses processos, "o significado começa a escorregar e deslizar". Assim, "novos significados são enxertados nos antigos. Palavras e imagens carregam conotações não totalmente controladas por ninguém, e esses significados marginais ou submersos vêm à tona e permitem que diferentes significados sejam construídos" (Hall, 2016, p. 211).

É nessa janela aberta para transformações que situamos esta pesquisa. Problemas como a recorrente reprodução de discursos tomados por violências étnico-raciais e de

gênero, bem como a sub-representação de pessoas negras em veículos de imprensa (Portela; Sá; Feres Jr.; Lemos; Mina, 2023), devem ser denunciados e questionados coletivamente, inclusive no âmbito da academia. Assim, considerando o papel desempenhado por esses discursos na manutenção de hierarquias que vão além do campo dos esportes e perpassam outras esferas do convívio social, faz-se necessária a construção de uma imprensa esportiva fortemente comprometida com o respeito às diversidades; o caminho para esse horizonte está relacionado, entre outros aspectos, à transformação dos regimes representacionais descritos ao longo desta pesquisa, ao rompimento de arquétipos que associam os atletas negros a lugares de subalternidade.

Por fim, entendemos que o campo da comunicação esportiva se mostra um terreno fértil para o desenvolvimento de estudos que verifiquem eventuais influências de discursos que possuem, em suas raízes, violências de raça, de gênero ou de classe. Sobre o problema de pesquisa que abordamos nas páginas anteriores, enxergamos diversas possibilidade de aprofundamento, reconhecendo que estudos mais minuciosos, que se dediquem à análise de mais enunciados (com um corpus composto por um número maior de transmissões e materiais relacionados à esportiva), trariam contribuições relevantes nos debates sobre como tais discursos seguem sendo proferidos em espaços hegemônicos de representação, colaborando, assim, com o processo gradual de reconhecimento dos regimes representacionais e, posteriormente, com a subversão dessas representações do Outro que colaboram com a perpetuação de complexos sistemas hierarquizantes.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda.; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. O Que o Brasileiro Não Esquece Nem a Tiro É o Chamado Frango de Barbosa: questões sobre o racismo no futebol brasileiro. **Movimento**, vol. 15, n. 2, p.13-31; 2009a.

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda.; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. O elogio ao negro no espaço do futebol: entre a integração pós-escravidão e a manutenção das hierarquias sociais. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 30, n. 2/3, p. 9-23, jan. 2009b.

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. O corpo negro e os preconceitos impregnados na cultura: uma análise dos estereótipos raciais presentes na sociedade brasileira a partir do futebol. **Movimento**, v. 17, n. 4, p. 265-280, 13 dez. 2011. Disponível em: https://doi.org/10.22456/1982-8918.20590. Acesso em: 11 jul. 2024.

ALMEIDA, Caroline S. Belas e feras, nós e as masculinizadas: discursos, corporalidades e significações. In: KESSLER, C. S. (Ed.). **Mulheres na área: gênero, diversidade e inserções no futebol**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 107-133.

ANDRADE, Julia Santos Cossermelli de. A ginga, o drible, a síncope e o molejo: aquecendo uma conversa sobre música e futebol. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, Brasil, v. 42, 2023. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/204334. Acesso em: 19 jun. 2024.

ARAÚJO, Joel Zito. **A força de um desejo:** a persistência da branquitude como um padrão estético audiovisual. Revista USP, São Paulo, n.69, p. 72-79. 2006.

ARAÚJO, J. A. **Racismo, violência e direitos humanos:** pontos para o debate. Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos, Bauru, v. 2, n. 2, p. 75-96, jun. 2014.

BARRETO JANUÁRIO, Soraya. **Mulheres no campo:** o ethos da torcedora pernambucana. São Paulo: Fontenele Publicações, 2019.

BARRETO JANUÁRIO, Soraya. **Copa do Mundo e Futebol das Mulheres**: a cobertura midiática nas edições de 2015 e 2019, numa perspectiva de gênero. Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades, Vassouras, v. 14, n. 1, p. 02-13, jan./abr. 2023.

BERNARDINO, Joaze. **Ação afirmativa e a rediscussão do mito da democracia racial no Brasil**. Estudos Afro-Asiáticos, v. 24, n. 2, p. 247-273, 2002.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Pactos narcísicos no racismo**: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002a.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Branqueamento e branquitude no Brasil**. In: CARONE, Iray; BENTO, M. A (orgs.). Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2002b. pp. 25-58.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: A construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CARRAZZONI, Veronica del Pilar Proaño. Estudos Críticos do Discurso: poder e abuso de poder na imprensa. **Revista Ágora Filosófica**, Recife, PE, Brasil, v. 22, n. 1, p. 117–151, 2022. DOI: 10.25247/P1982-999X.2022.v22n1.p117-151. Acesso em: 10 jul. 2024.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021

COLLINS, Patricia Hill. **Bem mais que ideias:** A Interseccionalidade como teoria social crítica. São Paulo: Boitempo, 2022.

DA MATTA, Roberto. **Esporte na Sociedade:** Um Ensaio sobre o Futebol Brasileiro. In: DA MATTA, Roberto et alii. Universo do Futebol: esporte e sociedade Brasileira. Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982.

DAMO, Arlei. Futebóis–da horizontalidade epistemológica à diversidade política. **Fulia/Ufmg**, v. 3, n. 3, p. 37-66, 2018.

EIRAS, Roberto Wanderley. **Raça, humildade e representações sociais**: a estética da subordinação negra no futebol. 2019. 124 p. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/52483. Acesso em: 15 jul. 2024.

ESTEVES, E. **Pele alva e pele alvo**: uma análise sobre a cobertura do jornalismo esportivo audiovisual sobre casos de racismo no futebol. Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Comunicação Social, São Cristóvão, 2020.

FANON, Frantz. **Peles negras máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança Social. Brasília**: Editora UNB, 2001.

FAIRCLOUGH, N. **Analyzing Discourse**: textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. 3ª ed., vol. I e II, São Paulo: Editora Ática, 1978.

FERNANDES, Florestan; BASTIDE, Roger. **Brancos e Negros em São Paulo.** São Paulo: Global, 2008.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 22, n. 2, 2017. Disponível em: https://cutt.ly/wegHUwsk. Acesso em: 11 jul. 2024.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV**. Educação e Pesquisa: Revista da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, v. 28, n. 1, p. 9, 2002.

GASTALDO, Édison. **"O país do futebol" mediatizado**: mídia e Copa do Mundo no Brasil. Sociologias. Porto Alegre, n. 22, p. 353-369, 2009.

GASTALDO, E. L. **Comunicação e esporte: explorando encruzilhadas, saltando cercas**. Comunicação, Mídia e Consumo, São Paulo, v. 8, n. 21, p. 39-51. 2011.

GIGLIO, Sérgio Settoni; SPAGGIARI, Enrico. A **produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009)**. Revista de História, n. 163, p. 293, 30 dez. 2010.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: GONZALEZ, Lélia; RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (Orgs.). Por um feminismo afro-latino-americano Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 75-93.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Democracia racial: o ideal, o pacto e o mito. **Novos Estudos Cebrap**, v. 20, p. 147-162, out. 2001.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Editora Puc Rio, 2016. 260 p.

HALL, Stuart. Raça, o significante flutuante. **Revista Z Cultural**. Rio de Janeiro, Ano VIII, No.2, 2013.

HELAL, Ronaldo; GORDON, César. **A Crise do Futebol Brasileiro**: perspectivas para o século XXI. ECO-PÒS: Publicação da Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Rio de Janeiro, UFRJ, 2002.

HYLTON, Kevin. **Race and Sport**: critical race theory. Oxfordshire: Routledge, 2009.

hooks, bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista negra. São Paulo: Elefante, 2019.

KELLNER, Douglas. A Cultura da Mídia e o Triunfo do Espetáculo. **Líbero**, v. 6, n. 11, p. 4-15, 2004.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KUPPER, Agnaldo. **Nos rastros da bola**: o futebol brasileiro entre apropriações e desapropriações. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista, 2019

LEAL, Daniel Felipe de Oliveira. **Noticiabilidades na Placar**: a mutação dos valores-notícia em três décadas de cobertura do futebol de mulheres. Dissertação (Mestrado em Comunicação), UFPE, Recife, 2020.

LEITE, P. Paixão de Oliveira; VELOSO, A.M; LIMA, Nataly. **Violação de direitos humanos na mídia: o caso Diana no jornal Aqui PE.** Hachetetepé. Revista científica de educación y comunicación, n. 23, p. 1-14. 2021.

MCCALL, L. **The complexity of intersectionality**. Signs, Chicago, v. 30, n. 3, p. 1779-1800, 2005.

MACNEILL, Margaret. **Estudos de mídia do esporte e a (re)produção de identidades.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 28, n. 1, p. 9-38, set. 2006. Disponível em: http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/36. Acesso em: 17 jun. 2021.

MARTINS, Mariana Zuaneti.; SILVA, Kerzia Railane Santos.; VASQUEZ, Vitor. As mulheres e o país do futebo: intersecções de gênero, classe e raça no Brasil. **Movimento**, *[S. l.]*, v. 27, p. e27006, 2021. DOI: 10.22456/1982-8918.109328. Acesso em: 11 jul. 2024.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. Arte & Ensaios. Rio de Janeiro, v. 2, n. 32, p. 122-151, 2016.

MBEMBE, A. **Crítica da Razão Negra**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Vozes, 1999.

MUNANGA, Kabengele. **Uma Abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia**, in Cadernos Penesb, 5. Org. A. A. P. Brandão. Niterói, Editora da Universidade Federal Fluminense, 2004, pp. 15-34.

MURTAZINA, G.; GOLOKOVA, M.; BERDYSHEVA, N.; BOJKOVA, N.; KARAZHAEVA, M. . **Diferenciação funcional dos conceitos "gênero" e "formato" no jornalismo de transmissão esportiva**. Revista EntreLinguas, Araraquara, v. 8, n. esp.1, 2022. DOI: 10.29051/el.v8iesp.1.16941. Acesso em: 18 maio 2024.

PAIVA, Carlos Eduardo. **O habitus do corpo: futebol e negritude no Brasil**. Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais, n. 17, 2013.

PISANI, Mariane da Silva. **A negra no futebol brasileiro**. 2018, Brasília. 31ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA. Congresso 2018. Disponível em: https://cutt.ly/1ehrA8I4. Acesso em 12 jul. 2024.

PORTELA JÚNIOR, Aristeu; LIRA, Bruno Ferreira Freire Andrade. **Améfrica Ladina e a crítica à democracia racial em Lélia de Almeida Gonzalez**. Horizontes Antropológicos, v. 28, n. 63, p. 105-131, ago. 2022.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de Discurso (para a) crítica**: o texto como material de pesquisa. Campinas: Pontes Editores, 2011.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SALLES, Helena Kuerten de; DELLAGNELO, Eloise Helena Livramento. A Análise Crítica do Discurso como alternativa teórico-metodológica para os estudos organizacionais: um exemplo da análise do significado representacional. **Organizações & Sociedade**, v. 26, n. 90, p. 414-434, set. 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1984-9260902. Acesso em: 10 jul. 2024.

SAMPAIO, R. C.; LYCARIÃO, D. **Análise de conteúdo categorial**: Manual de Aplicação. Brasília: Enap, 2021

SANT'ANA, Jonathas Vilas Boas. **Colonialidade na mídia**: imagens estereotipadas de negros. Revista Fórum Identidades, v. 24, p. 141-155, 2017.

SANTOS, Irlan S. **O futuro da torcida**: midiatização, mercantilização do futebol e resistência torcedora. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., Rio de Janeiro, 2015. Anais [...]. São Paulo: Intercom, 2015.

SANTOS, Naiara Ashaia Rodrigues. **O ser negro dentro dos gramados**: Análise Cultural da construção da identidade do atleta negro por meio do jornalismo esportivo, 2021. 63 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.

SCHUCMAN, L. V. **Sim, nós somos racistas**: estudo psicossocial da branquitude paulistana. Psicologia & Sociedade, 26(1), 2014. 83-94.

SCHUCMAN, L. V.. **Branquitude e Privilégio**. In: SILVA, M; FARIAS, M; OCARIS, M; NETO, A. (Org.). Violência e Sociedade: O racismo como estruturante da sociedade e da subjetividade do povo Brasileiro. 1ed.São Paulo: Editora Escuta, 2018, v. 1, p. 137-150.

SEYFERTH, Giralda. **A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos**. Anuário Antropológico, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, n. 93, p. 175-203, 1995.

SILVA, J. G. **Corporeidade e identidade, o corpo negro como espaço de significação**. In: Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades – CONINTER, n. 3, v. 17, p. 263-275, 2014.

SILVA, Paulo V. B.; ROSEMBERG, Fúlvia. **Brasil: lugares de negros e brancos na mídia.** In: VAN DIJK, Teun (Org.). Racismo e Discurso na América Latina. São Paulo: Contexto, 2008.

SOARES, MC. **Representações, jornalismo e a esfera pública democrática**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 272 p

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros:** identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1999.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2006

SODRÉ, Muniz. Uma lógica perversa de lugar. **EcoPós**, Dossiê Racismo, UFRJ, v. 21, n. 3, 2018, p. 9-16.

SODRÉ, Muniz. **O fascismo da cor: uma radiografia do racismo nacional**. Rio de Janeiro: Vozes, 2023.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

WODAK, Ruth. **Do que trata a ACD**: um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. Revista Linguagem em (Dis)curso, Tubarão, v. 4, n. esp., p. 223-243, 2004.

VAN DIJK, Teun (Coord). **Racismo y discurso en América Latina**. Barcelona: Gedisa, 2007

VAN DIJK, Teun. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2008

VAN DIJK, Teu. Análisis del discurso del racismo. **Crítica y Emancipación**: Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, ANO 2, n. 3, p. 69-95, 2010. Disponível em: https://libreria.clacso.org/publicacion.php?p=441&c=18. Acesso em: 17 jul. 2024.

VAN DIJK, Teun. Discurso-cognição-sociedade: estado atual e perspectivas da abordagem sociocognitiva do discurso. **Letrônica**, p. s8-s29, 2016. DOI: 10.15448/1984-4301.2016.s.23189. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/23189. Acesso em: 16 abr. 2024.

VIEIRA, José Jairo. **Preconceito e discriminação racial no futebol brasileiro**. Teoria & Pesquisa, São Carlos. v. 42-43, p. 221-244, 2003.

ANEXOS

ANEXO A - Transcrição da transmissão da partida entre Brasil e Senegal no canal SporTV

[Luiz Carlos Jr.] E aí o VAR, arbitragem de vídeo com Hélder Malheiro, também de Portugal. Tem sido protagonista na seleção brasileira, no Real Madrid e no futebol mundial pela causa antirracista, Vini Júnior, garoto de apenas 22 anos, muito protagonista, muito bom jogador, personalidade fortíssima. Vamos agora para o jogo no SportTV.

E o Pombo, Pombo Richarlison, diz que cresce na seleção brasileira, que a 9 é dele. Saída de Senegal no primeiro tempo. Vamos para a regressiva.

Apita o árbitro, começam as emoções do primeiro tempo, saída da seleção de Senegal. São os primeiros movimentos, Sabali volta o lance. Koulibaly, são os primeiros movimentos de Brasil e Senegal, estamos juntos no SportTV.

No gramado, Brizola, Felipe Brizola no gramado. Comigo, Lédio Carmona, Pedrinho. Essa é a segunda vez que Brasil e Senegal se enfrentam na história com suas seleções principais.

O único jogo foi em 2019, em Singapura, um a um, Firmino fez o gol brasileiro e Diedhiou fez o gol da seleção de Senegal. Ramon Menezes é mais uma vez o técnico interino da seleção brasileira. E aí, Aliou Cissé tem 47 anos, jogou bola e jogou bem.

São os primeiros movimentos do primeiro tempo. Tentativa brasileira, tentou a bola entre as pernas ali o Danilo, a bola passa agora pelo Sarr, recolhe aí para o Lucas [Paquetá], faz a distribuição com o Vini Júnior, torcida brasileira se agita, se anima, tem dobra de marcação em cima do Vini. Bola fica com o jogador do Real Madrid, Vinícius Júnior. Passa no meio de dois, caiu, pediu uma falta, ele entendeu que houve uma falta, a arbitragem acha que não.

Sarr. Brasil pressiona na saída de jogo. Paquetá, beleza de bola, bonito demais. Vini, na linha de fundo do jeito que ele gosta. Paquetá com a sobra, cabe o cruzamento, a bola vem na segunda trave e passa por todo mundo. Bola tocada de cabeça, temos duas bolas em campo, e aí a segunda quase veio para cima da primeira. Zero Brasil, zero Senegal. Mané, temporada conturbada na Alemanha, não era o que ele esperava, alguns dizem que ele fica no Bayern de Munique, outros que ele pode voltar para o futebol inglês.

Todas as emoções de mais um amistoso da seleção brasileira. Paquetá. O Brasil não tem o Casemiro, desfalque de última hora, mas tem o entrosamento do Bruno Guimarães e do Joelinton que jogam juntos. Paquetá. Mais um que atua no futebol inglês, Bruno Guimarães.

Militão, Marquinhos. Primeiro tempo, dois minutos. Recua a seleção de Senegal. Dá combate aqui na frente, o Habib Diallo. Marquinhos, Paquetá. Canta o torcedor brasileiro em Lisboa, De novo o Marquinhos, chamando o Lucas Paquetá.

Faz a distribuição na esquerda para o Vini, no mano a mano, estava impedido o Vinicius, impedimento de Vinícius Júnior.. Vini com a 10 da seleção brasileira. Vinicius tem 22 jogos pelo Brasil e marcou 3 gols. Estamos apenas no início do jogo. Koulibaly, voltando com o Diaw, que sai jogando por baixo. Derrubado o Mendy.

[Pedrinho] Foi forte. vai Brizola

[Felipe Brisolla] Não, e é impressionante. Interessante ressaltar, é impressionante o protagonismo do Vini Júnior. por aqui. Já tinha acontecido em Barcelona, ele é disparado o jogador brasileiro mais cortejado. Ele encosta na bola, o torcedor vai à loucura. E no anúncio aqui, né, que o estádio fez, né, da organização, foi impressionante a ovação que ele recebeu. Está voando na popularidade o Vini Júnior, Luiz.

[Luiz Carlos Jr.] Zero Brasil, zero Senegal. Primeiro tempo, três minutos. Falei de um jogo apenas entre as seleções principais, mas temos mais um confronto entre o futebol brasileiro e o futebol senegalês: foi há oito anos, em 2015, na Nova Zelândia, semifinais da Copa do Mundo sub-20.

Militão. Esse é Marquinhos. Lucas Paquetá. Tenta uma distribuição de novo, forçando aqui com o Vini, no mano a mano, a cabeçada, já deixou a marcação para trás, o toque para o meio, olha a sobra brasileira, e o chute sobre o gol de Diaw. Chegou batendo o Bruno Guimarães. Vini começa "on fire" pela esquerda, começa levando vantagem. Vini arrancou na cabeçada, ele tirou a marcação. Para você curtir de novo, o cruzamento e a sobra com o Bruno Guimarães.

[Pedrinho] Ele já faz o domínio dando tapa com a cabeça, né, para ganhar vantagem na velocidade, vai você Luiz.

[Luiz Carlos Jr.] E olha a resposta de Senegal, bola longa. Sai do gol Ederson, Pedrinho.

[Pedrinho] Só algumas variações, a gente viu o Ayrton Lucas por dentro e o Paquetá vindo fazer até uma saída de três de vez em quando. E aí ele entra para o corredor, dá a beirada para o Vini, e o Vini é muito forte do lado, tem uma capacidade incrível no mano a mano. Por isso que o Ayrton, que também tem capacidade de atacar o fundo, está vindo um pouquinho por dentro, para justamente não conflitar. Quando o Vinícius está por dentro, que a gente está vendo agora, aí sim o Ayrton com o lado esquerdo aqui.

[Luiz Carlos Jr.] Marquinhos. Lembrando que o Brasil também não tem o Rodrygo, com dores no joelho direito. Bruno, de primeira, não chega no Vini. Falta marcada para a seleção do Brasil. Todas as emoções do futebol internacional para você, com o Brasil jogando mais uma vez na Europa.

Militão. Paquetá. Erra o passe Lucas Paquetá e erra por muito, hein. Paquetá está no West Ham da Inglaterra. E foi do Paquetá o gol, o passe para o gol do Casemiro contra Marrocos e também o cruzamento para o Militão marcar contra Guiné. Tem dado assistências na seleção o Paquetá. Bola longa aqui na direita, Sarr, cruzamento, olha a chance, Mané dominou, perdeu. Perdeu, já havia impedimento.

[Lédio Carmona] Perdeu. Perdeu, já vinha impedimento. De toda maneira, o lance só não se consumou porque ele dominou errado a bola, né, ele dominou mal, Mané. Mas o contra-ataque muito rápido de Senegal.

Bom jogo até agora. Brasil tá jogando bem. Forte pelo lado esquerdo, como o Pedrinho já disse. E o Senegal esperando um pouquinho, partindo rápido em velocidade.

[Luiz Carlos Jr.] Éder Militão. Jogo bom. E o SportTV trazendo para você todas as emoções de Brasil e Senegal, com mais de uma hora de aquecimento. Militão. Marquinhos. Tome bola para o Vini. Vai ser complicado hoje para o Sabaly aqui na direita.

[Pedrinho] Uma das preocupações também da seleção brasileira é isso; porque a gente viu o Vini se mandando, o Ayrton já estava fazendo ultrapassagem por dentro. Por isso que no lance anterior saiu lá a oportunidade da seleção de Senegal nas costas do Ayrton. E quem tem que fazer a cobertura quando o Ayrton está lá é o Marquinhos, né, que tem boa velocidade, mas já não é um jovem.

Então só esse cuidado nesse movimento entre o Ayrton, o Vini e o próprio Paquetá. Os três se mandam ao mesmo tempo e as costas ficam liberadas para a seleção de Senegal.

[Luiz Carlos Jr.] Danilo. Malcom tentando o lance ali com o Joeliton. Zero Brasil, zero Senegal. O Brasil aperta, vai lá o Richarlison. O Richarlison é bom nisso.

Koulibaly. Está jogando por baixo. A blitz brasileira funciona? Não. Ciss faz o toque na direita. Primeiro tempo, sete minutos. Sarr. Boa bola no meio, Gueye, ficou curta. Não chega no Mané. Lançamento para a velocidade do Richarlison. Ele briga, acredita. perde. Pro Niakhaté. Ciss. Mendy. Temos o jogo do terceiro colocado no ranking da FIFA, o Brasil, contra o 18º, que é a seleção de Senegal. Estamos apenas no início do jogo. E o jogo começa legal, começa quente. Sarr. Cis. Cruzamento parando no Marquinhos. Vini. Domina com categoria, tem empurrão. Falta de Sabali. Mais uma vez. Olha só que deixada espertíssima do Diallo e o erro do mané. Já havia impedimento.

Amanhã tem jogão em 4K no SportTV com o São Paulo e Athlético Paranaense. A resenha começa às 17h45 da tarde. Bola rolando às 19h. Tá no Brasileirão, tá no SportTV em 4K.

Marquinhos. Ayrton Lucas, revelado pelo ABC de Natal. Aí Ayrton Lucas. Marquinhos. Veja a compactação do time de Senegal. Pedrinho está de olho nas linhas. Marquinhos. Militão. Malcom. Para cima da marcação do Jakobs. Militão. Brasil. Brasil com mais posse de bola. Senegal fechado aqui atrás.

Malcom. Distribuição do Bruno. Beleza de bola. Vini. Com espaço. É do jeito que ele sabe. É do jeito que ele gosta. O cruzamento, Gol! Gol! É do Brasil. Lucas Paquetá. De cabeça. Vini. Vini deixou na cara do gol. Foi uma assistência perfeita. Lucas Paquetá. Paquetá é forte no jogo aéreo. É gol do Brasil. Para você curtir. Veja o espaço que tem o craque Vinicius Junior. Paquetá pediu, entre os dois zagueiros. Paquetá tirando de Diaw. Lucas Paquetá. É o primeiro no jogo. É gol do Brasil. Que assistência de Vinicius Junior. Paquetá, sem marcação nenhuma. Brasil 1. Senegal 0. Pra ver. Pra rever. Paquetá sozinho. Sai para a festa, Paquetá. 1 a 0 Brasil. A rede balança. Lédio Carmona.

[Lédio Carmona] Golaço. Tudo bem, estava com liberdade o Vinicius Junior. Ok. A marcação não encaixou. Mas ele aproveitou a liberdade: “Tem um latifúndio para mim aqui. Eu vou resolver”. O cruzamento dele é de cinema. E a cabeçada do Paquetá, também muito bem feita. Ótimo jogo até agora no [Estádio José] Alvalade. Muito bom. Senegal tenta espetar contra ataque. De vez em quando consegue. E o Brasil faz um bom jogo. Bom jogo também. Um jogo muito competitivo. Esse é o amistoso que vale. Que expõe defeitos, mostra virtudes, aponta caminhos. É por aí.

[Luiz Carlos Jr.] Lá vem Mané. Tentando uma resposta imediata. Vem atropelando. Falta de Sadio Mané. Pedrinho, com doze minutos, o Brasil está na frente!

[Felipe Brisolla] Luiz!

[Luiz Carlos Jr.] E com espaço. Daqui a pouquinho eu vou com Pedrinho, porque Brisolla chamou.

[Felipe Brisolla] Nono gol do Paquetá com a camisa da Seleção Brasileira em 42 jogos. Agora teve um momento curioso aqui. Uma parte da torcida cantou “vamos, Flamengo”. Aí a outra parte do estádio: “Uh”. Ficou um clima curioso aqui.

[Luiz Carlos Jr.] Malcom. Para cima da marcação do Jakobs. Beleza de bola. Richarlison, cara a cara bateu para o gol. Chutou para fora. Pede a chance do segundo o Pombo. Ficou cara a cara. Brasil bem no jogo. Fez um e quer mais.Teve uma chance claríssima de marcar o segundo. Veja, condição legal, não estava impedido o Richarlison. Ele bate para fora. Pedrinho.

[Pedrinho] Brasil jogando bem pelos lados. Principalmente pelo lado esquerdo agora. Mano a mano é muito forte do Brasil, né. Tanto com o Malcom por um lado, quanto com o Vini do outro. E a gente falava do Paquetá e do Joeliton, a capacidade que eles têm de atacar a área. Né. De atacar o espaço. Não são construtores, não são jogadores de muita troca de passes, mas atacam o espaço como ninguém. E assim sai o gol da seleção.

[Luiz Carlos Jr.] Esse é Sarr, tira a marcação do Ayrton Lucas. Sarr é um jogador forte. Consegue o cruzamento. Bola para fora de Habib Diallo.

[Pedrinho] O jogo está bom hein. E esse é um ponto de observação até com relação a Ayrton Lucas, que provavelmente vai voltar muitas vezes para a seleção brasileira, com esses ajustes no setor defensivo. Ele já chega praticamente para um bote. De mano a mano para a beirada também tem dificuldade. Ele é um jogador muito agudo.

Facilita também que o Vini esteja no mano a mano, porque ele ultrapassa a todo momento. E aí divide a marcação lá. E às vezes se desgasta para o retorno. E já chega batido até para fazer um combate na marcação.

[Luiz Carlos Jr.] Aliou Cissé tem 47 anos. Foi técnico dessa seleção nas Copas de 2018 e 2022. Tem 80 jogos à frente dessa seleção.

Vini. Vini. Vini.

Pedala, Vini. Dribla, Vini. Acredita e cai. Nada. Bola com o Senegal. O juiz deu pênalti? O juiz deu pênalti! O juiz dá pênalti em Vini. Pênalti marcado em Vinícius. Pênalti. Pênalti para a seleção brasileira. Vamos ver o lance de novo. Tem um pisão ali no pé do Vini. Pênalti marcado. Pênalti para o Brasil.

Pênalti cometido pelo Ciss. Pênalti para a seleção brasileira. O juiz demorou um pouco e marcou. É pênalti para o Brasil. Tá bravo demais ali o Koulibaly. E o Aliou Cissé obviamente não curtiu.

[Pedrinho] Ah, eu acho que não foi pênalti não. É um pisão normal do jogo ali.

Se ele for chamado pro Var, provavelmente ele vai retirar. Mas não sei se o Var vai alegar que foi uma interpretação e não se mete no lance. Por isso que os jogadores foram até dar uma cobrada no Vini. Para o Vini falar. E eles querem que o árbitro vá no Var, né.

[Luiz Carlos Jr.] Cobrando agora o Sadio Mané, tirou ali o Koulibaly. Foi um pisão no Vini. E o pênalti foi marcado.

[Pedrinho] É para deixar claro, não é um pisão de quem tá disputando a bola, foi por cima e pisou. É um pisão de quem já estava no chão.

[Felipe Brisolla] Anulou.

[Luiz Carlos Jr.] Muito bem. Deu impedimento? De Vini? Ou voltou atrás?

[Felipe Brisolla] Não, não. Ele simplesmente voltou atrás.

[Luiz Carlos Jr.] Ele deu impedimento, sim. Ele deu impedimento. Impedimento do Vini. Na origem do lance. Impedimento.

[Lédio Carmona] Mas não anula o erro dele, que pênalti não foi. O impedimento salvou ele.

[Luiz Carlos Jr.] Salvo por um impedimento, amigão. Um Brasil, zero para o Senegal. Koulibaly. Vira o jogo na esquerda.Gueye. Primeiro tempo, 16 minutos. Jogo bom. Sadio Mané, jogador do Bayern de Munique. Koulibaly. Esse é Sabaly. Passou pelo Ciss. Chegou no Sarr, tem cruzamento.

Ciss de novo, bate e rebate. Olha a sobra. Houve um toque no braço, ficou reclamando ali o Diallo. Impedimento também. Jogo bom hein?

[Pedrinho] Jogo bom.

[Luiz Carlos Jr.] Jogo frenético.

[Pedrinho] E muito aqui também pelo lado. Novamente o Brasil ataca pelo lado esquerdo e sofre pelo lado esquerdo também aqui com Ayrton.

[Lédio Carmona] Esse jogador tá em cima dele. O Habib Diallo é muito rápido, muito veloz. Ele botou jogadores que estavam inteiros fisicamente. Ele fez uma escolha. E alguns jogadores, por exemplo, Krépin Diatta tá no banco. Ele botou quem tava mais inteiro nesse fim de temporada. O Gana Gueye não tá no jogo. Que é um jogador de 33 anos. Ele tá explorando muito a velocidade.

[Luiz Carlos Jr.] Quem tá jogando é o Pape Gueye.

[Lédio Carmona] Pape Gueye!

[Luiz Carlos Jr.] Brasil vai vencendo por um a zero, gol de Paquetá de cabeça. Marquinhos. Marquinhos revelado pelo Corinthians.

Tô com o Pedrinho, com o Lédio Carmona, com o Felipe Brisolla e com você. Bom ter você com a gente! Militão…

[Pedrinho] Olha essa imagem aqui, Luiz. O Ayrton já na última linha ofensiva lá. E o Paquetá mais atrás. A gente pode ver aqui, o Paquetá aqui e o Ayrton tá lá. Do lado do Richarlison.

[Luiz Carlos Jr.] E olha quem tá bem aberto na direita, é o Joelinton. Tentativa aqui com o Ayrton Lucas.

Ciss. Koulibaly. Sarr. Sarr tá dando um trabalho aqui aberto na direita. Grande, forte. Tá de Bruno Henrique, né? Diallo, quase no toque, assou pelo Sarr. Militão. Vini. Tirou o Eder Militão. Fica sentindo o Vinícius Júnior. Veja aí a marcação do impedimento, o ombro do Vinícius.

[Felipe Brisolla] Luiz!

[Luiz Carlos Jr.] Conta aí, Brizola.

[Felipe Brisolla] Muita gente do lado de fora, viu? A gente tá recebendo várias imagens aqui do pessoal. E também nas redes sociais. Filas e filas do lado de fora. Expectativa de que o público aumente bastante ainda. Temos uma expectativa pra mais de 30 mil torcedores hoje por aqui, Luiz.

[Luiz Carlos Jr.] Tínhamos uma venda antecipada de 18 mil. Malcom, no peito, na grama, pra cima do Jakobs. Ainda Malcom, do Zenit. Bruno, na devolução, jogou no fundo. Malcom, girou na boa! E a bola fica na pequena área, fica com Mory Diaw.

E é isso, né? Você vai querendo mostrar serviço. Malcom querendo mostrar jogo.

[Pedrinho] Jogo muito legal tanto pra Malcom quanto pra Vinícius, né? Marca numa linha de quatro, Senegal. Aí quando faz um balanço, demora um pouquinho nessa inversão rápida e proporciona o mano a mano. E eles [Malcom e Vini] são muito fortes no um contra um.

[Luiz Carlos Jr.] Jakobs, chamando o Gueye. Esse é Sabaly. Passou Sabaly, passou na boa. Acreditou, na linha de fundo, Sabaly, faz o corte certo. Tem cruzamento, que não vem pro Ciss.

Vini. Pra cima da marcação do Mendy. Ainda Vinícius Júnior. Que personalidade, hein? Tá vivendo um grande momento o Vinícius.

Koulibaly. Niakhaté. Vai pra Jacobs. Temos 20 no primeiro tempo em Lisboa. Paquetá fez o gol do jogo. 1 pro Brasil, 0 pro Senegal. Mendy. Niakhaté. Esse é Koulibaly.

Sabaly. Sarr. Ciss. Sarr, tá fácil de chegar por aqui. Senegal levando vantagem claramente pela ponta direita.

[Lédio Carmona] O Sabaly é um lateral que apoia muito bem, né? Ele é muito rápido, ele é técnico, ele vai pra cima. A cobertura ali é do Paquetá que conseguiu fazer com a abertura e depois o Marquinhos tirou. Tá sofrendo o Ayrton Lucas mesmo por ali.

[Luiz Carlos Jr.] Chegou ali o Sarr. É escanteio pra seleção de Senegal. Um Brasil, zero pra Senegal, cobrança na pequena área. Sabaly. Jakobs. Tome cruzamento na segunda trave, a bola vem pra entrada da pequena área, o chute de primeira! Gol! É de Senegal! Habib Diallo pegando bonito na bola, pegando firme, soltou uma bomba. Habib Diallo empata o jogo pra Senegal. Jogo bom, jogo disputado, jogo brigado. E Senegal chega ao empate com Habib Diallo. Agora, Brasil 1, Senegal também 1. No jogo aéreo a bola sobra. O corte ficou curto, o Joeliton tirou curto. Botou no pé do Habib Diallo e o chute foi preciso, forte. Habib Diallo soltou a bomba, quase no meio do gol. Mas venceu o Ederson. É o empate com o Habib Diallo, por vários ângulos diferentes pra você. 1x1 Brasil e Senegal. Gol de Habib Diallo, Pedrinho.

[Pedrinho] Na realidade a última linha defensiva do Brasil ela entra mesmo pra disputa, né. E quem tava mais à frente ali, Paquetá, Richarlison, poderia entrar um pouquinho na área pra pegar essa segunda bola. Eles estavam fora da área, facilitou a finalização do Diallo. Mas a jogada acontece do lado esquerdo, né. Ou o Ayrton sustenta um pouquinho mais e se tiver que liberar um dos laterais, libera o Danilo até por dentro mesmo, porque o Malcom já tá aberto, ou vai sofrer aqui, porque tá tendo que trazer o Paquetá pra cobertura. A gente já viu o Vini se desgastando aqui na marcação e o próprio Marquinhos. Então o Brasil tá sofrendo um pouquinho do lado esquerdo. Tem uma capacidade ofensiva grande, mas fica vulnerável na hora de defender.

[Luiz Carlos Jr.] Quarto gol do jogador do Strasbourg na seleção de Senegal.

[Lédio Carmona] É, exatamente. E o quarto gol que o Brasil leva em três amistosos. Enfim, são jogos contra o Marrocos, principalmente hoje, são jogos difíceis, mas são três amistosos. E o Brasil foi vazado nos três. Muito trabalho pela frente, né.

[Luiz Carlos Jr.] Esse é Marquinhos. Ayrton Lucas. Vale muito a sua torcida conosco no SportTV, Brasil jogando contra Senegal.

Vini. E acorda o torcedor brasileiro em Lisboa. Vini. Richarlison. Falta em Richarlison, revelado pelo América Mineiro. É o xerifão Koulibaly. Vini. Paquetá. Vini. De novo Paquetá, companheiros de Flamengo. Marquinhos. Militão. Danilo. Malcom voltando com o Danilo. Bora, bora, bora com o brasileirão no Premiere. É a maior oferta de jogos com o precinho que dá jogo. Saiba mais em premier.globo.com.

Vinícius Júnior impedido. Eliminatórias da Euro Bélgica 2 a 0 na Estônia, dois gols de Lukaku.

[Pedrinho] Estava impedido o Vini, mas é essa inversão rápida que o Brasil precisa. E fez bem, está fazendo bem.

É um jogo de intensidade. O Brasil está bem no jogo. A única questão é na fase defensiva aqui pelo lado esquerdo. Proporcionando essa virada na fase ofensiva com o Vini, o mano a mano dele é forte pelo lado esquerdo e o do Malcom pelo lado direito.

[Luiz Carlos Jr.] Mané. Levanta a cabeça, está esperando um companheiro. Volta o lance com o Jakobs. De novo o Sadio Mané fez falta na Copa do Mundo, estava lesionado.

Vaia da torcida brasileira, Mané. Gueye. Mané. Ciss se apresenta, Gueye também. Mané. Acreditou no talento, perdeu a bola. E a falta. Derrubado o Malcom.

[Pedrinho] A gente está vendo na marcação, Luiz. O Brasil marca no 4-4-2 e sobra na frente o Vini e o Richarlison. No Real Madrid, o Vini desce na beirada mesmo para fazer essa marcação e ajudar muito. Aqui quem tem que fazer é o Paquetá. Então o Paquetá tem que descer um pouquinho mais para ajudar o Ayrton, para o Ayrton não sofrer no jogo. Porque na fase ofensiva ele é importante também para construir junto com o Vini.

[Luiz Carlos Jr.] Marquinhos. Esse é o Militão do Real Madrid. Joelinton. Para você que não acompanha, é pouco provável que você não saiba nesse momento, mas a trajetória do Joelinton é muito legal. Ele era centroavante no Sport. Veio recuando, recuando e brilha no meio campo hoje na Inglaterra. Marquinhos. E o Malcom livre, livre na direita. Paquetá.

Esse é Danilo. Lucas Paquetá. O Brasil acredita no lance, não chega no Ayrton Lucas, mas houve uma falta, o Brasil levava vantagem, agora o juiz manda voltar a cobrança. Um Brasil, um para Senegal. Paquetá e Habib Diallo fizeram os gols do jogo.

Você viu de novo a falta cometida no Bruno Guimarães. O goleiro Mory Diaw vai orientando a zaga de Senegal. Paquetá fez de cabeça o gol do Brasil, quem sabe no jogo aéreo. mais uma vez o cruzamento, a tentativa, passa pelo Militão. E é tiro de meta para o Senegal. Aí o zagueiro Éder Militão. O Militão já tem 29 jogos pela seleção brasileira. Malcom. Voltando com o Ayrton Lucas. Primeiro tempo em Portugal. Lucas Paquetá. Ayrton Lucas. Vini.

Tentou aqui uma lambreta, uma carretilha, não passou a bola do Vini. E a resposta vem com o Sarr. Toque no meio para o Diallo.

Mané. É perigoso o ataque de Senegal, Mané. Perde ângulo, traz com ele a marcação do Danilo.

Consegue o cruzamento na segunda trave, Ciss de cabeça. Ciss dá combate, o time briga muito. Saiu jogando mal Bruno Guimarães, está valendo o lance. Sarr faz o toque para a entrada da grande área. Mendy. Gueye, bateu para o gol, bateu fraquinho. Não dá para vacilar aqui atrás, não.

[Lédio Carmona] Não dá! E o Sarr está fazendo um grande jogo, camisa 18. Ele se aproxima ali do Diallo, às vezes ele troca de posição. Está confundindo a marcação, que já está exposta por causa do Ayrton Lucas, como o Pedrinho já disse. E o Mané mais pelo centro, caindo um pouco também pelo outro lado, pelo lado esquerdo. É muita gente chegando com velocidade, com boa técnica…

[Luiz Carlos Jr.] Sarr vem fazendo um grande jogo, um jogador experiente, já de duas Copas do Mundo.

[Lédio Carmona] E ele tem o Sabaly do lado dele também, que é o lateral direito, que encosta também com muita qualidade.

[Luiz Carlos Jr.] Sarr tá jogando no Watford, da Inglaterra.

Bola com o Jakobs. Quase 30 no primeiro tempo em Lisboa. Um Brasil, um pro Senegal. Mané. Mendy. Sabaly.

Passou pelo Sarr. Sai jogando o Brasil com o Paquetá e chega na frente pro Richarlison. Vini não dominou legal. Mendy. Ciss. Vem pro jogo o Senegal.

Sadio Mané. Não houve falta. Joelinton. 30, primeiro tempo. Lá vem o Brasil com o Paquetá. Vini tá na esquerda, bola com o Vinícius. Bruno Guimarães. Malcom. Tá no mano a mano, puxa pro meio. Erra o passe. Errou o passe aqui pro Paquetá. Sarr, Sarr. Sarr é impressionante fisicamente, um jogador impressionante. Ismaila Sarr tem 25 anos.

[Lédio Carmona] Os poucos jogos que ele jogou na Copa, foram quatro, e ele jogou muito bem. Todos eles.

[Luiz Carlos Jr.] E é um jogador já, como eu falei, de duas Copas do Mundo. Jogou a Copa de 18, na Rússia. Sarr, talento precoce, já participou de três edições da Copa Africana de Nações: em 17, 19 e 22. Logo mais tem Uruguai e Cuba aqui no SporTV, mais um amistoso internacional pra você, Uruguai e Cuba. Pedrinho, qual é a do jogo com 31 [minutos]? Tem uma seleção melhor em campo?

[Pedrinho] Não, eu acho que tá muito equilibrado, Luiz. O Brasil começou, até os 16 minutos, com muita intensidade, forçando muito pelo lado esquerdo. Depois, a seleção de Senegal percebe, com essa força do lado esquerdo e obviamente Ayrton subindo muito, começa a explorar ali com Diallo, o próprio Sabaly passando bastante. A gente viu o Ayrton, naquela última linha defensiva de Senegal, Paquetá mais atrás, era só

inverter. O Ayrton por mais que seja ofensivo, ele é um lateral, ele tem mais noção de marcação que o Paquetá. E aí Senegal começa a explorar as costas aqui pelo lado esquerdo.

[Luiz Carlos Jr. O torcedor do Náutico aí, tá animado. E aquele momento, Pedrinho, que o Lédio adora: ola! O silêncio de Lédio Carmona já diz tudo. Vai passar a ola! Ayrton Lucas. 1 a 1 Brasil e Senegal. Paquetá, Vini.

Richarlison. Não consegue a devolução pro Vinicius, quase. Ciss. Sai jogando pelo meio Mendy. Achou o Jakobs na esquerda. E tem muito espaço lateral de Senegal. Pediu pra receber o craque Mané. Vem pra dentro, vem pra cima. Mané, o cruzamento. Tentava o Sarr. Mendy com a sobra. Joelinton. Vinicius Junior. Deu um presentaço, deu um presentaço. arr, Mané pediu, Sarr bateu. Defendeu Ederson. Vacilo do Vinicius.

[Pedrinho] Na realidade Luiz, quando o Brasil recupera a bola, o Ayrton tá atrás do Paquetá e ele faz a ultrapassagem. Na realidade, o Paquetá tinha que acelerar pra receber na frente. Aí o Ayrton teve que fazer a ultrapassagem porque o Paquetá sustentou na marcação. Aí o Brasil perde a bola. Bola nas costas de Mané.

[Luiz Carlos Jr. 33, o jogo é bom, o jogo tem emoção. Paquetá. 1 a 1 Brasil e Senegal pra você no SportTV. Ayrton Lucas. Vinicius. Lucas Paquetá voltando com o Vini. Senegal com uma finalização a mais no jogo. São números pra você no SportTV. Marquinhos. Lucas Paquetá. Marquinhos divide. Falta marcada, falta no Paquetá.

[Lédio Carmona] Mas o Brasil tá perdendo muita bola no meio-campo e dá o contra-ataque rápido. Você não pode perder a bola nessa região aí, por exemplo. Aí foi um passe errado, não foi nem perda de bola.

[Luiz Carlos Jr.] Se ele tenta uma bola um pouquinho mais aberta, podia chegar no Mané, hein.

[Lédio Carmona] E de novo o Sarr na jogada. De novo. O Ramon vai ter que ajeitar esse posicionamento no segundo tempo pra reforçar a marcação ali. Ele já é bom jogador. Muita qualidade. Com liberdade…

[Luiz Carlos Jr.] Esse é Malcom. Bruno Guimarães. Marquinhos.

Paquetá trabalhando com o Ayrton Lucas. Brisolla falou que o público tava entrando ainda, deu uma melhorada. Sai bem a tabela. Richarlison. Vini. Vem pra entrada da grande área. Cai. Bruno Guimarães.Falta marcada em Vinícius Júnior. Falta pra seleção brasileira. Koulibaly, dá uma fechada no tempo ali. Treta. Falta perigosa na entrada da grande área. 35. Com a bola, Vinícius Júnior.

[Lédio Carmona] Todos os adversários do Koulibaly no futebol inglês deram um tapinha nas costas dele. Tipo assim, tá tudo certo. Não se estressa com a gente daqui a um mês…

[Luiz Carlos Jr.] Vinícius jogou 33 partidas pelo Real Madrid desde a Copa do Catar, sendo 32 como titular. Xerifão Koulibaly. Vini deu, nessas 33 partidas pelo Real, 16 assistências e fez 13 gols. Vive um grande momento, um momento de muito protagonismo. Protagonismo mundial numa causa fundamental contra o racismo Vinícius Júnior. Tá um a um, falta pro Brasil. Paquetá, tem cruzamento, a bola ficou curta, o chute de primeiro do Malcom. Defendeu Diaw.

36 no primeiro tempo. Falei dos números pós-copa. O Lédio Carmona tem os números da temporada de Vinícius Júnior. Dom Carmona!

[Lédio Carmona] Tenho Luiz, tenho. 23 gols e 19 assistências. Ele jogou 55 jogos.

[Luiz Carlos Jr.] Paquetá. Vinícius. Trazendo com ele a marcação. Do Sabaly. Sabaly desistiu. E o Brasil aí começa com Éder Militão. Atuação discreta do Danilo. Danilo virou zagueiro mesmo na Juventus. Marquinhos. Ayrton Lucas.

37, primeiro tempo, o Brasil buscando um gol nessa reta final de primeira etapa. Paquetá. Marquinhos. Virando o jogo na direita. No peito. Bonito e na grama. Malcom. Joelinton pede.

Bruno tentando uma devolução. Joelinton, de cabeça. Bruno Guimarães. Danilo. Malcom. Com a marcação do Jakobs.

Esse é Bruno Guimarães, revelado pelo Audax. O Brasil tem a bola, mas Diaw não fez nenhuma grande defesa nesse primeiro tempo. Vinícius. Ainda Vini. Marquinhos. Danilo pensando o lance, pensando a jogada. Marquinhos. Recua a seleção de Senegal.

Brasil tenta uma pressão. Ayrton Lucas. Vinícius.

Joelinton pedia ali na entrada da grande área. No momento Joelinton volta às raízes, né? Tá ali como um centroavante, praticamente. Cruzamento vem pro Richarlison. De costas, Ciss. Gira com personalidade na entrada da grande área. E o Brasil recupera com Marquinhos. Ayrton Lucas.

[Pedrinho] Falta um pouquinho de jogo por dentro, né, Luiz? Brasil é muito forte pelos lados, mas a gente já deu, como característica do que é a Joelinton, do que é a Paquetá. São jogadores que atacam espaço, não são jogadores de troca de passe curto, né? De tabela, de dribles, tudo… Por isso o Brasil usa muito os lados, né?

[Luiz Carlos Jr.] Aí o Joelinton. Usa o corpo, faz a proteção, chama a falta, falta marcada.

[Felipe Brisolla] Luiz!

[Luiz Carlos Jr.] Felipe Brizola!

[Felipe Brisolla] Vou esperar a cobrança da falta, mas já já eu trago uma informação sobre o Danilo que você citou há pouco.

[Luiz Carlos Jr.] Ayrton Lucas. Juizão saiu da frente. Lá vem o Brasil com Bruno Guimarães, com Vini. O drible. Quase. Ele ia metendo uma caneta ali na grande área.

[Pedrinho] E o Bruno, desse meio campo, é o cara que mais tem essa capacidade de tabelar, de passe curto, né? Mas ele joga de primeiro. Agora que ele saiu um pouquinho mais pro jogo.

[Lédio Carmona] Tentou canetar o Koulibaly . Acho que ele ficou na bronca daquela falta. Ele tentou dar uma caneta no Koulibaly. O Koulibaly não deixou, não.

[Luiz Carlos Jr.] Koulibaly é um armário do Chelsea de um metro e oitenta e seis. Quase, hein, Vini? Quase que deu. Dribla, Vini. Aí, Koulibaly que é muito bom zagueiro.

[Felipe Brisolla] Luiz.

[Luiz Carlos Jr.] Conta aí, Brizola.

[Felipe Brisolla] Koulibaly, segundo as especulações, tá indo pro Al-Hilal, da Arábia Saudita.

Por enquanto nada confirmado, mas estaria deixando o Chelsea. Danilo, deu entrevista recente pros nossos colegas do Globoesporte.com, do GE.globo, e diz que vê com ótimos olhos essa possibilidade dele investir como zagueiro, né, investir na carreira como zagueiro. E até porque ele acredita que ele possa ter chances na seleção brasileira.

Ele falou que não tá abandonando, né, a posição de lateral, mas que vê com ótimos olhos, até como investimento de carreira nessa entrevista exclusiva que ele deu.

[Luiz Carlos Jr.] Passou pelo Vini, a bola fica com Senegal. Quarenta do primeiro tempo. No gramado, Felipe Brisolla, você sempre ligado conosco, é bom demais, você curtindo, torcendo pelo Brasil. Comigo, com o Pedrinho e com o Lédio Carmona.

Jakobs. Voltando com Diakhate, esse é Diaw. Goleiro Mory Diaw, goleiro do Clermont. Goleiro de um metro e noventa e cinco de altura. Bruno Guimarães. Esse é Danilo.

Danilo, jogador com muitas lesões na seleção brasileira, inclusive em Copas. Marquinhos. Paquetá.

Tentativa do Joelinton. Joelinton tentou. Aí o Joelinton, fez gol na sua estreia com a camisa da seleção brasileira. E o amigo vizinho do Lédio, torcedor do Newcastle, é muito fã do Joelinton.

[Lédio Carmona] Não, não é meu vizinho não, só é meu amigo.

[Luiz Carlos Jr.] Eu já enfeitei um pouco o bolo, né? É o best do Lédio. Quarenta e dois. Militão. Tem espaço o Paquetá.

Erra o passe para Richarlison. Diakhate fez a proteção para a saída do Diaw. Senegal empatou por um a um com o Benin no sábado. O jogo foi no Benin. Partida válida pela penúltima rodada do grupo L das eliminatórias da Copa Africana das Nações. Senegal defende o título, são os atuais campeões.

Jakobs. O zagueiro Seck fez o primeiro gol para Senegal, que é o jogador do Maccabi Haifa de Israel. E Benin empatou com o Moumine, jogador de dezoito anos.

Brasil com muito mais posse de bola. Ciss. Sarr. Na segunda trave. É lateral, né? Nem chutou, nem cruzou. Rodrygo sentiu o joelho. Tá com o soninho. Vamos lá, camisas do Botafogo, Grêmio, Flamengo, São Paulo, Corinthians, Palmeiras. Tem muita camisa. Identificando aqui rapidinho, galera. Nem Pedro, nem Lédio candidataram a me ajudar. Ayrton Lucas. Vamos caminhando para o fim do primeiro tempo do SporTV. Paquetá. Bruno Guimarães. Marquinhos.

Lédio, pelo que vimos até o momento, o um a um fica de bom tamanho?

[Lédio Carmona] O Brasil teve um bom início de jogo. Acho que do meio para frente, o Brasil, apesar de abusar do jogo pelo lado esquerdo e tem que usar mesmo, que é o Vinícius Jr. Tem que variar um pouco mais, né? Tem que variar um pouco mais, ter um pouco mais de jogo pelo meio, como já apontou o Pedrinho.

Agora, defensivamente faz um jogo muito ruim, exposto. E quando o Senegal chega à frente, chega muito, leva vantagem. O Senegal finalizou mais, teve mais chance, teve mais velocidade. Enfim, o jogo tá difícil pro Brasil.

[Luiz Carlos Jr.] Esse é Bruno Guimarães. Malcom. Tá no mano a mano, tá no um contra um. Chega uma dobra de marcação. Vinícius.

Bruno Guimarães. Joelinton pede. Paquetá. Bruno Guimarães, falta em Lucas Paquetá, falta dura. Amarelo pra Ciss. Se irrita, hein? Pathe Ciss é jogador do Rayo Vallecano.

Veio quente, hein? Veio sem freio o Pathe Ciss. Chegamos a 45. Estamos nos acréscimos da primeira etapa. Um Brasil, um pro Senegal. Mais um minuto. Econômico o árbitro, vamos até... Bom, deve ser o último lance, né? Como comparado, podemos ir até 47, mas são os instantes finais do primeiro tempo. Tá ali o Ciss. Falta pro Brasil. Preocupado o Ramon. Jogo duro pra seleção brasileira. Lá vem Danilo, solta a bomba!

Defendeu Diaw. Belo chute do Danilo, do meio da rua. Chute da intermediária pra você curtir mais uma vez no SportTV. É a defesa segura de um goleiro muito grande, de 1,95m. Cobrança do Vinícius. É escanteio, Brasil. Pode ser o último lance do primeiro tempo. Vinícius. Cobrança na primeira trave, na pequena área. Paquetá com a sobra, bateu cruzado. Tirou de cabeça ali o Gueye. Joelinton.

Fez a proteção, só que o juizão não quer saber mais de jogo na primeira etapa, não. Termina o primeiro tempo. Esse é o estádio do Sporting, em Lisboa.

Segundo tempo

[Luiz Carlos Jr.] Começam as emoções do segundo tempo. Você ligado no futebol internacional, no SportTV, com os primeiros movimentos da segunda etapa. Um Brasil, um pro Senegal. Marquinhos. Militão. Brisolla tá em Portugal, tá no gramado. Tô com o Lédio Carmona, com o Pedrinho. E lá vem o Brasil mais uma vez. No seu primeiro ataque no segundo tempo com o Malcom. Richarlison pede. Joelinton se apresenta pela

direita. Ayrton Lucas erra o passe pro Vini. Estamos apenas no início do segundo tempo. Diallo já disparou ali no meio.

Mas a bola, mais uma vez, é brasileira. Joelinton, revelado pelo Sport, passadas largas, jogador forte.

Richarlison. Gira, achou o Vini. É do jeito que ele gosta, Vini. Tem dobra de marcação. Acredita sempre na habilidade, no talento. Ultrapassagem era pro Paquetá.

Falando em categoria, giro bacana do Koulibaly, manda pra longe. O Brasil tem um bom retrospecto contra as seleções africanas. Foram 42 jogos, com 37 vitórias brasileiras, 2 empates e apenas 3 derrotas. Vinícius. Bruno. Lucas Paquetá. Vai pra Ayrton Lucas. Éder Militão. Tocando a bola na direita com o Malcom. Acorda o torcedor brasileiro em Lisboa. Marquinhos. Ayrton Lucas. Bruno Guimarães. Mais uma vez a seleção de Senegal fechadinha lá atrás.

Bruno. Paquetá. Cruzamento na direção do Richarlison.

A bola fica com Mory Diaw. E olha como ele acelerou na saída do jogo. Mané. Mendy. A bola chega no Jakobs. Gueye. Mané. É o cara, é o comandante. É a grande referência técnica desse time.

Ciss. O torcedor brasileiro vaiando. Dois minutos no segundo tempo. Ciss. Jakobs. Chamando o talento de Mané na esquerda. Jakobs na ultrapassagem. Mané errou o passe.

Ciss. Mais uma posse de bola pra Senegal. Corte do Malcom, Jogando no lugar do Rodygo que sentiu uma lesão no joelho. Mendy. Koulibaly. Ciss tocou de cabeça, tá valendo o lance. O juiz entendeu que a trombada foi legal, foi na bola. Jakobs. Esse é Sadio Mané. Tirou facilmente a marcação.

Mané tentou trabalhar com Diallo no pivô. Paquetá ganha pro Brasil. Sai jogando na esquerda com Ayrton Lucas. Acelera a seleção brasileira. Vini dispara. Ayrton toca com Vinícius.

Koulibaly na marcação. Vinícius. Koulibaly já ficou. Já bailou pra cima do Koulibaly. Errou o passe na sequência. Deu pro Gueye. Gueye. O jogo é lá e cá. O jogo já foi bom no primeiro tempo, promessa de um bom jogo também na segunda etapa. Marquinhos. Esse é Bruno Guimarães. Passamos dos quatro no segundo tempo. Danilo. Malcom. Ayrton Lucas. Marquinhos. Danilo pelo meio.

Richarlison no pivô. Joelinton. Fon desarmado Joelinton. Esse é Sadio Mané. Com a bola dominada encarando toda a marcação brasileira. Gueye. Sarr. Travado no cruzamento. Sai bem do gol Ederson. Ederson campeão da Champions e um grande destaque da final. Viní. Paquetá. De novo Vinícius Júnior. Vem pra cima do Sabaly.

Vini na entrada da grande área. Danilo bateu pro gol. Soltou a bomba. Danilo deu um bom chute de falta no fim do primeiro tempo. É tiro de meta pra Diaw. De frente pro gol chutando Danilo, bola pra galera. E a reação do lateral revelado pelo América Mineiro. Esse é Niakhaté. De novo Niakhaté sai jogando pra Senegal. Sem pressa, Niakhaté tem a bola dominada. Jakobs. Esse é Gueye. Mané pediu e recebeu. Último toque foi do Joelinton. Joelinton se esticou. Juiz entendeu que não houve nada. Que toda jogada foi legal.

Passe errado pro Viní. A resposta de Senegal é interessante. Bola na entrada da grande área com Diallo.

Ajeitou, driblou. Diallo prendeu. Sadio Mané. Tem cruzamento na segunda trave. Olha o toque pro Diallo. Gol de Senegal. Marquinhos contra. A bola vinha na direção do Diallo. Se antecipou o zagueiro Marquinhos e mandou pra trás. Mandou pra dentro do gol brasileiro. É gol contra do Brasil. É o segundo gol de Senegal. Um pro Brasil. Dois pra Senegal. Mais uma vez. Não havia impedimento. Bola cabeceada pro meio. Se estica Marquinhos. Bola pra trás. Gol contra do zagueiro Marquinhos. Senegal na frente. Lédio Carmona.

[Lédio Carmona] Senegal trocando passes com a autoridade. E o Mané na hora de fazer o giro. O que ele achou? Lá pelo lado esquerdo, as costas do Ayrton Lucas. Vem o toque de cabeça. E o desvio do Marquinhos.

De novo a marcação pelo lado esquerdo não encaixou, nem ali pelo centro. Mané teve todo tempo pra fazer a construção da jogada. Sarr de cabeça. Gol contra do Marquinhos, na hora de chegar à frente. Senegal continua chegando com mais força. Com mais qualidade. E com mais repertório que o Brasil.

[Luiz Carlos Jr.] Sarr com toda a liberdade na direita. E se passa pelo Marquinhos, chega no Habib Diallo. Pedrinho.

[Pedrinho] O Brasil recupera a bola, depois perde novamente. A bola veio lá de trás.

Uma construção da seleção de Senegal. O Brasil recupera, erra o passe por dentro, e perde o controle do jogo, né. Quando você perde o controle contra uma equipe de boa velocidade, jogadores rápidos, inteligentes.

É ruim. Até começar a pensar um pouco em mexida. De repente jogadores que tenham um pouco mais de controle do jogo, como o Raphael Veiga. Segurar. Que são as opções que ele tem no banco agora.

Porque se você começa a errar passes na hora de construir, com os jogadores de velocidade que o Senegal tem. Você vai sofrer.

O Brasil está com dificuldade justamente porque não consegue dominar as ações do jogo. E proporciona ao Senegal os espaços que o Senegal quer.

[Luiz Carlos Jr.] Temos muito jogo pela frente ainda. O Brasil fez o primeiro e a virada de Senegal. Acorda a torcida brasileira em Portugal. O Brasil fez um a zero com Paquetá. Foi o nono gol do Paquetá com a camisa do Brasil. Agora, do elenco atual, o maior artilheiro nesse elenco é o Richarlison com 20, o segundo Paquetá com 9.

[Lédio Carmona] Exatamente. O Richarlison foi o artilheiro do ciclo, do segundo ciclo do Tite, junto com o Neymar, com 20 gols. Agora. O problema é que o Richarlison não vive um ótimo momento. Não faz um bom jogo mais uma vez. Ele tem muito talento.

Ele tem muita possibilidade. Ele tem muito de onde tirar. Mas o momento dele não é bom não.

[Luiz Carlos Jr.] E o lançamento para o Gueye.

Vai ficar cara a cara, lá vem Senegal. Gueye cai na entrada da grande área. Se reequilibra, bate para o gol. Olha a sobra. Defesaça do Ederson. Mané. Ajeitou, chapou, pro gol! Gol, é de Senegal. Sadio Mané. Na bola chapada na categoria.

A curva tirou a bola do Ederson. É gol de Senegal. Mané. Gol de quem sabe. Gol de quem conhece. Ele joga muita bola. Mais um contra-ataque Gueye. Cai. Se reequilibra. Consegue um toque para o Mané. Primeiro a defesa do Ederson. Na sequência o toque para o Mané. E veja o que ele fez, tirando de Ederson. É mais um gol de Senegal. Agora Brasil 1, Senegal 3. Sadio Mané. Pedrinho.

[Pedrinho] A gente falou: dar espaço para uma seleção que é rápida, jogadores inteligentes. E tecnicamente acima da média, como o Mané vai sofrer dentro da partida.

O Brasil perdeu o controle do jogo. Na realidade usava sempre muitos lados. Não tinha aquele jogo por dentro de combinações. Não ditava o ritmo. E começou a ficar exposto. E aí você dá oportunidade com tanta liberdade para um cara como esse. É sinônimo de sofrimento. O Brasil abaixo no segundo tempo, começou o primeiro tempo forte e iniciou o segundo tempo abaixo.

[Luiz Carlos Jr.] E vêm aí Rony e Pedro. 3 a 1 para o Senegal…

[Felipe Brisolla] E isso aí. Vai subir a placa já já. Mas imediatamente eles foram chamados, assim que o Mané fez o terceiro gol.

Rony e Pedro estão prontinhos. O primeiro a sair é o Richarlison. Então Pedro vem aí no lugar do Richarlison. Vaiado o Richarlison. Vaiado pela torcida aqui em Portugal.

Vamos ver agora quem vai sair para o Rony entrar. Aplaudido o Rony, tem muita ajuda do Palmeiras por aqui. Vai embora o Malcom, camisa 21; Rony, camisa 22, no jogo, Luiz.

[Luiz Carlos Jr.] E aí Dom Pedro? E essas mexidas?

[Pedrinho] O Brasil eu acho que não está nem encontrando espaço para a velocidade do Rony. Mas é uma ótima opção. O Rony é rápido.

Se tiver em algum momento uma transição ele vai usar a velocidade. Eu acho que é um Brasil que tenta se impor no jogo, mas não tem esse jogador que segura a bola, que tenha capacidade técnica.

[Luiz Carlos Jr.] O jogo é em Portugal. Tenta o Brasil, tem cruzamento na segunda trave para o Rony. Rony vive um grande momento no Palmeiras.

[Pedrinho] Com relação ao Pedro, o Richarlison fez um jogo um pouquinho abaixo, né? Para fazer um pivô, para sustentar um pouco mais essa última linha de Senegal, é melhor. O Brasil precisa um pouquinho controlar mais o jogo para não sofrer na partida.

[Luiz Carlos Jr.] Seria bom para o Brasil um gol nos próximos minutos para voltar rápido para o jogo. Um Brasil, três Senegal. Escanteio para a seleção brasileira. Cruzamento na entrada da pequena área, tem sobra. Tentativa do Marquinhos, a bola sobe e vai entrando. Gol! Saiu o gol que eu falei! Logo depois do terceiro de Senegal, Marquinhos. A bola sobe e entra. Marquinhos! Marquinhos fez um contra. Faz um a favor. Num gol estranho, a bola cai dentro do gol. O Brasil faz o segundo. Marquinhos, Marquinhos. Brasil, dois. Senegal, três. Tem jogo, tem muita emoção pela frente. É gol brasileiro. É gol de Marquinhos.

[Lédio Carmona] No abafa, na força. Agora a impressão que eu tive é que o zagueiro de Senegal atrapalhou o goleiro. Acabou tirando o equilíbrio do goleiro. O goleiro não conseguiu chegar na bola. No abafa. No abafa, na força, no jogo aéreo. O Brasil, aos trancos e barrancos, consegue diminuir. Agora vamos ver se cede menos espaços na parte defensiva para chegar pelo menos ao empate.

[Luiz Carlos Jr.] Brasil com oito finalizações. Senegal com seis. Pedrinho! Saiu no abafa, mas saiu no momento bom, né? Logo depois do terceiro gol de Senegal. E olha o Brasil! O Brasil colocou sangue novo em campo, colocou Rony, colocou Pedro. Pedrinho?!

[Pedrinho] Isso, para pressionar! Rony ali vai ser importante.

O perigoso é isso, né? Sair de qualquer jeito e dar o contra-ataque para Senegal. Que tem como arma a velocidade, né? Usa isso muito bem, com muita capacidade técnica para definir.

[Luiz Carlos Jr.] E agora o Sarr consegue um amarelo para Ayrton Lucas. Tá duro hoje para Ayrton Lucas, hein?

[Pedrinho] É, ao lado dele ali são jogadores de muita capacidade. Sabaly, que é um lateral, consegue chegar muito à frente. Diallo, o Sarr tá caindo por ali.

[Luiz Carlos Jr.] Amarelo para Ayrton Lucas. Jogo bom, jogo animado com cinco gols. Temos muito jogo pela frente ainda, vale muito a sua torcida no SporTV. Lá vem Senegal, cruzamento, Koulibaly para o meio. Brasileiros pedem o escanteio, aliás, pedem o impedimento. E os senegaleses o escanteio. Mais uma vez o cruzamento na direção... olha o espaço, a liberdade que tinha o Koulibaly. É escanteio Senegal.

Quinze minutos no segundo tempo. Sadio Mané, cruzamento na segunda trave. Outra tentativa no jogo aéreo, sai do gol Ederson.

Promessa de muita emoção na sequência do jogo que o Brasil quer um empate. Rony, Rony, Rony, ainda ele. Como briga, como acredita, não se entrega jamais.

[Lédio Carmona] Rony deu uma agitada no jogo, na velocidade. Velocidade lá, velocidade aqui. Falta do militão, agora perdeu.

[Luiz Carlos Jr.] Bom, se é que teve em algum momento, perdeu completamente uma característica da minha esposa. Agora é jogo à vera, agora é jogo quente, agora é jogo bom. Todas as emoções do futebol internacional.

Caído um jogador de Senegal. Tô com Lédio Carmona, com Pedrinho e com Felipe Brisolla. O Sarr, deu muito, muito trabalho no jogo de hoje. E olha o Rony, olha o que o Rony chega fazendo, o salseiro que o Rony chega criando.

[Pedrinho] É, faltou um pouquinho pro Brasil isso aí, começar a atacar a última linha, comandar a última linha de Senegal. O Brasil trabalhou, rodou a bola de uma beirada pra outra, com Malcom, com Vini. Mas já faltava, faltava aquele facão, né, aquela entrada no espaço na última linha, pra começar a jogar a equipe de Senegal mais pra trás, e você ter espaço na intermediária, isso não aconteceu. Por isso que o Brasil ficou às vezes muito fácil de ser marcado, né, porque roda de um lado pro outro, esse jogo por dentro falta um pouquinho. E aí quando começou a errar o passe, na hora da construção, ficava aberto e aí proporcionava o contra-ataque pra seleção de Senegal.

[Luiz Carlos Jr.] 17 minutos no segundo tempo. Amanhã tem jogão em 4K no SportTV com São Paulo e Athlético Paranaense. Resenha começa às 17h45, bola rolando às 19h. Tá no Brasileirão, tá no SportTV.

Dois Brasil, três pra Senegal. Aí o Sarr.

[Felipe Brisolla] Veiga já já!

[Luiz Carlos Jr.] E vem Senegal mais uma vez. Vini, cruzamento de novo pra entrada na pequena área. Na sequência, Mané pensa o lance. Mais um cruzamento tirado agora pelo Marquinhos. Pedro. Conseguiu voltar a jogar. E o Brasil tenta. Tirando do jeito que dá, Koulibaly. Mané não dominou legal, não. Esse ano o Senegal já fez 11 jogos com 7 vitórias, 3 empates e apenas uma derrota. Perdeu pra Uganda. Foi no dia 18 de janeiro.

Galera tenta jogar com a seleção brasileira em Lisboa. Ayrton Lucas. Lucas Paquetá voltando com Ayrton. Bruno Guimarães. Esse Éder Militão. Danilo. Cruzamento na

direção do Rony. Geuye. Mané. Chegou no gás, chegou com vontade. Danilo, bola pra Senegal. Tá com cara de amistoso não, Pedrinho.

[Pedrinho] Não, ficou à vera o jogo. Já não tava desde o início. O início do jogo foi bem intenso. 16, 17 minutos do primeiro tempo. O Brasil em cima, marcando bem. Depois, Senegal chega ao gol e começa a dar intensidade forte também, fazendo o Brasil correr pra trás. Explorando muito as costas do Ayrton. Jogo bom.

[Luiz Carlos Jr.] E já tivemos 3 gols no segundo tempo. Esse é Danilo. Você está ligado no SporTV em todo o Brasil, torcendo pela seleção do Brasil. Ayrton Lucas. Erra o passe pro Vini.

Sarr, dribla o Ayrton Lucas, para no Bruno. Segue no lance. Ayrton Lucas. Temos 20 na segunda etapa em Lisboa. Bruno Guimarães. Tentando o Rony na frente. E a bola fica com Diaw. Cuadrado faz o segundo gol colombiano em cima da Alemanha. Ciss. Desarme brasileiro e esse é Lucas Paquetá. Acelerando pelo meio. Levando uma trombada. Tem falta pro Brasil. Falta, Paquetá tem pressa. O Brasil ficou 2 gols atrás. E quer um empate nesse momento em Lisboa. Pressiona a seleção brasileira. Ayrton Lucas. Chamando Paquetá no meio.

Vini tá na esquerda. Vinícius. Cruzamento na direção do Pedro. Parando mais uma vez no capitão Koulibaly. Joelinton com falta. Falta pra Senegal. Falta de Joelinton que você está revendo no SportTV. Derrubando Habib Diallo. Vem aí outra alteração na seleção brasileira. Saindo Joelinton. Entrando Veiga, Pedrinho.

[Pedrinho] Eu deixaria o Joelinton, tiraria o Paquetá. Apesar de ter feito gol. Traria até o Joelinton pra... Um pouquinho mais pra próximo do Bruno Guimarães. E deixaria o Raphael Veiga centralizado. Atrás do Pedro, como um meia mesmo de armação. Mas também é uma boa escolha. Porque o Joelinton e o Paquetá eles agridem muito no espaço. Pra construir o Veiga tem mais essa capacidade.

[Luiz Carlos Jr.] Mendy desarmado. Paquetá na dividida. Entrou no gás o Niakhaté. O jogo é bom. Jogo quente. Jogo à vera em Lisboa. Com aquele detalhe, pra qualquer seleção do mundo, ganhar do Brasil tem um gosto especial. Essa camisa brasileira é a

mais tradicional das seleções do mundo. Veiga. Marquinhos. O jogador do Palmeiras, Raphael Veiga. Ainda pouco entrou o Rony. Tem esse entrosamento: Veiga, Rony. Quem sabe? E a galera joga com a seleção brasileira. Bruno Guimarães. Vinícius. Vem pra cima de quatro. Faz o lançamento. A bola ficou forte pro Rony. Todo mundo vai marcar o Vini.

[Pedrinho] Mas é isso. Esse facão nas costas é importante. A gente falava que o Rony precisa de espaço.

A gente já ver o Senegal um pouco mais atrás. Compacto, né? E aí é difícil de gerar o espaço a não ser nesse lance. Ele atacar as costas da última linha. Que era o que faltava também pra seleção brasileira.

[Luiz Carlos Jr.] Mendy. Lédio, quando o Mendy surgiu, foi comparado ao Claude Makélélé. Pequenininho, pelo porte físico… rola?

[Lédio Carmona] Não. Acho que o Makélélé era mais jogador. Eu acho que o Mendy é até mais forte do que ele. Mas é bom jogador também.

[Felipe Brisolla] Idrissa Gueye entrou.

[Luiz Carlos Jr.] E lá vem Rony. Lá vem Rony. Não vem mais.

[Lédio Carmona] A bola escapou um pouquinho dele, né? Olha como é que ele pressiona o goleiro. Entrou muito bem no jogo do Rony.

[Luiz Carlos Jr.] Esse é Sabali. Ciss.

[Lédio Carmona] Esse tá jogando muito no meio, Ciss.

[Luiz Carlos Jr.] Mendy. Daí pra Gueye. Jakobs faz a ultrapassagem, a bola passa pelo Craque Mané. Jakobs. Bola pra entrada da grande área pro Diallo, não dominou. Ficou com o Ciss, ajeita. Bate pro gol. Tiro de meta pro Brasil. Ramon mexeu um pouco no time. Um pouco forte essa bola do Vinícius. Vinícius. Rony.

Ganha a bola a seleção de Senegal. E a falta do Rony no Gueye. 24 no segundo tempo em Lisboa. Vai vencendo Senegal. Diallo. A torcedora brasileira tá tensa demais em Lisboa. Tem jogo pela frente. Vale muito a sua torcida conosco no SporTV.

[Lédio Carmona] Luiz, tem uma informação legal. Estatística. Eu já falo, depois da cobrança da falta.

[Luiz Carlos Jr.] Tirou aquela foto, partiu pra torcida. Mané. Bola na pequena área, bom corte do Militão. Agora vem o Militão, do Real Madrid. De novo o Sadio Mané. Tome cruzamento. Não vale mais nada. Não vale mais nada. O juiz já apitou há um tempão. O Juiz apitou há muito tempo. O Niakhaté não sabe o que aconteceu. Já rolou um apito há muito tempo.

[Lédio Carmona] Falta.

[Luiz Carlos Jr.] Você tem que contar isso pro Niakhaté.

[Lédio Carmona] Falta de ataque. Luiz, sabe a última vez que o Brasil levou 3 gols no jogo?

[Luiz Carlos Jr.] Não! Diga!

[Lédio Carmona] Na disputa do terceiro lugar na Copa de 2014 contra a Holanda: 3 a 0. Naquela época o Brasil levava muitos gols, né?! E aí tomou 3 a 0. Depois, nunca mais levou 3 gols no jogo. Hoje levou.

[Luiz Carlos Jr.] Veiga, vinha com a bola dominada…

[Pedrinho] Mas é ali o espaço dele. Pertinho do Pedro pra poder se conectar. Ele tava de costas e perdeu a referência. O ideal é ele estar de lado pra saber de onde vem a bola e a marcação. Ele se precipitou achando que já tava alguém nas costas dele e deu o passo errado.

[Luiz Carlos Jr.] Bola pro Ciss. Diallo pede. Ciss prende. Mendy. Gueye, vacilou. Beleza, Paquetá. Beleza, Paquetá! Sobra aqui pro Bruno Guimarães, Brasil bem no lance. Fica sentindo ali o Paquetá. Juizão mandou seguir. Danilo. Rony. Bruno Guimarães… o Juiz vai parar o jogo. Derrubado o Paquetá.

[Pedrinho] No segundo tempo, nesses enfrentamentos de mano a mano, o pé firme de Senegal tá prevalecendo sobre a seleção brasileira.

[Lédio Carmona] Pé de ferro, né. Eles levam vantagem em quase todas.

[Luiz Carlos Jr.] Paquetá jogou no Flamengo, no Milan, no Lyon e no West Ham. Bakayoko faz o terceiro da Bélgica: 3 Bélgica, 0 Estônia. Aqui o Brasil quer um empate. Tem tempo, hein, Ramon? 27. Tem tempo, né, Pedrinho? Muito jogo pela frente.

[Pedrinho] O problema é que o jogo tá sem controle, tá muito aberto. A gente não tem uma previsão. A gente não vê o Brasil controlando, amassando o Senegal. Tá muito exposto. Uma bola perdida nessa saída de trás, construindo, todo mundo se espalhando à frente. Acho que não vai dar mais Paquetá, não.

[Luiz Carlos Jr.] Parece que o problema... Não sei se tá sentindo o ombro. Parece o ombro, né? Parece uma queda, né? Vem aí, André. Com isso ele vai liberar o Bruno Guimarães.

[Pedrinho] Provavelmente. O problema no ombro, tá aqui o Dr. Rodrigo Lasmar no atendimento ao Paquetá. Tá aí sentindo muita dor. Ganhou a dividida, botou na frente. Sente o ombro esquerdo. Foi na queda. Levou a mão ao ombro imediatamente.

[Felipe Brisolla] Alex Telles também.

[Luiz Carlos Jr.] Vem aí, Alex Telles e André. Lédio Carmona, deve mexer na lateral esquerda.

[Lédio Carmona] É, imagino que ele abra a mão do Ayrton Lucas. É isso mesmo.

Tá saindo o Ayrton Lucas, já saiu. O Alex Teres, que acabou cortado da Copa do Mundo logo no início. Foi pra Doha, mas foi cortado por lesão depois de um treinamento.

[Luiz Carlos Jr.] Mais duas mexidas no Brasil, saindo Ayrton Lucas e Lucas Paquetá… André tem a bola dominada. André e Alex Telles em campo.

[Felipe Brisolla] Luiz!

[Luiz Carlos Jr.] André e Alex Telles em campo. Sim, Brisolla!

[Felipe Brisolla] Paquetá foi direto pro vestiário, viu, Luiz? Direto pro vestiário com o Dr. Lasmar, nem foi pro banco de reservas.

[Luiz Carlos Jr.] Danilo. 29 de segundo tempo em Lisboa. Bola com o Ederson. Agitado o Aliou Cissé. Lançamento pro Veiga. Sobra na entrada da grande Área, não fica com o Pedro.

Mas fica com o Brasil. Alex Telles. Trabalhando a jogada no meio. Vinícius. Danilo pediu. Brasil quer pressão, 30, tem muito jogo pela frente. André. Segundo tempo do jogo em Lisboa. Brasil 2, Senegal 3. Militão. André. Éder Militão. Rony.

Toda a seleção senegalesa requada. Militão. Marquinhos. Esse é Raphael Veiga. Viní, Rafael. André.

[Pedrinho] Muita gente por trás pra construir, ó. Veiga, André, é isso aí, agora sim. Um pouquinho mais à frente, começar a empurrar, chegar pra última linha pra ter mais gente. Senão fica todo mundo trabalhando em uma zona de conforto, que é aqui atrás.

Faltam jogadores na frente pra justamente ter superioridade numérica e ter facilidade pra construir.

[Luiz Carlos Jr.] André. Voltando com Marquinhos. Daí pra Militão. Vale muito a sua torcida. Você ligadaço no SportTV acompanhando Brasil e Senegal. Bola longa demais. Não deu pro Danilo. Bora, bora, bora com o brasileirão no Premiere. É a maior oferta de jogos por um precinho que dá jogo. Saiba mais em premier.globo.com.

Cristiano Ronaldo aos 45 do segundo tempo, tem gol. No jogo 200 dele com a camisa de Portugal, gol de Cristiano Ronaldo. 1 a 0 em cima da Islândia.

[Lédio Carmona] 123.

[Luiz Carlos Jr.] E contando! Habib Diallo. Vamos lá, Brasil. O Brasil buscando o empate. Mané. Ele volta aqui atrás com o Niakhaté. Koulibaly. Mendy. Brasil fez 1 a 0, Senegal fez 3 a 1. Bola equada pra Diaw.

[Lédio Carmona] Senegal que é o segundo país africano a fazer 3 gols no Brasil. O primeiro foi o Egito, que fez 4. Não, não. Fez 3 na Copa das Confederações de 2009; 4 a 3 pro Brasil.

[Luiz Carlos Jr.] Será um presságio, Dom Carmona?

[Lédio Carmona] Não, não tem presságio. Só uma informação.

[Luiz Carlos Jr.] Hoje bola de cristal, nada. Ficou em casa.

[Lédio Carmona] Não, não, não. Deixaram em casa.

[Luiz Carlos Jr.] Por enquanto, Brasil 2, Senegal, 3. André. Voltando com Marquinhos. Vini. Sai da esquerda, se apresenta pelo meio. Ainda Vinícius. Pedro. Sobra brasileira. Alex. Vinícius tenta um drible espetacular, caiu e pediu uma falta. Alex Telles dá combate. E a bola é brasileira mais uma vez. Brasil vem pra pressão. Tem muito jogo pela frente ainda.

De novo a tentativa do Vini. Ele pediu uma falta na jogada com o Sabaly. André. Alex Telles. De novo André. Danilo, de primeira. Bruno Guimarães acelerando, puxando pra

entrada da grande área. Rony. Travado no momento do cruzamento. Último toque do Jakobs. Recua Senegal e o Brasil vem. Danilo. André. Alex Telles.

Veiga se apresenta. Tem cruzamento. Rony sobe, a bola passa pelo jogador do Palmeiras. E é tiro de meta pra Diaw. Rony gostou do cruzamento. Vai aumentando a pressão. Tá ali a torcedora do Galo. Torcedor do São Paulo ao lado do torcedor do Palmeiras. Torcedora do Corinthians. Torcedor do Flamengo. Todo o Brasil ligado no SporT acompanhando Brasil 2, Senegal 3.

Tome cera aí do Mory Diaw? Militão chamando Marquinhos. Temos quase 35. Esse é André. Éder Militão. Bruno. Brasil trabalhando pelo meio. Não houve falta do Mendy, segundo o juiz. Esse é Sadio Mané. Gueye. Carrinho preciso, no tempo. Vem, Éder Militão. Gueye. Falta do Gueye. Brasil tem toda a pressa do mundo. O jogo começou bom para a seleção brasileira com o gol do Paquetá. Senegal fez três gols e o Brasil voltou para o jogo com o gol do Marquinhos.

Vinícius. Pedro perde na frente. Pedro tocou pouco na bola. Ele erra o passe. Errou para o Veiga. Ficou para o Mendy. Esse é Jakobs. Mendy. Koulibaly. Voltando pro Diaw.

Vinícius aperta. Brasil sobe suas linhas. Sabali. Voltando pro Diaw. André. Veiga. Briga ali com o Raphael Veiga. Outra bola recuada pro Mory Diaw... Sadio Mané. Leva uma trombada. Falta cometida. Falta em Mané. Rony não gostou. Não se conforma. Falta do Rony.

[Felipe Brisolla] Luiz!

[Luiz Carlos Jr.] Brizola.

[Felipe Brisolla] Já tem alteração agora em Senegal, já confirmo para você. Mas o retrospecto do Brasil contra africanos vai ficando ruim, no retrospecto recente. Foram quatro jogos e três derrotas. Camarões na Copa. Marrocos depois da Copa. E agora contra Senegal. Já já confirmo as alterações para você, Luiz.

[Luiz Carlos Jr.] Saindo o Gueye e o Ciss.

[Felipe Brisolla] Entrando Diatta e Kouyaté.

[Luiz Carlos Jr.] Bom o jogo é tão à vera, que Senegal faz as primeiras mudanças agora, Pedrinho, com 37.

[Pedrinho] Até porque o Brasil empurrou um pouquinho o Senegal para trás mesmo sem criar nada né. Empurrou um pouquinho e já bota o Senegal para dentro do seu campo. E aí já incomoda mais até.

[Luiz Carlos Jr.] André. Atropelado o Bruno Guimarães. Brasil tentando uma vitória em Portugal, é importante pro Ramon, pro momento da seleção brasileira, que, no momento, está sem técnico e no pós-Copa tá perdendo seu segundo jogo, dois em três! André, esse é de militão, o Brasil acredita o Brasil quer no fim do jogo. Marquinhos, chamando André, Danilo, Veiga pediu um cruzamento, André, Danilo, Rony.

O Brasil toca, toca, toca e não chuta no gol do Diaw! Militão, tentativa era pro Rony. Rony na jogada com Mané. Rony acredita sempre, acredita em todas. 38 do segundo tempo. Rony. Pedro pede cruzamento, corte na entrada da grande área. Telles. Vini, é do jeito que ele gosta, no mano a mano, Vinícius, na entrada da grande área. Travado. Bem Sabaly tirando a bola do Viny. Ainda cabe. 39 do segundo tempo. É pressão final, é pressão total da seleção do Brasil. André, pelo meio. Rony, consegue o domínio. Bruno Guimarães, cruzamento. Marquinhos virou atacante. Lembrando o cenário, CBF definiu Carlo Ancelotti como treinador, mas pode haver um vazio, uma interinidade de mais de 500 dias e o Brasil tem mais 8 jogos pra fazer esse ano.

Danilo. André. Vini. Capitão Marquinhos. André, 21 anos, faz a virada de jogo na direita. Tentativa com Rony. Rony cai, segue o lance, tem a posse de bola a seleção de Senegal. Passamos dos 40, Senegal tentando garantir a vitória no contra ataque. Mané. Diatta, entrou agora, tá cheio de gás. De novo Sadio Mané, faz uma graça com a bola. Diatta. Valoriza a posse de bola Niakhaté. Voltando com Koulibaly, daí com Sabaly. Prende a bola, valoriza a posse de bola Mendy. Senegal com a bola no pé não corre risco. Bruno Guimarães perde a posse de bola pro Mendy. André dá combate e a falta marcada pra Senegal.

Com todo esse cenário que eu citei, seria muito importante, Pedrinho, ter resultados! E aí, treta!

[Felipe Brisolla] Confusão: Kouyaté e Militão.

[Luiz Carlos Jr.] Kouyaté afastado aqui pelo Vini. Mas falando desse cenário: o Brasil faz opção por ter um técnico provavelmente no meio do ano que vem.

[Pedrinho] O cenário, Luiz… o cenário todo, até pra você botar na conta do Ramon, é muito difícil, porque o contexto todo não favorece. Agora, também é bom deixar claro, para aqueles que falam do Neymar, Neymar fora da seleção, mesmo avaliando o contexto do jogo, o Neymar é o único acima, acima, acima da média pra fazer algo diferente. Então, em vez de botarem o Neymar fora da caixinha tem que estimular e dar importância pra ele pra que ele possa se recuperar rapidamente e voltar à seleção brasileira, pra não se tornar uma seleção comum. Tem muitos jogadores de muito potencial, mas de grande diferencial, que desequilibram, só ele!

[Luiz Carlos Jr.] Jackson em campo. Jackson em campo, Brisolla.

[Felipe Brisolla] É isso, Diallo foi embora. Vai lá, Luiz. Diallo 7, saiu do jogo; 9, Nicolas Jackson em campo.

[Luiz Carlos Jr.] Sadio Mané. Quase 43, tentativa do Koulibaly de cabeça. André, consegue o domínio, coloca a bola na grama, esse é Bruno Guimarães, atropelado, falta, Cartão, treta, briga, agora o Militão vem para a briga, agora fechou o tempo,

[Felipe Brisolla] Ederson, ai, chegou lá

[Luiz Carlos Jr.] Os dois goleiros saíram dos seus gols, o treinador está em campo, ali o Aliou Cissé. Catão Amarelo está na mão do árbitro

[Felipe Brisolla] Amerelo pra Krépin Diatta.

[Luiz Carlos Jr.] Amarelo para Diatta, ficamos nisso. Amarelo para Éder Militão, amarelo para Danilo, amarelo para Jackson. E o jogo fica amarradão agora, nos últimos 5 minutos tivemos muito pouco jogo. Falta para a seleção brasileira, falta duríssima. Jackson, Militão, treta, fechou o tempo. Uma farta da distribuição de Catões Amarelos e ficamos por isso. Vamos ver quanto tempo mais ele vai dar de jogo né, treta, teve substituição à beça…

[Pedrinho] Primeiro tempo ele deu um minutinho só.

[Luiz Carlos Jr.] Mega econômico.

[Pedrinho] Saiu do padrão FIFA, né?!

[Felipe Brisolla] Mais 6!

[Luiz Carlos Jr.] Mais 6, subiu a placa e a gente viu, Pedro, tentativa com o Rony, com o Bruno, com o Rony, falta mais uma vez cometida pelo Bruno Guimarães. Jogo fica tenso demais nesse fim. Pós-copa não começa legal para a seleção brasileira. Senegal vai entrando agora para um seleto grupo de 4 países que têm superioridade no confronto direto com a seleção brasileira: Holanda, Hungria e Noruega; a Holanda em 12 jogos tem 4 vitórias e o Brasil tem 3; em 5 jogos contra a Hungria, a Hungria venceu 3 e o Brasil venceu 1; em 4 contra a Noruega, 2 vitórias da Noruega e 2 empates.

46, vamos até 51, dá tempo de buscar o empate. Alex Telles, chamado Marquinhos, temos mais 5 minutos pela frente, Alex Telles, acelera. E aí volta aqui atrás com Marquinhos, que chama o Militão. Marquinhos sinalizou, Alex, vai! Danilo, Bruno Guimarães, vira para o lado errado, perde, tem contra-ataque, tem contra-ataque, e pode ser o contra-ataque do jogo.

Jackson, está sozinho, puxa para o meio o Jackson, caiu, trombou… nada, segue o lance, a bola é brasileira, Bruno Guimarães, é lá e cá! Vai ter emoção até o fim, é amistoso com o cara de jogo à vera, Brasil 2, Senegal 3. Raphael Veiga…

[Pedrinho] Mas a gente percebe, quando Senegal já está compactado atrás, que faltam muitas coisas, movimentos, obviamente que pelo tempo de trabalho, e a gente tira isso da conta do Ramon, movimentos organizados, mecanismos automatizados para facilitar as combinações, as trocas de passes. E a questão individual, da criatividade, do drible, do improviso, para furar um bloqueio desse.

[Luiz Carlos Jr.] Vinícius, é o cara do improviso. Danilo, vai para Rony, aberto na ponta direita. Vinícius pede, tem cruzamento, Vinícius, na pequena área, não subiu. Tirando Mané, dá um bicão para cima, Senegal quer muito essa vitória sobre o Brasil. André, Marquinhos, a pressão é total, pressão final da seleção do Brasil, bola tocada para o Pedro, bate para o gol… defende Diaw, é escanteio Brasil! No chute de Pedro, o Brasil finalizou pouco no segundo tempo. Pedro batendo para o gol, Diaw, se estica e manda para o escanteio, escanteio do Brasil. 48, Veiga e Vini, ficou para o Veiga.

O Brasil busca o empate de qualquer maneira, o cruzamento, a tentativa no jogo aéreo. Não chegou no Marquinhos, bola recuada para Ederson, que é um goleiro que joga muito bem com o pé. Esse é André, 11 finalizações do Brasil, 7 finalizações de Senegal. Bola tirada de cabeça, Sarr mandando para o lado. Sarr virou ajudante de lateral direito. O torcedor brasileiro está acreditando, vai ter emoção até o fim, o cruzamento para o Pedro… no alto é do Diaw, encaixa firme, cai na grama, ganha tempo. De novo a tentativa do Jackson, ele pediu um pênalti no lance com o Militão.

Brasil 2, Senegal 3. Esse é Raphael Veiga, o Brasil não se entrega, o Brasil quer jogo, e vem no talento do Vinícius Júnior, Bruno pediu, tem cruzamento na segunda trave para o Rony, de cabeça para o meio, ele pede um pênalti, pediu um toque de mão do Jakobs. Os torcedores brasileiros reclamam, a comissão técnica também, posse de bola para Senegal. Vamos caminhando para o fim do jogo., Jakobs, valoriza a posse de bola, para a seleção de Senegal. Militão. Bola colocada para o Jackson, ele tem condição legal, vai ficar cara a cara, Jackson… Ederson sai do gol, e é pênalti! Pênalti para Senegal, Ederson derrubando o Jackson, pênalti para a seleção de Senegal, Lédio Carmona.

[Lédio Carmona] Tava exposto, o Brasil indo todo pra frente. Marquinhos jogando na frente. Tinha espaço pra contra-ataque. No que encaixou. Olha esse lance aí. O braço

tava… vamos tentar rever. O braço estava um pouco aberto, vamos rever depois esse lance para tentar um julgamento mais exato.

[Luiz Carlos Jr.] E aí o pênalti do Ederson.

[Lédio Carmona] Exato! E aí o pênalti, o pênalti é indiscutível do Ederson no Nicolas Jackson. Acho que ele pegou também, Pedrinho! Não achou, não?!

[Pedrinho] Ele não pula… pega né?! Eu acho que ele se atrapalhou para definir, aí ele teve que dar o drible. Ederson faz aquele movimento de saída e ele pula. Porque se ele não pula, também tem um contato. Pra mim não tem o toque… e o do Brasil acho que o braço estava próximo ao corpo.

[Luiz Carlos Jr.] São lances revisados pelo VAR, mas aparentemente é pênalti para Senegal. Pós-copa do Brasil com uma derrota para o Marrocos, uma derrota para Senegal, uma vitória sobre Guiné.

[Pedrinho] Tava impedido!

[Luiz Carlos Jr.] Ele não. Mané tava impedido. Tá com a bola Koulibaly. E a festa é senegalesa! Pênalti ainda não foi confirmado. Agora sim!

Kalidou Koulibaly, 32 anos, zagueiro do Chelsea. Não! Vamos ver quem bate. É o Mané. Mané. Vem para a cobrança, bateu o pênalti. Gol! Senegal, Mané de novo, Mané, quarto gol senegalês. Brasil 2, Senegal 4. O Brasil perde mais uma no pós-Copa em três jogos, duas derrotas para as duas principais seleções africanas. Perdeu para o Marrocos, vai perdendo para Senegal, vitória senegalesa, 4 a 2. Mané de pênalti no último lance do jogo. Lédio Carmona, 4 a 2 para Senegal

[Lédio Carmona] Pois é. A gente alertava desde o pré-jogo. É um jogo difícil, não tem favoritos.

ANEXO B - Transcrição da transmissão da partida entre Brasil e Guiné no canal SporTV

[Milton Leite] Quase nove e meia da noite, mas temos agora este amistoso em Barcelona contra a seleção de Guiné. É tirado ali todo o equipamento utilizado no protocolo, e aí a arbitragem: Andris Treimanis, é o árbitro do jogo; Haralds Gudermanis e Aleksejs Spasennikovs, todos da Letônia, é o trio de arbitragem. Tá ali também o Albert Avalos, da Espanha, o quarto árbitro. É a arbitragem de vídeo também espanhola, o Vitor Garcia comanda e o Juan Mendes são os que estão na arbitragem de vídeo.

Tudo pronto, a bola vai rolar para Brasil e Guiné. A seleção brasileira, que vai fazendo aí os seus amistosos, vai se movimentando, trazendo novidades para o time. No aguardo de quem será o comandante a partir do momento em que a seleção brasileira vai se avizinhando aí já de competições. Tem as eliminatórias para a Copa do Mundo, aqui na América do Sul agora a partir de setembro.

E temos aí mais uma manifestação antirracista. Jogadores, os de Guiné sentam no campo, os brasileiros se ajoelham, inclusive o pessoal da arbitragem. É mais uma manifestação nessa campanha antirracista, porque já disseram né? Não basta não ser racista, é preciso ser antirracista, porque são coisas diferentes. E vai sendo respeitado ao mesmo tempo um minuto de silêncio também contra o racismo. E é claro que as imagens vão sempre buscar o Vinícius Júnior ali, que tem sido peça-chave neste momento que vive a CBF, o futebol internacional. E agora a contagem é regressiva. E você viu ali, pegamos o finalzinho no telão do estádio, né? A cada número eles eram exibidos com mãos negras, né? Formando ali o número que estava sendo cantado na contagem regressiva de 10 segundos.

Muito bem, a bola está rolando, você está curtindo o amistoso Brasil e Guiné. Direto de Barcelona na Espanha. O Brasil, todo de preto, saiu tocando bola. Aí o Militão voltando a jogada ali com o goleiro Ederson. Repare que o Guiné tenta sair para abafar a saída de bola da seleção brasileira.

Deu certo. Conté recupera a bola para o Guiné. Tocando ali por dentro no Sow, este é o Mouctar Diakhaby. Completa a linha defensiva lá pela esquerda, o Sylla, Issiaga Sylla. Fica com o arremesso lateral. Guiné com as cores da sua bandeira no uniforme, o vermelho, o amarelo e o verde. Não confundir Guiné com Guiné-Bissau e Guiné-Equatorial. São três países diferentes. Este aqui é só Guiné. Está aí Conté. Joga ali por dentro no Diawara. Um toque bonitinho ali do Keita. De novo a tentativa com o Conté. Aparece aberto aqui o Guilavogui. Acaba levando o lateral aqui pelo lado direito na chegada ali do Marquinhos. Guilavogui. Aí o trabalho do camisa número 10, Ilaix Moriba. Ih, rapaz, é enjoado, hein? Já meteu uma caneta ali. Tentativa da tabela, sobrou, Guilavogui. Tocou por dentro, não tinha ninguém.

E aí o Richarlison estava por ali, chegou atropelando. O jogador de Guiné fazendo a falta sobre o Pombo. Bem pertinho ali da entrada da grande área brasileira. Está aí o técnico da seleção brasileira, o Ramon Menezes, 50 anos, é mineiro. Nasceu em Contagem. E olha que interessante: desde 2006, quando o Parreira dirigiu a seleção brasileira na Copa do Mundo da Alemanha, de lá pra cá, 17 anos, só gaúchos dirigiram a seleção brasileira. Felipão, Dunga, Mano Menezes, Tite. E pela primeira vez desde então, temos um não gaúcho no comando da seleção. Hoje, o mineiro de contagem, o Ramon Menezes, que tem 50 anos. Tudo bem que ele é interino, mas é o 59º, número 59, a dirigir a seleção brasileira.

Aí o trabalho de bola do Danilo. Mais uma jogada lá pelo lado direito. A tentativa do lançamento do Casemiro era ali pro Richarlison. Uma bola muito longa. Fica fácil ali para o goleiro Koné dominar e sair jogando. Koné joga ali pelo lado esquerdo a defesa com Diakhaby, outra vez o Koné. O Brasil avança pra pressionar ali a saída de bola. Aí o chamado bumba meu boi. Keita não dominou. Casemiro de primeira. Richarlison tocou de perna esquerda, tira o zagueiro. Vai brigar ali o Paquetá, tem o Vinícius Júnior pertinho, Acabou tocando muito atrás. Guilavogui chegou por ali, dividiu, o Juizão olhou e ntendeu que não houve nada. Segue o jogo.

Casemiro. Joga pra trás ali no Marquinhos. Outra vez o Casemiro, bonito de letra. Paquetá, Vinícius Júnior. Bola sobra aqui para Ayrton Lucas. Casemiro recomeça lá atrás. Marquinhos. Olha o Casemiro aí, capitão do time. Joga ali por dentro no

Joelinton. Bola volta no Casemiro. Marcação de Guiné mais forte aí a partir do meio do campo.

Aí o Casemiro, tenta de novo a bola longa para o Richarlison. Teve que sair de cabeça ali o Koné. Mas o bandeira do lado de lá já estava dando impedimento do ataque brasileiro. Ibrahim Koné tem 33 anos, ele joga na Escócia. Ele joga no Hibernians, da Escócia. Tem um metro e noventa de altura, o goleirão de Guiné. Aliás tem muito jogador aí que joga na França. A maior parte dos jogadores atua na França. A maioria deles na segunda divisão da França.

Você viu ali o Kaba Diawara, 47 anos. Ele que nasceu na França, ele nasceu em Toulon, mas tem a cidadania. Jogou três Copas da África com a seleção de Guiné. Chegou a jogar na seleção sub-21 da França antes de preferir, para termos de futebol, defender a seleção de Guiné. E hoje é o técnico aí aos 47 anos de idade. Aí a bola ali pelo lado esquerdo. Kamano. Vai trazendo, vai procurando alguém. A marcação aperta. Toque de bola ali do Keita, que é o capitão do time, esse camisa número oito. Agora o Diawara jogando ali pelo lado esquerdo com o Diakhaby. Mais à frente o passe para o Sylla. Tentou jogar ali por dentro, houve o desvio. Bola recuada para o Ederson. Com tranquilidade sai jogando ali com o Marquinhos. Aqui do lado esquerdo o Ayrton. Vini vem buscar a bola. Já tomou o drible ali o zagueiro. Vai embora o Vini. Boa bola para o Paquetá. Arranca o Brasil para cima da marcação. Paquetá faz o passe na grande área.

Ayrton Lucas. Sai o goleiro. Paquetá tentou, foi bloqueado ali pela chegada do Konté. Aí tenta responder rápido a seleção de Guiné com Guilavogui. Fechando aí com o Keita, que é o capitão do time e é considerado o melhor jogador do time. Ele que já teve passagem pelo Liverpool na Inglaterra. Atualmente é vinculado ao Werder Bremen, da Alemanha. Aí você está vendo a falta agora do Vini Júnior em cima dele. Naby Keita. 28 anos, joga na Alemanha no Werder Bremen. Mas seu momento mais importante foi jogando pelo Liverpool da Inglaterra. Olha a torcida gritando.

Virada de jogo aqui para o lado direito. Guilavogui. Curtinho ali com a Ilaix Moriba. Diawara. Este é o zagueirão Diakhaby. Que faz a abertura lá na ponta para o Sylla. Driblou bonito, passou pelo primeiro. Mas foi bem ali na recuperação para fazer o corte o Joelinton, chega rasgando ali o Casemiro. Outra vez a bola pertence à seleção de

Guiné. É a tentativa do lançamento. Não para ali no Marquinhos. Casemiro. Vai lançar também? Não. Agora preferiu deixar curtinho ali com o Joelinton.

[Felipe Brisolla, repórter de campo] Milton!

[Milton Leite] Opa!

[Felipe Brisolla] É só aproveitar e complementar sobre o Naby Keita. Enfrentou brasileiros naquele jogo de 2019 entre Flamengo e Liverpool na final do Mundial de Clubes. Ele foi titular naquele jogo em que o Flamengo acabou perdendo a decisão para o time inglês. Mas fez uma partida contra brasileiros.

[Milton Leite] Felipe Brisolla, que está lá em Barcelona. Aliás, no meu time, Brisolla é sempre titular.

Olha o Keita aí, capitão do time, bateu ali por dentro. Boa bola, dominou. Guirassy botou para cima do gol. A primeira finalização é da equipe de Guiné. Você está vendo aí o Guirassy que mandou as nuvens à bola, mas recebeu ali na entrada da área.

Olha só, em uma ótima posição para finalizar. Serhou Guirassy, 27 anos, é outro que joga num time importante no Stuttgart da Alemanha. Ele tem 1,87 de altura. E aí você está vendo aquele contra-ataque, né? Quando o Brasil chegava até com mais jogadores, numericamente superiores ali em relação à recuperação do time de Guiné.

[Paulo César Vasconcellos] Um contra-ataque que é muito característico com o Ayrton Lucas, né Milton? O Ayrton Lucas faz muito isso no Flamengo. De se projetar, de se lançar à frente, ocupar o espaço buscando a finalização.

[Milton Leite] Guilavogui com a bola. Consegue recuperar. Toca ali para o Keita, se organiza ali pela meia. De novo a bola vem aqui na ponta para o Guilavogui. Keita busca de novo a jogada por dentro. Dessa vez não teve domínio ali o Guirassy, ficou fácil para a retaguarda brasileira, que tenta acelerar agora com o Rodrygo. Busca o Richarlison ali por dentro. Os jogadores pediram impedimento ali, o bandeira mandou seguir. Paquetá. E aí o passe foi muito ruim na tentativa de achar o Vinícius Júnior aqui

pelo lado esquerdo. A bola foi para fora. Daí a bola voltando para o sistema defensivo. O Sow recuando ali para o Koné. Diawara ajeitando para o Diakhaby, ali pelo lado esquerdo da defesa. Esse é o Ilaix Moriba. Joga mais à frente no Kamano. Volta no Moriba. E outra vez o jogo está parado com falta.

Guiné que é a República da Guiné, a sua capital é Conakry e fala-se francês. A língua oficial do país é francês. O país foi colônia francesa até 1958. A população de Guiné hoje é de 12 milhões e meio de pessoas. Está na África Ocidental, faz fronteira com Senegal, com Mali, com Costa do Marfim, com Libéria, com Serra Leoa e com Guiné-Bissau. E também tem saída para o Oceano Atlântico.

Daí o Keita. Tocando ali por dentro. Boa bola do Kamano aqui na ponta direita. Guilavogui, lançamento na ponta. Recebeu ali o Conté, vem cruzamento na área… tira Marquinhos de cabeça. E aí vai ter de novo a chance do contra-ataque Brasil. Vinícius, rola por dentro. Casemiro. Richarlison. Joelinton. Boa bola ali pela meia direita. Lançamento do Danilo na ponta para o Rodrygo para encarar a marcação. Pé direito, lindo corte. Outro drible. Foi para o fundo, a bola foi desviada. O Brasil vai ter escanteio lá pelo lado direito na boa iniciativa ali do Rodrygo. Vem o Rodrygo para a cobrança. Bola aberta aqui na segunda trave, tocou de cabeça o Joelinton, mas a bola saiu sem direção. Apenas a reposição para a equipe de Guiné.

Esse estádio é chamado de estádio RCDE: Real Clube Deportivo Espanyol. Mas ele é mais conhecido como Cornellá El Prat, que é o local onde ele está. São dois ajuntamentos, como eles falam. Praticamente um distrito, um bairro de Barcelona, que são exatamente Cornellá e El Prat. Pertence ao Espanyol, de Barcelona, e foi inaugurado em 2009. 40 mil lugares. Você se lembra, né?! O Espanyol jogava no estádio Sarriá, famoso Sarriá, da nossa seleção de 82.

[Paulo César Vasconcellos] 5 de junho de 82.

[Milton Leite] Pois é. Aquele estádio foi demolido. Hoje, se você passar lá na rua do Sarriá, tem um supermercado lá. Desde que ele foi demolido, o estádio Sarriá, que foi em 1997. O Espanyol passou a jogar em Montjuic, no estádio Olímpico, que fica naquele monte bonito, lá em Barcelona, que foi o estádio da Olimpíada de 92. Mas

desde 2009 o time passou a jogar aí, no seu estádio, que foi construído em 2009. Terminou de construir em 2009. Então passou a ser o estádio de mando de campo aí do Espanyol. E na próxima temporada, 23-24, o Barcelona também vai jogar aí em função da reforma que vai ser realizada lá no Camp Nou.

Mais um lateral para o Brasil. Aí a bola dividida ali pelo Joelinton. Que bola agora do Marquinhos, correu em cima da linha. Aí a virada de jogo do Casemiro. Chegou para dividir o Sylla. Ganhou o lance em relação ao Danilo, tocou por dentro. Mas por dentro ali só tinha o Joelinton. E ficou caído o jogador de Guiné lá. O Brasil tenta contra-golpear, bola em direção a Richarlison. Chegou rasgando ali a marcação e segue o jogo. Agora o juiz vai parar, exatamente porque ficou caído ali o Issiaga Sylla, o lateral esquerdo da equipe de Guiné. Continua sentindo aí Issiaga Sylla, de 29 anos. Esse joga na França, é um dos que joga na França, joga no Montpellier. Tem 1,80 de altura. Uma pancada na cabeça ali. Você vê que eles estavam com aquela bolsinha de gelo, agora vem aquele sprayzinho milagroso...

[Paulo César Vasconcellos] E Guiné começa o jogo não como uma postura… você está vendo aí o técnico de Guiné, o Kaba Diawara, que assumiu em 21. Não como uma postura defensiva, saindo do jogo. Teve uma chance com o Guirassy. Mas não está querendo fazer uma postura mais defensiva, deixando o Brasil com a bola. Enquanto você revê o lance... a disputa de bola com o Danilo e aí a queda do Sylla. Aliás, que é o jogador com o maior número de partidas pela seleção de Guiné.

[Milton Leite] É isso. E aí o Sylla vai se levantando. E agora sim! Por via das dúvidas botaram ali alguém no aquecimento. Ibrahim Diakite, número 2. Aí você vê o Ramon Menezes, técnico da seleção brasileira sub-20, e vai quebrando esse galho aí. Enquanto a seleção... Ele como jogador chegou a ser da seleção sub-20 do Brasil, Fez 5 jogos. Na seleção principal do Brasil ele fez 6 jogos, marcou um gol. Agora o Sylla tem que sair ali, já que ele foi atendido em campo. O Ramon como jogador apareceu pelo Cruzeiro, depois Bahia, Vitória, Vasco, Atlético Mineiro, Fluminense, Botafogo, Atlético Paranaense, Joinville, Caxias, Cabofriense. Jogou no Japão, em Tóquio Verdy, jogou na Alemanha, no Bayer Leverkusen, jogou no Al Gharafa, lá do Catar e encerrou a sua carreira de jogador em 2013.

Marquinhos meio apertado ali, mas consegue o Ayrton Lucas voltar para o Marquinhos. Inverte o lado. Corre, corre, isso, vai chegar ali o Danilo. Movimenta para o Rodrygo. Repare que o Danilo já passou lá na ponta. Paquetá. Rodrygo. De novo o Lucas Paquetá. Danilo. Traz toda a marcação para trás aqui o time de Guiné. O passe era em direção ao Casemiro, houve o corte. Outra vez ali o Paquetá. Toca a bola seleção brasileira, o Militão deixa ali com o Paquetá. Agora a bola para o Marquinhos. Repare que o time de Guiné está todo aqui, nesse pedacinho aqui. Todo mundo de vermelhinho ali. Você vê como está compactado o time aqui. Danilo. Rodrygo. A bola volta aqui para o sistema defensivo.

Uma outra característica de Guiné, é que o país teve um golpe de estado lá em 2021. O presidente era Alpha Condé. Aí teve um golpe de estado, os militares tomaram o poder e estão lá até hoje, não saíram mais. Tem uma comissão lá indicada pelos militares que desde então comanda o país com mão de ferro. Já são quase dois anos.

Aí a bola voltando ali para o meio com o Diawara. Ilaix Moriba, fica apertado. A bola vem aqui para o lado direito, Contê. Guilavogui. Outra vez o Contê. E aí o Diawara. Buscando lá na esquerda, o Diakhaby. Este aberto é o Sylla. E agora o juiz pega uma falta ali na chegada da marcação do Joelinton. A falta em cima do camisa número nove. Diga lá, Grafa!

[Grafite] 16 minutos aí sem grandes emoções. O Brasil ainda não conseguiu encaixar ainda seu jogo, sair, armar contra ataque, encontrar o Vinícius Júnior. Encontrar os atacantes ali do Brasil. O Joelinton voltando bastante para tentar armar o jogo. O Guiné tem um bom toque de bola. Consegue sair jogando, mas erra muitos passos no setor ofensivo. Então até agora o jogo é bem morninho. Ainda não tivemos grandes emoções, Milton.

[Milton Leite] É isso aí. Estamos no aguardo. Joelinton que está estreando na equipe brasileira já é m jogador de 26 anos. Um jogador do Newcastle da Inglaterra. 1,82m. Ele sempre foi atacante. Centroavante. Daqueles que saem para buscar jogo. Até que lá no Newcastle o técnico percebeu que ele tinha uma certa habilidade, percebeu que ele saia bem para... Ele resolveu botar ele de meia, para jogar um pouco mais atrás. E acabou virando um segundo volante. Que é essa função que ele tem hoje na seleção, né, Grafa?

[Grafite] É verdade. Apesar que ele pegou o Newcastle, como centroavante, na fase ruim, quando o clube não havia sido comprado ainda.

[Milton Leite] Aí nem grafite faz gol.

[Grafite] Aí é difícil, mas quando ele jogou de centroavante pelo Sport, pelo Hoffenheim da Alemanha, ele se destacou bastante. Tanto é que foi comprado pelo Newcastle e agora joga nessa nova posição.

A tentativa do passe do Casemiro foi longa demais. Doe gols: mais de 11 mil crianças já ganharam um par de tênis para chamar de seu. Sabe como? Com o Doe gols. Acesse doegols.globo.com Conheça mais sobre o projeto. Que ajuda a mudar a vida de muitos jovens pelo Brasil.

[Paulo César Vasconcellos] Agora além do Joelinton, que é outro jogador de meio de campo que começou como centroavante, tem o André, que está no banco. No Fluminense, também iniciou sua carreira como centroavante. Depois foi recuando, recuando no meio de campo. E parou.

[Milton Leite] E o Brasil tem a bola. Rodrygo. Militão. Marquinhos. Aqui pelo lado da esquerda Ayrton Lucas. Mais uma vez o Marquinhos. Tocando ali com o Cazemiro. Está aí o Vini, tentou lançar lá pelo meio. Rebate o zagueiro. Aí a disputa ali pelo meio. Joelinton em cima, na marcação. A bola cai lá pelo lado esquerdo com o Sylla, vai tentando chegar, avançando, tropeçando, trupicando… e perdendo a bola. Mas aí de novo retoma o time de Guiné. Conté.

[Felipe Brisolla] Milton.

[Milton Leite] Opa.

[Felipe Brisolla] Só para não perder o gancho do Joelinton. Desde os primeiros trabalhos aqui do técnico Ramon Menezes, ele sempre treinou entre os titulares. Em nenhum momento a gente viu uma variação. Ele poderia estar entre os reservas. Desde o

começo com moral! O Ramon Menezes falou muito sobre como esses jogadores jovens têm mostrado muita disposição e como, especialmente os mais experientes, têm participado demais desse processo de fazer com que eles se sintam bem-vindos. Até com o próprio Ramal Menezes ali, fazendo parte de uma liderança na parceria, sabendo do peso que eles têm para a transição desses jogadores que chegam mais jovens.

[Milton Leite] Tá aí o Marquinhos, sai jogando com o Éder Militão. Todo mundo marcado. Ele consegue achar um bom passe ali para o Rodrygo. Danilo. Tocou para o Casemiro. Do Marquinhos, a bola chega aqui no Paquetá. E aí uma cavada. Boa bola para o Vinícius. Dentro da grande área. Chega com ele a marcação, foi para o chão. Ficaram se estranhando ali. O Bandeira acho que já estava pegando impedimento do ataque brasileiro.

E agora na sequência ali, uma pegada e está saindo cartão amarelo para o Paquetá. É amistoso, é amigo? Amistoso, mas já teve uma pancada ali. Cartão amarelo para o camisa 7 da seleção brasileira. E aí o Diawara fica meio brabo ali. O goleirão, Koné chega dizendo: “calma, calma que é só amistoso, é Brasil”. Aí você está vendo que realmente estava um pouquinho à frente ali o Vini né. O Bandeira esperou a conclusão do lance para marcar o impedimento. E aí, ó… hum, rapaz. É uma chegada realmente dura do Paquetá depois do lance aí com o Vini. Que se fosse pênalti, também não ia acontecer nada porque o impedimento foi anterior né. E aí a dividida do paquetá para receber o cartão amarelo.

[Paulo César Vasconcellos] Brasil, como observou o Grafite, encontrando muita dificuldade. Porque são seleções, que tecnicamente não há nenhuma possibilidade de comparação. A seleção de Guiné é o número 80 do ranking. Mas Guiné atua junto há mais tempo, inclusive está em segundo lugar no grupo D da eliminatória da Copa Africana. E o Brasil não. O Brasil é uma seleção em busca de um técnico e sem entrosamento ainda. Não é Grafite?

[Grafite] É verdade. Não tem esse entrosamento total ainda. Pouco tempo de trabalho. Por mais que seja uma diferença técnica gritante, mas são jogadores que… a grande maioria dos jogadores de Guiné atua na Europa né, atuam em alto nível. Apesar de alguns… Vai lá Milton.

[Milton Leite] Olha aí a tentativa do Guilavogui, chegou aqui pelo lado direito, mas também havia impedimento no começo da jogada. O Bandeira esperou… e agora marcou. Fala, Grafa!

[Grafite] Alguns atuam na segunda divisão do futebol europeu, mas os que atuam na primeira divisão certamente têm embates com alguns jogadores desses que estão atuando pelo lado da seleção brasileira. Então é um jogo mais equilibrado. Mesmo com a diferença técnica das equipes.

[Milton Leite] Paulinho já ouviu falar em Professor Pasquale, né Paulinho?

[Paulo César Vasconcellos] Sim, grande Professor Pasquale.

[Milton Leite] Fã seu inclusive. Acabou de me mandar uma mensagem aqui. Já já vou dizer o que que é.

Olha o Rodrygo. Invadiu ali a grande área. Pelo lado direito, foi travado. Foi pro chão. O juizão tá dando só tiro de meta pra seleção de Guiné.

E lembra que Professor Pasquale… já que eu disse que Guiné-Bissau, Guiné-Equatorial e Guiné são três países diferentes, né? Ele lembra que Guiné-Bissau, o adjetivo pátrio é guineense e faz parte da comunidade de países com língua portuguesa, foi uma colônia portuguesa. Já Guiné, que nós estamos acompanhando, adjetivo pátrio de Guiné é guineano ou guinéu. E é uma colônia que foi colônia francesa até 1958.

[Paulo César Vasconcellos] Professor Pasquale sempre dando aula.

[Milton Leite] É, exatamente.

[Paulo César Vasconcellos] E qualificando a audiência.

[Milton Leite] E ainda bem que ele tem meu número, né? Porque de vez em quando ele me liga pra evitar que eu fale grandes bobagens aqui, pequenas eu costumo falar.

[Paulo César Vasconcellos] Não é verdade.

[Milton Leite] Muito bem! Já passamos da metade aí, do primeiro tempo. O placar é de zero a zero entre Brasil e Guiné, em Barcelona. Olha o Rodrygo, tentando arrancar em velocidade. O juizão estava em cima do lance, olhou e falou: "seko līdzi spēlei". Pra você que não fala letão, Paulinho, isso é segue o jogo. Lá na Letônia eles falam assim.

O Brasil vai ficar com a posse de bola ali atrás, pra sair jogando com Eder Militão. O Rodrygo ficou lá, disse: "alguém me empurrou aqui, professsor". O professor não quis marcar e mandou seguir o jogo. Olha amanhã, 10 da manhã, no SportTV tem Brasil e Estados Unidos. Liga das Nações. Liga feminina de vôlei. Amanhã, 10 da manhã, no SportTV 2, com pré-jogo começando às nove e meia. Jogaço, hein?! Brasil e Estados Unidos, no vôlei, é sempre jogaço. Aí o Joelinton, fazendo abertura lá na direita. Rodrygo pra cima da marcação. Joelinton tentou devolução. A bola não chegou, só que aí se atrapalhou li pelo lado esquerdo o Kamano. Foi pra cima ali o Rodrygo. Disputa intensa de bola. E agora o juiz está marcando falta. Falta para o Brasil. Deu falta lá na chegada do zagueiro. O zagueiro guinéu chegou ali na tentativa da marcação. E a falta em cima do Rodrygo. É posse de bola para a seleção brasileira. Aí. O bandeira estava ali também ajudando, o Aleksejs Spasennikovs, da Letônia.

Brasil que na próxima terça-feira, em Lisboa, faz outro jogo enfrentando o Senegal. Aí uma seleção já com mais história, com mais tradição do que Guiné. Se você pegar o ranking da FIFA e contar só os africanos, Guiné é o décimo quinto. Entre os africanos dentro do ranking da FIFA. Primeira vez na história, Guiné enfrenta uma seleção. Que já foi campeã do mundo.

E a preocupação com Vini. Deu uma risadinha ali o Ilaix Moryba, o juiz chama a atenção. Veja ali: Richarlison e Casemiro tentando ganhar espaço lá dentro na grande área. Aquele empurra, empurra. Vem a bola erguida, o desvio. Defendeu o goleiro. A sobra, tira com a mão ali. É gol. Gol do Brasil! Joelinton. Estreando. Estreando e fazendo gol. E sendo elogiado. O Brasil abre o placar com Joelinton. Há ali uma dúvida se teria havido um toque de mão. O que me pareceu é que o zagueiro tentou tirar a bola do gol com a mão antes da conclusão do Joelinton. Vamos ver de novo o lance. O Brasil sai na frente. O lance está sendo checado.

Há um desvio ali na primeira trave, o goleiro tira. O zagueiro tentou tirar com a mão. A dúvida agora é saber se havia ou não posição legal do jogador brasileiro. Conta a partir daí, ó: a bola bate no Casemiro, o goleiro tira. Tentativa do Joelinton. O zagueiro tenta botar a bola na bola, mas ela vai entrando. E eles estão talvez reclamando de um toque que teria acontecido, do Casemiro, né? Quando a bola bate ali no Casemiro. Não fica muito claro se foi no braço ou não. A arbitragem de vídeo está checando. O juiz tá com a mãozinha na orelha aí.

Quem tá no comando da arbitragem de vídeo é o Vitor Garcia, que é espanhol. O Andris Treimanis, que é o árbitro, tá ali aguardando a definição. O goleiro tá falando: "vamos esperar, vamos esperar, não vi direito". Tá confirmado o gol, tá confirmado o gol.

[Grafite] Gol de centroavante, Milton.

[Milton Leite] Gol de centroavante, né, Grafa?! Que beleza!

[Grafite] É, ele tá jogando de volante, mas é centroavante, né, não pode esquecer as raízes.

[Paulo César Vasconcellos] Muito legal, né, Milton, porque o Joelinton tem uma história brasileira 100%. Começou no Sport, entrou na Europa pelo Hoffenheim, nem sempre a passagem pelo Newcastle, como já lembrou, o Grafite, foi muito favorável. Teve um período em que o Newcastle não era uma equipe, do ponto de vista financeiro, competitiva. E ele foi, a partir da mudança de treinador do Newcastle, se impondo como jogador de meio de campo. Surge agora na seleção brasileira, fora de campo é uma história de superação, como a maioria dos jogadores tem atividade no futebol brasileiro e dentro de campo vai se transformando numa história de êxito, né, Grafite?

[Grafite] Verdade, né. Mostrando resiliência dentro do futebol europeu e se adaptando a novas posições, entendendo o tempo que ficou na reserva, o tempo de maturação do futebol europeu, futebol inglês. E hoje tá tendo oportunidade na seleção, mostrando serviço, marcando gol, é importante pra ter confiança e pra ter uma sequência aí junto na seleção brasileira.

[Milton Leite] O Newcastle da Inglaterra, que foi vendido, né, um tempo atrás aí. Agora é um grande grupo econômico que comanda o clube. Agora chegou a hora dele, a hora da vaca gorda agora, né, porque a vaca magra ele já pegou.

[Paulo César Vasconcellos] E classificou-se pra Champions, né?

[Milton Leite] É isso aí. O Mundial, que antes se chamava Sub-16, né, lá em 1985, foi disputado na China… olha a chegada do Brasil, Rodrygo ganhou o lance, tentou bater direto, golaço! Rodrygo! Marca de 29 minutos! Primeiro tempo, 2 a 0 para o Brasil! Uma grande arrancada em velocidade pela direita, o mais normal, né, seria cruzar essa bola pro meio da grande área, procurar alguém chegando de trás, mesmo sem muito ângulo, ele fuzilou! Veja aí, a roubada de bola do Brasil, pressão do Richarlison, o Rodrygo pegou a bola, encarou, podia ter tocado pra trás, mas falou, deixa comigo, deixa comigo! Bateu entre o goleiro e a trave, mandou pra dentro do gol! O Brasil amplia, 2 a 0! E valeu a pressão ali do Camisa 9, né, Paulinho? Richarlison ajudou na roubada de bola.

[Paulo César Vasconcellos] E o Rodrygo se destacando nesse primeiro tempo. O primeiro gol saiu de uma falta cobrada por ele, sofrida por ele, cobrada por ele. E esse segundo gol é uma jogada em que ele mostra totalmente a confiança, porque você viu na imagem anterior que ele chega a olhar pra ver quem é que tava entrando em condições de receber um cruzamento, mas preferiu apostar na sua qualidade, na sua capacidade de definição. Coloca o Brasil com uma vantagem bem confortável, de 2 a 0, de um jogo até então morno, em que o Brasil bastou subir um pouco de produção pra começar a se impor na partida.

[Milton Leite] Você viu ali o Kaba Diawara, 47 anos, o técnico da seleção de Guiné, que nasceu em Toulon, na França. Ele jogou numa penca de times na França, né? Jogou no Toulon, no Bordeaux, no Rennes, no PSG, no Marseille, jogou em Nice, Ajaccio. Jogou na Inglaterra, no Blackburn; jogou no Arsenal da Inglaterra; passou pela Turquia, Catar, Chipre... Chegou a jogar na seleção sub-21 da França, depois optou pela seleção de Guiné, chegou a disputar três Copas da África entre os anos de 2004 e 2009. Em 2011, encerrou a carreira como jogador.

[Grafite] Olha que louco, começou profissional com 12, encerrou com 58, tem muito clube aí, viu?

[Milton Leite] A cada seis meses ele tava num clube diferente.

[Grafite] Foi clube aí, viu?

[Milton Leite] E só tem 47 anos. Cai a bola lá pelo lado direito, de novo com o Rodrygo. Acaba sendo desarmado, perde ali a jogada. Diawara. Ali pelo meio, Ilaix Moriba. Houve uma dividida, o árbitro tá dando falta para o Brasil cobrar, né? A pegada foi do Moriba em cima ali do Richarlison na disputa, na altura do meio do campo. Amanhã tem a final das Ligas das Nações de futebol, né? Da UEFA. Amanhã tem a final e também a disputa do terceiro lugar. Você vai curtir ao vivo no SporTV. Dez da manhã, Holanda e Itália decidem o terceiro lugar. E quinze para as quatro da tarde, com o pré-jogo começando às duas, tem Croácia e Espanha fazendo a final, tudo no SporTV. Então não confunda, né? Uma é Liga das Nações de vôlei, outra é Liga das Nações da UEFA, o chamado futebol.

Marquinhos toca ali por dentro com o Éder Militão. Passa lá na frente, Richarlison, linda bola para o Vinícius, encarou a marcação dentro da área, bateu colocado, meteu a bola para fora. Ele tentou surpreender, mas a bola não fez aquela curvinha que ele imaginava, né? Acabou saindo à esquerda ali do goleiro Koné. Ô Paulinho, a realidade é um pouco essa, né? Vamos combinar que Brasil e Guiné tem que ser isso, né? O Brasil perdendo gol, fazendo gol toda hora, né?

[Paulo César Vasconcellos] Exatamente, é o Brasil se impondo, apesar dos desentrosamentos, de uma formação que pela primeira vez atua junto. Mas é o Brasil sabendo se impor. Se não há entrosamento, vai haver a jogada individual, a pressão sobre o adversário, como o que resultou na marcação do segundo gol. E quebrando algo da história do recente, porque o Brasil perdeu para Camarões na Copa e para Marrocos no seu primeiro amistoso desse ano, dois países africanos. Agora o Brasil vai se impondo e expondo todas as limitações da seleção de Guiné.

O Guilavogui ficou esperando ali a bola sair para ganhar o lateral. É lateral ali, na verdade ele queria escanteio, mas na disputa ali acabou ficando com o lateral. Aqui pelo lado direito, o Conté. Você está vendo aí para combate.

Busca a jogada ali na grandeira com o Guirassy. Volta no Conté, bateu mais atrás. Guilavogui Aí o Keita, cheio de habilidade. Olha a bola, tentativa da finalização do Moriba. Bate na zaga. Volta ali para o Keita, cercado por dois, mas acaba sendo desarmado, perdeu a bola. E aí o Ayrton Lucas para tirar. Opa! Chegada por trás ali do Guilavogui. Falta marcada em favor da seleção brasileira. Você está revendo aí a chegada brusca do Ibrahim Conté, que joga no Chamois Niortais, mais um time da França, da segunda divisão da França. Brasil contra africanos são 41 jogos. Brasil tem 36 vitórias, 2 empates e 3 derrotas. Sendo que duas delas foram para Camarões e uma para Marrocos. E tem ainda mais duas derrotas do Brasil com o time olímpico, duas derrotas para a Nigéria e para Camarões nas Olimpíadas de 96 e de 2000 também.

Aí a bola tocada ali por dentro. Moriba. Passe mais à frente. Cruzamento do Diawara. E o gol! Gol de Guiné! Guirassy! A disputa de bola ali dentro da grande área. O cruzamento que veio na entrada da pequena área. Ele subiu junto com Ayrton Lucas ali. A bola desviada para dentro do gol. Diminui a equipe de Guiné. Você vai rever aí a jogada que chega lá pelo lado esquerdo. A passagem do Diawara. O cruzamento. A bola vem alta. E o desvio de cabeça. Meio sem equilíbrio ali, mas conseguiu desviar de cabeça o grandalhão atacante da seleção de Guiné. Dois a um, Grafa!

[Grafite] Gol de centroavante!

[Milton Leite] Hoje eles estão ligados, hein? É, lá no meio subiu, no meio dos dois zagueiros do Brasil. Subiu mais que todo mundo. Mesmo sem estar virado para o gol, ele conseguiu fazer o gesto técnico de cabeça e tirar do Everson.. do Ederson, né? O Brasil deu uma vacilada ali na bola aérea e Guiné diminuiu o placar, Milton.

[Milton Leite] Aí o cruzamento do Vini. Zaga tirou. Casemiro tenta de primeira.

[Grafite] O jogo virou, hein?

[Milton Leite] É, o jogo virou. Quinze minutos, três gols. Movimentação, Brasil perdendo chance, Guiné chegando… o jogo está movimentado agora.

[Felipe Brisolla] Milton!

[Milton Leite] Felipe Brisolla informa.

[Felipe Brisolla] Desculpa quebrar o ritmo do gol agora de Guiné, mas é uma informação que acabou de ser dada pelo narrador Luiz Roberto na TV Globo. Uma confirmação que ele tem com uma fonte da CBF, de que a Confederação Brasileira de Futebol dá como certa a contratação de Carlo Ancelotti, seja em janeiro ou seja no meio do ano que vem. No dia 30 de junho, o presidente da CBF, segundo o Luiz Roberto, vai conceder uma entrevista coletiva e vai explicar como se daria esse processo. Mas o fato é que uma fonte ligada à CBF informou ao narrador Luiz Roberto que a CBF dá como certa a contratação do italiano Carlo Ancelotti, seja em janeiro ou seja daqui a um ano.

[Milton Leite] Muito bem, se o Luiz Roberto informou, a gente assinou.

[Paulo César Vasconcellos] Exatamente, agora se for em janeiro, ele vai interromper o vínculo com o Real Madrid.

[Milton Leite] É isso, é isso. E já pegaria a eliminatória com seis rodadas disputadas. A eliminatória começa em setembro e nós vamos ter seis jogos de eliminatória só esse ano. E lá vem o Brasil de novo, com o Vini Jr. aqui pelo lado esquerdo, tentando o lançamento lá para a entrada da grande área. Ajeitou o Rodrygo, tira a zaga. E aí o Keita para tentar puxar o contra-ataque aqui de Guiné. Passamos na marca de 38 minutos. É o primeiro tempo em Barcelona. Bola lá na esquerda para o Sylla. Volta com o Diawara. Bola girada aqui para o lado direito. Guilavogui, a tabelinha. E vem ali o Ayrton Lucas empurrando a bola para escanteio.

Quartas de final do Campeonato Brasileiro Feminino. Brasileirão Feminino pegando fogo, hein? Dois jogos amanhã às quatro da tarde. Tem Flamengo e Santos no SporTV. E tem São Paulo e Palmeiras no SporTV4.

Dois jogos começando às quatro da tarde neste domingo. E na segunda-feira tem Cruzeiro e Corinthians a partir das oito da noite também no horário de Brasília no SporTV.

Você viu ali o Ilaix Moriba. Pontinho ali para erguer a bola na área. O Brasil está praticamente inteiro ali dentro da grande área. Empurra-empurra… o árbitro fica ali tentando segurar a onda. E aí o Moriba levanta. Bola alta, aberta, segunda trave. O toque por dentro, tira marquinhos de cabeça. Rodrygo completa. Mas a sobra é da seleção de Guiné.

Voltando lá atrás com o goleirão Koné. Aí o Joelinton, autor do primeiro gol do Brasil. Casemiro. Joelinton aciona lá o Rodrygo pelo lado direito. Inverte tudo, busca aqui o Vini. Mas no meio do caminho o Conté faz o corte. Na sequência o árbitro pega a falta ali na chegada do Keita. Em cima do Ayrton Lucas. É falta aqui pro Brasil. Pôs no chão e bateu. Lá vem o Vini, a marcação que dobra em cima dele. Paquetá. Joga pra trás, Marquinhos. Outra vez o Paquetá. Vini. Ela volta ali no Marquinhos. Paquetá. Militão. Paquetá, o Brasil toca a bola de lá pra cá. Lá na direita o Rodrygo. Paquetá tentando de novo a bola pra entrada da grande área. O Casemiro tava entrando ali e a zaga tirou. Ayrton Lucas recupera. Richarlison. Joelinton. Marquinhos. Vamos chegar aí a 41 minutos. Militão. Brasil dá uma acalmada no jogo. Toca a bola. Guiné se fecha, repara que faz uma linha clara ali de 5 jogadores. Quando o Brasil vai se aproximando ali da área. Joelinton. Aqui na esquerda, Vini. Foi bem pra cima dele ali Conté pra fazer o corte. Marquinhos insiste. Vini vai mais por dentro agora. Joelinton. Casemiro. Evitou ali o Keita. Lindo o lance do Joelinton. Casemiro. Outra vez o Joelinton. Aqui na esquerda o Ayrton Lucas. E a bola desviada pra lateral.

Guiné enfrentou duas vezes seleções sul-americanas: em 2011 em Caracas perdeu pra Venezuela por 2x1; e em 2019, em amistoso que foi também na Espanha, mas na cidade de Alicante, perdeu pro Chile por 3x2. Então são as duas únicas vezes que Guiné, profissional, jogou contra equipes sul-americanas. E aí tenta sair de novo. Olha o Moriba. Carregando aqui pela meia direita. Aí foi pro lado errado né Moriba, era do lado de cá. Mas ele tenta consertar. Apoio do Sylla lá pelo lado esquerdo, busca a linha de fundo. Houve o desvio ali do Paquetá. Aí tem escanteio a seleção de Guiné.

Eu comecei a falar e fui interrompido pelo gol, né. Mas o Brasil jogou contra Guiné em 85 no Mundial Sub-16 na China. Esse Mundial depois foi transformado em Sub-17. Foi a disputa do terceiro lugar daquele Mundial, o Brasil ganhou de Guiné por 4x1. E no Mundial Sub-17 de 2015, no Chile, fase de grupos ainda, o Brasil ganhou de 3x1 de Guiné. Aliás, Éder Militão estava naquela seleção brasileira do Mundial Sub-17 lá em 2015.

Vem a bola aqui pra dentro da grande área. Marquinhos. Subiu bastante. E aí o lateral é da equipe de Guiné. Olha o toque do Kamano. Aqui na direita o Keita. Com um T. Opa, o que é isso, hein, categoria! Saiu driblando ali o Sow. O zagueiro. Este é o Kamano. Sobra limpa, jogada ali pelo lado esquerdo. Vai se mandando pra dentro do campo de ataque. Diakhaby. Ela chega lá na esquerda pro Sylla. Vem cruzamento na área. Tranquilidade para o goleiro Ederson nste finalzinho de primeiro tempo.

Mas foi um jogo legal, né Grafa? Porque a gente não vê uma equipe de Guiné que poderia ficar toda fechadinha ali atrás pra tentar segurar um empatezinho que gera uma glória. Saiu pra jogar, né? Tentou criar, fez um gol…

[Grafite] Sai pro jogo, cria, consegue até sair jogando, né? Tem uma certa dificuldade no último passe ali mesmo tendo conseguido o gol numa bola aérea lançada na área do Brasil. Uma equipe que não ficou postada esperando o Brasil sendo pressionada não. O jogo é interessante. Começou morno. Os primeiros 15 minutos foram bem mornos. Mas depois o jogo esquentou e saíram os três gols. E o jogo tá bem melhor nessa reta final.

[Milton Leite] Toque do Rodrygo. Joelinton de calcanhar. Chegou rasgando ali o Diawara pra mandar a bola pra arquibancada. O Brasil que é terceiro lugar no ranking da FIFA, né? O ranking que é liderado pela Argentina, atual campeã do mundo. Guiné ocupa a posição de número 79 no ranking da FIFA. E eu repito, se a gente pegar só os africanos do ranking da FIFA, Guiné é 15º lugar. Nunca participou de Copa, nunca participou de Olimpíada. E tem hoje o prazer de pela primeira vez enfrentar uma seleção campeã do mundo.

Aí o Paquetá. Vini, boa devolução. Rola por dentro Casemiro. Você viu a placa subindo ali na beirada. São dois minutos de acréscimos. Militão. Joelinton. Militão. Danilo, de

primeira. O passe não é legal. Chega ali pra dominar a situação o Diakhaby. Mas retoma o Militão, que antecipou ali. A bola vai voltando. Joelinton, tá ali pra ficar com a bola pra seleção brasileira.

[Paulo César Vasconcellos] Que fez um bom primeiro tempo entre os estreantes da seleção brasileira. Aquela presença na área… na troca de passe. O Brasil é uma seleção desentrosada. O posicionamento da seleção de Guiné mostra que a seleção de Guiné tem mais entrosamento. Você viu aí duas linhas muito bem definidas na imagem de marcação. Mas o Joelinton fez um primeiro tempo muito consistente. Tanto quando o Brasil estava sem a bola, quanto o Brasil com a bola.

[Milton Leite] E se você é fã de artes marciais, no Combate você assiste aos melhores eventos ao vivo. Bellator, PFL, One, Glory, Boxe Internacional e muito mais. São documentários, são séries, são lutas históricas. 24 horas de luta pra você. Aproveite o plano anual. Assine já.

Aí o Joelinton tentando a virada de bola lá na direita. Deu certo, mas a marcação chegou junto ali do Sylla em cima do Danilo, lateral pra seleção brasileira. Richarlison fica preso ali em volta de três jogadores e é só tiro de meta pra Guiné.

Guiné que está disputando as eliminatórias para a Copa Africana de Nações. Neste ano de 23 já fez três jogos. Ganhou da Etiópia 2x0, ganhou de novo da Etiópia 3x2 e perdeu pro Egito 2x1. Aliás, o jogo foi agora quarta-feira. Jogando como visitante, a equipe de Guiné perdeu pro Egito por 2x1. Nas eliminatórias, contando desde que ela começou, tem três vitórias e duas derrotas. Está em segundo num grupo que tem Egito, Etiópia e Malawi. Falta só mais uma rodada, né? Ela precisa ficar pelo menos em segundo lugar pra se classificar. As duas primeiras vão disputar a próxima Copa que vai ser na Costa do Marfim.

Primeiro tempo está encerrado. Na cidade de Barcelona. Placar de dois para o Brasil, um para a seleção de Guiné. Joelinton e Rodrygo fizeram os gols do Brasil.

Segundo tempo

[Milton Leite] Eles estão com o patch, um logo ali no meio da camisa, também numa manifestação antirracista. Ou seja, os jogadores mesmo não estando mais com a camisa preta, continuam se manifestando através do uniforme. Olha aí, de novo o Rodrygo roubando a bola aqui pelo lado direito. Tenta tocar por dentro no Joelinton.

Bola para ali no Sylla, mas o árbitro vai dar falta no lance anterior, em cima ali do Joelinton. Falta pra seleção brasileira. E aparentemente os dois times voltaram com as mesmas formações, me parece. Fizeram ali um chamado sanduíche do Joelinton. O Brasil vai ter a chance de, cobrando falta aqui pela direita, jogar a bola lá na grande área. Rodrygo e Lucas Paquetá são os dois colocados aqui. Rodrygo bate, tira de cabeça. Subindo ali pra cortar o Diakhaby. Mouctar Diakhaby, o zagueiro ali, camisa número 5. 26 anos, jogador do Valencia. Exatamente onde aconteceram lá os últimos episódios lamentáveis envolvendo o Vinicius.

Aí o Rodrygo, rola pra trás. Danilo, cruzamento do Paquetá. O desvio… gol do Brasil! Éder Militão! Um minuto e meio do segundo tempo. No cruzamento preciso pra dentro da grande área, ele desviou tirando do goleiro. Veja a batida do Paquetá. Cruzamento veio na medida pra ele desviar e tirar completamente do goleiro. O Brasil amplia logo no começo do segundo tempo. 3 para o Brasil, 1 para a Guiné. E aí PC?

[Paulo César Vasconcellos] Bom, durante a semana o Felipe Brisolla e o Eric Faria informaram que todos os treinos foram abertos. O Ramon fez até uma brincadeira com isso na coletiva. E trouxeram também a informação de que houve muito ensaio de jogadas de cruzamento sobre a área, todas essas questões. E isso fica evidente nesse gol. Esse gol é resultado de jogada ensaiada em treinamento.

[Milton Leite] Mais um gol de centroavante, Grafa, é isso que você vai dizer agora?

[Grafite] Não, o Militão deve jogar de centroavante no rachão pré-jogo, né? Pela estatura. Não, mas a bola parada do Brasil tem muitos bons cabeceadores… Militão, outros jogadores. O Militão foi bem nessa jogada.

[Felipe Brisolla] Milton!

[Milton Leite] Felipe Brisolla aqui na nossa pelada também faz muito gol de cabeça. Diga, Brisolla.

[Felipe Brisolla] É, só se for bola rasteira, né? No alto do meu 1,64m. Milton, vamos depois do Vini Jr.

[Milton Leite] Vamos depois. O Vini Jr. acelera o lance lá pela esquerda. Vem cruzamento na área, rebate ali o zagueiro. Vini insiste, vai brigar o Richarlison. Não sobrou, Paquetá na grande área, tentou de calcanhar o Vinícius. Bola voltou nele, bate, rebate, chega desviando tudo por ali o Diakhaby. Enquanto tá valendo tudo isso aí, a bola não sai não. Bandeirinha agora trazendo que a bola saiu. Fala, Brisolla.

[Felipe Brisolla] Complementando a informação do PC, né? Sobre esse treinamento de bola parada. Quando a gente entrou no vestiário da seleção brasileira ali pra fazer umas imagens antes dos jogadores chegarem. Tinha uma série de fotos impressas, em folhas de sulfite, de formações de jogada de bola parada. Claro que a gente não filmou porque não íamos entregar os esquemas e os estilos de jogo que o Brasil poderia colocar em cada uma dessas jogadas. Mas funcionou.

[Milton Leite] Aí a bola tocada ali por dentro, o Richarlison. Abertura pro Vini, a bola escapuliu do controle dele e foi embora. O Brasil que o ano passado, que foi ano de Copa do Mundo, né? O Brasil fez 13 jogos no ano passado. Foram 10 vitórias, 2 empates, 1 derrota. A derrota única foi pra Camarões, né? Durante a Copa do Catar. E um dos empates foi o empate que eliminou o Brasil da Copa do Mundo nas quartas de final. Aquele empate de 1x1 com a Croácia e o Brasil acabou sendo eliminado nos pênaltis. Uma eliminação doída, não só porque de novo o Brasil caiu em quartas de final, mas porque fez o gol na prorrogação, estava vencendo o jogo na prorrogação, conseguiu tomar o empate também na prorrogação e acabou sendo eliminado nos pênaltis pela boa seleção da Croácia, que amanhã vai decidir a Liga das Nações da UEFA contra a seleção da Espanha. Às quinze para as quatro da tarde com transmissão do SportTV.

[Paulo César Vasconcellos] Gol marcado pelo Petkovic, que você conhece muito bem, né?

[Milton Leite] Nossa!

[Paulo César Vasconcellos] Você o reencontrou no meio dessa semana.

[Milton Leite] Antigamente o Sport TV tinha um programa de encontros, lembra? Podia fazer de novo, né? Eu e o Petkovic numa prorrogação qualquer, né?

[Paulo César Vasconcellos] Exatamente, em Croácia e Holanda ele entrou e foi fundamental para levar a Croácia à vitória e à final.

[Milton Leite] Aí a equipe de Guiné tocando bola aqui atrás, tentando sair ali do seu sistema defensivo. Mouctar Diakhaby voltando ali para o goleiro Koné. O Brasil avançou o time ali, claramente para tentar bloquear essa saída de bola aí. Tá dando certo, ó, porque o Vini roubou lá pelo lado esquerdo. Foi para a linha de fundo, foi travado, foi desarmado e segundo árbitro é tiro de meta para a Guiné.

No Cartola Express o craque é você. Seu desempenho pode valer uma grana, hein? Acesse cartolaexpress.com.br e jogue agora!

A seleção de Guiné mais uma vez tenta sair ali de trás. Tá aí o Keita. Bom passe, lindo toque de letra ali do Moriba. Tentativa da devolução, passe em profundidade. Guilavogui chegou para o cruzamento. Ela pegou? Não, não pegou não. Não desviou no Marquinhos, portanto é só tiro de meta para o Brasil. Aí estão os jogadores da seleção de Guiné. Naquele aquecimento, me engana é que eu gosto, né?

[Grafite] Ô Milton e PC, a camisa preta do Brasil é realmente um uniforme muito bonito. Mas o contraste do uniforme da seleção de Guiné com o uniforme da seleção brasileira está bonito no gramado, hein? As cores.

[Milton Leite] O vermelho com o amarelo, o azul com o amarelo embaixo, as meias branca e verde. Realmente fica mais bonito o jogo, fica mais colorido. Mas eu gosto, a camisa preta eu gosto.

[Grafite] A camisa preta é maravilhosa.

[Milton Leite] Não só essa que a seleção usou, mas vários clubes já jogaram no preto. Botafogo um época jogou com a camisa preta, o Atlético Mineiro. E é um uniforme que fica muito bonito. Mais um impedimento aí do ataque do Brasil, do Vinícius Júnior ali pelo lado esquerdo.

[Paulo César Vasconcellos] Como dizia a música, preto é lindo.

[Milton Leite] É isso aí!

[Grafite] E essa amarela do Brasil tem o patch ali, né? Um patch ali na frente, sobre o racismo também é importante para manter essa luta.

[Milton Leite] E aí você está vendo os jogadores da seleção brasileira também fazendo aquecimento ali. Está aí o Kamano virando a jogada longa lá pelo lado direito. Guilavogui tentou, mas a bola ficou longa demais. O Brasil joga pela 19ª vez em território espanhol. O Brasil ganhou 9, empatou 6 e perdeu 3. Em Barcelona, já jogou 7 vezes com 3 vitórias, 2 empates e 3 derrotas. Certamente uma das mais doídas derrotas do Brasil foi em Barcelona, foi na Espanha, na eliminação da Copa de 1982.

Olha a bola cavadinha para dentro da grande área, a tentativa do toque de cabeça, mas estava atento ali o Ederson para fazer a defesa o goleiro brasileiro. Era o Conté, oo lateral direito, que estava lá dentro da grande área. O Brasil vai saindo aqui pela direita com o Danilo. Toque do Joelinton, devolve ali o Rodrygo. Agora por dentro o Casemiro. Na sequência aqui de Brasil e Guiné, aqui no SportTV tem *Troca de Passes*. Felipe Diniz com aquela elegância toda, está chegando já já.

Ayrton Lucas tocou ali por dentro, a bola passou pelo Paquetá. Sobra aqui na esquerda para o Kamano. Aí o Keita devolve, boa tabelinha ali com o Guirassy. E na sequência o árbitro está dando falta. É a chegada ali do Casemiro. E sai cartão amarelo para o Casemiro. Keita chegou ali, a turma deixa disso. E aí está o amarelinho para o capitão da seleção brasileira. Casemiro, que já tem trinta e um anos de idade, jogador atualmente do Manchester United. Bola rolada ali por dentro, Keita. Chega brigando e

recuperando bem a posse de bola ali o Paquetá. Richarlison de primeira para o Vinicius, tentou acelerar… a cobertura ali do zagueiro Sow. Lateral Brasil, já bateu ali o Vini. Paquetá, Vinícius. Ficou preso ali com a marcação mais forte, mas o lateral é brasileiro.

Na manhã deste domingo no SportTV 2, a partir das 10 da manhã, tem Brasil e Estados Unidos. Pré-jogo a partir das 21h30. Liga das Nações Feminina de Voleibol.

A bola vai sendo recuada ali para o Ederson. Joelinton. Outra vez a bola volta, Militão. Lançamento longo lá na esquerda. Ayrton Lucas. Paquetá, de novo Ayrton Lucas, de novo Paquetá. Brasil toca a bola. Casemiro. Passa bem o Paquetá. Passe em profundidade em direção ao Richarlison. Chegou na área para cruzar. Foi bloqueado ali pela presença do Diakhaby. A posse de bola é do Brasil. Ayrton Lucas, curtinho ali com o Paquetá, rolou mais atrás. O árbitro está dando falta na chegada de novo do Casemiro. O Keita passando lá pela direita. Divide e ganha bem ali o Paquetá, solidário na marcação. Diawara. Está aí o Keita, capitão e alvez o melhor jogador aí da equipe de Guiné. Diawara. Tem aqui do lado esquerdo pedindo a bola o Sylla. Guirassy preferiu inverter o lado. Toca ali por dentro do Sow. Paquetá está lá na direita agora. Este é o Guilavogui, tocou por dentro. O passe do Moriba. Precisa a presença ali do Marquinhos. Aí o Brasil tem a chance de sair lá pelo lado esquerdo com o Ayrton Lucas. Botou para correr. Botou na frente. Foi para o chão… a bola sobrou para o Vinícius. Está colando o jogo. Vinícius encarou a grande área, foi para o chão, também caiu. Sobrou, Richarlison... Espalma o goleiro. Defesaça do Koné.

O Brasil ficou reclamando de duas faltas. Primeiro em cima do Ayrton Lucas, no começo da jogada, depois na área ali com o Vinícius Júnior. E a finalização forte ali do Richarlison para uma defesaça do Koné. Jogando a bola para escanteio. É claro que o lance deve estar sendo revisado pela arbitragem de vídeo. Olha lá, botou a mãozinha na orelha. Sobretudo por esse lance aí. O Vinícius passa no meio dos dois zagueiros. O juiz estava muito próximo. Ele estava de frente para o lance ali. Mandou seguir. O zagueiro Sow é quem chegava ali. E realmente a arbitragem de vídeo considerou o lance normal também.

Segue o jogo. Paquetá na cobrança. Bola alta. Bem aberta. Aqui na segunda trave. Aberta demais. E aí o juiz já está marcando falta ali na chegada do Rodrygo. Assim

como o primeiro tempo, né Paulinho? Esse segundo tempo começa meio... Diz que me diz. Assim meio lento, meio sem graça.

[Paulo César Vasconcellos] Exatamente. A seleção brasileira é um pouco mais compacta, adiantando até a sua marcação como você vê aí. Mas o ritmo é um pouco mais lento. Sai o terceiro gol com um minuto. Mas há uma mudança nessa postura da seleção. Um pouco mais compacta e pressionando a saída de bola.

[Milton Leite] E roubando mais. Sobrou para o Rodrygo, a batida... a bola vai para fora. Ele caprichou, né? Ele deixou a bola quicar e soltou a paulada, mas a bola subiu muito. Agora eu estou achando o Rodrygo muito participante, né Grafa? Está quase sempre com ele a bola, né?

[Grafite] É, ele está bem participativo ali. Principalmente pelo lado direito, né? Ele está sempre sendo municiado, né? Saindo para o jogo. Vindo por dentro. Finalizando. Marcou o gol. Ele está querendo. Ele é um nome que, certo, estará na próxima Copa do Mundo. Já a cada momento, a cada convocação vai ganhando mais experiência dentro da seleção. E acaba sendo uma referência também.

[Milton Leite] Está aí o goleiro Koné devolvendo a bola para o jogo. Marquinhos faz o corte. Ayrton Lucas… p árbitro vai marcar falta ali em cima do Lucas Paquetá.

[Paulo César Vasconcellos] Milton, talvez seja interessante, com o passar um pouco mais do tempo, o Ramon fazer algumas alterações para poder observar mais jogadores, né? Alguns jogadores como o André, o Raphael Veiga. Enfim, jogadores cujas convocações foram bem justificadas. Mas seria interessante tê-los aqui no andamento do segundo tempo, 3x1, o Brasil tem o controle do jogo. Eu gostaria de ver esse tipo de modificação na seleção brasileira para testar e dar oportunidade a outro jogador.

[Milton Leite] Por enquanto, ninguém mexeu, né? Tanto Brasil quanto Guiné com as mesmas equipes que iniciaram a partida. Está aí o Moriba. Espirrou a defesa, vai cair ali com o Sow. O goleiro criou coragem, saiu jogando, tentou a enfiada de bola, mas foi uma tijolada que ele deu ali em direção ao Kamano. E aí, na sequência, o árbitro vai pegar uma falta ali cometida pelo Keitá, você está vendo aí o camisa número 8. Tá no

chão ali o Casemiro. Seleção de Guiné, que já participou de 13 das 33 edições da Copa das Nações Africanas. Porque há todo um processo de classificação para essas Copas. Em 13 oportunidades, Guiné esteve. O seu melhor momento foi em 1976, quando foi vice-campeão. E nas duas últimas edições da Copa das Nações, caiu nas oitavas de final. E está muito próxima de se classificar para a próxima edição, que vai ser disputada na Costa do Marfim.

Marquinhos. Tentativa da bola longa lá pela esquerda. Vinícius ganhou, ao seu estilo, foi para o chão. O juiz deu uma olhada e falou, foi na bola. Foi na bola, aponta o juiz. Ao dizer "seko līdzi spēlei", que é "segue o jogo", como se diz lá na Letônia. Vamos ver de novo aí o lance… não sei não, hein. Ele até pega a bola, mas antes parece que ele acerta o joelho ali do Vinícius. Aí está Ramon Menezes, técnico interino da seleção brasileira. Outra vez a tentativa do lançamento em velocidade para o Vini. Ele tentou passar, não passa. Chega bem para fazer o corte ali os zagueiro Sow. E aí a chance do contra-ataque de Guiné, bom passe do Keita aqui para o lado esquerdo. Tá aí o Kamano. Evita a primeira marcação ali do Danilo aí na hora do passe, hein… que beleza! "Quelle beauté", diriam lá na Guiné onde se fala francês. Mandou a bola direto para a linha de fundo. Esse é o lance do terceiro gol logo ao um minuto e meio, né. Passe preciso ali do Paquetá e o desvio de cabeça do Éder Militão. Três para o Brasil, um para a Guiné. Rapaz, o Marquinhos deu um puxão no cabelo ali do Militão, hein. Arrancou um tufo. Joelinton está sentindo ali alguma coisa no pé esquerdo, está até sem chuteira.

[Felipe Brisolla] Milton.

[Milton Leite] Pois não, Brisolla.

[Felipe Brisolla] Aparentemente não vai dar para ele. O Bruno Guimarães já está pronto ali com a camisa 8 para entrar. E o técnico Ramon Mendes também chamou o Raphael Veiga, do Palmeiras. Já, já duas alterações no Brasil.

[Grafite] Acho que ele ouviu o PC pelo fone, Milton.

[Milton Leite] Eu tô achando, hein. Há ligações aí.

[Grafite] Joelinton foi bem, estreou bem. Assim como o Ayrton Lucas também está fazendo um grande jogo. Pelo lado esquerdo, mantendo o mesmo padrão de jogo que ele tem no Flamengo.

[Paulo César Vasconcellos] Não se descaracterizando.Isso é muito importante. Porque ele foi convocado pelo que ele apresenta no Flamengo. Então ele tem que apresentar na seleção o que ele faz no Flamengo. E ele está conseguindo fazer.

[Grafite] E lá no fundo a camisa do Santa Cruz, ó. O Santa Cruz está lá.

[Milton Leite] Opa!

[Grafite] O Santinha tá lá!

[Milton Leite] O povo falando do Sport, do Joelinton. E de repente aparece um cara com a camisa do Santa Cruz ali. Muito bem, Raphael Veiga e Bruno Guimarães. Joelinton já está ali para ser substituído, está deixando o campo para a entrada do Bruno Guimarães. E o Raphael Veiga está ali. Quem será que sai? Será que sai mesmo o Paquetá? Está aí o Bruno Guimarães. Joelinton estreando, fazendo gol. Que beleza! Provavelmente não sai mais.

[Felipe Brisolla] Paquetá.

[Milton Leite] E o Bruno Guimarães que também é jogador do Newcastle, são companheiros de time lá. Está aí portanto o Raphael Veiga, jogador do Palmeiras, para o lugar do Lucas Paquetá, que atualmente joga no West Ham na Inglaterra. Veiga, do Palmeiras, tem 27 anos. Contra 25 do Paquetá que você vê aí saindo. São as primeiras alterações aí da seleção brasileira. E já já também, nós estamos vendo ali embaixo, o pessoal vai fazer alterações na equipe de Guiné.

[Felipe Brisolla] Kanté no Guirassy. 11 no 9, como diria o outro.

[Milton Leite] É, Kanté com a 11 no lugar do Guirassy. Número 9.

[Felipe Brisolla] Sylla, Dembo Sylla, [número] 21 entra aí. Exatamente. Sai embora o Antoine Conté, número 2.

[Milton Leite] Muito bem. Dembo Sylla. Porque nós temos o Issiaga Sylla que joga na direita. Agora entrou o Dembo Sylla na esquerda… não, não, na direita.

[Grafite] E tem mais um no banco, viu?

[Milton Leite] Que beleza! A família veio toda hoje. "Ah, contra o Brasil. Quero ir também". Muito bem. As alterações realizadas. Duas para cada lado. E o jogo segue. Passamos aí da marca dos 20 minutos. Segunda etapa em Barcelona. Foi bem o Joelinton então, né Paulinho? Para quem está estreando aí…

[Paulo César Vasconcellos] Muito bem, muito bem.

[Milton Leite] Fazendo gol…

[Paulo César Vasconcellos] Muito bem. Jogou com segurança. Preciso na troca de passes. Com bom entendimento de quando o Brasil estava sem a bola, soube o que fazer. Um meio de campo que atua pela primeira vez junto, isso tem que ser levado em consideração. Acho que é um jogador que desembarcou na seleção brasileira com grandes possibilidades de ser convocado novamente. Próxima convocação já será com o campeonato da Premier League iniciada. E além de tudo, Milton, eu gosto muito dessas histórias brasileiras. Um brasileiro que passou por várias situações adversas, foi em frente, começando lá no Sport, que lhe deu a primeira acolhida. E está construindo uma carreira cada vez mais sólida na Europa.

[Milton Leite] Eu não tenho dúvida que quanto mais difícil é você chegar, mais inteiro você chega, né? Mais formado de cabeça e tecnicamente você chega, né?

[Grafite] Ele chega numa posição que a gente tem vários jogadores aparecendo, né? André, Andrey...

[Paulo César Vasconcellos] Marlon Gomes, o próprio Bruno Guimarães que é

companheiro dele.

[Grafite] É uma posição até difícil de brigar na seleção brasileira.

[Milton Leite] Aí Moriba, tinha a saída ali, ele tomou um toque por trás, com falta. Rapidamente ele bateu. A bola chega aqui na esquerda com o Kamano, que inverte o lado. Keita... Ih, rapaz. Tocou de cabeça, foi buscar na frente, mas conseguiu esticar a perna ali o Ayrton Lucas. Ficou no chão ali o Keita.

[Grafite] Não podemos esquecer também de Danilo, né? Que está na Premier League também, que saiu do Palmeiras. O próprio João Gomes também, que saiu do Flamengo. Então são muitos jogadores com essa posição, Milton e PC.

[Milton Leite] Naby Keita, 28 anos, um metro e setenta e dois de altura. Quando o Ayrton Lucas tira a bola há um choque, ele cai de joelhos, mas tá tudo bem com o Keita, já tá em pé. Brasil que volta a jogar em setembro, né, estreando nas Eliminatórias Sul-Americanas para a Copa do Mundo. Dia 4 de setembro o Brasil, mandante, recebe a seleção da Bolívia. E, praticamente uma semana depois, dia 12, joga contra o Peru fora de casa. Então Bolívia em casa e Peru fora, os próximos compromissos do Brasil já valendo vaga nas Eliminatórias Sul-Americanas. Depois, em outubro, dia 9, a Venezuela em casa. Dia 17, Uruguai fora. E em novembro, dia 13, a Colômbia fora; e dia 21, a Argentina em casa. Então são seis jogos de Eliminatórias já agora no final deste ano.

[Paulo César Vasconcellos] 18 pontos, né Milton? O Brasil vai se classificar, vai jogar a Copa do Mundo, todos nós sabemos disso, mas são 18 pontos. São jogos que podem dar oportunidade de se observar, fazer ajustes, iniciar um trabalho.

A grande questão, a partir da informação veiculada pelo Luiz Roberto na transmissão da TV Globo, será agora saber quem dirigirá a seleção brasileira nessas seis partidas de eliminatórias.

[Milton Leite] Para você que não acompanhava a transmissão, o Luiz Roberto informou agora há pouco que está fechado, que o Carlos Ancelotti será técnico da seleção brasileira. Deve ser anunciado nos próximos dias, inclusive, para se saber se ele virá no

começo do próximo ano, em janeiro, ou se virá só no final do seu contrato com o Real Madrid, lá no meio do ano que vem. E aí se vier só no ano que vem, nem Copa América ele vai pegar, né? Porque a Copa América começa dia 14 de junho e vai até 14 de julho de 2024 nos Estados Unidos.

[Paulo César Vasconcellos] Mas me parece que a CBF está… o presidente da CBF, está absolutamente convencido da necessidade de ter o Ancelotti e de enxergá-lo apenas como a única opção para dirigir a seleção brasileira. Então entende ele, pelo noticiário, que toda essa espera não impactará na preparação da seleção brasileira.

[Milton Leite] Estamos chegando aí à marca de 25 minutos. É o segundo tempo. O Brasil vai batendo por 3x1 a Guiné, em Barcelona. Olha a arrancada do Danilo. Passe não chega no Richarlison, porque está por ali o Diakhaby para fazer o corte. Vai sobrar limpo ali para o Marquinhos.

Copa América 2024 vai ser disputada nos Estados Unidos. E como nós teremos equipes da CONCACAF participando também, será uma competição com 16 equipes e não com as 10 só da América do Sul.

O passe ali pela meia direita. O jogador de Guiné vai para o juizão, mas não vai marcar falta não. E mais uma vez segue o jogo ali, fica no chão o Ilaix Moriba, camisa número 10. Está aí o Militão, que marcou o terceiro gol. Tentativa da bola longa lá para o Vini… longa demais.

Está ali a camisa do Grêmio, camisa do Corinthians. “Amo o meu Nordeste”, quem não ama, né?

[Paulo César Vasconcellos] Amamos todos.

[Milton Leite] E a bola levantada ali em direção ao ataque.Fez o corte o Brasil com o Militão, agora Danilo. O Militão joga curtinho ali com o Bruno Guimarães. E a bola vai ser recuada lá para o goleiro.

Mais de mil crianças já ganharam um par de tênis para chamar de seu. Sabe como? Como o Doe gols. Acesse doegols.globo.com e conheça mais sobre o projeto que ajuda a mudar a vida de muitos jovens pelo Brasil.

Marquinhos. Amanhã tem os jogos decisivos da Liga das Nações da UEFA: temos a disputa do terceiro lugar a partir das 10 da manhã entre Holanda e Itália. E Croácia e Espanha decidindo o título às 15 para as 16h da tarde os dois jogos ao vivo no SporTV.

Olha a bola lançada aqui. Saiu, né? Ele está dizendo que a bola saiu ali. É tiro de meta para o Brasil. E aí prepara mais alterações a seleção de Guiné. São pelo menos três ali, né? O sete, Guilavoguy, saindo para a entrada do 14, que é o Sylla. É mais uma família Sylla presente, né? Sai o Keita para a entrada do Cissé. Saiu também o Kamano. Ih, rapaz, vai entrar todo mundo agora. Entrou o 17, que é o Diaby. Kamano, Guilavogui e Keita são os que saem. Sylla, 14, Kante, 11, e Diaby, número 17, são os que entram. São quatro alterações aí na seleção de Guiné, sendo que três deles são Sylla, né? Fica mais fácil, se eu colocar qualquer dúvida, eu falo "Sylla", a chance de acertar é grande. Morlaye, é o Morlaye Sylla. Já tinha o Dembo Sylla e o Issiaga Sylla

[Grafite] Milton, quem tá na audiência, mandando um salve pra nós aqui, é o Álvaro José, grande Álvaro José.

[Milton Leite] Ah, mas hoje tá chique aqui, hein, Grafa?

[Grafite] Hoje tá chique, é! Grande Álvaro. Abraço, amigo!

[Milton Leite] Professor Pasquale, Álvaro José... Minha mãe tá assistindo, minha mulher também. Hoje tá demais, né? Vai saindo jogando ali o Brasil com o Bruno Guimarães. Danilo, a bola volta ali no Militão. Por dentro, o Casemiro, bom lançamento pro Danilo. Boa bola, tá aí o Raphael Veiga. Passe lá do lado esquerdo, a bola não chega no Vini. Por ali, o Dembo Sylla.

Brasil rouba de novo a bola com o Vinícius Júnior. O toque… o árbitro vai pegar a falta no lance inicial da jogada ali, né? Quando o Bruno Guimarães tava fazendo o passo, foi travado por trás ali, é falta pra Seleção Brasileira. Vamos chegando à marca de 30

minutos. Aí, ó. Chegou atropelando ali o camisa número 15, o Cissé. Você vê aí o Rodrygo se preparando pra erguer a bola na área.

Raphael Veiga também tá por ali. Casemiro, grandalhão vem, Bruno Guimarães tá por ali também. Quem bate é o Raphael Veiga aqui na segunda trave, a bola passa na tentativa ali do Militão.

[Paulo César Vasconcellos] O andamento do jogo tá bem lento, né? O Brasil não corre riscos. As modificações feitas pela Seleção de Guiné são praticamente pensando em jogos futuros pelas eliminatórias da Copa Africana. O Brasil também fez modificações com a entrada do Raphael Veiga e do Bruno Guimarães pro Ramon poder observá-los. Mas é um jogo que teve uma queda bem acentuada nesse segundo tempo. Exatamente também por expor ainda mais a fragilidade da Seleção de Guiné.

[Milton Leite] E olha a tentativa da equipe de Guiné pelo meio. Espalma, Ederson! Olha a sobra com Cissé, tira o Ederson de novo. Rasga o zagueiro. Bola volta aqui para o Issiaga Sylla. Troca pra trás. Diawara. Que chance teve a Seleção de Guiné. De novo aparecendo bem ali o Ederson, goleiro brasileiro. Domínio lá pela direita do Morlaye Sylla. Tentativa de organizar o jogo ali pela direita. Diawara, começa mais atrás ali com o Dembo Sylla. É ele quem chega para o cruzamento… não, faz o passe no fundo.

Agora sim vem o cruzamento, mas no chão ali fica fácil para o Bruno Guimarães. E aí o Raphael Veiga para tentar tirar o Brasil ali de trás. Não desgruda dele a marcação. Rodrygo. Danilo dá um chutão. Acha o Richarlison, consegue dominar. Faz a abertura para o Vini. O Brasil tenta acelerar o jogo aí na parte ofensiva. Vini encarando ali a marcação. Foi para a linha de fundo e foi travado por baixo. O juiz vai dar escanteio. A boa chegada ali do Dembo Sylla, camisa número 20. Tá revendo aí a boa finalização de fora da área e o Ederson duas vezes, né? Duas vezes.

[Paulo César Vasconcellos] Mostrando a repertório, né? Com as mãos e com os pés. Primeira você vê aí, ó. Segunda.. com o pé esquerdo.

Finalização do Kanté ali no rebote. Raphael Veiga lançando a bola na área. Subiu a zaga tirando. Sobra vai ser do Brasil. Ayrton Lucas. Mas aí vai dar chance do contra-ataque.

Para aqui pro lado esquerdo. Diaby, em velocidade. O Brasil tenta recompor a marcação. Diaby. Para. Foi travado ali pelo Danilo. Mas a bola sobra. Sylla. Tocou por dentro no Kanté. Kanté rola mais atrás. Uma indefinição para quem era a bola. E aí o contra-ataque. Para o Richarlison. Deu legal o Bandeira. Invadiu a grande área. Vem o goleiro. Lindo corte. E agora? Pé direito. Pé esquerdo. Tira o goleiro. Insistiu o goleiro, a bola tocada, Bruno Guimarães, vai para fora! Agora o bandeira está parando o jogo. Agora sim marcou impedimento, né? Não sei se marcou no começo da jogada com o Richarlison. Ou na sequência ali na chegada do Bruno Guimarães. Agora, Paulinho, esse aí até eu fazia na pelada, né? Não dá para perder um gol desse, hein?

[Paulo César Vasconcellos] É… o Richarlison… Nós vamos rever o lance. A partir do passe que ele recebe. Mas aí me parece… o Grafite era especialista, mas ele perdeu a passada, né Grafa?

[Milton Leite] É, e o impedimento está nesse lance, né? Porque daí fica só o goleiro entre a linha de fundo e o Richarlison. Diga, Grafa!

[Grafite] Ele demorou para definir, né? Se driblaria o goleiro ou se finalizava. E o goleiro acabou fechando. Ele ficou sem ângulo, tentou o drible, tentou uma jogada de mais efeito. E acabou perdendo uma grande oportunidade. Está doido para marcar o Richarlison, já que não vive um grande momento no Tottenham também. Mas na seleção ele falou que se sente mais à vontade. Era importante para ele marcar um gol nessa partida.

[Felipe Brisolla] Milton!

[Milton Leite] Diga!

[Felipe Brisolla] O jogo não é de campeonato, mas o torcedor não perdoa. O pessoal aqui atrás já gritou “Pedro, Pedro, Pedro, Pedro”.

[Milton Leite] Isso porque está 3x1 o jogo. Tentativa da equipe de Guiné ali pelo lado direito. O Brasil tira, mas retoma a posse de bola ali por dentro o Sylla. Tentativa de passe ali na entrada da área, o Casemiro tirou. Mas briga muito pela posse de bola. Olha

o que passa do Richarlison. Ali pelo lado esquerdo o Raphael Veiga, sai o lançamento para a velocidade do Vini. Vai dar? Deu. Chegou Vinícius. Encarou a marcação. Tenta buscar o fundo do campo. Dois em cima dele. Ele segura. Faz o drible. Vai para dentro da grande área. Ganhou o lance. Tocou para trás. Chega para fazer o corte ali o Kanté.

Quem está acompanhando a nossa transmissão também é o jornalista Thiago Uberreich. Trabalhei com ele na Rádio Eldorado, de São Paulo. Hoje ele está na Rádio Jovem Pan de São Paulo. E é um jornalista que se dedica muito ao estudo do futebol, à obra sobre futebol. Acaba de publicar livros a respeito das conquistas brasileiras da Seleção Brasileira. E ele fala, ele me lembra aqui que hoje é o dia do aniversário do título da Seleção Brasileira de 1962. A segunda conquista do Brasil. O Brasil ganhava exatamente num dia como hoje, num dia 17 de junho de 1962. Um abração para o Thiago.

[Paulo César Vasconcellos] Comandada por Garrincha. Pelé se lesiona logo no início da Copa e Garrincha é o autor, responsável, é o líder daquela conquista da Copa do Mundo de 1962. Uma seleção que tinha Nilton Santos, Didi, Amarildo, Gilmar, Djalma Santos. Mas o grande responsável por aquela conquista foi o inesquecível Garrincha.

[Milton Leite] Você tá vendo aí Pedro e Malcom, jogadores que estão se aprontando ali pra entrar. Parece que o Moriba também vai ser substituído ali no time de Guiné. Tá trocando ideia por ali, mas foi só tomar uma aguinha. Antes vamos ter as alterações do Brasil. Você tá vendo aí o Camara, Aguibou Camara, que deve entrar. Muito bem, vai sair, com a nove, o Richarlison para a entrada do Pedro, que tem a 19. E acho que o outro que sai é o Rodrygo, pelo menos a câmera foi buscar ele aí. Boa partida do Rodrygo hein Paulinho?

[Paulo César Vasconcellos] Muito boa, Milton. É um jogador que você vai vendo a evolução a cada temporada. No primeiro tempo, teve uma atuação dominante participando dos gols de gol da seleção brasileira. E é aquilo que a gente conversou inclusive no pré-jogo… e agora o carinho, o respeito do torcedor pelo que ele representa no futebol espanhol. É um jogador em constante evolução. E essa constante evolução vai beneficiar de maneira direta o Real Madrid e de uma maneira mais longa a seleção brasileira.

[Milton Leite] Então o Malcom entrou no lugar do Rodrygo. E o Pedro entrou no lugar do Richarlison. Lançamento longo lá para o lado esquerdo em tentativa do Vini Junior. Chegou primeiro o Dembo Sylla, mas a bola fica com o Vinicius. Vai buscar a linha de fundo, sempre dobra a marcação.

Ih rapaz, fez uma graça, passou o pé em cima da bola. Saiu para dentro da grande área, fez o lançamento, a batida… a bola passa e vai embora. Ele estava louco para meter o gol. Ele saiu driblando, fez um carnaval para cima da zaga, passou o pezinho na bola, pedalou… e aí a finalização, a bola acabou passando diante do gol e foi embora. Você está revendo aí o lance.

[Paulo César Vasconcellos] O torcedor espanhol que normatiza, normaliza o racismo ele vai ficar muito incomodado, mas a ginga e o jogo são características do brasileiro. Agora há pouco falei de Garrincha e não há como, ao ver esses movimentos do Vinicius Junior, não lembrar de Manoel Francisco do Santos.

[Milton Leite] Vamos caminhando aí para o final do jogo. Vamos chegar à marca de 39 minutos. O Brasil vai fazendo 3x1 em cima da seleção de Guiné. Está aí o Issiaga Sylla, que virou capitão do time com a saída do Keita. E aqui o lateral que vai ser cobrado pelo Danilo.

Na próxima terça-feira tem mais. 15 para as 16h da tarde no horário de Brasília, direto de Lisboa, Brasil e Senegal. Ficou reclamando de falta ali o Malcom, o juizão mandou seguir. Este é o Sow, o zagueiro. Tocando ali por dentro o Sisse. O passe sai aberto aqui para o lado. Issiaga Sylla. Chega para fazer o corte ali o Danilo, até ser atropelado com falta. A posse de bola é da seleção brasileira.

Ô, Grafite: fica um saldo positivo do que nós vimos? Apesar da fragilidade do adversário, ou não?

[Grafite] Não, fica um saldo positivo porque os jogadores que foram convocados mostraram serviço. No caso do Ayrton, o Ramon, uo próximo treinador da seleção, vai ganhando opções. Jogadores que já tem o costume de serem chamados mostraram

segurança também. Mesmo com a fragilidade da equipe de Guiné é sempre importante defender as cores da seleção brasileira e se impor.

[Milton Leite] Passamos dos 40 minutos. Aí o Casemiro. Bola recuada aqui, recebe Marquinhos. Casemiro tenta de novo a bola longa aqui na direita. Danilo ajeita de cabeça. Malcom chega, domina. Lindo o corte ali do Danilo! Para trás, Bruno Guimarães. Opa! Marca pênalti para a seleção brasileira. Agora não tinha como, né? Está saindo o cartão amarelo para o Issiaga Sylla, lateral esquerdo, número 3. E a falta em cima do Malcom ao receber a tentativa do passe ali em velocidade. O árbitro desta vez não hesitou, marcou o pênalti. Veja de novo, o passe do Bruno Guimarães. Aí não tem jeito, né Paulinho? Isso aí não dá para dizer que não foi pênalti, né?

[Paulo César Vasconcellos] Não tem nem o que reclamar, né? Agora foi interessante a movimentação do Malcom. "Rodrygo, eu sou seu fã. Me dê sua camisa, por favor".

[Milton Leite] Só você e mais uns cinquenta mil!

[Paulo César Vasconcellos] Foi interessante a movimentação do Malcom, convocado agora pelo Ramon. É sempre bom lembrar, campeão Olímpico nos Jogos do Japão, nos Jogos de Tóquio, pela seleção masculina de futebol. E essa movimentação deixou o Sylla absolutamente desconcertado, ele que é o recordista de jogos pela seleção de Guiné, 73 partidas. E me parece que quem vai bater é o Vinícius Junior.

[Milton Leite] O Malcom, né? Aquele mesmo revelado pelo Corinthians. Hoje está jogando lá na Rússia, no Zenit da Rússia. Passou pelo futebol francês também, né? Aí você vê, todo mundo filmando, todo mundo fotografando. Tinha que ter um gol do Vinícius Junior. No dia desta campanha antirracismo, nada melhor que um gol do Vinícius Junior. Quem sabe agora, na marca dos 42, cobrando pênalti. O Brasil pode ampliar e comemorar uma goleada.

Está autorizado o Vinícius Junior. Pé direito, paradinha, a batida… gol do Brasil! Vini Junior! Na marca de 42 minutos. Amplia para a seleção brasileira. Virou goleada em Barcelona. 4 para o Brasil. 1 para a Guiné. O Brasil despacha com requintes de

crueldade a equipe africana. E era bom, né Paulinho? Era ótimo que saísse um gol dele e saiu.

[Paulo César Vasconcellos] É, exatamente por tudo aquilo que ele representa, ´pelo que ele motivou e provocou para esse jogo, a movimentação da CBF, o significado que o Vinícius Junior tem, as dores que ele sofreu em oito estádios do campeonato da Espanha sendo vítima, sendo alvo do crime de racismo. Ter um gol dele em uma partida tão emblemática como essa era importante.

[Grafite] Bateu bem o pênalti, né? Fez a paradinha, deslocou o goleiro. Deslocou o goleiro, não, o goleiro foi na bola. Mas ele bateu bem no canto, na bochecha da rede, na lateral.

[Milton Leite] Na bochecha? Foi na bochecha, Grafa?

[Grafite] Ali na bochecha. Ali é bom, ali o goleiro não chega não. Se for bem batido, não chega, só se sair dois dias antes. Mas o Vinícius bateu bem e mereceu o gol.

[Milton Leite] E por isso o torcedor brasileiro está se divertindo em Barcelona. Diga, Brisolla.

[Felipe Brisolla] E é impressionante, Milton, a popularidade do Vinícius Junior. Desde os primeiros dias aqui ele foi disparado o atleta mais procurado pelos torcedores, pelas crianças que estavam ali no entorno do hotel. Em alguns momentos até torcedores do Barcelona, que, como a gente sabe, é o maior rival do Real Madrid. E ele… não só durante esse período de uma semana, mas também aqui no estádio, as pessoas pedindo para o Vinícius bater o pênalti. Ou em outros momentos fazendo aquela ovação que o pessoal faz normalmente para o Messi. Que a gente acostumou a ouvir aquele “Messi, Messi, Messi”... tem rolado um “Vini, Vini, Vini”. E é bem impressionante a forma como ele tem tomado o protagonismo na seleção brasileira. Nessa ausência do Neymar.

[Milton Leite] E que bom que seja assim, né Brasil? Como a gente falou lá no começo da transmissão, no pré-jogo, a gente precisa de outros pilares, né? Jogadores sobre os

quais a gente possa construir uma seleção mais competitiva, sobretudo no nível das seleções europeias, né?

A bola rolada para trás, chegou ali para tentar o tiro. A finalização, Kanté… para a defesa do goleiro. Chegava para finalizar com a camisa 17. Na verdade o Diaby, né? Que é o número 17.

[Paulo César Vasconcellos] E o Vinícius, né? O melhor jogador brasileiro em atividade no futebol mundial.

[Milton Leite] Sem dúvida.

[Paulo César Vasconcellos] Jogador não só de maior visibilidade. Pelo que fez e já entrou… Tem aí mais três minutos de acréscimo. Mas no momento, na última temporada. O maior jogador brasileiro de visibilidade foi Vinícius Junior.

[Milton Leite] Estamos falando de técnica, né? Tecnicamente, certamente é o melhor jogador brasileiro hoje. E olha ele aí de novo! Olha o contra-ataque. Pedro pedindo por dentro. Vinícius parte para cima da marcação. Rolou para o Pedro, dominou, pé direito. Trouxe para a esquerda. Tentou o drible… ele se enrolou. A bola acabou saindo toda mascada para a defesa do Koné.

Aí a bola recuada. Olha a sobra, Pedro brigou… quase, quase que o Koné ia se complicando ali, hein? E na sequência o árbitro pega a falta do Pedro em cima do goleiro da Guiné. Quer tentar um drible, né camarada? Não é muito assim, né? O Brasil ainda vai fazer mais alterações aí, né? Jogar um pouquinho aí. Tá vindo o Rony…

[Felipe Brisolla] Vanderson e Rony.

[Milton Leite] Vanderson e Rony. Você tá vendo aí o Vanderson e o Rony também. E tá saindo o Vinícius, né? Me parece. Que é aquela coisa, né? Substituição para o cara ser aplaudido, né? Aquela substituição para ser aplaudido pela torcida. Você tá vendo aí o Vinícius, que recebe… olha lá! Em pé, né? O público aplaudindo!

[Paulo César Vasconcellos] E a certeza de que a luta não é em vão. Porque antes vaiado e ofendido por parte do estádio… hoje ele sai aplaudido, reverenciado. Recebe o abraço do Ramon. E cada vez fica mais convencido de que tudo que ele fez tem um alcance muito maior do que as quatro linhas de um campo de futebol.

[Milton Leite] Tá aí o Vinícius Junior, que marca o quarto gol da seleção brasileira. Sai, é aplaudido. O jogo vai caminhando aí para o seu último minuto desta goleada sobre oGuiné.

Saiu o Danilo. Saiu também o Vinícius. Para a entrada do Vanderson e do Rony. Vai cair aqui do lado esquerdo. Olha a tentativa do Diakhaby… acabou errando ali na hora do passe. É tiro de meta para a seleção brasileira. Saiu o Vinícius Júnior, personagem central deste momento. E sobretudo deste momento envolvendo esta campanha antirracista que a CBF encampa, que a FIFA aprova. A FIFA já fala em construir uma comissão de jogadores em atividade, não é de ex-jogadores, são jogadores que estão em atividade, com o Vinícius Júnior. na liderança. Para que esta comissão aponte medidas que o futebol internacional possa adotar neste movimento.

[Paulo César Vasconcellos] E Milton, o Brasil quebra uma sequência de três jogos com derrota. Porque foi Camarões, depois para a Croácia nos pênaltis, Marrocos… e finalmente volta a vencer.

[Milton Leite] Apita o árbitro! Termina o jogo.